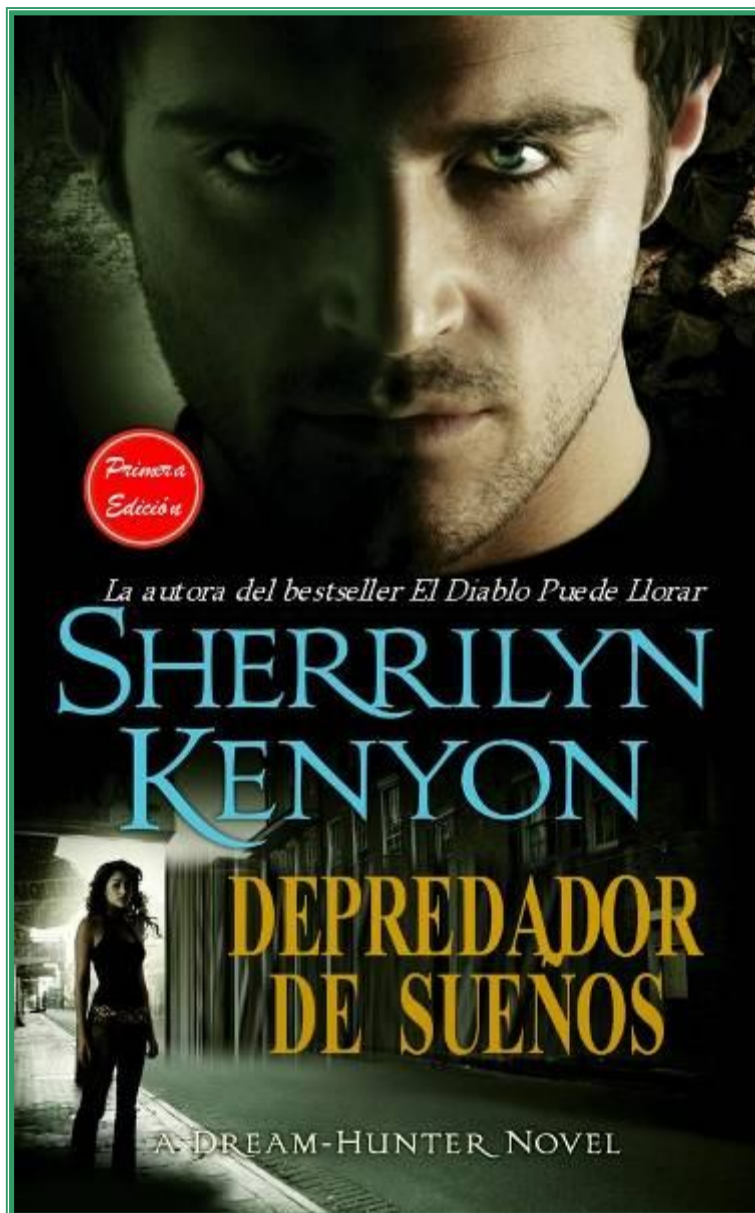


Perseguidor de Sonhos – “Dream Chaser”
Dark Hunters 21 – Sherrilyn Kenyon



Disponibilização em Esp: Dark Hunter Love

Envio/Tradução: Sarah Gomes

Revisão: Gislene Baptista

Revisão Final: Sarah Gomes

Formatação: Meliodora Dumbledore

Arte/logo: Mare

Projeto Revisoras Traduções

Projeto Revisoras Traduções Espanhol & Inglês





PERSEGUIDOR DE SONHOS

Sherrilyn Kenyon

PRÓLOGO

O ódio é uma amarga erva daninha de emoção. Mescla-se através do sangue, infectando seu anfitrião e lhe conduzindo para diante sem nenhuma razão. É uma visão ressentida e dupla até a mais clara das vistas.

O sacrifício é nobreza e ternura. É a ação de um anfitrião que valoriza a outros acima de si mesmo.

O sacrifício se obtém através do amor e da decência. É verdadeiramente heróico.

A vingança é um ato de violência.

Permite a aquele que está equivocado, lhes retornar algo do que perderam. A diferença do sacrifício retorna a quem a pratica. O Amor é mentiroso e sublime. Na melhor de suas formas, saca o melhor em todos os seres. Na pior, é um instrumento usado para manipular e arruinar a qualquer um o bastante estúpido para conservá-lo.

Não seja néscio.

O sacrifício é para os fracos. O Ódio corrompe. O Amor destrói. A Vingança é o presente dos fortes.

Segue adiante, não com ódio, não com amor.

Segue adiante com propósito.

Recupera o que foi roubado. Faz que paguem os que riram de sua dor. Não com ódio, a não ser com calma, frio raciocínio.

Projeto Revisoras Traduções Espanhol & Inglês



A raiva é sua inimizada. A Vingança é sua amiga. Mantém perto e deixa-a solta.

Que os deuses tenham misericórdia daqueles que me causaram mal, por que eu não terei piedade deles.

Xypher se deteve quando leu as palavras que tinha escrito no teto da cela com seu próprio sangue, fazia séculos. Cinza e descolorido, era um aviso do que havia lhe trazido para esse momento e lugar.

Eram um voto sagrado a si mesmo.

Fechando os olhos, estendeu a mão e as palavras se dissolveram em uma névoa que se elevou do chão, só para voltar a posar-se sobre seu braço esquerdo. Símbolo por símbolo. Palavra por palavra, os caracteres, ainda sangrentos, cortavam-lhe a pele. Vaiou ante o ardor deles ao gravar-se em sua pele. A dor o acompanhou. Fortaleceu-o.

Logo seria livre durante um mês. Um mês para rastrear e assassinar. O único pelo que se sacrificou pagaria e ganharia seu indulto no processo. Bom. Se não o fazia...

Bem, o nome da vingança algumas vezes suportava um bom sacrifício. Ao menos esta vez, morreria sabendo que ninguém riria jamais dele.

CAPÍTULO 1

Café Maspero
Nova Orleães

Fevereiro 2008

— Alguma vez desejou pôr a cabeça em um liquidificador e ligar o interruptor?

Simone Dubois franziu o cenho, seguidamente riu de Tate Bennett, o médico forense da paróquia de Nova Orleães, enquanto ele tomava assento na mesa de madeira escura,



frente a ela. Como sempre, Tate estava impecavelmente vestido, usava uma camisa branca com botões no pescoço e calças negras frouxas. Sua pele era escura e perfeita, um presente de sua herança crioula e haitiana. Com traços bem definidos, esculpidos, era extremamente bonito e esses olhos escuros nunca perdiam um detalhe.

Seu traje impecável era um contraste agudo com os descoloridos jeans, o suéter azul marinho e o arbusto alvoroçado de cachos marrom escuro que nunca obedeciam a nenhum estilo que tentasse lhe dar Simone. O único traço que considerava remotamente interessante eram seus olhos cor avelã que se voltavam ouro cada vez que os apanhava o sol. Ela limpou a boca com o guardanapo.

— Honestamente... não posso dizer que tenha desejado. Mas houve algumas outras cabeças que eu gostaria de fazer isso. Por quê? — Deixou cair uma pasta diante dela.

— Quantos assassinos em série podem ter uma cidade?

— Não estou ao par dessas estatísticas. Depende da cidade, suponho. Está me dizendo que temos outro aqui?

Ele desembrolhou seus talheres e colocou seu guardanapo sobre seu regaço.

— Não sei. Chegou a meu escritório um par de estranhos assassinados nas últimas duas semanas. Aparentemente sem conexão — Essas palavras estavam carregadas de significado.

— Mas... porém tenho uma sensação sobre isto e não é o tipo de oh! Olha! É do tipo letreiro luminosamente brilhante.

Simone tomou um sorvo de refresco antes de abrir o arquivo e fazer uma careta com as grotescas fotos da cena do crime. Como sempre, eram sangrentas e detalhadas.

— Me encantam os presentes que me traz para o almoço. Outras garotas conseguem diamantes. E eu? Consigo massacre, sangue e tudo antes do meio dia. Obrigada! — Tate se inclinou e roubou uma batata frita francesa de seu prato.

— Não se preocupe Boo Comprar-lhe-ei isso. Além disso, é a única mulher que conheço que posso me encontrar no almoço e com a que posso falar de trabalho. Todas as demais ficam muito sensíveis.

Levantou a vista.



— Sabe, não estou segura de que isto seja um verdadeiro elogio.

— Confie em mim, é. Se LaShonda alguma vez recuperar a sensatez e me abandonar, então é a seguinte Sra. Tate.

— Outra vez, não seja tão adulator com nenhuma de nós. Deveria dizer a LaShonda o que seu maridinho pensa dela? —
Ihe tirou o sarro.

— Por favor, não o faça. Poderia envenenar meu cuscuz... ou pior ainda, poderia golpear meu traseiro.

Simone riu de novo.

— Não se preocupe me asseguraria e a levaria ante a lei por isso.

— Estou seguro de que o faria — deteve-se para pedir um “sanduíche” de caranguejo e batatas fritas à garçonete. Simone continuou olhando as fotos enquanto ele falava com a jovem gótica que tomava seu pedido.

Sim, estas imagens eram bastante horripilantes. Mas claro estes tipos de fotos normalmente o eram. Como odiava esse mundo que estava cheio de pessoas capazes de fazer coisas horríveis a outros. O que as pessoas podem fazer umas às outras era bastante mau. O que os outros, os habitantes não humanos podem fazer era completamente outro pesadelo. Literalmente.

E estava mais que um pouco inteirada de ambos os tipos de monstros.

A garçonete se dirigiu de novo para a cozinha.

Tate se inclinou mais perto.

—Recebeu algumas vibrações do outro lado?

Negou com a cabeça.

— Sabe que não funciona desse modo, Tate. Tenho que tocar o corpo ou algo que tenha pertencido à vítima. As fotos só me dão um fragmento de informação... e calafrios.

Tremendo de simpatia pela forma em que a pobre mulher tinha morrido, fechou o arquivo e voltou a empurrar para ele.

—Quer vir ao necrotério comigo depois do almoço?

Ela arqueou uma sobrancelha por sua proposta.

—Estremeço-me com as frases de conquista que deve ter utilizado a noite em que conheceu a LaShonda. Vêem

comigo, macacada, e contempla minha coleção de cadáveres!

Ele riu.

— Deus! Amo seu senso de humor.

Lástima que seja um homem casado uma das poucas pessoas que realmente captara seu excêntrico senso de humor. A outra pessoa que realmente o apreciava era um fantasma adolescente que tinha estado atormentando-a desde que tinha dez anos.

Jesse estava sentado à direita de Simone, mas era quão única sabia. Ninguém mais podia lhe ver ou ouvi-lo, OH, que sorte tinha. Especialmente desde que Jesse ficou bloqueado em um ponto de finais dos anos 80. O caso em questão era que vestia uma jaqueta de esporte azul clara evocando Dom Johnson de Miami Vice com uma camisa negra uso Pompadour cortesia do John Cryer do filme *Pretty in Pink*. Jesse era um grande fã do John Hughes que a obrigou a ver muitas reposições. Completando seu pouco convencional conjunto com uma gravata fina com um teclado e a jogar umas Vans quadriculadas em brancos e negros.

— *Não quero ir ao necrotério, Simone* — disse Jesse entre dentes—. *Eu não gosto.*

Certamente podia entendê-lo imediatamente depois do escritório de proctologia (estudo das alterações do ânus e reto).

Dedicou ao Jesse um olhar compassivo, mas ambos sabiam que ela não teria outra opção salvo ir. Não havia nada que ela não fizesse para levar ante a lei um assassino e isso incluía freqüentar o arrepiante necrotério da cidade em vez de seu laboratório em Tulane.

— Assim qual é a parte mais estranha sobre estes assassinatos? — Perguntou, tratando de distrair Jesse de repetir uma reclamação acalorada com a que estava mais que familiarizada.

Além disso, ele podia ir para casa sem ela, só que não gostava de estar em casa quando ela não estava ali. Jesse podia ser um fantasma muito carente algumas vezes.

Tate lhe roubou outra batata frita antes de responder.

— O fato de que aqui a Srta. Glorifica se levantou e

partiu da mesa de exame.

Simone se engasgou com a Coca-cola que bebia.

— Me desculpe?

— Escutou bem. Nialls está agora com uma camisa de força por isso. Voltou-se tão louco que tivemos que chamar o psiquiatra.

Ela tossiu duas vezes para clarear a voz antes de falar de novo.

— A vítima estava em coma?

— A vítima estava morta como uma pedra. Como viu nas fotos, tinham lhe arrancado a garganta e Nialls acabava de lhe abrir o peito para a autópsia. Tinha seu coração nas mãos quando ela começou a respirar.

— Uh-huh... — foi a única resposta que pôde dar durante um momento — E se levantou e partiu...

Ele assentiu desanimadamente.

— Bem vinda ao meu mundo. OH, espera, bem-vinda a seu mundo. O teu é até mais estranho que o meu. Ao menos não vivo com um fantasma que tem seu próprio dormitório em minha casa — jogou uma olhada ao redor da mesa, logo baixou a voz— Jesse está aqui?

Simone inclinou sua cabeça em direção a seu amigo que estava sentado e a olhava com o cenho severamente franzido.

— Por favor, me explique como se levantou enquanto ele sustentava seu coração — disse lentamente.

— Isso é o que quero que me diga. Olhe, trata com... bem, a maioria dos dias, a estranha merda paranormal. É a rainha do estranho. Preciso à rainha nisto antes que tenha que começar a contratar a um novo médico forense que não se volte louco quando os mortos escapem das mesas. Sabe onde posso encontrar algumas destas insólitas pessoas? Sei que passa o tempo com eles.

—Obrigada, Tate! Sempre espero estas palavras de fôlego que sustenta nosso ego.

— Sim, mas ao menos sabe que te quero.

— Igual a um buraco no sapato — riu.

— Não é verdade. É a melhor maldita médica forense que alguma vez vi e sabe. Se pudesse conseguir que fosse de Tulane



e contratar seu traseiro para a cidade, adoraria fazê-lo em um segundo. O fato de que é a única com a que posso falar sobre as mortes paranormais é uma grande vantagem para mim. Algum outro me teria em um quarto ao lado do Nialls.

Simone tratou de alcançar seu pepino japonês.

— É certo que me disseram que têm drogas incríveis para ajudar a reprimir essas alucinações.

—Então me contrate. Definitivamente as poderia usar.

Precisamente poderia as usar, mas isso era outra história. Não obstante, sua vida inteira era o suficientemente estranha para considerá-la uma alucinação maciça.

Se somente o fosse.

Simone fez uma pausa enquanto recebia uma absurda sensação estranha no estômago de novo. Percorreu com o olhar o escuro restaurante, seguidamente pela janela à esquerda que exibia o tráfego no Decateur Street. Nada parecia fora do normal, mas a sensação ainda persistia.

— *Há algum problema?* —Perguntou Jesse.

— Tive essa sensação de novo.

Tate a olhou com cenho.

— Que sensação?

Sua cara se acalorou com a pergunta.

—Sei que soa louco.

—Acabo de ter um corpo fugindo da mesa em metade de uma autópsia E crê que sua história é amalucada? Claro, Boo...

Isso era o que mais gostava sobre o Tate. Fazia-a sentir quase normal. Sem mencionar que era a única pessoa além dela que sabia de Jesse. Claro que ela era também a única pessoa fora de um punhado pequeno que sabia que Tate era um Escudeiro dos Dark-Hunter, um grupo de guerreiros imortais que perseguiram e executavam aos vampiros Daimon que viviam das almas humanas.

Bravo, sua vida era tudo menos normal.

Assim... por que deveria preocupar-se, pelo fato de sentir como se algo mau a estivesse vigiando? Provavelmente o estivessem fazendo. E infelizmente, não seria a primeira vez. Só queria assegurar-se de que não fosse última.

— *Sabe de onde vem?* —Perguntou Jesse.



— Não, não o posso localizar com toda precisão. Tudo o que sei é que me arrepia a pele.

Tate se reclinou na cadeira para olhá-la aos olhos.

— Realmente desejaria poder ouvir ao Jesse. É tão desconcertante quando os dois estão falando. Pergunto-me se não está sentado aí, burlando-se de mim.

Ela sorriu.

— Jesse somente zomba de mim.

— Isso não é verdade.

Olhou ao Jesse.

— Sim que o é.

— Não, não é! — inseriu Tate.

Simone o olhou de cenho cerrado.

—Sabe o que esta discutindo?

—Não realmente. Simplesmente parecia natural acrescentar isso—riu.

— Como consegui me misturar com vocês dois, nunca saberei. —Mas isso não era certo. Jesse tinha vindo a ela durante a hora mais escura de sua vida e tinha estado com ela após.

Tate... tinha estado ali quando tinha chegado a estar mais perto que nunca de capturar ao assassino de sua mãe e seu irmão.

Infelizmente, sua intuição não tinha saído bem e a evidência embora lhes desse uma pista do assassino de sua mãe, tinha estado muito corrompida para usá-la. Mesmo assim, Tate tinha lutado por ela ainda quando ele não a conhecia naquela época. Isso significava mais que tudo para ela e tinham sido amigos após.

Não havia nada que não fizesse por ele e ele sabia.

Tate, LaShonda e Jesse eram a única família que tinha. Ele se inclinou para trás e esperou que a garçonete lhe pusesse o prato sobre a mesa e fosse antes de falar outra vez.

—Está segura de que não é um dos fantasmas que vê te observando de perto?

Negou com a cabeça.

—Não. Nunca são assim de sutis. Geralmente saltam ao, “Hei você, zorra, me faça uma oferta”. Isto... isto é outra coisa.



— *O mal vem para ti* — disse Jesse com uma voz sombria, ressonante.

Simone entrecerrou os olhos nele.

—Odeio quando faz isso.

Tate se inclinou para trás como se estivesse ofendido.

—O que fiz?

Ela sorriu.

—Não é você. É Jesse! Usa sua voz de fantasma para mim. É extremamente inquietante.

—*Sim, mas ainda me quer!* — Jesse lhe piscou um olho.

—É obvio que sim. Mas te economize a voz fantasmagórica.

—*Faria se qualquer outro me pudesse ouvir. Tem alguma idéia do que pode? Não, porque todo mundo te escuta quando fala.* —levantou-se e dançou na esquina— *Hei gente!* —gritou— *Olhem o surpreendente baile dos fantasmas* —Agitou seus braços ao redor e sacudiu o corpo— *Sou mau! Sou mau! Sou mau!* — deteve-se e olhou em torno às pessoas que seguia falando de seus negócios, alheios a suas excêntricas palhaçadas— *Vê. Fede!*

Ela fulminou Jesse com um seco olhar, quem levantou as mãos em sinal de rendição. Havia momentos em que era um estranho cruzamento entre uma mãe fastidiosa e uma esposa combinada com um irmão louco.

Enfocou sua atenção em Tate.

—Em qualquer caso, voltando para a morta... A polícia tem alguma pista?

Tate negou com a cabeça.

— Foi encontrada atirada em um beco em Warehouse District. Machucaram a garganta com algo parecido a uma garra. Muito grande para ser de um animal e muito serrada para ser a marca de uma singela faca.

—Definitivamente não é um ataque Daimon, portanto. — Os Daimon eram uma raça de vampiros que chamavam Nova Orleães de lar... e diferente de muitos outros que faziam reclamações ambiciosas de que chupavam sangue, estes tipos eram reais e letais predadores com poderes sobrenaturais altamente desenvolvidos. Como forenses, ela e Tate estavam

acostumados a ver passar sua obra por seus escritórios.

Sua aceitação e boa vontade de ajudar a cobrir os rastros dos Daimon eram o que a mantinha perto do Tate. Não protegiam aos Daimon, mantinham ao resto da humanidade a salvo por não os informar sobre o que havia realmente ali fora preparado para destruí-los. Se a humanidade alguma vez o conhecesse, se voltaria louca e mataria a gente inocente, também.

O mau era que apesar de que o Daimon bebia sangue, não se alimentava dele. Alimentava-se de almas humanas reais. Felizmente uma só alma humana os podia manter alimentados durante muito tempo, de modo que por regra geral, não estavam à caça de vítimas todas as noites.

Se pudesse se chamar afortunado a isso. O qual Simone fazia, e isso mais que tudo, dizia apenas quão estranha era sua vida.

Os Daimon deixavam seus buracos em qualquer momento, por isso os Dark-Hunter, para os que Tate trabalhava, saíam para buscá-los, esperando os deter de assassinar a mais pessoas. Um plus pelas mortes dos Daimon era que também se liberava as almas humanas que tinham sido devoradas, de modo que as vítimas pudessem seguir para a outra vida.

Tate molhou a batata frita em molho de tomate.

—Definitivamente não Daimon —repetiu— Lhe drenou todo o sangue, e já que nenhum foi encontrado na cena do crime, supomos que morreu em alguma outra parte e foi abandonada no beco. Seguro que não a pode convocar da tumba e lhe perguntar o que aconteceu?

—Essa seria uma sacerdotisa vodu, Tate. Os mortos vêm para mim, não ao reverso.

Sufocou um olhar de desilusão.

—Precisamos encontrar o corpo quanto antes. Seus pais estão de caminho desde Wichita e não quero lhes dizer que sua garotinha esta AUSENTE SEM PERMISSÃO da mesa de exame.

—Conseguiu um pouco do Nialls?

Tate se mofou.

—Nada coerente. Como pode imaginar, estava um pouco

histórico. Tudo o que disse foi que lhe sorriu ao sair pela porta.

—Assim, não sabe se era um zumbi então?

—Felizmente, nunca vi um zumbi. Muitas outras merdas estranhas no trabalho, mas isso não. Viu?

—Não. Entretanto, aprendi a não perguntar coisas assim. Se houver uma lenda, então há algo real atrás dela.

Assentiu com sua bebida.

—E quanto a seus contatos com os Escudeiros? Têm algo que oferecer nisto?

Tate negou com a cabeça.

—Nenhum deles sabe nada mais sobre os mortos andantes a nosso redor que você ou eu. Os demônios não ressuscitam aos mortos. Destroem a vida.

Simone olhou ao Jesse.

—Tem alguma sugestão?

—*Só que lamento que meu corpo não ande ainda pelos arredores. Faria minha não morte mais fácil de suportar.*

—Obrigado pela pouca ajuda, Jess. É tão bonito.

Simone não falou muito mais enquanto terminavam o almoço, e logo se dirigiram ao necrotério. Jesse optou por permanecer à margem enquanto ela seguiu Tate à cripta. Honestamente, não podia culpar ao Jesse por seus sentimentos. Não gostava de andar com mortos, embora fosse Jesse apesar de tudo. A única razão de fazer o que fazia era ajudar às vítimas e as suas famílias. Quão último queria era respaldar e deixar ir livre ao assassino de outra pessoa, depois de ter visto sua mãe e irmão mortos a tiros ante ela.

Era a razão pela qual trabalhava para a cidade gratuitamente e que passava a vida formando a seguinte geração de forenses na Tulane. Acreditava que podia fazer melhor ensinando a outros médicos forenses do que podia fazer trabalhando em casos comuns. Quanto mais pessoas fizessem bem seu trabalho, menos criminosos saíam livres para matar de novo.

Essa filosofia era também a que a mantinha solteira. A maioria dos homens não apreciava o fato de que uma mulher fosse hábil tanto com um bisturi como com uma pá.

Tate abriu uma porta em meio da abóbada da cripta e

sacou uma gaveta vazia.

—Estava guardada aqui dentro.

—Tem alguns de seus artigos pessoais?

— Me deixe trazer isso.

Simone fechou a gaveta e girou ligeiramente enquanto sentia uma presença detrás dela. Era uma jovem em torno dos vinte e quatro. Seu cabelo marrom estava alvoroçado e parecia um pouco confusa. Era uma condição natural para muitos dos recém falecidos.

—Posso te ajudar? —perguntou Simone à garota.

—Onde estou?

Simone vacilou. Nunca gostou de ser a que devia dizer ao outro que não estavam vivos.

—O que é o último que recorda?

— A casa do trabalho.

Esse era um bom princípio. Se Simone pudesse ajudar à mulher a recordar mais detalhes de sua vida imediatamente antes que se terminasse, então poderia recordar sua morte, também.

—Como se chama céu?

— Glorifica Thieradeaux.

Um calafrio desceu por sua coluna vertebral enquanto Simone a reconhecia das fotos. Esta era a mulher cujo corpo se levantou e passeou pelo necrotério.

Merda.

O fantasma olhou ao redor da habitação.

—Por que estou aqui?

—Não estou segura — Não mais segura que ela de como reanimou seu corpo a si mesmo.

—Por que não posso tocar nada? —A agonia em sua voz trouxe lágrimas de simpatia aos olhos de Simone.

Não havia nada que evitasse a resposta e nenhuma possibilidade de fazê-lo amável ou tenra a pobrezinha.

—Temo que esteja morta.

Glória negou com a cabeça.

—Não. Só preciso chegar a casa. —Franziu o cenho enquanto olhava ao redor da habitação como tratando de identificar algo— Mas não recordo onde vivo. Conheço-te?

Simone fez uma pausa. Algo não estava bem. Era normal que um novo fantasma estivesse ligeiramente desorientado, mas Glória estava mais que isso. Era como se faltasse uma parte dela.

—Jesse! — Chamou Simone — Sei que odeia estar aqui dentro, mas realmente, realmente te necessito.

Manifestou-se justamente ao lado dela.

— *Sim, chefe?*

Indicou a Glorifica com uma inclinação do queixo.

—Não sabe onde vive.

Seu carrancudo semblante foi feroz.

— *Recorda quando a mataram?*

—Jesse! —disse entre dentes—, um pouco de tato, por favor.

Ignorando-a, Glória negou com a cabeça.

—Não me sinto morta. Está seguro de que morri?

Simone passou a mão através do abdômen da mulher.

—Ou é isso, Princesa Leila, ou é um holograma.

Glória cravou os olhos nela entre uma mescla de horror e incredulidade.

—Como fez isso?

Jesse respondeu por ela.

—Não temos corpo. Tudo o que temos é nossa essência e nossa consciência.

Glória cambaleou para trás como afligida.

— Não entendo. Como posso estar morta e não sabê-lo?

Jesse se encolheu de ombros.

—Ocorre. Não é comum, sabe. A maioria das pessoas sabe quando morrem, mas de vez em quando, alguém fica apanhado neste plano sem dar-se conta de que estão mortos.

Glória sacudiu a cabeça negando.

—Não posso estar morta. Tenho os finais.

—A Morte não espera por ninguém, pequena —disse Jesse— me acredite, tenho experiência de primeira mão aí. É foda, mas não obstante é nossa realidade.

—O que acontece?

Simone girou em direção à voz preocupada de Tate. Estava atrás dela com um saco de papel marrom na mão.



—Encontrei a Glória.

—Bem, onde esta ela?

Simone percorreu o olhar para onde Jesse e Glória, estavam um ao lado do outro.

—Bem, seu fantasma está justo diante de mim. Infelizmente, não tem mais pistas sobre o paradeiro de seu corpo que nós.

Tate deixou escapar um fôlego frustrado.

—Como pode ser isso? Digo, de verdade, não deveria ter o fantasma como um rádio-faro direcional de seu corpo ou algo pelo estilo?

—Teria sentido. Mas desgraçadamente, as duas partes se separam e o espírito nunca vaga atrás do corpo... ao menos não que eu saiba. —Simone olhou ao Jesse, quem confirmou com a cabeça.

Tate lhe tendeu o saco.

—Assim que isso onde nos deixa?

—Com um mistério tremendo — Simone tomou o saco de suas mãos e tocou dentro um colar que devia ter pertencido a Glória. Fechando os olhos, tratou de obter alguma percepção da hora e o lugar onde Glorifica tinha estado.

Não ocorreu nada.

Nem sequer pôde obter uma emoção disso, o qual era extremamente excepcional para ela. Desde que tinha cinco anos, Simone podia recolher as emoções que estavam conectadas aos objetos logo que os tocava.

Deixou-o cair de novo no saco.

—Sugiro que chame a seus camaradas Escudeiros e consiga que comecem a procurar o corpo enquanto Jesse e eu tentamos ajudá-la a recordar algo que nos possa conduzir para seu paradeiro.

—Verei o que posso fazer — Simone se dirigiu ao Jesse.

—Ouvi — disse antes que ela pudesse falar— Vamos explorar o beco onde foi encontrada procurando pistas.

—Exatamente.

Tate fez uma pausa diante da porta com o cenho franzido.

—Exatamente o que?

—Jesse e eu vamos ao Warehouse District. Informarei se encontrarmos algo.

— Por favor! faça isso. —Tate manteve a porta aberta a fim de que ela e seus "colegas" pudessem sair.

Ela começou a descer pelo branco corredor espartano.

—Hey, Simone?

Olhou para trás ao Tate que estava a ponto de dirigir-se em direção oposta.

—Sim?

—Tome cuidado.

Essas palavras a enfraqueceram. Tate e LaShonda eram as únicas pessoas no mundo que sentiriam sua falta se algo acontecesse a ela.

—Sempre tomo cuidado, Boo. Sabe.

Inclinou sua cabeça para ela.

—Por isso mesmo, mantém sua pistola atordoante carregada e me chame logo que tenha terminado. Não quero receber outra chamada desse beco. Enterrei a muitas pessoas às que quero. Não quero fazê-lo de novo.

Ela sorriu por sua preocupação.

—É um beco, Tate. Há um milhão deles nesta cidade. Estarei bem.

Assentiu com a cabeça antes de dirigir-se para seu escritório.

Simone tomou um segundo enquanto essa estranha sensação se apoderava dela outra vez. Nunca tinha entendido essas estranhas sensações. Mas, uma coisa que recordava claramente... a primeira vez que a tinha tido.

—Vou e volto, carinho. Espera no carro e não se mova. — Essas foram às últimas palavras que sua mãe lhe havia dito antes que ela pegasse seu irmão para entrar na loja.

E morreram.

Simone se sobressaltou enquanto a desenfreada dor rasgava através dela. Em um instante, tudo pode trocar. Era o mantra pelo que vivia sua vida e uma lição que tinha aprendido muito bem quando só tinha dez anos.

Nunca dê nada nem a ninguém por certo. Em um segundo, a vida troca e tudo o que pode fazer às vezes é esperar



estritamente o necessário, justamente para ir atirando.

Tentando não pensar nisso, encaminhou-se pelo vestíbulo, para a porta que a conduzia ao estacionamento.

Kalosis (Reino Atlante do Inferno)

Stryker caminhava pelo escuro corredor que levava de seu dormitório até a sala do trono, onde celebrava o comparecimento de seu exército Daimon. Não deveria haver ninguém a esta hora do dia... Ou da noite. Qualquer que fosse. Sejam realistas, aqui no inferno realmente não importava.

No Kalosis, estava sempre escuro já que qualquer quantidade de luz do dia era fatal para seu povo. Essa tinha sido uma maldição de seu pai, Apolo, quem em meio de um ataque de raiva tinha condenado a toda raça Apolita que Apolo criou, ser banida do sol. E morrer dolorosamente à idade de vinte e sete anos. A única forma que um Apolita podia sobreviver depois de seu vigésimo sétimo aniversário era tomar uma alma humana em seu corpo. A partir desse momento, o Apolita se converte em um Daimon, uma criatura demoníaca que tinha que continuar devorando almas humanas para manter-se com vida.

Certamente que isto era uma existência miserável e fria, mas muito melhor que a alternativa.

Além disso, Stryker tinha sobrevivido onze mil anos como Daimon, não havia existência sem benefícios. E recompensas.

Muito entretido com o pensamento, fez uma pausa antes de entrar na sala do trono enquanto divisava a sua irmã, Satara, rodeada por uma neblina avermelhada onde se sentava no alto de seu trono. Seu cabelo era negro, algo que estranha vez escolhia como cor. Resmungava palavras em grego antigo enquanto oscilava com uma silenciosa canção.

Claro...

Esclareceu a garganta, mas o ignorou. Nada divertido por suas ações cruzou os braços sobre o peito e cortou a distância entre eles.

O que cantava o divertiu ainda menos que não fizesse

conta.

— Por que está convocando a um demônio?

Um olho, ensangüentado, abriu-se para lhe imobilizar com um olhar fera.

— Não o convoco. Controlo-o.

Ele arqueou uma só sobrancelha.

— De verdade? E com quem se zangou para enviar um demônio sobre ele?

— O que te importa? — Fechou os olhos e continuou seu cântico.

Se tivessem tido uma relação carinhosa, então Stryker possivelmente teria deixado nisso. Mas, estava longe de ser um irmão carinhoso e ela era para sempre sua maldição. Estalando os dedos, iluminou todo o hall.

— Se quer matar a alguém, conheço alguns demônios gallu que morrem por comer.

Deixou escapar um grito antes de abrir os olhos e levantar do trono.

— Como se eles fizessem algo do que lhes peço. É um idiota por permitir que os gallu fiquem aqui. É o mesmo que deitar-se com uma matilha de lobos selvagens a seus pés, cedo ou tarde, atacarão e estará morto.

Como se ele tivesse medo de alguns refugos sumérios.

— Kessar e sua equipe não me assustam — A ambição insaciável de sua irmã o fazia. Não havia nada que ela não fizesse para obter o que queria e ele sabia — atrás de quem anda?

— Hades deixou a esse bastardo do Xypher sair de seu buraco.

O nome lhe era vagamente familiar, mas, por sua vida, não podia recordar quem era.

— Xypher?

Satara revirou os olhos.

— OH, como pôde esquecer? Ele foi o primeiro Dream-Hunter que enrolei para que se afastasse de suas funções e convertê-lo.

Stryker negou com a cabeça enquanto recordava ao deus que tinha sido difícil de controlar no instante em que

farejou ao redor dos calcanhares de Satara. Tinha necessitado uma série de deuses para deter o bastardo e matá-lo.

— Falando de lobos na garganta. Não te adverti a respeito dele?

— OH! Se cale.

Stryker grosseiramente a afastou para poder tomar seu lugar em seu trono.

— Sabe irmãzinha, fingiria ser agradável agora mesmo se fosse você. Depois de tudo, você é a que esta escondida... em minha casa.

— Não estou escondida.

— Não? Então por que está aqui? Não deveria estar no Olimpo ao serviço incondicional de tia Artemisa?

A fúria em seus olhos lhe disse que tinha golpeado na ferida. Bem. Vivia para chatear as pessoas.

— Xypher tem que ser detido. Matará-me se tiver a oportunidade.

— Você crê? Enrolou ao homem tirando-o de sua cômoda vida de deus, causou que o rebaixassem e a seguir o matassem e torturassem pela eternidade. Não me posso imaginar porque não te traz rosas e bombons.

Ela o observou com desprezo.

— Bom, ao menos não abri a garganta a meu próprio filho.

Stryker empurrou a mão para fora e a atraiu a seu alcance com seus poderes de semideus. Apertou sua garganta até que seus olhos incharam e sentiu que sua laringe começava a esmagar-se.

— Xypher não é o único homem a quem deveria ter medo.

— Separou-a de um empurrão.

Satara se agarrou e se sufocou enquanto o olhava furiosamente.

— Dei tudo por você, Strykerius. Espiei para você e te contei coisas que a ninguém mais contaria. Agora te peço uma mínima quantidade de amparo e o que é o que faz? Ameaça-me! Bem. Saírei, e quando Xypher me matar, espero que pense nisto e recorde que você é a única razão pela que está sozinho neste mundo.

Stryker esfregou a frente, agradecido de não poder

conseguir uma dor de cabeça de sua acalorada revolta chorona.

— OH, deixa o dramatismo. Nunca fui admirador do teatro. É bem vinda para se esconder aqui e soltar ao maior número de demônios no mundo humano como desejar, mas, antes que aniquile completamente minha fonte de alimento, posso te oferecer uma sugestão?

— O que?

Stryker manifestou um conjunto de braceletes dourados na mão um dos três pares que tinham sido descobertos apenas dois anos atrás. Um de seus generais os tinha encontrado e os trouxe sem saber o que eram.

Mas Stryker sabia, e reservava um par para um "amigo" muito especial.

Estendeu os braceletes.

Tomando-os, fez uma careta como se fossem feitos de carvão e não de ouro Atlante.

— O que faço com estes?

Suspirou de cansaço. Havia momentos em que ela era brilhante e outras vezes, tinha que dirigi-la como se tivesse o intelecto de uma cabra de cinco anos.

— Como mata a um deus?

— Tira seus poderes.

Inclinou a cabeça com aprovação.

— Se não puder fazer isso?

— Seduz a um Chthonian e lhe diz que o deus te atacou, então ri enquanto o Chthonian lhe extirpa a vida. Mas não tenho tempo para isso. Xypher está a um passo de baixar aqui para atacar e me matar.

Stryker grunhiu com irritação.

— Deixa de pensar como uma puta por um minuto. A melhor forma de acabar com um inimigo é atacando seu ponto mais débil.

Fincou as mãos nos quadris. Os braceletes penduravam da mão direita precariamente como se imitações toscas e que não valessem mais que um reino humano... ou sua vida.

— Não tem nenhum.

Stryker entrecerrou os olhos nos braceletes.

— Lhe ponha um destes e o terá!

Finalmente interessada no que ele tinha posto em suas mãos, inspecionou-os.

— O que está dizendo?

— O que digo Themis, é que esses braceletes pequenos de ouro em suas mãos é seu Calcanhar de Aquiles. Passa-os a um de meus Spathi Daimon e te assegure um para o Xypher e o outro para um mortal e, assim, todos seus problemas se acabarão.

Sorriu enquanto ela finalmente “Entendeu” o significado dos braceletes.

— Amarram-nos... Mato ao mortal e Xypher morre.

Ele assentiu.

— Melhor que isso ainda, se o mortal se afastar a aproximadamente seis metros dele, então o humano morre... e também ele.

Ela riu diabolicamente antes de aproximar-se do trono e beijá-lo na bochecha.

— Sabia que te queria por uma razão.

Stryker não era tão estúpido para acreditar nisso nem sequer durante um momento. Sua irmã era incapaz de amar a alguém exceto a si mesma. Mas a tinha ganho para a causa como uma aliada por alguns dias mais.

Satara lançou ao ar um bracelete e o apanhou em suas mãos.

— Não posso esperar para ver sua cara quando se inteirar do que é isto — Logo se desvaneceu antes que Stryker pudesse lhe dar um conselho mais.

— Escolhe ao humano sabiamente — Quão último ela precisava era encontrar um que realmente sabia como lutar contra eles.

Quando Simone terminou de dar sua aula da tarde e alcançou o beco, aproximava-se o crepúsculo. Havia um frio mordaz inoportuno na brisa enquanto saía de sua caminhonete branca e descia à sarjeta. Levantou o pescoço do casaco de lã mais alto no pescoço e tiritou. Nunca gostava de aproximar-se

da cena do crime, especialmente depois de ter sido limpa. Agora mesmo, não havia nada que marcasse este como um lugar de violência. Parecia-se com todos os outros becos da cidade.

Isso era o que mais a inquietava.

A vida de Glória tinha acabado abruptamente aqui mesmo e só Glorifica e sua família quem saberiam toda a vida. Centenas de pessoas o rodeariam, passariam justo por este lugar sem dar-se conta do fato, de que uma jovem tinha sido descarregada aqui como outro tanto de lixo. O pensamento disso a deixou lívida e recordou a sua própria mãe.

Simone se sobressaltou.

— Estas bem? —perguntou Jesse.

— Sim. Mau frango o do almoço.

— Comeu um sanduíche de presunto e queijo.

— OH, cala a boca, sabichão. Deixa de ser tão atento.

Colocou a mão em sua bolsa e tirou um par de luvas de látex no caso de encontrar algo. Também a protegeria de qualquer gênero perdido que possivelmente fosse um rescaldo. Essa era uma coisa em que continuamente falhava com seus estudantes. Qualquer roupa usada na cena do crime deveria ser considerada como um risco biológico. Nos últimos anos tinha levado a casa mais contágio do que queria pensar e que somente a fez alegrar-se de viver sozinha. Quão último queria era fazer outro significativo mal.

Abriu seu carro e atirou a bolsa dentro antes de tirar sua caixa de ferramentas forense que continha tudo o que necessitaria para conservar qualquer prova que pudesse ter sido passada por cima pela polícia.

Glória inclinou a cabeça enquanto ficava com o olhar fixo no beco.

O estômago de Simone se apertou com simpatia.

— Recorda algo?

— Havia uns grunhidos estranhos — Sua voz era tranqüila. Distante.

— Grunhidos?

Glória inclinou a cabeça.

— Era profundo e feroz, mas não realmente como um animal.

— Era como isto? — Jesse fez um ruído desumano fantasmagórico.

Glória o olhou com cenho.

— Isso soa como Darth Vader engasgando-se com um osso de galinha. Não!

Apareceu um indignado fulgor em Simone enquanto ela estalava em risadas.

— Bem, era-o.

— Estupendo! Verei se te ajudo mais.

Simone negou com a cabeça antes de tirar a lanterna e se dirigiram à zona onde tinha visto o corpo fotografado. Havia edifícios em três lados e um brilho no meio. O corredor que o circunda estava interrompido. Beco típico, com muito tráfico de aço ao redor dele. Sem mencionar, que qualquer um nos edifícios facilmente podia aparecer à janela e ver bem onde estavam.

Perguntou-se se houve uma testemunha que tivesse visto o assassino.

Deu uma olhada para onde Jesse fazia-se de Michael Jackson, em Moonwalk, enquanto ele examinava o beco e a rua. Tudo o que o moço precisava era uma jaqueta de couro vermelha cravejada com ouro e uma luva com lentejoulas.

— Me perdoe, Senhor Thriller ou Beat, ou seja o que for que esteja tristemente voltando a viver... Esta de acordo comigo ou esta área é muita exposta para que isto seja um ataque Daimon?

Depois de lançar a ela um resplendor cheio de ódio, Jesse concordou

— Há também muito movimento por aqui e não teriam se preocupado com um pouco de sangue sobre o chão. Os bastardos são comilões negligentes.

— Sim! Isso é o que entendo também. Acredito que Tate tinha razão quando disse que morreu em outra parte. Mas as marcas da garra no pescoço... Isso não é humano. Se não foi um Daimon, o que a matou?

— Me desculpem meninos! — estalou Glória — Acontece que estou aqui de pé. Importa-lhes?

Simone se encolheu de medo com sua insensibilidade.

Normalmente tinha muito mais cuidado com os espíritos a seu redor.

— Sinto muito.

Jesse se aproximou de Glória.

— Mas recorda estar aqui, verdade?

Glória inclinou a cabeça.

— Ouvi o ruído e a seguir tratei de cruzar a rua para fugir dele.

— Bom — advertiu Simone — Recorda qualquer outra coisa?

Glória negou com a cabeça.

— Realmente não acredito que esteja morta. Digo, sei que me transpassou com sua mão antes, mas lembro que vi este filme de Reese Witherspoon.

— Oxalá estivesse certa! — assinalou Simone

— Yeah, talvez sim. Inclusive enquanto pensava Reese que era um fantasma, mas estava somente em coma. Talvez eu esteja também.

Simone realmente desejou que esse fosse o caso. Olhou ao Jesse, esperando que ele pudesse ajudar a Glória, fazê-la compreender que isto era o final e não havia retorno por mais que todos eles desejassem outra coisa.

Dedicou a Glória um sorriso pormenorizado.

— Sei como se sente. Essa incredulidade que se mantém te dizendo que é um sonho, mas tem que se enfrentar ao fato de que não está em coma.

Simone suspirou enquanto revisava o beco vazio. Havia só um pedaço de papel e um copo esmagado do Starbucks. Nada mais.

— Em realidade não vejo nada útil — disse aos fantasmas — A polícia deve ter obtido tudo. Voltemos a ver o Tate e vejamos o que desenterraram seu pessoal.

Quando deu um passo para seu carro, ouviu um som de estalar com a língua atrás deles que lhe produziu calafrios. Ninguém tinha estado ali antes...

— Certamente que não quer nos deixar tão cedo. Depois de tudo, precisamente estamos aqui... e andamos procurando um bom bocado para comer.



Simone enfocou sua lanterna sobre o homem que falou. Um grupo, não era um homem. Era um Daimon. E não estava sozinho.

CAPÍTULO 2

Jesse empalideceu. Não é que como fantasma tivesse muita cor, para começar, mas quando perdia o pouco que possuía, assustava-a.

Dedicou-lhe um sorriso falso.

— Parece que estava equivocado com respeito a que os Daimon escolhessem este lugar, né?

Simone deu um passo atrás.

— Sim, Jess, má resposta.

O Daimon se voltou para ele e sorriu.

— Oh, que apropriado. Obtemos três pelo preço de um, amigos! Parece que Apolo está de bom humor esta noite.

Enquanto os Daimon se moviam para Glória, Simone tirou



a pistola elétrica do bolso e se precipitou para eles. De maneira nenhuma permitiria que machucassem a pobre fantasma.

— Se afaste dela!

O primeiro Daimon esquivou as descargas elétricas que saíam disparadas da arma e a empurrou para trás. Antes que ela pudesse contra-atacar, atirou de sua mão.

— Não seja ciumenta cara. Encarregaremos-nos de você em um “santa e amém”.

— Santa e amém? —O maligno e zombador tom enviou um calafrio por sua espinha dorsal— Que tipo de patético adoentado usa o termo “santa e amém”.

Simone se congelou ante uma voz tão profunda que a ouvia ressonar em seus ossos.

Da escuridão se moveu uma sombra de tal magnitude, que a fez sentir-se diminuta. Um instante depois, o Daimon passou voando sobre sua cabeça para estatelar-se contra a parede próxima a Jesse. Golpeou tão forte, que quase esperou que se esmagasse como um inseto. E foi imediatamente seguido por outro Daimon que aterrissou em cima do primeiro.

— Abre o portal — ele grunhiu ao terceiro Daimon, ao que agora sustentava em um punho.

—Não vou abrir uma merda.

— Resposta incorreta.

O Daimon se uniu aos outros dois.

A sombra a cobriu como uma montanha. Sinistra. Zangada. Fria. Decidida.

Apontou-lhe com a lanterna e sentiu que seu fôlego a abandonava em uma repentina baforada. Superava facilmente o metro oitenta de altura, seu comprido cabelo negro se alvoroçava ao redor de feições tão perfeitas como as de qualquer ator que tivesse visto alguma vez e seus olhos eram tão azuis que pareciam resplandecer na escuridão. Sua mandíbula estava contraída como se tentasse conter sua ira e estivesse falhando miseravelmente. Tinha cada tendão de seu corpo enervado como se tratasse de uma besta feroz à espreita. Ele era sedução e morte.

Vestia somente um par de jeans e uma camiseta negra, parecia imune ao frio. Seus ombros eram largos, sua cintura

estreita e havia uma aura a seu redor que transmitia morte. Sem medo. Sem misericórdia.

Esses gélidos olhos azuis penetravam com ódio e advertência. E a faziam estremecer.

— Esta é a parte em que precisa correr pequena humana. Não olhe atrás.

Essas palavras a enfureceram ao mesmo nível que parecia operar nele. Ela não era nem incompetente, nem débil.

— Não sou pequena!

Deu uma cotovelada na garganta do Daimon que se dirigia para ela antes de abatê-lo no chão e lhe dar um chute.

O recém-chegado se mofou ante sua demonstração de poder.

— Então, que a morte te leve!

Voltou-se e levantou do chão ao Daimon que ela tinha atacado. Esmurrou-o duramente contra a parede, deixando uma amolgadura nos tijolos. O Daimon grunhiu e amaldiçoou.

— Abre o portal — exigiu ao Daimon, cujo nariz e boca sangravam copiosamente.

Como em resposta as suas palavras, uma brilhante luz cintilou na parte de trás do beco, justamente sobre a esquina.

O homem deixou cair ao Daimon e se encaminhou para a luz, mas antes que pudesse entrar, um Daimon loiro e gigante saiu em direção oposta.

Este não era como os outros que ela tinha visto antes. Vestia-se de couro negro e tinha a aura de um lutador treinado. Parecia um acostumado a matar e que fazia que a morte fosse o mais dolorosa possível.

Simone ficou imóvel ante a aterradora visão. O Daimon media ao menos dois metros e dez de altura, riu abertamente e mostrou suas compridas e afiadas presas ao homem de cabelos escuros um instante antes de atacá-lo.

Murros e patadas rápidas, mais do que podia distinguir. Aparentemente, não mais valentes que colegiais, os outros três Daimon fugiram em direção à rua para afastar-se dos combatentes.

Simone se afastou cambaleando uma vez que o Daimon esmurrava ao homem contra a parede, quem emitiu um ofego ao colidir com a pedra. Deu-lhe um murro na mandíbula, tão sólido

que ela acreditou senti-lo em seu próprio corpo.

O homem o recebeu com uma careta antes de lhe dar uma cabeçada, depois cambaleou para trás. Mas não foi muito longe antes de procurar dentro de seu casaco e tirar um grande bracelete de ouro. Grampeou-o ao redor do pulso do homem.

Este vaiou como se o bracelete lhe queimasse a pele. O Daimon o afastou para trás de um tranco e se voltou para ela. Este seria o momento oportuno para tomar o conselho do homem e correr como o demônio.

Simone não conhecia as intenções do Daimon, mas sem importar quais fossem, augurava um mau presságio. Pôs-se a correr para a rua. O Daimon a apanhou e a tombou contra o chão. Engatinhou para escapar, mas ele era extraordinariamente forte e muito mais veloz que ela.

Agarrou-a pelo braço e a empurrou sobre suas costas. Tentou chutá-lo. Não funcionou. Subiu sua manga para expor seu antebraço.

Em vez de mordê-la, grampeou-lhe um bracelete no pulso. A dor atravessou seu braço com tal ferocidade que não se surpreendeu de vê-lo feito farrapos.

Lutou por respirar apesar da dor que lhe causava. Enquanto isso, o Daimon ria das lágrimas que apareciam em seus olhos. Sorriu malignamente.

— Tempo de morrer, humana.

Antes que pudesse levar ao cabo sua promessa, Jesse agarrou sua caixa de ferramentas e o golpeou com ela nas costas. O Daimon se voltou com um vaio raivoso através de suas afiadas presas e se equilibrou.

Um segundo depois, o estranho apareceu de um nada, levantando-a do chão e levando-a para a rua.

— Move o traseiro!

— O que acredita que está fazendo?

— Te arranhando o nariz.

Deteve-se para estender sua mão para o Daimon que os seguia. Embelezado em couro retrocedeu como se algo invisível o tivesse investido.

Um instante depois, a mesma força invisível açoitou a ela

levantando-a pelo ar. Aterrissou no chão com um forte ruído surdo que arrancou o ar de seus pulmões.

— Respira! Sim, respira! —disse Jesse, que aparecia a seu lado.

Agarrou as chaves de seu bolso e as pôs nas mãos.

— Agora levanta o traseiro! —Correu para seu carro e lhe abriu a porta.

Simone o seguiu tão rápido como pôde. Enquanto subia, alguém a empurrou desde atrás. Olhou para ver o estranho de cabelo escuro. Empurrou-a para o assento do acompanhante e subiu ao carro atrás dela.

Ainda para maior surpresa, voltou-se a olhar ao Jesse que ainda estava fora.

— Suba fantasma, ou que o comam. Não me importa o que escolhe não te espero.

Algo arremeteu contra o carro.

Voltando-se para observar, Simone deu um grito sufocado ao divisar ao Daimon vestido de couro, posado como um adorno gigante sobre seu branco capô. Moveu-se para dar um murro ao pára-brisa. O homem ao seu lado acelerou o motor provocando que o rosto do Daimon se estatelasse contra o vidro, para logo cravar os freios e que este saísse despedido do capô.

O homem sacudiu o volante e desviou o veículo dando inclinações bruscas para o tráfico, aproximando-se da linha divisória. Os pneumáticos chiaram. Os carros chocavam a seu redor e as buzinas começaram a ressonar.

Simone fez o sinal da cruz e rezou enquanto via os faróis aproximando-se em sua direção, rápidos e furiosos. Com suas mãos tremendo pelo medo, fez uma bola enquanto, no assento traseiro, Jesse dava alaridos como um menino aterrorizado. Como se ele pudesse morrer.

O homem atirou do volante um instante antes que dessem de frente com um caminhão de lixo, e devolveu o carro a faixa correta. Ainda assim, os carros ao redor cravavam os freios e giravam bruscamente para afastar-se de seu caminho.

— Isto provavelmente seria muito mais fácil se eu soubesse como conduzir, não?

Seus olhos se alargaram enquanto observava ao homem a seu lado.

— Espero que esteja brincando.

— Em realidade, não — disse ele, enquanto amassava o pára-choque de um carro estacionado.

Simone não sabia o que a horrorizava mais. O homem junto a ela ou as taxas que lhe cobraria sua seguradora se ele não parava de atropelar coisas.

— Cuidado! — gritou ela, enquanto ele se enfiava para outro caminhão.

Girou bruscamente, um segundo antes que o caminhão os tivesse abalroado.

Quando se desviou para um beco e cravou os freios o suficientemente forte para lhe deixar um hematoma no ombro por causa do cinto de segurança, estava pronta para saltar do veículo e provar a sorte com a estrada antes que morresse em um retorcido montão de metal em chamas.

O homem se voltou para olhá-la. Com feições quase perfeitas, era grosseiramente arrumado. Olhos azuis que mostravam inteligência, talvez amabilidade. Um musculoso braço apoiado sobre o volante e o outro no assento. Seria magnífico se não fora tão atemorizante.

— Não tenho idéia do que estou fazendo. Dito isto, acredito que deveríamos entregar esta coisa a alguém que saiba levá-lo apropriadamente.

Simone engoliu saliva enquanto procurava conseguir que seu coração deixasse de palpitar desbocado. Afrouxou seu agarre ao cabo da porta.

— Quem demônios é?

Ele olhou o bracelete em seu pulso, logo lhe deu um puxão como tentando desprendê-lo.

— Xypher, e você?

— Saco Cheio! Destroçou meu carro, esmurraste-me de todas as formas possíveis, e é um completo e total filho da puta!

— Santo Deus! — disse ele secamente — que trava língua, não há dúvida de que sua mãe o que realmente queria era um varão. Importa-te se te chamo ‘Saco Cheio’ como diminutivo? O

resto é muito comprido para repeti-lo cada vez que requeira sua atenção.

A risada de Jesse chegou do assento traseiro. Simone o olhou com raiva.

Ao menos Jesse tinha a bondade de parece compungido.

— Sinto muito, mas deveria estar em meu lugar. Vocês dois estão histéricos.

— Cuidado, fantasma, ou invocarei a um Daimon e te oferecerei como alimento.

Simone estava aturdida.

— Você pode ouvi-lo? — Xypher a olhou com incredulidade antes de responder com secura.

— Acaso você não?

— Sim. Mas, ninguém mais o tinha ouvido antes.

— Parece que não é tão especial depois de tudo, não?

Ela fez uma careta.

— É tão grosseiro!

— Não me diga, humana — voltou à tarefa de desprender o bracelete com seus dentes.

Encolheu-se ante o som do esmalte no metal. Odiava escutar os dentes raspando dessa forma.

— O que está fazendo?

Deixou escapar um suspiro frustrado antes de voltar a trabalhar no bracelete.

— Não tem nem idéia do que acaba de nos passar, ou sim?

— Além de ter sido atacada por você e um grupo dos malditos, há algo mais que deva saber?

Elevou-lhe o braço para lhe mostrar o bracelete que fazia jogo com o seu.

— Sim! Dado que ambos estamos usando isto vou atrever-me a adivinhar que nos vinculam de alguma forma. Porque, confrontemo-lo, os Daimon não costumam te etiquetar antes de te morder. Não é como se fossem Marlin Perkins tratando de nos estudar.

Simone baixou a vista para seu braço enquanto um mau pressentimento a atravessava.

— Que acaba de me dizer? — Realmente sabia, mas

queria ouvir de sua boca antes de estar disposta a acreditar-lo.

— Estou dizendo que se fosse você, não me afastaria muito de mim até que resolvamos o que são estas coisas exatamente e o que é o que fazem. Conhecendo os deuses como os conheço, estou seguro de que de uma forma ou outra, estamos fodidos.

Conhecendo os deuses...

OH, isto ia de mal em pior.

— O que é? —perguntou-lhe, aterrorizada pela resposta que poderia lhe dar.

Seu olhar foi tão frio como o vento no exterior.

— Não faça perguntas se não quiser saber a resposta.

— Uh, meninos... —disse Jesse, interrompendo-os. —Os Daimon têm um carro e vêm atrás de nós.

Xypher amaldiçoou.

Em um abrir e fechar de olhos, Simone se moveu do assento do acompanhante ao do condutor.

Agora Xypher se encontrava no assento dela.

— Pode nos tirar daqui?

Provavelmente deveria questioná-lo sobre o que acabava de acontecer, mas tendo em conta que um de seus melhores amigos era um fantasma e que o outro trabalhava para caçar vampiros imortais, estava acostumada a que o incomum fosse coisa de todos os dias. O que importava agora era sair livre.

— Condução defensiva 101. Apertem seus cintos.

O carro saiu disparado para o outro lado e se enfiou em direção aos Daimon, que viraram bruscamente para evadi-la. Simone deu um rápido giro em U em meio da estrada e se enfiou para o beco onde se encontraram.

— Bom trabalho!

Estava assombrada de que o mal educado do Xypher fosse capaz de lhe fazer um elogio.

— Benefícios de passar o tempo com a polícia. Aprende um montão de coisas úteis.

Jesse enfiou a cabeça no assento dianteiro, entre eles dois.

— Ainda vêm atrás de nós.

— Não por muito tempo — Xypher baixou a janela e tirou

uma arma do bolso de suas calças. Abriu fogo para o carro que os seguia.

Os olhos de Simone se abriram como pratos quando escutou explodir um pneumático. O carro derrapou para um lado antes de capotar na rua.

— Boa pontaria, Tex.

Tirou a arma e a substituiu com uma nova.

— Tenho uma vantagem desleal. Posso fazer que as balas se dirijam onde queira. Eliminei aos Daimon antes de acabar com o carro.

Simone entrou em um pequeno estacionamento e logo se deteve de novo. Virou-se em seu assento para enfrentá-lo. Tinha as bochechas avermelhadas pelo esforço e o vento queimava sua pele como tinha queimado aos Daimon. A cor fazia que seus olhos destacassem ainda mais.

Via-se magnífico e humano, e ainda assim...

— O que é exatamente?

Xypher não lhe respondeu e esfregou uma sobancelha.

— Temos que resolver sobre esses braceletes antes que seja muito tarde. Não gosto de jogar com fatores desconhecidos.

Olhou-o divertida.

— Não está só no Planeta Ego. Também quero saber no que estou colocada, e neste momento, Psicopata, você é o fator desconhecido mais crucial em meu mundo. Assim responde a minha pergunta. O que é?

O desprezo voltou a refletir-se em seu rosto.

— Essa não é uma resposta simples, humana.

Apagou o motor, tirou as chaves e cruzou os braços sobre seu peito.

— Me ponha à prova.

Xypher apertou os dentes ao tempo que brigava contra o desejo de assassiná-la. Depois de tudo, era tão somente outra humana, não obstante, uma muito bonita. E, entretanto, humana. Normalmente, não teria duvidado em tirá-la de sua miséria, mas albergava um verdadeiro mau pressentimento com respeito ao bracelete que tinha em seu antebraço. O fato de que ambos o levassem, provavelmente significava que suas vidas, se não suas



almas, estavam vinculadas de alguma forma. O que supunha que se ela morria, havia boas probabilidades de que ele também.

Maldição. Ela teria que viver até que resolvesse o embrulho.

Considerou a opção de lhe mentir. Mas, para que incomodar-se? Tinha visto os Daimon, alguns de seus poderes, e que demônios? Havia um fantasma no assento traseiro que parecia ser seu amigo. A forma em que se comportou até o momento demonstrava que ao menos, encontrava-se familiarizada com o sobrenatural.

O que podia supor um pouco mais?

— O quanto sabe de mitologia Grega? —perguntou-lhe.

— Zeus é o rei, verdade?

Xypher soprou.

— Acredita a maior parte do tempo. Pessoalmente, acredito que é um traseiro pomposo que deveria ser esbofeteado por Fira ao menos uma vez em sua existência.

Simone fez uma careta de dor ao dar-se conta de que ele, de alguma forma, estaria relacionado com eles... Sim, sua sorte melhorava minuto a minuto.

— Então, o que tem a ver Zeus com tudo isto?

— Em realidade, nada. Você é quem o trouxe para a conversa.

Deixou escapar um suspiro exasperado.

— Está me doendo a cabeça e você ainda evita minha pergunta.

— De acordo — disse-lhe simplesmente — Sou um Skotos.

Franziu o cenho ante a desconhecida palavra.

— E isso o que significa? Tem uma erupção?

Não pareceu nada divertido com sua pergunta.

— Não, humana, significa que estava acostumado a ser um deus do sonho.

Bom, ele era um pouco de sonho...

OH, não! Sim, não esta te tragando suas panaquices, ou sim? Parecia tão pouco provável e ainda assim, os Dark-Hunter para os que Tate trabalhava, era um exército de guerreiros imortais criados pela deusa Artemisa para proteger à

humanidade.

Sim, havia levado um tempo assimilar essa realidade. E, se acreditava que Tate não estava louco e que os Daimon eram reais, porque os tinha visto mais vezes do que quis, então não tinha mais opção que acreditar também este conto.

Respirando profundamente, para conter-se pelo resto de sua história, ficou tensa.

— E agora é?

— Um morto andante.

Com imagens dos Daimon tratando de comer atravessando sua mente, Simone saiu disparada do carro. Só podia pensar em escapar antes que ele a convertesse em seu jantar.

Não chegou muito longe.

Xypher se precipitou ante ela e a capturou contra seu peito.

— Disse a você que não.

Ela o tinha acertado na garganta.

Amaldiçoando, liberou-se enquanto lutava por respirar.

Xypher a olhou fixamente enquanto imaginava que a desmembrava em sangrentas partes. Zangado além da tolerância, jogou sua mão para frente e a apertou contra a parede. Com sua garganta ferroando de dor, equilibrou-se sobre ela tentando lhe fazer pagar seu ataque. Já tinha recebido suficientes golpes na vida...

— Volta a tentá-lo —grunhiu entre dentes apertados — e com bracelete ou sem ele, arrancarei sua cabeça e a usarei como batente da porta.

Simone sentiu que o medo subia por sua espinha dorsal, mas não tinha intenções de permitir que ele notasse.

— O que é o que quer de mim?

— Nada. Tudo o que quero é entrar no inferno dos Daimon para poder visitar e assassinar a uma velha amiga. Você é uma pobre inocente que ficou apanhada sob fogo cruzado.

Liberou-a de forma tão brusca que Simone quase caiu. Recompôs-se e se endireitou tanto como pôde, mas estava longe conseguir intimidá-lo já que lhe passava em uma boa cabeça.

— Não gosto que me ameacem que me mintam ou que me manipulem. Faria bem em recordá-lo! — disse.

Sorriu-lhe sarcasticamente.

— Ou o que? Vai choramingar?

Jesse arremeteu contra ele, mas, antes que pudesse atacar, Xypher se voltou e o sujeitou pelo pescoço. Lançando ao Jesse contra o chão, tornou-se para trás para golpeá-lo, mas se conteve antes de completar o ataque.

Afastou-se.

Jesse o olhou boquiaberto enquanto ficava de pé.

Simone estava assombrada. Apesar de que Jesse podia mover coisas, ninguém jamais tinha podido tocá-lo.

— Como é que pode tocá-lo?

Xypher cruzou os braços sobre seu peito.

— Ainda conservo muitos de meus poderes divinos, mas não todos, e os que ainda tenho vão e vêm de maneira imprevisível. Sem dúvida, cortesia do Hades e seu tortuoso senso de humor.

Jesse a olhou fixamente com incredulidade.

— Acredito que teremos que lhe acreditar. Ninguém tinha sido capaz de me tocar desde a noite em que morri.

Tragando, Simone fez um gesto de assentimento. O que Xypher acabava de fazer era impossível e inexplicável.

— De acordo. Começemos de novo. Você é um deus do sonho cujos poderes estão fodidos, e esta aqui para assassinar a alguém. Estes... — Ela elevou o braço no que tinha o bracelete— São um desafortunado presente.

Ele assentiu.

— Por tudo o que sei, estes pequenos joguinhos poderiam explodir e nos assassinar. Temos que encontrar a forma de nos tirar isso. Bem! Creio que conheço a alguém que pode ajudar-nos.

Você crê? Ela conteve seu sarcasmo, pressentindo que não ajudaria com o problema ou com sua irritabilidade.

— Bem. Acredito que conheço alguém que pode nos ajudar.

— Você? — Ele zombou — Você conhece alguém — Ele riu.

OH, isso a ofendeu.

— Hein, acontece que conheço muitas pessoas. A maioria delas é realmente incomum.

— Sim, e acaso algum deles tem algum tipo de conexão com um deus Grego?

— Pois de fato, sim. — Olhou-o cheia de si mesmo —
Acontece que trabalham para a Artemisa.

Reagiu instantaneamente.

— Conhece os Dark-Hunter?

— Não pessoalmente, mas conheço um Escudeiro.

— Me leve a ele.

Essas palavras lhe caíram como balde de água fria a metade da noite.

— É um verdadeiro mandão. Quem morreu e te converteu... —

Simone se deteve ao dar-se conta de que se dizia a verdade, então o homem era realmente um deus. O que respondia a sua pergunta. E explicava bastante sobre seu ego e prepotência.

— Esquece-o! Sobe ao carro e vamos procurar Tate. Se estiver certo sobre estas coisas explodirem, então precisamos nos apressar.

Apareceram dentro do carro instantaneamente.

Simone sacudiu a cabeça para limpar-se enquanto um estranho zumbido lhe sussurrava nos ouvidos.

— Uau! Pode nos levar ao escritório do Tate dessa forma?

— Só se tivesse estado ali antes. Devo conhecer o lugar ao que me dirijo para aperfeiçoá-lo. Do contrário poderíamos ficar presos em meio de uma parede ou aparecer em algum outro lugar de merda.

“De merda”, era mau. Definitivamente não queria isso. Ser implantada a uma parede não melhoraria as coisas.

Jesse apareceu no assento traseiro.

— Por certo, notaram que Glória se desvaneceu durante a perseguição? Não tenho idéia se considero como algo bom ou como algo mau.

A tristeza a envolveu enquanto punha em marcha o carro.

— Estou segura de que é mau. Mas, nos preocuparemos

com ela depois de falar com o Tate. A menos que possa encontrá-la no outro plano, não há muito mais que possamos fazer por ela agora.

O medo cintilou nos castanhos olhos do Jesse.

— Sim, claro. Recorda o que aconteceu a última vez que fiz isso? Não é uma experiência que queira voltar a enfrentar.

Tampouco ela. O pobre Jesse quase tinha sido devorado por um Daimon.

Simone conduziu para o escritório de Tate e agarrou o telefone. Marcou o número para assegurar-se de que ele estivesse dentro. Atendeu à quarta chamada.

— Olá, meu amor. Acabo de contatar com os Escudeiros.

Deslizou seu olhar para Xypher, que permanecia sentado luzindo sério e irritável.

— Isso é genial, mas agora mesmo tenho um real e premente problema.

— Encontrou algo?

— Bem... Algo me encontrou.

— A que se refere? — perguntou, sua voz denotava medo.

Simone considerou qual seria a melhor maneira de lhe contar o que tinha acontecido. Não costumava fazer rodeios. Além disso, se Tate trabalhava para os Dark-Hunter, talvez estivesse a par do que era um Dream-Hunter.

— Enquanto procurava nos arredores, um grupo do Daimon apareceu e também... um Skotos.

Riu nervosamente.

— Está me tirando o sarro, não é certo?

Xypher arqueou uma bonita sobrancelha como se pudesse ouvir a conversa.

— Não — respondeu alargando a palavra — e estou acreditando que sabe do que se trata.

— Absolutamente. Feriram-lhe?

— Raspado, um pouco. — Olhou à esquerda sobre o Canal— Mas a medula do assunto é que os Daimon me grampearam algo no pulso e também na do Skotos. Não sabemos o que é e precisamos encontrar a alguém que saiba.

— Necessita um oráculo — Tate fez que isso soasse

como algo tão fácil.

Simone sacudiu a cabeça.

— Sim, e nos encontramos um pouquinho afastados de Delphi, carinho.

— Não tem que ir a Grécia, neném. Conhece o Julián Alexander, certo?

Franziu o cenho ante o nome tão familiar.

— O sexy professor de história?

— Não é que o considere sexy, mas sim.

Ela ignorou o sarcasmo.

— Não estará realmente me dizendo que ele é um oráculo que fala com os deuses?

Tate riu com malícia.

— Te prepare, neném! É filho da Afrodite.

É obvio que era... por que deveria algo neste mundo ter sentido?

Deus santo, não é como se não estivesse sentada junto a um dos homens mais bonitos do mundo e que também era um deus. Ou que tivesse um tolo fantasma adolescente sentado no assento traseiro de seu carro, cantarolando a letra da canção “Todos querem dominar o mundo”, do grupo Tears for Fears.

Quão único tinha sentido era que o especialista do departamento de história era também, um semideus...

— Estava segura de que não gostaria da resposta — murmurou — E pensar que todo este tempo, acreditei que somente se tratava de um professor bonito.

— E todos seus alunos acreditam que é uma excêntrica porque parece falar sozinha, quando descobrem tendo uma conversa com o Jesse.

— É obvio que acreditam. Certo, como o encontro?

— Darei seu número.

Simone repetiu o número para que Jesse a ajudasse a recordá-lo. Desligou a chamada com o Tate, e imediatamente chamou o Julián. Atendeu ao telefone à terceira chamada.

— Dr. Alexander?

— Sim?

— Não sei se me recordará, mas nos encontramos em um par de funções da faculdade. Sou a Doutora Simone Dubois, a

professora do Exame Médica e Patologia...

— Sim, lembro-me.

Isso era impressionante, dado que não tinha nada de especial. Era de estatura média, peso médio, tinha o cabelo ondulado de cor castanho escuro e olhos pardos e normalmente vestia-se em tons bege ou marrom, ou usava seu avental branco de laboratório. Como regra geral, não permanecia na memória das pessoas. De fato, seu grupo de secundária a tinha votado como a “Pessoa Com Mais Probabilidades de Ser Esquecida” ou “Que Lhe Sentassem Em cima Por Acidente”. O fato de que o Dr. Alexander a recordasse provocava-lhe uma pequena e infundada emoção.

— Bom! Porque estou metida em algum tipo de embrulho.

— E isso seria? — Ainda através do telefone ela podia ouvir seu tom de reserva.

Xypher lhe tomou o celular das mãos e começou a falar com Julián em uma língua que ela nem sequer pôde identificar. Apesar disso, a suave e poesia lírica da qualidade da linguagem era incrivelmente sexy. Era o tipo de tom que poderia esquentar a uma mulher ainda se estivesse pedindo uma pizza. Odiava o fato de que a afetasse.

Maravilhoso ou não, era um cretino e quão último uma mulher precisava era alimentar seu maciço e prepotente ego.

Poucos minutos depois, devolveu-lhe o telefone.

— Vai te indicar como chegar a sua casa.

— Obrigada — disse-lhe friamente. Tomou o telefone que lhe entregava — Dr. Alexander?

— Me chame Julián.

Escutou enquanto explicava como encontrar sua casa. Felizmente, não estavam muito longe.

Não levou muito tempo encontrar o pequeno bangalô nos subúrbios de St. Charles. Simone não tinha terminado de estacionar antes que Xypher os transportasse até o alpendre.

— Sabe, isso é realmente aborrecido e desconcertante.

— Não me importa absolutamente — Bateu na porta.

Simone sacudiu a cabeça e Jesse a imitou. Parecia tão encantado como ela.

Julián abriu a porta com cara de poucos amigos. Nunca



falhava em surpreendê-la a magnitude de quão arrumado era esse homem. E não era quão única pensava assim. Suas classes estavam sempre abarrotadas de estudantes femininas que não queriam outra coisa que olhá-lo fixamente. O fato de ser um dos maiores peritos no mundo sobre civilizações antigas era uma espécie de bonificação.

O bom doutor estreitou seus olhos ante Xypher como se não pudesse acreditar o que via.

— Tem emoções!

Xypher curvou seu lábio.

— Em realidade não. Só tenho uma. Ira! A menos que conte uma insaciável sede de vingança como tal. Então seriam duas.

O cenho de Julian se aprofundou.

— Como é que pode!

— Olhe — Xypher falou bruscamente — Não tenho tempo para isto. Tira o bracelete para que possa me largar a fazer o que tenho que fazer.

— Tem a idéia fixa — explicou Simone.

— Sim, já vejo — Julián deu um passo atrás — Entra e me deixe vê-lo.

Literalmente arrojou seu braço na cara de Julián. O homem era realmente odioso.

— Aí!

— Tenho a suspeita de que foi criado por símios — disse Simone ao Julián.

Riu pelo baixo antes de agarrar o antebraço de Xypher e examinar o bracelete enquanto permaneciam de pé na entrada.

— Isto não é grego.

Xypher se mofou.

— É obvio que é! Conheço o trabalho do Hefesto.

— Também eu, e, isto não é! — Dobrou seu braço para ver melhor o ferrolho.

— Não posso sabê-lo com exatidão, mas acredito que a origem disto é Atlante.

Ainda não parecia de todo convencido.

— Está seguro?

Julian assentiu severamente.



— Hefesto é meu padraсто. Tenho suas bagatelas por toda minha casa... e experiência com alguns de seus artigos. Incluindo algemas. O ferrolho nestas é definitivamente algo diferente.

Simone queria gemer pela frustração. Se Julián não podia ajudá-los, então quem poderia?

— Sabe para que serve?

— Em realidade não, mas se pudessem entrar na casa e sair assim do campo de visão de meus vizinhos, posso perguntar.

Os olhos de Xypher se obscureceram perigosamente.

— Nem sequer tente —disse— enfrentei coisas muitos piores que um Skotos de saco cheio.

Xypher o olhou ameaçadoramente.

— Terá que dormir em algum momento.

— Você também.

Simone deixou escapar um som de desgosto.

— Tranqüilos, meninos, tranqüilos. Por favor! Tão somente queria me liberar antes de morrer por uma overdose de testosterona.

Sem dizer uma palavra, Julián os guiou dentro da casa, para a sala de estar. Simone sorriu ante a visão dos brinquedos dispersados pelo chão, em contraste com o resto da imaculada casa. Sobre o suporte da chaminé havia fotografias de Julián junto a uma mulher de cabelo escuro e uns meninos, dois varões e duas meninas. Aparentavam felicidade absoluta.

—Não sabia que tinha filhos — disse-lhe ela, enternecida pela visão.

Ele sorriu orgulhosamente.

— Estão na casa de uns amigos com sua mãe. Estava tentando montar um programa de estudos para minha nova classe, aproveitando a tranqüilidade e a falta de um bebê que rabisque minhas notas. Sua irmã maior acaba de lhe ensinar como desenhar tulipas e esteve plantando-as por todos os lados.

Para constatar suas palavras, havia duas brilhantes tulipas rosa, da altura de um bebê, desenhados sobre a parede atrás deles.

Simone podia imaginar quão difícil poderia ser idealizar material de estudo interessante e benéfico enquanto atendia a um bebê.

Pessoalmente, odiava ter que preparar programas de estudo e isso sem contar com... Pensando bem, tinha ao Jesse. Realmente podia identificar-se com a situação do Julián.

— Sinto que estejamos te incomodando!

— Descuida! — disse em um tom amistoso— Se esta for a pior interrupção que tenho pelo dia, então me foi notavelmente bem.

Depois disso e sem dizer uma palavra, Julián inclinou sua cabeça para trás e olhou para o teto.

— Hein Mã, tem um minuto?

Simone olhou para as escadas, pensando que sua mãe estaria na casa.

Resultou que não era o caso. Um brilho de luz a deixou virtualmente cega, antes que uma mulher loira incrivelmente formosa surgisse ante Julián. Magra e cheia de graça, vestia um traje de lã branca, sua mãe parecia tão assombrada pela presença de Simone como Simone estava pela sua.

Sem mencionar o fato de que não aparentava ter sequer um dia mais que ele. Santa hóstia! Havia uma real e vivente deusa ante ela! O que apareceria a seguir? Um dragão? Assim fosse Brad Pitt, estaria dentro do normal.

— O que acontece? —perguntou Afrodite.

Julian apontou com a cabeça Xypher, que apresentava seu usual e ameaçador olhar de ira.

—Temos um problema.

Afrodite se voltou e fez uma careta.

— Você? O que está fazendo aqui? Acreditava que estava morto.

— Estou. Obrigado! Você também te vê bem, para ser uma velha decrépita.

Afrodite o olhou como se suas palavras lhe deixassem um mau sabor na boca.

Xypher a ignorou ao mesmo tempo em que elevava o bracelete para ela.

— Estou aqui para me tirar isto, e se não for possível

tirá-lo, ao menos quero saber o que é e o que faz.

Simone não acreditou que a deusa pudesse perecer mais enojada e ainda assim se aproximou amavelmente. Ao menos, até que riu.

— Juro-o pelo rio Styxx, Xypher, jamais vi a ninguém enfurecer mais aos deuses que você. A quem irritou esta vez?

Um músculo se esticou na mandíbula de Xypher.

— Não jogue comigo, Afrodite. O que é?

— É um deamarkonian. Uma bonita bagatela criada pelos deuses Atlantes para vencer o invencível. Não tinha idéia de que ainda existissem. Onde o encontrou?

— Encontrei-o aceso a meu pulso. Agora, o que é o que faz exatamente?

Encolheu-se de ombros da forma mais grácil que Simone tivesse visto.

— Vincula as forças vitais de duas entidades. Você e — se voltou para a Simone — sua pequena amiga. Se um de vocês morre, o outro morre também. Os Atlantes o usavam para matar a alguém mais forte. Vincula-o com alguém fraco, então matas ao fraco para acabar assim com o forte. Simples.

Xypher amaldiçoou.

— OH! Mas fica ainda melhor — disse Afrodite, enrugando o nariz em direção a ele — Devem permanecer juntos. Se afastarem-se muito um do outro, ambos morrerão.

Simone ficou estática.

— O que?

Ela assentiu.

Xypher amaldiçoou outra vez.

— Como de longe?

— Não tenho idéia. Adivinho que o descobriremos assim que um de vocês cruze o limite e ambos caiam mortos.

Esta vez a maldição do Xypher foi tão obscena que Simone se ruborizou.

— Não posso ficar preso! — grunhiu.

Ela abriu a boca ante suas palavras de fúria.

— Como se você fosse meu sonho feito realidade! Acredite esse retorcido sentimento que tem em seu estômago, compartilho-o amplamente!

Estreitou os olhos para ela, mas se recusou a deixar-se intimidar.

— Conhece alguma maneira que possamos nos tirar isto? — perguntou a Afrodite.

— Não sei.

Por sua expressão, Simone adivinhou que essa não era a resposta que Xypher queria.

— A que se refere com que não sabe? — perguntou.

— O que passa com você? Está cego? Não sou Atlante, o bracelete foi criado para acabar conosco, e isso significa que os deuses Atlantes que o criaram não estavam realmente interessados em compartilhar suas debilidades. Se conhecer alguém vinculado a seu panteão morto, sugiro que tente com eles — voltou-se para Julian e suas feições se suavizaram.

— Vejo-te logo, coração! — E se esfumou.

— Afrodite! — Xypher gritou para o teto — Traz seu fraco traseiro aqui!

Simone se mofou.

— Não imagino por que não responderia a isso — Entrecerrou os olhos para Xypher.

— Onde aprendeu maneiras? Na prisão?

Ele a olhou como se pudessem visualizar suas mãos ao redor de seu pescoço. Não lhe importava, já que casualmente, albergava a mesma fantasia com respeito a estrangulá-lo... Preferencialmente com um desses braceletes com os quais os tinham vinculados.

Julián deixou escapar um comprido suspiro ao tempo que apoiava as mãos nos quadris.

— Espero que seja amigo do Acheron. É o único Atlante que conheço.

Xypher não parecia muito emocionado a respeito.

— Me dê seu número.

Simone arqueou uma sobrancelha para Xypher.

— Acaso não pode fazê-lo aparecer de um nada?

Julián riu.

— Boa sorte! É a única pessoa que conheço que pode ser mais irritável que minha mãe ou inclusive Xypher. Não invoca ao Acheron. Solicita-o amavelmente.



— Estou farto de que os deuses joguem com minha vida!
—Xypher grunhiu enquanto Julián entregava uma parte de papel com o número rabiscado nele.

Um raio de esperança atravessou os olhos de Julián.

— Conheço o sentimento. Mas às vezes, a salvação chega ao momento menos esperado — Seus olhos se pousaram sobre Simone — E de parte da pessoa menos provável.

Xypher revirou os olhos.

— Não me encaixa essa merda! Estou em contagem regressiva. Em vinte e dois dias volto para o inferno. Minha única meta é me assegurar de que desta vez, não irei sozinho.

— Então te desejo sorte. —Julián lhes abriu a porta— Se necessitarem algo mais me faça saber.

Simone lhe agradeceu antes de liderar o passo através do alpendre. Entregou o celular a Xypher enquanto caminhava para o carro, estava realmente surpreendida de que não os tivesse feito aparecer dentro. Depois de tudo, ele estava distraído. Não disse uma palavra. Limitou-se a agarrar o celular e marcar o número com uma expressão irritável, que era de algum modo, tentadora.

— É obvio que não está disponível... —disse em um tom gutural. — Depois, em um tom de voz mais normal disse — Acheron sou Xypher. Quando ouvir as mensagens, necessito que me devolva à chamada. Tenho um problema e necessito que ponha em contato comigo o antes possível. Fechou o móvel e o devolveu.

Simone o pôs em seu bolso traseiro.

— Acredita que responderá?

— Não o duvide.

Obrigou-o a deter-se sobre a calçada,

— Precisa ser tão áspero cada vez que responde?

— E você precisa ser tão condenadamente alegre? Era muito pedir que me encadeassem a uma muda depressiva ou a alguma dessas tias que vestem de negro e escrevem patética poesia.

Em sua vida nunca a tinham ofendido tanto.

— O que é o que passa contigo?

Seus olhos cintilaram na escuridão.



— Agradece humana, que jamais poderá entendê-lo.
Entender o que? Que ele era um imbecil? Não havia desculpa para isso.

— Sabe? Não é o único com problemas nesta equação. Resulta que tenho uma vida e um trabalho. Quão último preciso é carregar com um gorila de cento e quarenta quilogramas com um ressentimento tão grande sobre seus ombros, que é um mistério que não lhe tenha saído uma corcunda.

— Não peso cento e quarenta quilogramas.

Ela arqueou uma sobrancelha ante sua resposta.

— Não nega a parte do gorila?

— Não.

Isso tirou grande parte de sua fanfarronice. Era difícil atacá-lo quando parecia tão contente com o fato de ser um monstro.

— Né, Simone? —Havia uma nota de pânico na voz do Jesse.

Ela se voltou a olhá-lo.

— Sim?

— O que é isso?

Olhou na direção que apontava. Alto e ágil, com olhos vermelhos que cintilavam na escuridão.

E se dirigia para eles.

CAPÍTULO 3

Xypher a empurrou para Jesse.

—Vós dois fique atrás.

Simone não pretendia discutir, tendo em conta o tamanho da criatura que se aproximava e o fato de que sua pele parecia estar fervendo e jogando fumaça.

Vestindo uma capa negra que flutuava a seu redor, escurecendo-o completamente, exceto por esses horripilantes olhos vermelhos, foi para Xypher tão rápido que ela mal pôde

distingui-lo.

Arremeteram um contra o outro.

Xypher fez girar ao demônio, que rodou e disparou uma bola de fogo. Ele esquivou o fogo, logo jogou sua mão adiante, para reenviar ao Smokey, o Demônio.

Não funcionou.

O demônio pôs-se a rir.

— Pobre Xypher. Tem problemas?

— Para te chutar o traseiro, Kaiaphas? Nunca.

A capa se desvaneceu. Na escuridão, a pele fervente do demônio se articulou como se fosse couro. Seu rosto mudou ao de uma gárgula, enquanto que o algodão de sua vestimenta se convertia em uma lustrosa armadura negra, que se ajustava aos musculosos contornos de seu corpo. Seus olhos ainda cintilavam como brasas brilhantes no fogo.

Kaiaphas tirou uma curta espada e a fez girar ao redor de seu corpo antes de atacar Xypher, que esquivou à lâmina. Uma munhequeira chapeada apareceu em seu braço, que não tinha o bracelete. Xypher a usou para tirar a lâmina das mãos do demônio. Mas, antes que pudesse capturá-la, Kaiaphas a apanhou em sua mão esquerda e tentou apunhalá-lo uma vez mais.

Girando sobre seus calcanhares, Xypher empurrou ao demônio. Kaiaphas cambaleou, reincorporando-se imediatamente.

Kaiaphas se pôs a rir.

— Melhorou.

— Sim, os pirralhos crescem eventualmente — Xypher lançou um chute, mas Kaiaphas apanhou sua perna e deu um puxão.

Xypher deu uma cambalhota no ar para aterrissar de pé. Pôs-se a correr para o demônio e o agarrou à altura da cintura. Ambos caíram para trás, ainda lutando.

Simone queria correr, mas recordou que enquanto levasse o bracelete não poderia afastar-se muito sem provocar a morte de ambos.

— Busca uma arma — sussurrou forte ao Jesse, ao mesmo tempo em que procurava um ramo de árvore ou algo que

servisse para ajudar Xypher a acabar com o demônio.

De repente, Jesse amaldiçoou.

Simone girou para olhar aos combatentes, para ver o que causou tal reação em Jesse. Em um abrir e fechar de olhos, Kaiaphas fez girar a espada em sua mão e apunhalou Xypher no abdômen, atravessando-o de lado a lado.

Xypher emitiu um ofego. O sangue se juntava ao redor do punho da espada, fluindo sobre a mão de Kaiaphas.

O demônio riu.

— Parece que suas habilidades não melhoraram o suficiente, né? — Logo deu uma cabeçada em Xypher. O golpe fez Xypher cambalear para trás, e a espada saiu despedida de seu corpo.

Caiu ao chão de joelhos, enquanto Kaiaphas elevava sua espada para o golpe de misericórdia.

Simone apertou os dentes, enquanto revivia em sua mente as mortes de sua mãe e seu irmão menor. Um sentimento de ira infundada a sobressaltou, impedindo-a de pensar racionalmente.

Nesse momento, o demônio se converteu no foco de vinte anos de frustração e desesperança, por causa de um sistema legal que lhe tinha falhado. E uma raiva tão amarga, que quase podia saboreá-la. Pensando só em salvar Xypher, Simone agarrou o spray pimenta do bolso de seu casaco e pôs-se a correr para o demônio. Deslocando-o de um tranco com toda sua força, conteve o fôlego e o orvalhou com o spray.

Kaiaphas tossia e cuspiu. Jogando faíscas pelos olhos, correu atrás dela.

Simone se preparou para o ataque, pretendendo defender-se somente com suas mãos. Mas, antes que a agarrasse algo o separou de um tranco.

Um brilho de cabelos loiros confirmou que se tratava de Julián, que trazia uma arma consigo. Interpondo-se em seu caminho, forçou ao demônio a afastar-se dela e de Jesse.

Enquanto se ocupava do demônio, ela correu para Xypher, que jazia no chão coberto de sangue. Seu rosto estava pálido e tremia visivelmente. O sangue brotava a fervuras entre suas mãos.



— Shii! — disse Simone, afastando sua mão para poder ver a irregular ferida — Te tenho Xypher. Não se preocupe — girou para olhar sobre o ombro— Jesse, vai ao carro e me traga minha maleta de emergência.

Jesse se apressou para o veículo enquanto ela examinava a ferida no ventre de Xypher. Via-se espantosa. E assim que o tocou, o amaldiçoou. Suas fossas nasais se dilataram e estava segura de que a teria golpeado.

Felizmente, desmaiou antes de levar a cabo a não pronunciada ameaça.

Ela elevou o olhar para ver Julián envolto em uma impressionante luta de espadas. Moviam-se tão depressa, que só podia ver as faíscas que cintilavam cada vez que suas espadas chocavam. O som de metal contra metal era ensurdecedor e envolvia tudo exceto seus grunhidos e insultos.

De repente, em um movimento fluido, Julián evitou ao demônio e o passou a um lado antes de apunhalá-lo nas costelas.

Cambaleando-se para trás, o demônio vaiou, mostrando um jogo completo de afiados dentes, antes de dissolver-se na escuridão. Tudo o que ficou atrás foi o fedor a sulfureto e algo que recordava ao melaço.

Julián estirou o pescoço, como tentando perceber algo. Girou para ela ao mesmo tempo em que Jesse lhe alcançava a maleta. Ela se concentrou em deter a hemorragia de Xypher. Não era fácil, especialmente quando começou a sentir que se enjoava.

— Está bem? — Perguntou Jesse.

— Não estou segura.

Julián se ajoelhou a seu lado.

— Precisamos tirá-lo do ponto de ser visto, se entende a que me refiro.

Ela certamente o fazia. Tinham sido afortunados, de que nenhum carro circulasse perto durante a luta, ou pior ainda, que o cão do vizinho não tivesse necessitado um passeio.

— Não poderia estar mais de acordo.

Um segundo depois, estavam na casa de Julián, em uma habitação do segundo piso que estava decorada em tons verde e creme, e equipada com bonitas antiguidades Vitorianas.

Ela e Julián ficaram de pé junto ao leito de tamanho Queen enquanto Xypher jazia sobre o mesmo.

Jesse apareceu um segundo depois e enrugou o nariz.

— Essa é uma ferida repugnante. Deve doer.

Julián fez uma careta ao ver como emanava sangue pelo flanco de Xypher.

Sem dizer uma palavra, rasgou a camisa de Xypher. Conteve o fôlego e se lembrou de uma das vantagens de seu trabalho. Os cadáveres, não sangravam sobre sua mesa de exames. Não tinha atendido um paciente vivo desde que foi uma interna na universidade.

Julián olhou sobre o ombro.

— Como se encontra?

— Essa... coisa, o que quer que seja, deixou-o feito um desastre. A espada atravessou seu corpo de lado a lado.

Julián fez uma careta.

— Sim, essa ferida dói o bastante. Sofri algumas dessas, tempo atrás.

Ela decidiu deixar passar o comentário, enquanto inspecionava a hemorragia o melhor que podia.

— Realmente preciso levá-lo ao hospital, mas, tendo trabalhado na Sala de Urgências durante anos, sei o tipo de perguntas que nos farão e que não poderemos responder.

— Aguarda, levarei a um.

Ela abriu a boca para protestar.

Julián levantou a mão para silenciá-la antes que começasse.

— É um lugar seguro, chamado Santuário. A sala de hospital está equipada para este tipo de circunstâncias. É um lugar onde aqueles que não são humanos podem ir em busca de auxílio. Terá tudo o que necessita e não haverá perguntas sobre a procedência de nenhum de vós.

Isso a fez sentir muito melhor.

— Bom! Porque a menos que comece a curar-se por si mesmo imediatamente, necessitará cirurgia... rápido. Ou morrerá.

A morte era uma possibilidade que preferia evitar.

Julián olhou a cama empapada de sangue e fez uma

careta de dor.

— Deveria tê-los levado ali antes de arruinar o edredom. É o que ganho por tentar passar por um humano todo o tempo. Às vezes esqueço meus próprios poderes.

Quão próximo soube, foi que se encontrava em um lugar parecido a um consultório médico. O interior estava revestido de aço, exceto pelos pisos de ladrilhos brancos e as paredes também brancas, que estavam repletas de estantes de vidro abarrotadas de remédios. Havia também uma acolchoada maca, junto à que se depositavam três bandejas cobertas de instrumentos médicos e cirúrgicos. Como lhe tinha prometido, continha tudo o que necessitava para examinar Xypher.

Julián se situou a seu lado, carregando Xypher nos braços. Uma tarefa nada singela, tendo em conta que o homem era vários centímetros mais alto que ele.

— Estou desorientada! — disse Simone em voz baixa enquanto a assaltava uma sensação de enjôo. Abraçou-se à maleta mais próxima para orientar-se.

Ignorando-a, Julián gritou:

— Carson?

A porta da esquerda se abriu, para revelar a figura de um homem alto, de origem Nativa Americana que os olhou enfurecido. Seu comprido cabelo negro estava preso em um firme rabo-de-cavalo e suas feições afiadas, assemelhavam-se às de uma ave de rapina.

— Não gritem! Tenho ouvidos extremamente sensíveis.

— Sinto-o — respondeu Julián — Mas temos um problema. Carson, Simone. Simone, Carson. Ele é cirurgião.

— OH, graças a Deus! — disse, agradecida de que houvesse outro doutor presente — Só opero aos mortos.

Carson não fez comentário a respeito. Em vez disso, seu escuro olhar se pousou sobre o Xypher.

— E o tio que sangra seria...?

— Um Dream-Hunter.

Carson ficou com a boca aberta ante a resposta de Julián.

— Sangram no plano humano?

— Aparentemente, e parece que bastante.

Carson assentiu brevemente antes de atravessar a sala para abrir uma porta atrás deles.

—Tragam aqui e coloquem sobre a mesa.

Julián não duvidou em obedecer.

Simone o seguiu dentro da sala de cirurgia. Igual à habitação exterior, estava limpa e esterilizada, tinha móveis de aço e grandes luminárias sobre a mesa cirúrgica. Parecia-se com qualquer sala de cirurgia que ela tivesse visto antes e estava impressionada com a qualidade dos instrumentos e monitores. De fato, sabia que vários hospitais matariam por encontrar-se tão atualizados.

Enquanto Julián depositava Xypher sobre a mesa, ela se encaminhou à pequena habitação da direita onde um lavabo preparatório a aguardava para lavar-se.

Carson a seguiu imediatamente.

— Parece que sabe o que faz.

— Sou Medica Forense e me ocorreu que teria que necessitar um assistente para a cirurgia — secou as mãos com uma das toalhas verdes que estavam empilhadas sobre o suporte junto ao lavabo.

Ele inclinou a cabeça antes de começar a ensaboar as mãos.

— Bom mulher! Meu assistente de sempre tem o dia livre.

Julián apareceu na entrada com a roupa coberta de sangue.

— Se ninguém me necessitar aqui, estou planejando voltar para minha casa a fazer um inventário dos danos de minha cama. E rezar a Deus, que nenhum de meus vizinhos tenha visto a descomunal batalha que levamos a cabo na rua, com nosso amigo demônio na vizinhança.

Carson pigarreou.

— Por favor, nada deve ficar gravado em fita de vídeo e Deus nos livre das Câmaras Web. Juro que odeio a era moderna.

Simone ignorou seu mordaz comentário e olhou Julián nos olhos.

— Boa sorte e obrigado pela ajuda.

Julián sorriu e se desvaneceu, enquanto Carson conduzia



uma mesa de instrumentos para a habitação contígua.

— Não necessitaremos máscaras e uniformes? —
Perguntou Simone.

Ele negou com a cabeça.

— Lavo as mãos por hábito. Basicamente, esse teu amigo, deveria ser imune aos germes que matam aos humanos. E de qualquer modo, se algo pudesse infectá-lo, seria algo contra o que não poderemos protegê-lo.

—OH! — Simone se colocou no lado oposto da mesa e o ajudou a remover o esparadrapo provisório do flanco de Xypher. Estava um pouco surpreendida que Carson não tirasse os jeans de Xypher, mas parecia satisfeito deixando-o parcialmente vestido.

Dado que ela jamais tinha operado ninguém, muito menos alguém que não fosse humano, mantinha seus conhecimentos cirúrgicos em segredo. Obviamente, o homem sabia o que fazia ou Julián não os traria aqui. Sem mencionar que ninguém teria pagado por todo esse equipamento, a menos que soubesse como usá-lo.

Era óbvio não?

Ela esperava que assim fosse. Dando um passo atrás, viu como Carson o abria e começava a trabalhar na ferida. Ela se encolheu ao reconhecer o dano causado. Suas artérias e suas malhas eram um pesadelo.

Pobre homem!... Ou o que seja que fosse.

Uma pontada de culpabilidade a atravessou ao recordar a maneira em que se havia interposto entre ela e o demônio. Tinha recebido o pior da luta, e tinha feito o mesmo no beco, para que eles não acabassem feridos.

Apesar de toda sua grosseira fanfarronice, ele tinha coração e ao menos, um código de moral básico. Esse entendimento suavizou a maneira em que se sentia sobre ele. Na realidade, não era tão mau. E enquanto o olhava fixamente, uma parte dela se comoveu por sua consideração.

Carson se estirou para agarrar um grampo de sua imaculada bandeja.

— Com o que lhe cortaram?

— Uma espada curta.

Ele sacudiu a cabeça.

— Parece que o atacaram com uma moto serra. Olhe o estrago que há aqui — Ele retirou a pele para que ela tivesse uma vista completa.

Simone lhe alcançou um novo grampo notando quanto sangrava Xypher. Carson estava certo. Era tremendo.

— Não sei se isto ajuda ou sequer importa, mas o homem que brandia a espada era uma espécie de demônio.

— Sabe a que panteão pertence?

Esta tinha que ser a conversa mais atordoada que teve em sua vida. Não havia muitas pessoas, com as quais pudesse falar sobre a aparição de um demônio no meio da rua cujo propósito era te atacar, que aceitassem tranqüilamente, para logo formular uma pergunta tão simples. Deveria ser interrompida a gargalhadas.

E muito álcool.

— Ah, não. Mas Xypher o chamou Kaiaphas.

Carson amaldiçoou.

Simone se deteve ao notar a inesperada demonstração de ira que causou o nome.

— Conhece-o?

— Parte grega e parte suméria, todos os bodes. É um milagre que algum de vocês tenha sobrevivido. Mas a verdadeira pergunta é, por que atacaria vocês? Esse não é seu estilo.

— A que se refere?

— Kaiaphas é um doleodai. Um demônio vinculado. Não pode atuar por conta própria, a não ser sob as ordens de alguém mais.

Esse era um dado interessante. Simone queria rir ante o absurdo de tudo o que tinha acontecido desde o almoço.

— Como demônios fiquei envolvida nisto? Tudo o que queria era inspecionar uma simples cena de crime e voltar para casa. Não... Retiro o que disse. Tudo o que queria, era compartilhar um sanduíche de presunto e queijo com um velho amigo. Agora, vejo-me arrastada em meio de um conflito de deuses gregos e nem sequer é a hora do jantar. Não posso esperar para ver o que passará a seguir.

Carson sorriu.

— Tive esses dias.

— Com certeza que sim.

— Não, sério! Deveria me seguir a todas as partes e documentar todas as raridades em que me vejo envolvido.

— Como quais?

Ele tirou o grampo de sua mão.

— Bom, houve uma vez em que Marvin nosso anterior mascote, um macaco, escapou de seu dono, Wren, ele é um tigre que pode adotar forma humana e subiu ao segundo piso para dormir com o dragão. Resultou que nosso dragão residente é alérgico aos macacos. Quem poderia saber ou imaginar algo assim? Ao Max brotou uma comichão em áreas que ainda me fazem encolher ao recordá-las. Até o dia de hoje, se lhe mencionar a palavra “bonito”, cospe fogo. Também em outra oportunidade... Ou melhor, não lhe contar essa. Se chegasse aos ouvidos do Dev, arranca-me o coração para comê-lo.

Simone retrocedeu acima de tudo o que estava lhe contando. Não... Não podia ser. Podia?

— Vocês têm licantropos aqui?

Fazendo uma pausa, ele levantou a vista para olhá-la.

— Não é uma Escudeira?

— Não.

Ele teve que conter o fôlego e seu rosto se cobriu com um véu de irritação. Grunhindo, ficou a suturar.

— Não tinha conhecimento sobre nada do que falei até que o escutou saindo de minha boca, verdade?

— Não.

Ele amaldiçoou uma vez mais.

— Não posso acreditar o que acabo de fazer! Assumi, já que sabia sobre Xypher e o demônio, e Julián que te trouxe aqui dentro, que saberia tudo sobre nosso mundo!

Não, mas estava recebendo uma rápida introdução que a assustava mais e mais, conforme passavam os minutos. Em todas suas conversas com Tate, ele jamais tinha mencionado aos licantropos.

— Mas parece que agora sim — disse ela, tratando de fazê-lo sentir melhor sobre sua verborragia — Daily Inquisitor,

lá vou... Melhor ainda, ao psiquiatra da localidade.

— Sim. E acabo de romper novecentas regras. O que opina de mantê-lo entre nós?

— Me acredite, carinho! Não vou falar. Valorizo a pouca saúde mental que ainda conservo e o último que quero é ver-me envolvida no meio do que estou agora. Mostre a saída e Alice sairá da toca do coelho. De volta na terra e feliz de desenvolver a síndrome de Alzheimer sobre todo este incidente. De fato, nem sequer estou segura de me encontrar aqui. Estou pensando que talvez um Daimon me golpeasse na cabeça e tudo isto é uma grande alucinação causada por uma severa perda de sangue!

— Sempre divaga assim?

— Sim! Encontro-o tranqüilizador.

Ele pôs-se a rir enquanto continuava operando Xypher. Simone se deteve ao precaver-se de algo.

— Não lhe ministramos nada para mantê-lo inconsciente. Não deveríamos fazê-lo?

— Não. Não serviria de nada. Os Dream-Hunters são imunes a esse tipo de drogas.

— Sêrio?

Ele assentiu, inclinando-se para diante para enfocar-se melhor no que estava fazendo.

— São deuses. Os remédios humanos não surtem efeito neles.

— Então, por que o estamos operando?

— Porque está inconsciente e sangrando... Nunca antes tinha visto um Dream-Hunter sangrar. Especialmente, não desta forma. Mas intuo que se pode sangrar, poderia sangrar completamente e morrer.

Por um lado isso tinha sentido, mas pelo outro...

— Os deuses não podem morrer, ou sim?

— É obvio que podem. Só que não é coisa fácil e usualmente, requer algum tipo de arma imortal, que apostaria, é o que se encontrava entre as mãos de Kaiaphas quando o atacou. — Levantou a vista para olhá-la agudamente — Os demônios não costumam atacar a um deus ou a nenhum outro, a menos que estejam convencidos de que lhe matarão. Tendem a



encher o saco ao objetivo, que ideará maneiras de torturar e matar ao demônio. E logo, tudo se volta uma confusão quando decidem atacar-se mutuamente. Como regra geral, os demônios perdem. E mais ainda, se referirmos a um deus enfurecido, portanto, os demônios tendem a ser um pouco mais cautelosos que o predador habitual. Quando dão o golpe, costuma ser rápido e mortal.

Simone deixou escapar um lento suspiro ante a simples veracidade da afirmação. Baixou a vista para Xypher que jazia em um aparentemente pacífico repouso. Seu corpo estava esculpido e era letal. Um espécime perfeito de beleza masculina.

Adormecido, dessa forma, parecia com um anjo, mas, dada sua austera personalidade, ela só podia imaginar a lista de pessoas que o quereriam morto.

Inclusive ela!

Mas, ao ponto de chamar um demônio para destruí-lo? Isso era cruel.

Pobre Xypher!

Ela guardou silêncio enquanto Carson, higienizava, cauterizava e suturava a ferida de Xypher. Quando acabaram, Xypher ainda se encontrava inconsciente, mas suave profusamente. Deslizou sua mão pela incipiente barba de sua firme bochecha e como suspeitava, estava fibrosa.

Sentindo pena por ele, foi lavar-se no lavabo e logo umedeceu um pano com água fria. Com um pouco de sorte, isso ajudaria. Levou o pano até onde ele estava e o dispôs sobre sua frente, sentindo-se enrolada por seu atrativo. Ele era um homem incrivelmente arrumado. Mas dado que era um deus, supunha-se que estava implícito.

Tudo o que ela sabia sobre ele, é que era um cretino... E que tinha salvado sua vida, duas vezes.

Levantou a vista para o Carson que se encontrava no serviço, enquanto pensava no termo que Xypher tinha utilizado para descrever-se a si mesmo.

— O que é um Skotos, exatamente?

Carson secou as mãos com uma pequena toalha antes de aproximar-se dela.



Perseguidor de Sonhos – “Dream Chaser”
Dark Hunters 21 – Sherrilyn Kenyon

— Onde ouviu esse termo?

Ela assinalou Xypher com a mão.

— Ele me disse que isso é o que era.

Carson assentiu.

— Na Antiga Grécia, eles eram os deuses do sonho. Séculos atrás, um deles acreditou que seria divertido brincar nos sonhos de Zeus. O grande tio, não compartilhou seu senso de humor, por isso ordenou que todos aqueles que possuíssem sequer uma gota de seu sangue, deviam ser assassinados ou suas emoções arrebatadas.

Ela recordou quando Julián se mostrou surpreso pelo fato de que Xypher tivesse todas suas emoções.

— Isso foi muito cruel.

— Sim, bom, Zeus não é exatamente conhecido por sua grande compaixão — Havia uma nota em sua voz que deixava entrever que tinha um assunto pessoal com o deus rei.

Carson assinalou ao Xypher com um movimento de sua cabeça.

— Depois da maldição de Zeus, os Oneroi, ou deuses dos sonhos, foram relegados a monitorar o sonho dos humanos e descobriram rapidamente que enquanto estavam no plano dos sonhos, a proibição de Zeus não funcionava. Podiam sentir outra vez. Aterrorizados ante a possibilidade de serem castigados, os deuses do sonho começaram a patrulhar eles mesmos, para assegurar-se de ter sob controle a seus irmãos. Ainda assim, alguns começaram a cobiçar as emoções, ao ponto de que perderam controle sobre esse apetite. Pouco depois, voltaram-se perigosos para si mesmos e para outros.

— Como um vício.

— Exato! — Ele separou a toalha — Os deuses do sonho que perdem o controle e começam a cobiçar emoções são chamados Skoti. Skotos é a forma em singular.

Pessoalmente, gostava mais da idéia de um dedo machucado. Mas ao menos agora, entendia o que ele era em realidade.

— Xypher também disse que estava morto.

— Bom, em teoria os Skoti que se voltam muito viciados, são executados e enviados ao Tártaro para o castigo eterno.

Isso explicava tudo. Ele tinha sido assassinado e trazido de volta. Perguntava-se como isso era possível. Acaso teria feito um pacto ou algo assim?

Somente a idéia era aterradora.

Simone franziu o cenho ao notar uma escritura desconhecida ao longo do braço de Xypher. Presa da curiosidade tomou o braço entre suas mãos, admirada pela acerada sensação de sua pele, enquanto estudava as fluídas letras.

— Pode ler isto?

Carson se deteve ao seu lado.

— Não, sinto muito. Parece grego e só falo francês, cajún, inglês, algo de crioulo e palavrões pelo estilo.

Ela passou a mão sobre as escuras letras vermelhas, tentando não pensar quão forte era esse braço sob seus dedos. Por que o teria escrito aí e que significaria? Liberando o braço, elevou a vista para Carson.

— Sabe algo sobre Xypher e sua história?

— Não. Nunca o tinha visto ou escutado dele até que vocês o trouxeram aqui. Há vários milhares dos Dream-Hunter e a maioria se mantêm afastados do plano humano. Preferem esconder-se entre os sonhos. — Carson fez uma pausa — Quer deixá-lo aqui e ir para casa?

Ela olhou seu bracelete.

— Desejaria fazê-lo, mas não posso. Afrodite disse que em enquanto ambos levarmos estes — ela levantou o seu para que ele pudesse vê-lo — estamos vinculados. Se nos afastarmos muito um do outro, morreremos.

— Isso fede!

— Diga-me isso.

Ele apontou uma porta atrás dele.

—Tenho uma habitação mais cômoda para vocês dois. Mostrarei um lugar cômodo onde te sentar enquanto ele dorme.

Simone se encolheu com apenas pensar em voltar a desvanecer-se.

— Por favor, não me desintegre. Começo a sentir náuseas de tantas idéias e voltas, e adquirir toda uma nova cota de respeito para com o Kirk e Spock.



O riu.

— Entendo — Liberou o freio da maca com a ponta de sua bota — O transladaremos até ali.

— Mil bênçãos para ti!

Ele se deteve para chamar o tal Dev antes de guiá-la para uma habitação adjacente, que estava equipada com móveis antigos. O melhor de todos, era uma cama tamanho King que tinha um edredom de brilhante veludo vermelho. Tinham pesadas cortinas que o tornavam muito escuro e de uma vez, estranhamente acolhedor.

— Bonito lugar — disse ela, passando a mão sobre uma formosa penteadeira.

— Só o melhor para Mamãe.

— Mamãe?

— Nicoletti Peltier. Ela é a proprietária do lugar e todo mundo aqui a chama “Mamãe”.

— Isso é muito doce. Deve ser muito carinhosa — disse Simone com um sorriso.

— Pode sê-lo. Em ocasiões, também pode ser uma ursa.

— Minha mãe também era assim.

— Né, sim.

Um arrumado homem de vinte e tantos anos, com comprido e encaracolado cabelo loiro, abriu a porta de um empurrão.

— Que necessita Doc?

Carson apontou ao Xypher.

— Me ajude a movê-lo. Não quero forçar seu flanco.

Dev franziu o sobrecenho severamente, ao notar Xypher sobre a maca.

— Quem é?

— Um Dream-Hunter.

Dev estava atônito.

— Eles sangram?

— Isso parece

— Fodeu! — disse Dev baixo, antes de ajudar Carson a transladar ao Xypher da maca para a cama. Assim que Xypher esteve localizado, Dev a olhou fixamente para logo sair conduzindo a maca, sem dizer uma palavra mais.



Simone não estava segura como defini-lo.

— É um pouco estirado, não?

— A maioria de nós é. Nossa sobrevivência depende de nos manter em segredo.

— E tenho aberto uma brecha.

Ele assentiu.

Simone queria lhe fazer saber que ela nunca faria algo para lhes machucar. Além disso, quem acreditaria se ela alguma vez dizia que havia uma família de licantropos instalada em Nova Orleães.

— Seu segredo está totalmente a salvo comigo, Carson. Acredite manter a boca fechada é ao que me dedico. Se o departamento de polícia pode confiar em mim, então vocês também.

— Sei. Do contrário lhe assassinaríamos e devoraríamos cada parte de seu corpo.

Não estava segura se ele brincava ou não, mas algo lhe dizia que falava muito a sério.

Assinalando a porta com seu polegar lhe disse:

— Se necessitar algo estarei fora em meu escritório. Sinta-se como em casa. Indicou a porta sobre a esquerda com um movimento de seu queixo — O banheiro está ali.

— Obrigada!

Ele fechou a porta.

Simone deixou sair um comprido suspiro sentindo-se exausta. Estava sozinha em um lar estranho, algo que não costumava fazer.

— Onde esta Jesse? Não gosto de estar sozinha — Os anos de amizade tinham convertido a solidão em uma coisa estranha. Estava tão habituada a ele, que quando ficava sozinha, quase sentia uma dor física.

Sentindo-se um pouco perdida e sobressaltada, aproximou-se da cama para cobrir Xypher com o edredom. Não parecia tão feroz agora, mas ainda havia uma aura nele, que deixava ver, quão letal era. Ela deixou cair o olhar sobre suas mãos e sobre as cicatrizes que danificavam seus nódulos. Eram velhas e tinham sanado, mas ainda assim, ela podia notar que não tinham sido causadas por uma só ferida. Tinham sido

reabertas e cicatrizadas em muitas brigas...

Sim, em ocasiões, seu trabalho lhe permitia conhecer muito sobre uma pessoa. Sem mencionar, que havia numerosas cicatrizes danificando seu peito e braços. Surpreendentemente, a única cicatriz em seu rosto era uma apenas perceptível, sobre sua têmpora direita.

— Quem é Xypher?

— Sim?

Ela sorriu ao reconhecer o som da voz de Jesse. Ele reapareceu justamente a seu lado.

— Onde esteve?

— Vocês me abandonaram! — disse na defensiva — Tem idéia quão difícil é rastrear a um humano através do plano ectoplasmico? Não, não tem! E me acredite, não quer tê-la. Estou agradecido de haver encontrado a você esta vez e não a essa estranha mulher alimentando a seu Schnauzer com gelatina.

Agora, podia visualizá-lo...

— De acordo. Lamento muito.

— Deveria! — Entrecerrou os olhos ao olhar Xypher — Não se vê nada bem. Acredita que sobreviva?

— Acredito nisso.

— Diria que é uma maldita lástima exceto até que averigüemos um modo de te liberar. Morreria, também!

— Que agradável que recorde esse pequeno detalhe — Franziu o cenho enquanto o olhava e recordava sua diatribe de antes — Plano ectoplasmico? Que demônios é isso?

— É o jargão daqueles de nós que trocamos ao corpo. É o grande Mais à frente onde ricocheteamos uns contra outros como átomos flutuantes. É uma terra de brutos, que é pelo que passo o tempo contigo. Mas só porque é menos bruta que eles.

Simone o olhou boquiaberta ante sua crítica.

— Rogo seu perdão. Não sou bruta!

— Asqueroso ao máximo! E que mais. A vi pelas manhãs. Não é exatamente uma dama.

Revirou os olhos ante as expressões aviltantes.

— Realmente te odeio!

— Com certeza que sim. — Ele sorriu como um gato —

Isso Cheshire explica porque estava tão preocupada comigo.

Às vezes era muito ardiloso. Simone se zangou brincalhonamente com ele antes de virar-se para Xypher. Era uma lástima que soubesse tão pouco sobre ele e fazia que se perguntasse sobre seu passado. O que lhe tinha feito lutar todas as batalhas que tinham deixado umas cicatrizes tão horrendas, por toda parte no formoso corpo?

— Crê que tem razões para ser tão hostil?

— Não realmente. Pessoalmente acredito que gosta de ser um filho de cadela. Sabe, há um montão desses no mundo.

Era verdade. De fato tinha conhecido a mais deles que sua parte de fracassos, também, e ainda... Parecia ser algo mais. Uma pessoa não odiava tanto como Xypher parecia fazê-lo sem ter a habilidade de amar no mesmo grau.

E sua necessidade de matar até a exclusão de todos também falava de uma extrema traição. A única pessoa que ela realmente tinha querido matar era a que tinha tomado a vida de sua mãe...

— Não se pode odiar sem amar.

Jesse franziu o cenho.

— O que?

— É algo que minha mãe costumava dizer.

Fez careta.

— OH, homem, não... não te atreva.

— Me atrever a que?

— A pôr esses olhos chorões como se estivesse simpatizando com ele — Fez um irritado ruído com sua garganta

— É tão tenra. Olá? Este é o homem a quem te vincularam enquanto está tratando de descender ao inferno para matar a alguém. Não lhe preocupam seus sentimentos. Não! Você não se preocupe por ele.

Simone ondeou para afastar sua diatribe.

— OH, deixa de grunhir. Nem sequer o conheço!

— E melhor que siga assim!

Sabia que Jesse tinha razão. E mais havia uma parte dela que estava atraída pelo Xypher inclusive contra seu sentido comum. Não estava segura de por que. Ele parecia perdido de algum modo.

OH, se o humor do Senhor Macho Alfa estava perdido... bem. Ela o estava perdendo.

— Ouviu algo de Glória? — perguntou ao Jesse, tratando de distrair-se.

Negou com a cabeça.

— Nem sequer um gemido. Estou pensando que os Daimon a comeram.

Simone odiava esse pensamento. Ninguém merecia esse destino.

— Espero que não. Parecia realmente agradável.

— Ouço-te — Jesse flutuou para as cortinas. De repente, alguém bateu na porta.

— Entre — disse Simone.

Carson entrou na habitação levando uma pequena serra de mão.

Simone deu um passo atrás curiosa por suas intenções.

— O que vai fazer?

Apontou a seu bracelete com a serra.

— Estava me perguntando se isto serviria para tirar o bracelete.

Ela sorriu com alívio. Por um segundo, teve medo que fosse lhe cortar a garganta para silenciá-la.

— Justamente agora é minha pessoa favorita no planeta. Sim, por favor, o frita.

Carson riu enquanto se movia para agarrar seu pulso com as mãos. Fez uma pausa de um minuto para examinar o bracelete.

— Parece ouro normal.

— Afrodite disse que era Atlante. Algo feito pelos deuses.

Ele respirou bruscamente.

— OH... — ele recuou

— Isso é mau?

— Possivelmente. Não sei o bastante sobre eles nem sequer para adivinhar o que tentar cortar isto te faria. Por tudo o que sei, o mundo poderia acabar-se.

Ela soltou seu braço de seu agarre.

— Por favor, não. Houve uma situação tensa no final do

Dexter a semana passada e tenho que ver como acaba.

Suas palavras pareceram o surpreender.

— Vê isso?

— Religiosamente. Já que estou morbidamente fascinada pela série.

— Dado meu trabalho e vida, é um programa que evito tanto como Planeta Animal — retrocedeu — Deixarei sozinhos outra vez.

Mal tinha dado um passo fora da porta antes que ouvisse o retumbar de uma voz profunda detrás dela.

— Onde estou?

— Uau — disse Jesse da cama — O morto se levantou... outra vez!

Ignorando Jesse, foi para o lado de Xypher. Seus olhos azuis estavam debruados de vermelho e injetados de sangue. Sua pele ainda tinha uma capa de cinza e pela respiração superficial podia dizer que tinha grandes dores.

— Está no Santuário.

Respirou profundamente e logo fez uma careta.

— Cheiro aos Were-Hunter.

— Were-Hunter?

Moveu-se ligeiramente sob o lençol antes de falar outra vez.

— Licantropos.

— OH! — Realmente, isso tinha sentido para ela. Os Dark-Hunter caçavam vampiros Daimon. Os Dream-Hunter caçavam sonhos e... bem, isto a fazia perguntar-se o que caçariam os Were-Hunter.

Sim. Forçou a esses pensamentos a afastar-se.

— Acredito que um Were-Hunter poderia ter ajudado a te trazer aqui.

Xypher tentou sentar-se, logo vaiou.

— Com cuidado! — disse, apressando-se para ele. Pôs as mãos no peito, logo o empurrou para trás enquanto uma descarga elétrica a atravessava. Não sabia por que, mas tocar seu peito era extremamente desconcertante, e a deixava sem fôlego

— Lhe deram uma grave punhalada e Carson disse que

não podia te dar nada para a dor.

Um tique apareceu em sua mandíbula enquanto se voltava a tombar na cama e afastava o trapo da frente. Olhou-o como se fosse um aliem querendo lhe sugar o cérebro.

— Estava febril — explicou.

Seu cenho se acentuou.

— Você fez isto?

Ela não podia entender sua ira. Era como se sua amabilidade verdadeiramente lhe enchesse o saco.

— Pensava que estava fazendo algo agradável por você. Sinto muito!

— Por que faria algo agradável por mim?

— Porque estava ferido e sangrando.

Ainda não havia mudança em seu frio, penetrante olhar.

— Por que se preocupa por isso?

— Fui à escola de medicina para ajudar às pessoas. É pelo que faço o que faço.

— Por quê?

Nunca na vida tinha conhecido a alguém que tivesse tantos problemas em aceitar ajuda. Querido Senhor, o que tinham feito ao pobre homem para que algo tão simples como pôr um trapo em sua febril frente o fizesse tão receoso?

— Estou me dando conta que tem um problema em que seja agradável contigo.

— Sim — disse — O sinto. As pessoas não são agradáveis. Especialmente não comigo.

Algo dentro dela se esticou ante essas grunhidas palavras.

— Xypher...

— Não quero sua compaixão! — Lançou o tecido ao chão — Ou sua amabilidade. Somente se afaste de meu caminho e não faça que a matem até que encontre alguma maneira de chegar ao Kalosis.

Uau. Isso a fazia toda morna e quente por dentro. Ele era como um agitado porco espinho em uma fábrica de vidros.

— Por que é tão importante para você matar a essa pessoa?

Desde algum lugar uma imagem ardeu em sua mente. Era



Xypher. Estava em uma escura, deprimente cova, pendurado dolorosamente de seus braços. Seu cabelo negro estava enredado com sangue e sujeira, e caía para diante, sobre a cara. Completamente nu, seu corpo estava coberto de feridas sangrentas.

A agonia de seus olhos era hermética. Tentava escapar ou lutar, mas não podia fazer nada. Golpe atrás golpe de um látigo de puas de aço choviam sobre sua carne, abrindo novas feridas e fazendo-o girar. Aos dois esqueletos que o golpeavam não lhes preocupava quanto tempo levavam ferindo-o enquanto lhe causassem dor.

— Pára! — suplicou incapaz de suportá-lo.

As imagens se desvaneceram tão rapidamente como tinham começado.

Xypher lhe dirigiu um olhar tão frio que a alcançou interiormente e a fez parte de sua muita congelada alma.

— Isso é um brilho de dez segundos de séculos de tortura que agüentei por causa da crueldade de uma pessoa. Mais pergunta?

Ela não podia respirar por causa da dor interior. Tudo o que podia fazer era sacudir a cabeça. Não era de admirar que estivesse zangado, era difícil apartar o vulto de sua garganta.

— Sim — disse depois de uma breve pausa— Tenho só uma. Tendo dado a esta pessoa que te traiu tanto já, por que lhes daria também sua vida?

Ele riu amargamente.

— Me deixe te explicar como consegui chegar aqui, humana. Fiz um favor a uma deusa, a qual falou com o Hades para me converter em humano durante um mês. Um. Único. Mês. Agora, tendo vivido no Tártaro todos esses séculos, aprendi que Hades não deixa a ninguém ir de boa vontade, especialmente não a alguém com meu passado, vou voltar para o inferno, neném. Nada de “se”, “ou”, ou “porém” sobre isto. O único fator indeterminável que fica é se voltarei só ou não, e não tenho a intenção de fazê-lo assim. — Seus olhos ardiam nela um instante antes que se empurrasse fora da cama — Onde está minha camisa?

Não podia acreditar a vista dele de pé dada à severidade

da ferida. Como podia inclusive mover-se, especialmente dado que não tinha tido nenhuma gota de analgésico?

Entretanto, tendo visto o que lhe tinham feito no Tártaro, deduziu que provavelmente estava acostumado à dor e que não o perturbava agora. Inclusive tão mal como o tinham tentado quebrar, tinha estado tratando de lutar contra eles.

— Não pode se mover assim. Precisa descansar.

— Que se foda o descanso! — grunhiu entre os dentes apertados — Tenho muito que fazer para estar deitado na cama como algum príncipe mimado.

Ela ficou diante dele para evitar que saísse.

— Vai abrir a ferida.

— E o que?

— E o que? Está louco? — tinha que estar — Tem alguma idéia de quanto te doerá?

Deu-lhe um seco e frio olhar antes de dar a volta e lhe mostrar as costas.

— Sim, tenho uma maldita idéia bastante boa.

Simone cobriu a boca enquanto olhava fixamente as cicatrizes de honra que danificavam a beleza de sua pele. Dizer que tinha sido atacado grosseiramente era uma descrição insuficiente. Esticou a mão instintivamente para o tocar, mas se agarrou a si mesma antes de fazer contato.

A mão se abateu ali, justo em cima das marcas. Tão perto que podia sentir o calor que se elevava de sua pele febril. O pensamento dele sendo golpeado dessa maneira a rompia. Que terra de monstros podia fazer uma coisa assim?

O fato de que tinha sofrido sozinho com ninguém para lhe cuidar a fez sentir, mais doente.

Ele se voltou para encará-la.

— Agora onde está minha camisa?

Ela teve que esclarecer a garganta antes que pudesse responder em um tom semi-humano.

— Cortamos para tirá-la.

Ele afastou o olhar como se sua resposta tivesse enviado uma onda de fúria através dele.

— Mil obrigados!

Por que estava tão aborrecido por uma simples camisa?



— Podemos ir a sua casa e conseguir outra.

— Não tenho casa e não tenho outra camisa.

Falava a sério?

— O que quer dizer?

Xypher se moveu para ficar diante dela. Baixou o olhar e sorriu zombadoramente.

— Por que não pode seguir isto, humana? Permitiram-me sair do inferno, não de um parque de atrações. Eles não lhe mandam exatamente ao mundo com um guarda-roupa e a carteira.

— Mas estive aqui uns quantos dias, verdade? Onde estive? Comeu?

Não respondeu enquanto a afastava.

Foi então que soube o que se negou a dizer.

— Estive dormindo na rua, verdade?

— Quem diz que estive dormindo?

Abriu a porta.

Carson elevou o olhar de onde estava sentado em um escuro e duro escritório como se esperasse que Xypher o incomodasse. Alcançou uma camisa que estava dobrada no escritório e a atirou.

— Pode agarrar esta.

Xypher tomou a camisa sem muito mais que um obrigado. A estava pondo pela cabeça quando Simone lhe uniu na habitação.

O telefone celular soou. Simone o tirou do bolso e olhou a identificação. Entrava como uma chamada restringida. Abriu-o.

— Olá?

A voz que respondeu era profunda e incrivelmente sexy e apresentava um acento melodioso que mandava um embotamento por sua espinha dorsal.

— Sou Acheron Parthenopaeus que devolve a chamada de Xypher. Poderia lhe entregar o telefone, por favor?

Sim, mas realmente não queria fazê-lo. Preferiria com muito falar com essa bonita voz que era inquietantemente apaziguadora e tranquilizadora. A contra gosto, o ofereceu.

— É Acheron.

Com a típica forma de Xypher, arrancou-lhe o telefone da mão.

— Onde inferno está?

Jesse se inclinou para sussurrar no ouvido de Simone.

— Isso me faria querer o ajudar. E você?

— Shii... — disse, suprimindo um sorriso ante suas honestas palavras.

Xypher fechou o telefone de repente e o devolveu. Outra luz brilhante cintilou antes que um homem imenso com comprido cabelo negro e uma aura tão letal que fazia Xypher parecer um gatinho.

Levara óculos de sol negros Oakley e um casaco comprido, de estilo pirata sobre uma camiseta negra do Misfits. Este ser parecia proclamar, Johny Depp não tinha nada, quando este homem chegava, era o sex appeal absoluto. Acheron o gotejava por cada poro.

Ficou de pé descansando seu peso em uma perna, tinha uma mochila negra de couro jogada casualmente sobre um ombro. Simone franziu o cenho enquanto se dava conta de suas botas de combate Dr. Martens vermelhas com negro, que provavelmente lhe acrescentavam cinco centímetros mais a sua impressionante estatura.

— Já era hora — grunhiu Xypher.

A única reação de Acheron foi uma sobrancelha negra perfeitamente formada que se arqueou sobre o marco dos óculos de sol.

— Embora respeito às tendências suicidas a maioria dos dias, faria bem em recordar a quem te dirige, e mais ao grão, o que posso fazer por você. Ninguém diz que tenha que voltar para o Tártaro de uma peça.

Xypher cruzou os braços sobre o peito.

Com seu humor aliviado, Acheron se girou para ela.

— Posso ver seu bracelete?

Educado. Mortal. Magnífico. Respeitoso. Sexy além da resistência humana. OH, que alguém lhe ponha um laço, definitivamente o queria em casa. Tragando enquanto um estremecimento descia por sua espinha dorsal, fez o que pedia.

Acheron agarrou a mão nas suas e a sustentou em alto

para poder estudar o fechamento. Depois de um momento, soltou-lhe o braço e olhou ao Xypher.

— Querem primeiro as boas notícias ou as más?

— Realmente importa?

Os cantos da boca de Acheron se curvaram com um sorriso de brincadeira.

— Não para mim... As más notícias, não posso tocá-lo. Quero dizer que posso, mas ambos morreriam se o manipulo.

Xypher amaldiçoou.

— Quem inferno inventou isto?

Acheron colocou ambas as mãos nas asas da mochila para ancorá-la sobre sua jaqueta.

— Archon, o rei dos deuses Atlantes. Confia em mim, era um filho da puta integral.

Simone deixou sair o ar que não se deu conta que retinha. Isto não parecia particularmente agradável para eles.

— E as boas notícias?

— Alguém tem uma chave e não, não te murchará e morrerá porque o tenha. Em teoria pode viver uma eternidade vinculados juntos com isto.

— Mas? —perguntou ela.

Acheron inclinou a cabeça.

— Sempre há um, mas comprometido, verdade?

Infelizmente.

— E este seria?

— Quem quer que tenha a chave não a cederá facilmente dado que está nas mãos de quem quer que convoque o bracelete, e estou seguro de que não lhe enviaram isso uns colegas como presente de brincadeira. Mas espera, há mais... o bracelete tem uma baliza rastreadora para eles.

OH, não gostava como soava isso.

— Não me foda! — disse Xypher em um tom tão baixo e mortal que a fez tremer.

— Nem em seu melhor dia. Dado que a idéia dos braceletes é a de localizar a um inimigo e vencê-los está equipado com tudo o que seu inimigo necessita para te matar. A chave mestra não poderá te encontrar não importa aonde vá, mas qualquer debilidade que tenha será revelada ante ele... ou

ela — Acheron olhou a Simone — Os Atlantes jogavam para ganhar.

— Pelo que estão todos mortos, correto? —perguntou Xypher.

Acheron encolheu de ombros.

— Isso é a cadeia alimentar para você. Inclusive aqueles no topo são comida para alguém mais. Cedo ou tarde, somos todos comidos por algo.

Xypher girou sua atenção a ela.

— Olhe, a humana não fez nada para estar nesta confusão. Há algo que possa fazer para tirá-la disto?

Simone estava aturdida ante o que tinha pedido.

Acheron fez um melancólico gesto com a cabeça.

— Oxalá! Acredite-me, nada me enche mais o saco que ver um inocente sofrer. A única maneira de liberá-la é conseguindo a chave e abrindo o bracelete.

Xypher amaldiçoou outra vez.

— Sabe que provavelmente esteja no Kalosis, verdade? Alguma oportunidade de que possa ir por ela?

Acheron riu.

— Asseguro-te que se fosse ali para fazer isso, teria piores problemas em suas mãos que matar a Satara.

— Pode ao menos te desfazer dela por mim?

Acheron zombou.

— Como que ela não o veria vir? Teme-o. A mim odeia ativamente.

Xypher se encontrou com o olhar da Simone e a sustentou. Pela primeira vez, ela viu algo dentro dele que parecia humano. Um pequeno chip nessa maldade que parecia envolver-se ao seu redor como uma capa.

— Mas há algo que posso fazer por você — Acheron se esticou e tocou o ombro de Xypher.

Xypher deixou sair um ofego enquanto seu corpo se iluminava. Jogou a cabeça para trás e gemeu como se um relâmpago se movesse por ele.

Simone se encolheu ante a vista dele tremendo. Depois de um minuto, levantou sua camisa para mostrar que sua ferida se foi. Nem sequer uma cicatriz permanecia para danificar seus

abdominais perfeito.

—Obrigado!

Acheron inclinou a cabeça, logo olhou além dela, ao Jesse.

— Você é a melhor defesa da Simone. Em qualquer momento que um demônio se aproxime deles, há uma pequena ruptura no plano mortal. Sente-se como um formigamento em sua espinha dorsal. Pode lhes dar uns poucos segundos de aviso antes que os ataquem.

Jesse parecia tão surpreso como ela.

— Como sabe que estou aqui?

Acheron sorriu.

— Sei muitas coisas.

Jesse sorriu amplamente.

— Homem! Gosto de passar o tempo com esta gente. Vêem-me e me ouvem. Não tem nem idéia que quão refrescante é isto.

Dando um passo mais perto de Simone, Acheron tirou uma munhequeira de couro de seu pulso e a grampeou no braço esquerdo.

— Isto te dará a força do demônio que te ataque. O que não fará é te fazer melhor lutador e não evitará que morra. De qualquer forma, se golpear a um demônio na cabeça com algo te assegura que não rirão de seus intentos.

Inclinou-se para lhe sussurrar ao ouvido.

— Há algo dentro de ti, Simone, que te assusta. Ocultaste-o toda sua vida, mas sabe que está ali. Espreitando e aflito por ser livre. Sei que foge disso. Não o faça. É a única coisa nisto que te salvará a vida. Alcança seu interior e abraça o que realmente é. Quando estiver preparada, não necessitará meu bracelete para te ajudar.

E com isso se desvaneceu.

Seu braço ainda formigava onde o havia meio tocado. Olhou ao Jesse.

— Que demônios foi isso?

Jesse girou as mãos para fora e se encolheu de ombros. O olhar da Simone foi dele ao Xypher e durante um batimento do coração captou um brilho de sua vulnerabilidade. Em seus



olhos havia pena, tristeza e uma dor tão profunda que fizeram que sua respiração se entalasse. Queria estirar-se para ele, mas temia quão violentamente reagiria a tal gesto.

Carson esclareceu garganta.

— Não quero ser grosseiro, meninos, mas acredito que o melhor é que vão. A idéia atrás do Santuário é que seja um refúgio. A última coisa que precisamos é ter um demônio estalando aqui, o qual não está vinculado por nossas leis.

Isso evaporou todas as emoções dos olhos de Xypher exceto a severa determinação.

— Não se preocupe, não vou manchar seu antigo palácio com minha presença.

A seguinte coisa que Simone soube foi que estavam fora, de pé no Ursulines Street. Claramente ninguém parecia havê-los visto fazer puf de nenhum lugar.

Jesse lhe uniu.

— Desejaria que parasse de fazer isso.

— Você desejaria? — perguntou ela — Tenta estar em meus sapatos. Enjoa-me.

Xypher lhe deu um olhar ameaçador.

— A vida me enjoa, mas date conta de que estou aqui. A ninguém importou um cominho o que eu pensava sobre isto antes que me trouxessem aqui.

Simone odiava vê-los voltar para isso.

— Xypher, trégua, por favor! Tenho-o. Está amargurado. Sabe, não é o único que se sente golpeado pela vara da vida, acredite. Fiquei órfã à idade de 11 e passei três anos em um lar de meninos antes de ser finalmente adotada. Somos todos sobreviventes neste cruel universo. O único amortecedor que temos é outra pessoa.

Burlou-se amargamente dela.

— Deuses, é ingênua. O único amortecedor que temos somos nós mesmos e quanta dor pode tolerar antes que finalmente nos quebrem.

Simone sentia lástima por ele se isso era o melhor que podia fazer. Mas então recordou uma vez quando se havia sentido exatamente como ele. Jesse era a única razão para sustentar-se. Não estava segura se teria saído do escuro

buraco onde tinha vivido depois da morte de seus pais sem ele.

Era óbvio que Xypher nunca tinha acreditado em outra pessoa. Nem sequer em um fantasma.

Sua garganta se apertou fortemente com uma dor pormenorizada, começou a caminhar pela Charters Street. Seu apartamento estava no Orleães, não muito perto, mas não tão longe para uma caminhada tampouco.

O passeio seria mais rápido que tentar conseguir um táxi. E nesse ponto, nem sequer podia recordar onde tinha deixado o carro. OK, não era verdade, tinha-o deixado em casa de Julián. Mas só necessitava uns poucos minutos em sua casa onde tudo era familiar. Necessitava algo para conectar-se antes que a seguinte ronda de loucura a assediase.

Quando se aproximaram do Hotel Provincial, Simone viu a maneira em que Xypher se movia mais devagar como se o cheirinho de algo bom o golpeasse. Seu olhar foi ofegante para o Restaurante Stella. Ele não disse uma palavra, mas não tinha que fazê-lo. Sua expressão dizia tudo.

— Quando foi à última vez que comeu?

Ele não respondeu.

Simone o puxou para detê-lo.

— Xypher? Comida. Quando foi a última vez que consumiu algo?

— O que te importa?

Foi então quando entendeu o que significavam essas quatro palavras quando as disse. Nunca tinha importado antes a ninguém em sua vida. Por que a ela sim deveria, a uma estranha?

— Vou conseguir algo de comer — Agarrou-o pelo bracelete — Sugiro que me siga — dirigiu-se ao pequeno café Mediterrâneo do outro lado da rua que deveria ser muito mais rápido que fazer uma escala no restaurante.

Xypher quis amaldiçoar quando a seguiu. Mas, a verdade era que estava faminto. Esse era outro dos sádicos prazeres de Hades que Xypher não pudesse manifestar armas com nada mais que um pensamento, nem roupa, comida ou dinheiro. Nem sequer podia curar-se a si mesmo.

Seu estômago se encolheu com a fome inclusive antes que Hades o tivesse arrojado ali. Durante a última semana tinha



estado comendo coisas que nem sequer queria pensar fazendo um esforço para obter ao menos que seu estômago deixasse de rugir tão forte.

Ainda assim, ele não era o tipo de criatura que aceitava caridade. Ninguém tinha lhe dado jamais nada. Estava acostumado a isso. Maldita seja se ia rogar.

Simone se deteve na entrada até que uma mulher de camisa branca e calças negra se aproximou.

— Quantos?

— Dois.

Xypher olhou ao Jesse, quem lhe sorriu.

— Eu nunca conto. Mas sempre estou aqui.

A mulher tomou dois menus e os conduziu a uma pequena mesa em um canto.

Xypher não perdeu a maneira em que Simone muito discretamente tirou uma cadeira para o Jesse enquanto parecia que o fazia para sua jaqueta.

Ignorando Jesse, Xypher considerou jogar Simone sobre o ombro e tirá-la dali. Honestamente, não podia suportar o pensamento de cheirar toda essa comida e não tomar nada.

Mas estava acostumado à tortura. Sentou-se com sua fúria mal atada. A mulher lhe deu um cardápio e partiu. Xypher se sentou a um lado e ficou olhando pela janela.

Era tão estranho voltar para o mundo depois de todo esse tempo. Tinham trocado tantas coisas. A última vez que ele esteve ali, os cavalos tinham sido o melhor modo de transporte. Não havia eletricidade. A humanidade tinha medo da escuridão. Temor dos sonhos que Xypher e seus irmãos lhes davam.

Agora temiam em maior parte eles mesmos e bem que deveriam.

Simone franziu o cenho quando Xypher se acomodou sem nem sequer olhar o cardápio.

— Não estava faminto?

O olhar que enviou a estremeceu até os ossos.

— Não tenho dinheiro.

— Bom, não pensou que comeria e te deixaria passando fome, verdade?

O triste era que deveria fazê-lo igualmente.



Ela levantou o cardápio e o estendeu para ele.

— Pede algo ou pedirei por você.

— Sabe o que aconteceu à última pessoa que me falou nesse tom?

— Me deixe adivinhar. Desmembramento. Provavelmente doloroso. Definitivamente lento — ela arqueou as sobrancelhas ante ele — É uma sorte que não possa me matar enquanto leve o bracelete posto — lhe dedicou um presunçoso sorriso — Pedirei o coquetel de camarões-rosa e o frango Alfredo torrado. O que pedirá você?

Pela primeira vez, ela viu um olhar humilde nele quando agarrou o cardápio igual a um menino anti-social.

— A amabilidade lhe deixa incômodo, não é assim?

Ele não respondeu enquanto seu olhar varria o cardápio.

Ela deixou escapar um cansado suspiro antes de trocar um frustrado olhar com Jesse. Não podia acreditar que lhe resultasse tão fácil falar com os fantasmas como se falasse com uma pessoa de carne e sangue de algum tipo sentado ante ela. O que lhe tinham feito para que fosse tão fechado com todo mundo?

Xypher não estava seguro do que pedir. Tudo parecia ter boa pinta e seu estômago estava ardendo. Sem mencionar que se sentia extremamente incômodo ali sentado igual a um humano comum.

Ninguém o tinha tratado dessa forma. Jamais!

Ele era um Phobotory Skotos. Passou a vida fazendo que todo mundo a seu redor tremesse de medo quando lhes produzia pesadelos. Inclusive os deuses. Ele era a encarnação do mal. Inclusive os outros Phobotory Skoti o temiam.

E esta mulher se atrevia a dar ordens a seu redor.

Ela estava louca e enquanto a olhava, deteve-se. Era realmente bastante bonita e mais tentadora do que deveria ser uma mulher. Até agora não tinha pensado quanto tempo fazia que não esteve com uma mulher. Mas seus amáveis olhos avelã o incendiavam.

— Tem problemas para se decidir?

Ele piscou ante sua pergunta.

— Como o faz?



— Fazer o que?

— Me falar como se eu fosse normal.

Ela franziu o cenho.

— Bem, você não me põe isso exatamente fácil. Mas lembro um tempo em que também estive zangada com o mundo. Tudo o que queria era arremeter e fazer que todo mundo ao meu redor fosse tão miserável e estivesse tão zangado como eu estava. Essa necessidade te queima igual a um fogo por dentro e te destrói por completo. Então um dia me dei conta de que a única que estava fazendo mal era a mim mesma. Possivelmente fodi a outras pessoas, mas, em um par de horas se esqueciam de mim. Era a única que vivia em um perpétuo inferno. Assim tomei a decisão de deixar ir à raiva e apartá-la.

Ela fazia que soasse tão fácil. Mas não era tão fácil só deixar ir.

— Sim, mas você tem um futuro para o que olhar.

Ela negou com a cabeça.

— Isto não se parece com aquele momento. Tem que lembrar que vi assassinar ao meu irmão quando ele só tinha sete anos — apertou os dentes quando a familiar dor a rasgou — Ele também pensava que tinha um futuro e em uma piscada este se foi. Assim como minha mãe e meu pai...

Sua dor o alcançou. Isto era algo que ele podia narrar. Mas, o que o surpreendia era a pequena pontada em seu interior. Uma parte que realmente... não, isso não era carinho. Não era capaz disso. Isso era... Não podia localizá-lo.

— O que aconteceu? —perguntou ele.

Ela manteve sua mão em alto.

— Sei que fui eu quem tirou isto, mas, realmente não posso falar disso agora, vale? Só porque aconteceu faz muito tempo, não quer dizer que ainda não doa. Há algumas feridas que o tempo não pode intumescer.

— Então me entende!

Simone franziu o cenho ante essa simples declaração quando se deu conta de que realmente o fazia. Não importava quantos anos tinha passado, a agonia de suas mortes estava ainda crua e fresca.



— Sim. Suponho que o faço. E se as tuas são inclusive uma miséria das minhas, então realmente o sinto.

Xypher afastou o olhar quando essas palavras tocaram uma parte dele que não tinha sido tocada em séculos. Ele sequer sabia por que. Era como se tivessem tido uma conexão a partir de sua dor.

— Você gosta do pescado?

Ele ainda não entendia como ela fazia. Uma pergunta tão singela e ainda o tocava. O fazia sentir-se... não podia descrevê-lo.

— Não o recordo! Realmente não fui capaz de saborear comida em séculos.

Ela estendeu seu cardápio sobre a mesa.

— O que esteve comendo enquanto está aqui?

— Algo que pudesse encontrar.

O coração da Simone se encolheu ante suas palavras.

— Bom, pede o prato combinado e o de ostras. Entre os dois, encontrará algo saboroso.

Xypher não sabia que dizer. A cotidiana parte dele que era violenta queria arremeter contra alguém, machucar a tudo o que estivesse ao seu redor, mas ali sentado desta maneira...

Ele estava tranqüilo e a tranqüilidade era algo que não tinha experimentado em tanto tempo que tinha esquecido como se sentia. Jogando uma olhada ao longe, ele foi atormentado pelas velhas lembranças. Inclusive antes que tivessem extirpado suas emoções, esteve zangado e amargurado. Arremetendo contra todos a seu redor. Tinha crescido entre demônios Sumérios, não entre humanos ou os deuses do Olimpo.

A gente de sua mãe tinha sido dura e implacável. E ao princípio, tinha dado a bem-vinda à maldição de Zeus de não sentir nada.

Até a Satara. Mostrou-lhe outras coisas. Risada. Paixão. Por um momento, enganou-se a si mesmo de que a amava.

Em retrospectiva, era suficiente para fazê-lo rir. Que fazia que o filho de um demônio e a deusa dos pesadelos soubesse sobre o amor? Seus próprios pais tinham sido incapazes disso. O amor não estava em seus genes.

Mas a vingança...



Isso era algo que ele podia afundar suas garras.

Uma garçonete se aproximou, olhando-o como se pudesse sentir seus malévolos pensamentos. Ela voltou rapidamente sua atenção a Simone quem pediu por ele.

Xypher escutou o melódico acento que fazia que a voz de Simone parecesse suave e mais gentil do que nunca tinha ouvido antes. O cabelo marrom escuro caía em cachos ao redor do rosto enquanto seus olhos avelã levavam inteligência, curiosidade e um inato entusiasmo pela vida.

Ela não era tão magra como a garçonete que acabara de deixá-los. Era bem mais robusta. Saudável. E pela primeira vez em séculos, sentiu seu corpo remover-se com luxúria.

Um malicioso brilho cintilou antes que tomasse um sorvo de água, então falou.

— Está tão calado que está me pondo nervosa.

— Como assim?

— Há um velho refrão que diz que o tigre se mantém escondido não por temor a não ser para observar melhor seu objetivo. Isso lembra a você.

— Deveria.

Ela suspirou enquanto agarrava a taça nas mãos.

— Realmente você gosta de assustar as pessoas, verdade?

— Criei-me com isso.

Jesse riu.

— Posso me inscrever para tomar lições? Sinto-me realmente prejudicado que não tenha conseguido mais que voltar como um poltergeist – Levantou as mãos ante a Simone — Buuu, venho por ti.

Simone riu.

Jesse deixou sair um som de desgosto.

— Vê. Risadas! Quero, ao menos uma vez, provocar medo real.

Xypher dirigiu um olhar ao fantasma para lhe recordar que podia estender-se e o ferir. Jesse imediatamente se encolheu para trás. Simone apoiou a cabeça em sua mão enquanto o olhava.

— Não tem que fazer isso, sabe?



— Fazer o que?

— Fazer caretas e uivar a todos ao seu redor. Respira e relaxe.

— Me relaxar? — Xypher estava incrédulo ante suas palavras — Sabe que virão atrás de nós? Baixa a guarda, relaxe e morre. Confia em mim. Tenho experiência de primeira mão com isso.

— Sim, disse que estava morto. O que aconteceu?

Xypher se calou enquanto sua inocente pergunta o arrastava de volta ao parvo que tinha sido uma vez.

— Fui traído pela única pessoa em que cometi o engano de confiar.

— Sinto muito!

— Não o faça. Prefiro ter morrido a ter vivido uma eternidade com uma mentira.

— Bem? — Perguntou Satara enquanto Kaiaphas se materializava diante dela.

— Estará morto logo.

Satara chiou antes de começar a andar pelo pequeno espaço do escritório do Stryker.

— Isso não é bastante bom.

— Então te sugiro que o mate.

— Não se atreva a adotar esse tom comigo! — Agarrou a garrafa que continha a alma de Kaiaphas do escritório do Stryker. Golpeou-a ligeiramente contra o escritório, não o bastante forte para rompê-la, mas, o bastante duro para soar como se pudesse — Com um golpezinho de meu pulso posso terminar com sua existência.

Viu a luz trêmula do temor em seus olhos, mas, para seu crédito, ele não mostrou nenhuma outra preocupação ante sua ameaça.

— Xypher estava protegido por um filho da Afrodite que esgrimia a espada de Cronus. Não havia maneira de derrotá-lo e acabar com Xypher.

Satara deixou sair um fôlego aborrecido. Depender de

outra pessoa era o que a tinha levado a esta confusão. Sua única graça salvadora era o deamarkonian que Stryker lhe tinha dado. Com isso, Xypher poderia ser encontrado com um pequeno esforço.

Isso se o demônio sem valor diante dela fosse capaz de fazê-lo.

— Quero sua cabeça, Kaiaphas! Senão, tomarei a tua...

Ele fez uma reverência profunda ante ela.

— Seu desejo prevalece, ama. A cabeça de meu irmão será tua.

CAPÍTULO 4

Xypher teve que lutar consigo mesmo para não lançar-se para a garçonete que trazia a comida e arrebatá-la das mãos. O aroma lhe chegou profundamente e literalmente o fez doer pela vontade de prová-lo. Quão único queria era atirar-se em cima da comida como um animal raivoso e tomou todo o controle que tinha não fazê-lo. Mas, o que o surpreendeu mais que o fato mesmo de controlar-se era a razão pela qual lhe era tão importante o comportar-se.

Não ia deixar que ninguém o humilhasse outra vez.

Não é mais que um bastardo, rude, incivilizado, desagradável. Quem poderia amar a uma besta? As palavras de Satara soavam fortes e claras em sua cabeça.

Simone se sentou frente a ele, comendo com delicadeza, civilizadamente. Era óbvio que as boas maneiras tinham sido inculcadas nela e por alguma razão, que ainda não podia compreender, não queria que o julgasse como o resto do mundo o tinha feito e o avaliasse também um animal. Nunca lhe importou o que alguém pensasse dele. Até agora.

Como se pudesse escutar seus pensamentos, estirou-se

por cima da mesa e colocou uma gentil mão em seu braço. Com palavras que marcou nele.

— Sei que está faminto Xypher. Não tem que preocupar-se por suas maneiras comigo, come.

Nada o havia tocado tão profundamente. Assim como ninguém nunca lhe pareceu mais formosa. A luz em seu cabelo, a forma em que seus olhos castanhos cintilavam com um espírito interior que era intangível e o eletrificava. Desconcertou-o.

Tinha-a maltratado, mas ela o tinha tomado, justo como ele o fez no tártaro. Não importa o que fizessem, não importa o muito que tratassem de quebrá-lo, se manteve de pé e forte em seus melhores ataques, igual a ela. Só que sua força era inatamente boa, nunca procurou ferir ninguém.

Nem sequer a ele.

Era a gentileza personificada.

E, por isso estava mais determinado que nunca a não render-se ante seu lado animal.

— Estou bem — murmurou recolhendo seus talheres.

Simone permaneceu em silêncio enquanto observava como a mão de Xypher tremia visivelmente enquanto comia seu cordeiro. Não tinha misturado sua fome ou sua necessidade de saciá-la. Mas não estava segura por que estava lutando, quando era tão óbvio que queria equilibrar-se sobre sua comida. Em seu lugar ela estaria despedaçando e empurrando punhados para sua boca.

Mas ele não. Era como se quisesse provar algo. Como se precisasse comer com boas maneiras por alguma razão que ela não podia nem começar a compreender.

Sacudindo sua cabeça, tratou de concentrar-se em sua própria comida. Algo que não era fácil dado o poder cativante que ele tinha. Era persuasiva, a força, o poder. Tudo o que ela queria era estirar-se e tocar esses lábios perfeitos.

Era como ver um formoso animal espreitando a sua presa.

Mas, a melhor parte foi quando ele tratou de morder a concha da ostra. A confusão juvenil de seu rosto era totalmente encantadora. Sufocando uma risada, levantou-se e caminhou até seu lado da mesa

— Não se morde a concha da ostra.

Franziu o sobreceixo.

— Como se comem então?

— Deixe-me te mostrar— ela pegou a ostra de sua mão e agarrou o pequeno garfo do lado de seu primeiro prato — desprende a carne, logo aproxima a concha de seus lábios e deixa que a carne escorregue dentro de sua boca. Então o engole, mas não mastigue.

— Por que não?

Ela olhou a ostra que parecia suficientemente inofensiva, mas jurava que ainda podia saborear a vez que mastigou uma por engano. Desagradável, nem sequer se aproximava de descrever esse sabor.

— Bom, é arenoso e um pouco asqueroso. Mas, se realmente quiser pode.

Xypher se congelou enquanto a via pôr um pouquinho de molho na carne. Sua essência encheu sua cabeça e lhe recordou que tinham passado séculos desde que tocou uma mulher pela última vez...

Era estranho como em sua raiva e busca de vingança, sequer tinha pensado nisso. Não notou a nenhuma das mulheres que passavam pelas ruas enquanto procurava Daimons para que o levassem ao Kalosis.

Agora essa dor longamente esquecida o queimava por dentro. Queria tomar sua mão na sua para assim poder lambar as pontas de seus dedos e provar o sal de sua pele. Enterrar sua cara na curva de seu pescoço e inalar sua essência até que se impregnasse em sua pele.

Não sabia por que, mas só o pensar nela tocando-o, embora fosse da maneira mais desinteressada, punha-o mais duro do que alguma vez esteve.

Desejava esticar-se e pentear com seus dedos esses caóticos cachos que tinham desafiado seus melhores esforços para domá-los. Perguntava-se como sentiria se roçassem seu peito enquanto lhe fazia o amor. Seriam tão suaves como pareciam?

Eram-no seus lábios?

Daria ela as boas-vindas ao seu corpo?

Xypher se forçou a olhar longe dela e silenciar seus



pensamentos. Não era seu destino ter a uma mulher como ela tocando-o dessa maneira. Era um animal e sabia. Tinha sido abandonado fazia muito tempo, tinham-no abandonado para que encontrasse seu próprio caminho. A ternura era para humanos. Não para um amargurado Skotos que ia ser devolvido ao inferno em um par de semanas.

Não te suavize. Não baixe a guarda.

Cedo ou tarde, estaria de volta no Tártaro a mercê de Hades. Tinha-lhe tomado séculos endurecer a si mesmo para não sentir tão profundamente quando lhe davam as chicotadas de aço e puas. Séculos para aprender a não cair nos cruéis jogos mentais que Hades desfrutava. A comodidade neste plano só o debilitaria quando retornasse.

Faria o inferno até mais doloroso. E isso era algo que não podia permitir. Já era suficientemente mau. Para suavizar sua existência aqui...

Não o surpreendia que Hades o tivesse deixado perder-se por um mês. O Deus do Inframundo sabia exatamente quão pior ia ser o castigo de Xypher depois de ter provado a liberdade.

Bastardo!

Franzindo os lábios, tirou a ostra de sua mão

— Não sou um bebê. Posso me alimentar sozinho.

Simone inclinou sua cabeça irritadamente por sua repentina mudança. Por um momento, quase pensou que estava aprendendo a ser... bom agradável.

Devia estar alucinando.

— Bem — disse afastando suas mãos— Como quiser.

Zangada por sua brutalidade. Retornou a seu assento e terminou sua comida em silêncio.

Qual era seu problema? Nunca antes tinha conhecido a alguém tão áspero que não podia aceitar nem o mais mínimo indício de amabilidade. Ele lembrava a esse horrível Scott Murphy...

Seu coração deu um salto enquanto se lembrava do menino que tinha estado no lar de meninos com ela quando tinha onze. Hostil e feroz mal havia sido humano. Aos nove anos, tinha sido afastado de seus pais e tinha passado por uma enorme quantidade de casas de acolhida porque nenhuma podia

fazer nada com ele. Finalmente o serviço infantil o tinha começado a enviar a várias casas de acolhida que eram igualmente rápidas em jogá-lo.

Ninguém na casa em que ela ficava incluindo o pessoal podia suportá-lo. Sempre estava procurando brigas e incomodando a todo mundo, inclusive a Simone que tratou de ser sua amiga. Riu dela e depois a mordeu tão forte que necessitou pontos de sutura, ainda tinha a cicatriz em seu braço esquerdo.

Devido a isso, e a outras cenas e ataques, ele passava todo o tempo castigado até que misteriosamente se desvaneceu em meio da noite. Seu corpo foi encontrado uns quantos dias depois no porão de um ginásio, ainda vestido em seus pijamas. Aparentemente tinha chegado ali só e cortou seu próprio pulso.

Só tinha onze anos.

Simone esteve realmente triste depois do horrível acontecimento, mas, quando escutou a dois de seus professores falarem mais tarde nesse mesmo dia, a tristeza se converteu em uma pena total pelo menino que não devia ter sido reduzido a acabar com sua própria vida.

— É uma pena que esse menino tenha acabado dessa maneira, mas suponho que dado o trauma de sua infância não tinha nenhuma esperança.

— Trauma?

— Não sabia? Foi separado de seus pais porque sua mãe era uma viciada em crack e seu pai um traficante de drogas. Scott teve vários ossos destruídos já que uma tarde interrompeu a papai quando estava fazendo um trato porque estava faminto e se atreveu a pedir um sanduíche.

— Aí foi quando o estado o levou. Seu pai esteve tratando de ganhar a custódia após. Nós dissemos ao Scott o dia que desapareceu que seu pai viria na manhã seguinte levá-lo para casa. Suponho que o pobre menino preferiu morrer a voltar para o inferno que o estava esperando...

Nesse momento, Simone tinha aprendido uma valiosa lição de vida. Não julgue ninguém até que não saiba suas circunstâncias. Não importa quão mal pareçam às vezes, havia uma razão que justificava seu comportamento. Claro, que

algumas pessoas simplesmente eram más e corruptas, mas nem sempre.

Muitas pessoas só estavam sofrendo, e quando atuavam dessa maneira, tratavam de protege-se a si mesmos de ser feridos até mais.

Isso era o que tratava de ensinar a seus estudantes, cada vez que entre em uma cena de crime o pior que podia fazer pela pessoa falecida era julgá-lo. Nublava seu profissionalismo e esgotava seu trabalho. O trabalho de um examinador médico era o de reportar sem prejuízo.

Sua opinião não tinha lugar em um necrotério.

Uma coisa era dizer a alguém como viver sua vida e que decisões tomar. Mas, era muito diferente ser a pessoa que tinha que fazê-lo e viver com as conseqüências. Só porque você tivesse feito algo diferente, não significava que eles pudessem. As pessoas se levantam e caem por suas próprias experiências e decisões. Os enganos eram deles para fazê-los. Enquanto pensava nisto, tinha curiosidade sobre Xypher e seu passado. Por que estava tão à defensiva?

Quem o tinha ferido?

— Como é a infância dos deuses?

Xypher elevou o olhar de seu prato para encontrar-se com o par de olhos mais sinceros e inocentes que alguma vez tivesse visto.

— Desculpa?

Ela não se acovardou face à mordacidade de seu tom.

— Só me perguntava... quero dizer, a minha foi muito típica até que minha família morreu. Montava em minha bicicleta pela vizinhança, fazia bolos de barro, tinha festas de chá com minhas amigas e bonecas, e brigava com meu irmão pelos programas de televisão. O que fazia você?

Como se fosse contar isso a ela Não era seu maldito problema!

— A você o que importa?

A simpatia de seu rosto foi suplantada por uma expressão de dor.

— Realmente odeio quando faz essa pergunta... Importa-me porque é a pessoa a que estou atada até que consigamos nos

tirar os braceletes e gostaria de saber algo sobre você. Quem sabe? Igual há alguém preso em toda essa hostilidade que me possa gostar.

Seu sangue fervia ao pensar no que ela realmente queria.

— Não vai encontrar minhas debilidades tão facilmente, neném. Não tenho nenhuma.

Ela o olhou boquiaberta

— Compara suas lembranças de infância com debilidades! Por Deus! O que lhe fizeram?

Ele sorriu amargamente ante as lembranças de seu passado. Lembranças pelas quais tinha lutado intensamente em não pensar. Mas, uma delas estava mais claro que todas outras, foi à única vez em sua vida que se permitiu ser débil e era uma experiência que não voltaria a repetir.

— Fui encadeado a uma cerca onde me golpearam e me tiraram o coração enquanto brigava com eles. Embora só tivesse uma mão livre fiz um grande impacto no que me mataram. Basta dizer que nunca estarei indefeso outra vez.

Simone queria chorar ante o horror que descrevia. Pela dor que ela viu nesses claros e brilhantes olhos.

— Não te merecia isso.

— Não me diga! — disse entre dentes apertados — Mas o que alguém merece não tem nada que ver com isto. A vida e a morte são o que são. Não têm misericórdia por ninguém.

Simone olhou ao Jesse que tinha uma expressão que ela estava segura era igual à de sua cara, as palavras de Xypher lhe chocaram, enquanto recordava a sua mãe e irmão, eles tampouco mereciam o que lhes tinha acontecido.

Não querendo pensar nisso, tratou de não falar com ele enquanto terminava de comer. Era muito duro tratar de chegar a alguém que obviamente não queria ser alcançado.

Quando ele terminou, ela chamou à garçonete e se dirigiram a seu condomínio.

Mal tinham abandonado o restaurante quando Tate chamou.

— Como foi com o Julián?— Perguntou.

Olhou o bracelete em seu braço.

— Não da maneira que esperava. Ainda estamos unidos.



— Realmente o sinto.

— Suponho que poderia ser pior, ele poderia ser um assassino em série.

Pelo olhar que Xypher lhe lançou, soube que podia ouvir sua conversa.

— OH, maldição, tenho que atender esta chamada. Tenham cuidado, meninos! Chamo mais tarde — Tate desligou antes que pudesse lhe dizer adeus.

Fechando o telefone, viu pelo canto de seu olho Xypher esfregando seu braço. Embora não dizia nada, estava com a pele arrepiada em ambos os braços.

— Tem frio?

Ele não respondeu.

— Sim tem frio! — disse Jesse — Está em sua aura, posso vê-la, inclusive, se você não puder.

Xypher lhe jogou um feroz olhar que o deveria ter incendiado.

Simone se deteve enquanto pensava aonde conseguir roupa para ele no bairro. A maioria das lojas eram para mulheres...

Ou para góticos.

Um lento sorriso curvou seus lábios. Sim, com sua altura e personalidade cáustica, o gótico se veria realmente bem nele.

Sem uma palavra, cortou o caminho pelo Domine para chegar à Rua Decateur.

— O que está fazendo?— perguntou Xypher à defensiva.

— Vou conseguir um pouco de roupa para você.

Obrigou-a parar na calçada.

— Não necessito nada.

— Sim, necessita.

Seu formoso rosto se converteu em pedra.

— Não vou aceitar sua caridade. Não necessito nada de ninguém.

Ela o percorreu com um olhar frio.

— Não penso estar atada durante um mês a um homem que só tem uma camisa e um par de calças quando estou forçada a cheirá-lo todo o tempo.

Isso provocou fogo em seus olhos.

Jesse franziu o sobrecenho.

— Hey, ele é um deus! Não pode, simplesmente, fazer aparecer roupa para si mesmo?

Xypher olhou Jesse de uma maneira sufocante.

— Hades é um bastardo como já disse anteriormente. Meus poderes não estão intactos. Posso utilizá-los para me defender. Mas não para comida, vestimenta ou... moradia.

A última parte saiu tão baixa que nem sequer estava segura de que a tinha ouvido.

A expressão de vergonha em sua cara lhe disse que ela não se equivocou.

Por que Hades lhe teria feito isso?

—Vamos! — disse ela, puxando-o pela mão brandamente — Necessita roupa, especialmente um casaco ou jaqueta.

Xypher não podia respirar pela doçura de seu fugaz contato que o marcou completamente. Não estava desenhado para ferir ou controlar. Não era mais que um agradável toque que qualquer humano podia dar a outro.

Nunca tinha sido tocado assim.

Surpreso por sua bondade, a seguiu para uma loja. Não é que a estivesse seguindo porque queria. Nunca tinha seguido ninguém. Ela só o guiava porque não sabia para onde iriam.

À medida que entrou na loja, deteve-se a observar um manequim com um espartilho, saia curta e meias.

— Passa algo mau?— Perguntou Simone.

— Conheço um demônio que se veste assim.

Sua cara perdeu a cor.

— Um demônio?— sussurrou.

Xypher assentiu.

— Viaja como companheira do Acheron. Simi.

— Simi Parthenopaeus?

Xypher se surpreendeu pela exuberante voz da atendente. Pequena com cabelo profundamente negro, parada atrás de um balcão de vidro cheio de jóias e taças.

Simone arqueou uma sobrancelha à mulher.

— Você conhece Simi?

A mulher morena ampliou seu sorriso.

— OH, sim, todos conhecemos Simi e sua irmã. Deixam-

nos sem nada cada vez que estão na cidade. Adoramo-las Você é amigo delas?

Xypher afogou um grunhido. Amigo... Essa era uma palavra que ninguém tinha usado antes com ele. Mas, tampouco, podia dizer à mulher que tinha acabado com um exército de Daimon e farelo de cereais ao mundo.

— Sim, somos amigos.

— OH, carinho, então bem-vindo ao Roadkill. Qualquer amigo das Parthenopaeus é nosso amigo. O que posso fazer por você?

— Precisamos um pouco de roupa — disse Simone. E apontou uma jaqueta de couro pendurada muito acima na parede — Podemos ver essa?

A mulher saiu do balcão para baixar-lhe. Ele nem sequer sabia como responder.

Entregou ao Xypher que se encolheu de ombros. Era tudo o que podia fazer para não gemer pelo bem que se sentia o quente couro sobre sua pele, depois de estar congelado todos esses dias. A jaqueta era pesada, mas agradecia o peso da mesma.

Sentia-se muito, muito bem.

Simone sorriu enquanto se aproximava dele e a acomodava. Suas mãos roçaram seu pescoço, pondo-o instantaneamente duro.

— Muito bonito. Fica bem em ti. Você gosta?

Ele nem sequer sabia como responder.

— Está bem! — disse, sabendo que estava mentindo. Estava muito melhor que bem. Queria abraçá-la pelo presente.

Simone retrocedeu quando uma estranha onda de desejo a percorreu e não sabia por que. Bom, possivelmente sim. Xypher se via fenomenal com a jaqueta negra de motociclista que tinha um símbolo anarquista pintado no ombro esquerdo e os Misfits na parte traseira. Queria acariciar o couro e sentir o duro corpo debaixo. Via-se perigoso e feroz.

Coisa que realmente era.

Teve que fazer um grande esforço para não ronronar.

— Quantas camisas quer? — Perguntou Jesse.

Simone piscou antes de retroceder, agradecida pela

intervenção de Jesse.

— Pelo menos uma dúzia.

— Uma dúzia do que?—A atendente a olhou fixamente.

Simone ruborizou quando se deu conta que a mulher não sabia que Jesse estava ao seu lado.

— Sinto muito, estava pensando em voz alta.

— Ah, pensei que estavam falando em código — O olhar da mulher se deslizou para o abdômen de Xypher — Porque estou segura de que tem uma dúzia mortal oculta aí abaixo.

Simone não tinha nem idéia de por que, mas uma rajada de ciúmes a percorreu. O que podia ser mais ridículo? Entretanto, quando respondeu à mulher, sua voz estava coberta por essa estúpida e inesperada emoção.

— Oito, em realidade.

A atendente ficou impressionada.

— De verdade?

Ela assentiu

— Demônios, é uma mulher muito afortunada. O meu só tem um, mas de todos os modos o adoro.

Simone sorriu.

Xypher não.

— Do que estão falando vocês duas?

Simone deu um tapinha no braço de Xypher.

— Nada, carinho! Terá que te conseguir um par de suéteres, algumas camisas e calças.

Jesse revirou seus olhos em branco.

— Estão lhe comendo com os olhos, tio. Falam sobre seus atrativos e o fato de que está nauseabundamente marcado, igual eu teria estado se não me tivessem feito pó aos dezessete — Inchou seu peito, tratando de parecer mais musculoso — Estou apanhado para sempre em minha fase alta e desajeitada.

Xypher não fez nenhum comentário sobre sua aparência, estava mais perturbado pelas mulheres.

— Supõe-se que devem fazer isso? — Sussurrou ao Jesse.

— Só se tiver sorte... Ou se a vais ter — Jesse lhe fez estranhos ruídos parecidos com um estalo.



— Supõe-se que devem fazer o que? — Perguntou a atendente.

Simone esclareceu sua garganta.

— Conseguir sua roupa. Sim, carinho, supõe-se que deve fazer isso. — inclinou-se mais perto dele — Ignora ao Jesse antes que nos encerrem em uma habitação acolchoada — E olhou ao Jesse mordazmente.

— Só está ciumenta porque posso entrar nos vestuários e não ser visto.

Simone o cortou.

— É um pervertido!

— Não sou! Seria um pervertido se te espiasse quando está se banhando ou trocando de roupa — estremeceu — Isso seria como espiar a minha irmã. Prefiro morrer.

— Oxalá — murmurou Simone devagar.

Xypher estava realmente divertido por sua discussão. Tomou um par de segundos compreender qual era a emoção que sentia.

Diversão. Nunca a tinha experimentado antes, mas estava bem. Seu peito parecia mais ligeiro e tinha cócegas no estômago. Não havia ira ou a intenção de fazer mal em seus tons. Simplesmente estavam brincando brincalhonamente e desfrutando um do outro.

Gostava de olhá-los.

Simone enviou ao Jesse outro olhar de advertência antes que realmente a metesse em problemas. Embora ela o adorasse, odiava quanto a isso. Não gostava de ignorá-lo, mas tampouco queria que pensassem que estava louca.

Afastando-se de Jesse a fim de não animá-lo até mais, Simone seguiu à mulher para a parte traseira, mas se deteve quando viu os sapatos no centro da loja que estavam em prateleiras pegadas à parede. A maioria eram bastante funkys, incluindo um par de stiletos claros com saltos de nove polegadas. Mas um par de botas de motociclista negras com caveiras e ossos cruzados como fivelas tinham apreendido seu olhar.

Um lento sorriso curvou seus lábios enquanto pensava na única pessoa que podia lhes fazer justiça.



— Xypher?

— Sim?

Ela apontou as botas.

— Poria estas?

O amplo sorriso que causou esta pergunta era absolutamente perverso. E pela primeira vez, não foi fingido. Tinha um aspecto de puro prazer que a esquentou completamente. Maldição, o homem é magnífico. Esclarecendo-a garganta, chamou a atendente até onde estavam.

— Levamos um par destas.

A atendente sorriu.

— Adoro cada vez que vêm os amigos de Simi. Vocês compram como demônios.

Simone jogou uma olhada ao Xypher, quem a observou com um olhar culpado. A mulher estava quase certa.

Em pouco tempo, tinham escolhido a roupa, cueca, e acessórios para o Senhor Muito Bom Mas Detestável.

Simone teve que conter um gemido quando entregou seu cartão de crédito. Apesar de ter muito dinheiro, não era seu estilo gastá-lo em compras, especialmente com um convidado temporário. Mas, tampouco o podia ter caminhando por aí nu durante três semanas. Claro que se veria fenomenal, mas prenderiam aos dois.

Ao menos isso foi o que pensou até que se precaveu da descuidada expressão de alegria na cara de Xypher enquanto acariciava a manga de sua jaqueta nova. Era óbvio que nunca lhe tinham dado algo igual.

Sim, isso fez que valesse a pena.

Sorrindo, olhou para a parede atrás da cabeça da atendente. Um cabide de cachecóis pendurava ali. Seu sorriso se ampliou por um em particular.

— Desculpe — disse a atendente — Posso ver o cachecol que está atrás do balcão?

A atendente pegou o negro com caveiras brancas.

— Este?

— Sim, por favor.

Mal a desprendeou, Simone a agarrou sobre o balcão, tirou a etiqueta, e a envolveu ao redor do pescoço de Xypher.



Perseguidor de Sonhos – “Dream Chaser”
Dark Hunters 21 – Sherrilyn Kenyon

— O que está fazendo?— A suspeita em seus olhos em realidade a queimou.

— Manterá seu pescoço quente quando estivermos fora.

Xypher não falou enquanto ela ocultava os extremos do cachecol dentro de sua jaqueta, logo subiu o zíper. Foi um gesto tão tenro que lhe provocou uma dor estranha no peito. Não gostou dessa sensação.

— Não sou um menino!

Ela riu.

— Acredite bebê, que isso não me escapou.

Ele a olhou reprovadoramente por suas palavras brincalhonas.

— Está zombando de mim?

— Sim!

Zombando-se... Ninguém tinha feito isso antes. Ao menos não brincalhonamente. Olhou ao Jesse.

—Teee-zeeeen — disse Jesse, alargando a palavra. — Isso significa... — deteve-se enquanto franzia o cenho — Bom, demônio, não sabe o que significa. É quando alguém, você sabe, burla-se de ti.

Chiando seus dentes, Xypher o golpeou na parte posterior de sua cabeça.

— Ai! Demônios esqueci que podia fazer isso.

Jesse se aproximou mais a Simone.

Quando Xypher começou a persegui-lo, Simone parou em meio deles e entregou as bolsas de roupa.

— Vamos e já! — disse com um tom exagerado — Agradece à bonita senhorita sua ajuda.

A atendente sorriu.

— Não há de que! Que tenham boa noite.

Antes que Xypher pudesse responder, Simone o empurrou rapidamente para a porta. Ele a seguiu a contra gosto.

Acaso estava louca para interpor-se entre eles dois? Não podia imaginar a ninguém pondo sua vida em perigo por um fantasma. Especialmente não por um tão parvo como Jesse.

Simone se deteve para olhá-los reprovadoramente.

— Vocês dois me meterão em um grande problema um dia

destes. Acaso não podem se comportar?

Jesse bufou.

— Começou ele!

Simone levantou sua mão com frustração.

— Não diga nenhuma palavra mais!

Xypher girou e golpeou Jesse tão forte que seu cabelo começou a desvanecer-se.

Simone o agarrou pelo braço para proteger ao Jesse, que agora estava gemendo.

Os olhos de Xypher flamejaram como se estivesse a ponto de fritá-la também.

— Imunidade diplomática! — disse ela, elevando o bracelete para recordar que não podia matá-la enquanto o seguisse usando.

— Faria bem em lembrar que não durará para sempre.

— Mas vai durar o suficiente para que deixe em paz ao Jesse.

Ele grunhiu ameaçadoramente. Entretanto, e, felizmente deu as costas ao Jesse e começaram a descer pela calçada.

Aliviada de ter aos dois acalmados, Simone mal tinha dado um passo quando seu telefone soou.

— Olá?

— Tate! Temos outro homicídio... Igual ao de Glória. Pode trazer seu traseiro aqui e dar uma olhada enquanto os policiais seguem investigando a cena?

— É óbvio. Onde está?

Não escutou sua resposta já que dois carros de polícia passaram como raios, dirigindo-se para o outro lado do mercado francês. Havia uma urgência neles que acendeu seu sexto sentido.

— OH, espera, me deixe adivinhar — disse depois que passaram — Está no North Peters.

— Escutou-o, verdade?

— Até as profundidades de minha surda alma. — Viu os carros virar — Acredito que estou só a uns quatro quarteirões daí. Em um momento estou ali.

Não tomou muito tempo cruzar a rua e encontrar a polícia... Uma pequena multidão se reuniu para ver, comentar ou



especular. Simone tomou sua carteira do bolso traseiro para apresentar ao primeiro oficial que viu. Apesar de que levava uma bolsa, sempre punha a carteira em seu bolso traseiro, um hábito forçado ao que teve que acostumar-se depois de que roubassem a bolsa vários anos atrás.

Ele enrugou seu nariz ao ver sua identificação.

— Da divisão açougueira. Não os invejo meninos.

Sorriu-lhe.

— Está bem, tampouco te invejo. Pelo menos a gente que tenho em custódia, não tenta me matar.

— Bom ponto! — Levantou a fita para que ela pudesse agachar-se e entrar.

— Está comigo — disse antes que pudesse deter o Xypher.

— Está bem, Ryan! — Tate gritou enquanto se dirigia para eles. Precisamos para isto.

— O que você diga Doc.

Simone retrocedeu para apresentá-los.

— Tate, este é Xypher, meu mais recente dilema paranormal.

Rindo Tate ofereceu sua mão ao Xypher.

— Nunca antes tinha conhecido a um Dream-Hunter.

Xypher sacudiu sua mão.

— Com certeza que sim. Só que não recorda — disse com um brilho maligno em seus olhos.

Tate sacudiu a cabeça.

— Isso não é reconfortante.

— Os de meu tipo estranha vez o são — Não faltava o sinistro tom a suas palavras.

— Xypher está no grupo dos “assusta-os até que lhes arrepie o cabelo” — explicou Simone.

Tate os levou para a vítima, que estava dentro de uma lona negra.

— Dou-me conta. E vou anotar quão conveniente é permanecer de seu lado. Quão último preciso são mais pesadelos em meus sonhos — Simone não poderia estar mais de acordo.

— Acredito que Xypher vive pelos pesadelos.

Tate sorriu.

— Nesse caso, vai se sentir como em casa.

— Por quê?

Tate apontou o corpo no chão a seus pés.

— Igual Glória. Mesmas feridas. Mesmo *modus operandi*.

Não há sangue. Foi drenada e arrojada. A única diferença é que esta lutou contra ele.

— Ela deve...

— Ele — corrigiu-a Tate.

Simone franziu o cenho. Isso trocava sua idéia sobre assassino em série.

— Ele?

Tate abriu a lona para mostrar um varão de raça caucasiana, aproximadamente de vinte e cinco anos, que estava deitado de barriga para cima, olhando inexpressivamente a nada absolutamente. Seu rosto estava contorcido, congelado pelo horror que lhe tinha tirado a vida.

Simone fez uma careta enquanto uma onda de pormenorizada dor a percorreu. Esta era a parte de seu trabalho que mais odiava. A sensação de ver alguém tal e como o assassino os tinha deixado. A doentia morte fazia que seu estômago se apertasse. Mas, o pior era que sabia de primeira mão como ia reagir à família ante esta tragédia.

— Temos que encontrar a este imbecil e detê-lo — disse com os dentes apertados.

— Sim — concordou Tate.

Xypher colocou suas bolsas no chão antes de aproximar-se do corpo para examiná-lo.

— Cuidado! — advertiu Tate — Não toque o corpo. Não queremos destruir qualquer tipo de evidência. Temos que encontrar ao perverso e levá-lo ante a justiça imediatamente.

Xypher se inclinou para estudar cuidadosamente a ferida do pescoço.

— Isso vai ser difícil.

— Como assim?

— Matou-o um demônio.

— O que? — disseram Tate e ela simultaneamente.

Xypher se sentou sobre seu traseiro para olhá-los.



— Isto não foi feito por um humano.

Isso não tinha nenhum sentido para ela.

— Os Daimon não...

— Não Daimon. Demônios — Xypher apontou as marcas no pescoço que eram idênticas às de Glória — Este é o ataque de um Dimme sumério.

— Dimme? — repetiu Tate — Que demônios é um Dimme?

Xypher se levantou.

— Assim é como terminei aqui. Ajudei a lutar contra eles em Las Vegas. Durante a batalha, um dos Dimme escapou e que eu saiba ninguém pôde encontrá-lo. Acredito que vocês acabam de fazer.

Tate parecia tão doente como Simone se sentia.

— Como diabo chegou aqui?

Xypher se encolheu de ombros.

— Tem que haver algo que o atraiu até aqui. Um artefato, uma pessoa. Algo! Do contrário teria ficado perto do lugar onde suas irmãs ainda estão apanhadas.

— Está seguro disso? — perguntou Tate.

— Não, humano. Não sei nada sobre esta merda. Só estou recitando coisas ao azar para te confundir.

Simone suspirou.

— Deveria ter te advertido sobre seu sarcasmo. Faz que estar ao seu redor seja uma total alegria.

Tate fez caso omissivo de sua declaração enquanto jogava uma olhada ao redor da escura rua.

— Pode encontrar a seu fantasma Sim?

— Ainda não apareceu.

Xypher cruzou os braços sobre seu peito.

— Não vai converter se em um fantasma.

Simone se inclinou por suas inexpressivas palavras.

— O que quer dizer?

— Matou-o um Dimme. Usualmente, chupam tudo de um humano. Asseguram-no, armazenam e o encerram. Ah, nesse caso, tem que destruir o corpo porque seus assassinados se reanimam umas quantas horas depois sua morte.

Simone trocou um olhar doente com o Tate.

— Glória — sussurrou Tate — É por isso que seu corpo se

levantou.

Simone franziu o cenho enquanto pensava no próximo a isso.

— Então, por que vimos o fantasma de Glória?

Xypher encolheu de ombros.

— O Dimme não deve ter terminado de comer sua alma. Algumas vezes a alma fica apanhada eventualmente, se murcha e morre.

Tate amaldiçoou.

— Então, como encontramos e matamos a esta coisa?

A expressão de Xypher era de pura maldade.

— Não o faz! Ele te encontra e te mata.

CAPÍTULO 5

Tate tremeu antes de conduzi-los a um par de passos de distância do corpo, onde dois detetives estavam falando. A última coisa que precisavam era que um deles ouvisse por acaso esta discussão em concreto.

Fez uma careta cortante ao Xypher.

— Estou me pondo todo quente e mimoso por dentro ante a perspectiva de que estas coisas demônio vaguem pela rua, alimentando-se de nós. Em qualquer caso, de quantos estamos falando exatamente?

Xypher estava completamente indiferente a respeito do terror ao que se enfrentavam.

— Na atualidade há sete. Só um escapou ao reino humano.

Tate travou o olhar com a Simone.

— Adoro o modo em que diz “reino humano”.

Sim, ela também o fazia.

— Não sei. Ainda estou presa na parte de “nos reduzem e nos matam”. E “a morte caminha”. Não acredito que eu goste disso!

Tate soprou.

— Nem ao Nialls nem a ti. Estou seguro de que ainda está passando em grande por todo este assunto. Pobre tipo. Ninguém vai acreditar jamais que não esteja louco... — pela

expressão em sua cara era óbvio que gozava de um momento que poderia passar a qualquer.

Sacudindo a cabeça como se a limpasse, Tate voltou sua atenção para trás, ao Xypher.

— O que quer o Dimme? Por que está matando gente?

Xypher encolheu de ombros.

— Os demônios que estão interessados em matar pelo geral não querem nada. Simplesmente são assim. Cruza o caminho do demônio, morre. Se tiver que alimentar-se e está no cardápio, come-te. Simples e sinceramente. Não são fanáticos dos jogos ou de segundas intenções.

Amaldiçoando, Tate os levou ainda mais longe do corpo quando um fotógrafo foi para tirar fotos.

— As coisas não matam só por matar. Isto não tem nenhum sentido.

— Claro que tem! — disse Xypher em tom seco — Os demônios foram criados para serem armas ou instrumentos de várias entidades. Tem ao Caronte que serve aos atlantes... Em realidade, era uma das poucas raças de demônio que nem sempre foram servíveis. Até que foram derrotados e escravizados, eram os amos da terra. Depois estão os gallu, que foram criados para lutar contra os Caronte, e as Dimme, que foram feitas a fim de que se o panteão sumério era destruído e seus gallu com ele, essencialmente comessem o mundo e vingassem a seus amos mortos. É o que faz à solitária Dimme tão perigosa. Tudo o que sabe é como matar. Xypher jogou um significativo olhar para o morto do chão.

Tate não pareceu digerir bem as notícias.

— Existem outros demônios no mundo?

Xypher assentiu com a cabeça.

— Cada cultura tem seu próprio conjunto de demônios. Mas os que mencionei são com os que enfrentará neste assunto.

— Xypher inclinou a cabeça para o corpo — É possível que um gallu o atacasse. Mas geralmente, os gallu são um pouco mais circunspetos. Sabem como desfazer-se de um corpo depois de matar, ou o conservam para usá-lo como zumbi com algum propósito, tal como fazer sair a um adversário, ou o infiltram para conseguir mais vítimas. Aprendeu faz tempo que um zumbi

pelo geral volta com a família. Se o seguirem em sua volta, dispõem de mais alimento.

Tate gemeu como se aquele conhecimento lhe causasse dor.

— Está seguro?

— A menos que sejam renegados. Ou neófitos. O qual é o que seria a Dimme. Estaria perdida no mundo moderno e trataria de encontrar sua própria terra. As Dimme e os gallu têm uma mentalidade de colméia. Não gostam de funcionar independentemente. Tanto se for um gallu como uma Dimme, perambula pelas ruas, procurando a outros de sua classe e alimento... que seria de natureza humana.

De novo, Tate amaldiçoou.

— Quanto tempo esteve fora?

— Umas semanas.

— E se está alimentando agora mesmo?

Xypher riu amargamente.

— Teve que chegar aqui de Las Vegas. Imagino que há outras vítimas com o passar do caminho.

Tate trocou um olhar enojado com a Simone.

— E em todo caso, como é que sabe tanto sobre demônios? —perguntou ele.

Os olhos de Xypher cintilaram com um brilhante e chamejante vermelho.

— Eu sou um.

Tate deu um passo atrás, tal como fez Simone.

Inclusive Jesse.

— Um. Sim — disse Jesse, ficando atrás dela — Pode fazer essa coisa estranha com os olhos porque é um deus, verdade? Só se está brincando conosco sobre ser um demônio...

Ela queria acreditá-lo. Isso teria sentido...

Mas, cada instinto de seu corpo lhe disse que Xypher não tinha esse tipo de senso de humor.

Os olhos de Xypher clarearam voltando para esse assustador azul.

— Minha mãe era um demônio Sumério a quem meu pai seduziu e fui criado com sua gente, assim, tenho um pouco mais de conhecimento sobre os gallu que a maioria.

Simone se benzeu. Ia a sério? E, contudo, sabia a verdade. Só queria ouvi-lo dizer claramente.

— É um gallu?

— Geneticamente falando, sim. Mas não anseio ou subsisto a base de sangue. Bom, só o de meus inimigos.

Ele é um demônio...

Simone não sabia por que isto lhe era mais difícil de aceitar do que se fosse um deus grego, mas o era. Provavelmente, devido à reputação que tinham os demônios. Recordar que estava atada a um realmente não caiu bem.

Jogou uma olhada ao corpo no chão e tremeu. Alguma vez Xypher faria isso a um inocente?

Era esta a razão de o terem matado e condenado ao Tártaro?

Foi então, exatamente, quando se deu conta do pouco que sabia sobre a criatura a que agora estava ligada. Do que era capaz.

Como tinha sido posta sua vida em suas mãos tão insensivelmente?

Tate fez um gesto para o corpo.

— Pode matar ao que seja que fez isto?

Xypher inclinou levemente a cabeça.

— Mas, por que deveria?

Tate ficou pasmado.

— Para pôr freio à morte de gente inocente.

Xypher se burlou.

— Inocente? Aquele homem costumava ser um violador e um assassino. Quando se inteirar de sua identidade, vai se deparar com que não foi uma rosinha. Asseguro que o teria deixado muitíssimo pior.

— Como sabe isso? — sussurrou Simone.

Deu-lhe um olhar tão frio que a gelou até o fundo da alma.

— O mal conhece mal, é como nos encontramos os uns aos outros, em caso das Dimme, é como evita ser desbancado por um adversário mais depravado.

Os olhos de Jesse se abriram com respeito como pratos.

— Wow! Então você é como o sabujo de Satã?

Xypher o olhou divertido.

— Lúcifér tem a seus próprios demônios aos que mandar.
Não sou um deles.

— Grande lição de história sobre demônios e seus hábitos alimentares — aplaudiu Tate — Assim, por curiosidade, o que redijo em meu relatório? Ocasional matança de demônio? Sim. Isto para ler será realmente bom! — girou para Simone — Acredita que posso conseguir um trabalho como empregado da limpeza com um título de médico?

Acariciou seu braço afetuosamente.

— Não mencionaria o título. Far-te-ia muito qualificado para o trabalho. Mas, se te faz sentir um pouco melhor, não penso que necessitará um trabalho quando enviarem ao Mandeville.

— Obrigado, Simone. — Seu tom era tão seco como o deserto — Me lembrarei disto a próxima vez que me peça uma carta de recomendação.

— E me lembrarei quando exercer de porteiro no Tulane. Verei se te ajudo a encontrar trabalho.

— Ui! — Tate resmungou — É cruel.

— Ouça Doc? — Um policial entrado em anos se aproximou deles — os dos homicídios querem saber se já está preparado para levantar e transladar o cadáver.

— Sim, parece — Baixou a voz de modo que só Simone e Xypher pudessem ouvi-lo — Matança feita ao azar por um demônio. Talvez devesse redigi-lo simplesmente como um ataque que saiu mal — Fez uma pausa e olhou Xypher — Está seguro sobre a causa da morte?

— Quando o corpo se levantar dentro de pouco e tratar de te matar, terá sua resposta.

Tate suspirou pesadamente.

— O que fará? — perguntou Simone antes que pudesse distanciar-se.

Tate encolheu de ombros.

— Não sei. Não posso destruir o corpo. A todo este assunto espera passar por um processo judicial, seguido de uma demissão importante e humilhação pública.

Xypher coçou a bochecha antes de falar:



— Pelo menos, lhe corte a cabeça. Agradecer-me-á isso mais tarde.

Tate soprou.

— Crê que um “oops” poderia tampá-lo? —perguntou a Simone.

— Tate! — espetou ela, horrorizada ao pensá-lo — Nossa profissão já tem uma reputação bastante má. Não pode fazer algo assim ou nunca conseguiremos que se esqueça.

— Trato de ser razoável. Sabe que o teste ME não cobre exatamente isto. O que diz aos estudantes sobre as peculiaridades de nosso trabalho?

— Nada. Simplesmente lhes digo que há algumas coisas que não podem ser explicadas.

— Sim — disse Tate com uma risada nervosa — tudo isto definitivamente se qualificaria como inexplicável — Jogou um olhar atrás, ao Xypher — Há algo que contenha ao corpo, além da decapitação ou a absoluta destruição?

— Esquartejá-lo.

Tate arranhou a sobrancelha com o dedo do meio.

— Tenho visões do Shaun dos Mortos em meu laboratório.

Simone soltou uma gargalhada.

— Querera dizer Tate dos Mortos.

— Exatamente. E me permitam não esquecer que ao final de A Noite dos Mortos Vivos, pegaram-lhe um tiro ao homem negro que sobreviveu aos ataques zumbis. Não é um bom precedente e aqui estou tendo um mau flashback, Sim!

Sacudindo a cabeça, Tate aplaudiu e pôs-se a andar afastando-se deles como se encaminhasse para seu destino.

— Bem, me desejem sorte... E muito poder de fogo; lembrem de não deixar ao xerife que me pegue um tiro ao amanhecer — jogou um olhar atrás, à vítima — Ao menos esta vez sei, para não atribuir o corpo a alguém mais.

— Bonne chance, mon ami.

— Sim, obrigado, Simone. Pessoalmente, gostaria de Bonne chance nisto.

Ela retrocedeu quando os deixou e se aproximou do corpo para poder vigiar seus movimentos.

Simone afastou o olhar quando pensou em Glória e se perguntou o que teria lhe passado. Esfregando seus braços, sussurrou uma reza silenciosa pela pobre mulher.

Jesse levantou a cabeça enquanto a estudava.

— O que acontece, Sim?

— Só pensava em Glória. Desejaria saber o que lhe passou. Odeio que a tenhamos perdido.

Xypher franziu o cenho.

— Quem é Glória?

Simone lançou um olhar irritado porque ele não sabia.

— Era o outro fantasma que estava ali com os Daimon quando chegou se chocando com meu mundo.

— Ah, a loira.

— Sim, a loira.

Tate gemeu quando voltou para grupo e pegou aquele fragmento da conversa.

— Sim... Falando disso, sua família chegará a qualquer momento para reclamar o corpo. O que supõe que tenho que dizer quando não o pudermos entregar? De novo, não acredito que um “oops” o encubra completamente.

— Ouça! — vociferou um poli — Doc não creio que este tipo esteja morto. Acabo de vê-lo mover-se.

Simone empalideceu diante daquelas palavras. Pior, viu o pé do defunto mover.

— Xypher, está começando.

Antes que pudesse piscar, ele lançou sua mão. Um instante mais tarde, o corpo íntegro irrompeu em chamas. O policial gritou pedindo ajuda enquanto vários dos outros polis brigavam pelos extintores.

Ela fulminou Xypher com o olhar.

— Você fez isso?

Ele encolheu os ombros despreocupadamente.

— Às vezes meus poderes funcionam. Às vezes não. Parece que desta vez o fizeram. Sim, fizeram-no.

Tate enrugou o nariz enquanto via os policiais correr ao redor.

— Não estou seguro se deveria agradecer isso ou não... Pensa que acreditarão que havia um pouco de gás na terra que

fez que o corpo se movesse e que então se queimou espontaneamente?

Simone deixou sair uma prolongada exalação enquanto silenciosamente lhe desejava sorte naquele assunto.

— Se alguém pode fazer que funcione, Tate, é você.

— Sim, vejo-te no escritório de desemprego logo. —

Deixou-os para ajudar aos oficiais a extinguir as chamas. Simone os olhou trabalhar, enquanto o verdadeiro horror de tudo aquilo penetrava em seu interior.

— De modo que um demônio realmente comeu ao homem.

— Não acreditará que inventei isso, não?

— Não — Ela alargou a palavra — Não exatamente, em qualquer caso — Franziu o cenho ao varrer com o olhar aquele corpo que tinha sido feito para o pecado até os impressionantes olhos claros. Ninguém adivinharia alguma vez que Xypher era algo além de humano, embora ela o conhecesse melhor — Realmente é parte demônio?

— Por que mentiria?

— Não sei. Às vezes as pessoas o fazem, sem nenhum motivo aparente.

— Mas não sou humano.

Que fora um feto diabólico ao menos explicava um pouco de sua personalidade mordaz. Isto também o desculpava... Quase. Além disso, já que era um demônio, tinha sorte que estivesse domesticado e não tentasse assustar a todos os que encontravam pela rua.

Estou atada a um demônio... Soava como um mau filme de ficção científica.

Desconcertada, aturdida e francamente confusa, foi agarrar sua bolsa onde a tinha deixado no chão. Agora mesmo, só queria ir a sua casa e recuperar a compostura.

Levou-os fora da cena do crime, para seu apartamento.

— Te anime Sim — disse Jesse alegremente — Ao menos o demônio não te comeu.

— Ainda, quer dizer.

Xypher tomou os pacotes de suas mãos.

— Não se preocupe. Não permitirei que lhe façam mal.

— Não, a menos que isto signifique que receba um

disparo de seu inimigo, verdade? Então sou caça maior para a morte.

Ele não fez nenhum comentário.

— Tudo corretíssimo, então! — disse ela, tratando de aliviar a atmosfera e não amargurar-se com o fato de que muito provavelmente a sacrificaria para obter seu objetivo — Façamos nosso caminho de volta sem perigo. Vamos?

Xypher assentiu com a cabeça enquanto tratava de não pensar no fato de que não estava tão seguro de que não a protegeria inclusive a custo de sua vingança. Apesar de ter sangue de demônio em seu interior, não era completamente desumano. Inclusive, no pior dos casos tinha um código ético e aquela ética não lhe permitiria que Simone sofresse machucados no fogo cruzado.

Maldito fosse por isso!

Fazendo uma pausa, Jesse lhe dedicou um olhar que disse que o fantasma não acreditava muito nele. Estava acostumado. Os deuses gregos lhe tinham jogado o mesmo olhar assim que se deram conta de que um demônio sumério estava geneticamente conectado com seu panteão.

No momento em que Xypher aprendeu a infiltrar-se nos sonhos e mostrou seus poderes de deus, Zeus enviou seus coroinhas para que o arrastassem ao Olimpo encadeado.

Embora Xypher fosse pouco mais que um menino, Zeus tinha tentado matá-lo. Mas Poseidon tinha detido seu irmão para que não cometesse aquele engano.

— Os sumérios procuram uma razão para fazer intervir aos Chthonians sobre nós. Mata a esse moço e teremos que responder a todos.

Os Chthonians eram essencialmente os porteiros do universo, asseguravam-se de que os panteões não fizessem guerra um contra o outro, já que tais coisas tendiam a conduzir à destruição final da Terra e de cada um dos que a chamavam lar.

Zeus tinha franzido o lábio para seu irmão.

— Então o que farei com ele?

— Tire suas emoções e treina-o como ao resto dos mucosos do Phobetor. Já não há nada que temer em um Oneroi.



E, uma vez que esteja treinado, seremos capazes de usá-lo para espiar aos sumérios.

E, assim tinha começado a brutal formação do Xypher.

Jovem e estúpido, Xypher realmente tinha pensado que seu pai viria a resgatá-lo.

Não o tinha feito. De fato, tinha sido seu pai quem tinha ajudado a golpeá-lo e a lhe tirar as emoções para demonstrar sua lealdade ao Zeus. Se Xypher tivesse sido por completo um demônio, não teriam sido capazes de subjugá-lo. Infelizmente, tinha muito do sangue de seu pai em seu interior para isso.

Tinham-no quebrado em um caloroso dia de verão, quando tinha decidido que seria mais fácil ceder ante o adestramento que sofrer mais abusos. Todas suas emoções tinham sido sangradas até que esteve insensibilizado a tudo. Nenhum sabor, nenhum aroma. Nada que pudesse induzir uma emoção.

Francamente, tinha-lhe dado à bem-vinda. Todos os anos de dor se acabaram. E, ao menos os gregos não eram de todo tão sanguinários como os demônios. Não o tinham feito lutar por cada bocado. Sangrar por cada comodidade.

Ser um demônio significava tomar e destruir. O alimento só era concedido àqueles que podiam matar por ele.

Deveria ter ficado como um Oneroi.

Quanto mais simples tinham sido as coisas então. Tudo o que tinha que fazer era custodiar o sonho dos humanos, assegurando-se de que outro Skoti não se pegasse a um humano em particular muito tempo. Os deuses permitiam ao Oneroi e ao Skoti existir enquanto não transtornassem o equilíbrio do universo ou fizessem adoecer ao anfitrião humano por seus sonhos.

Sempre que os Skoti se aproximavam muito ao rompimento daquelas duas leis, mandavam aos Oneroi para afugentá-los ou matá-los.

Tinha sido uma vida cômoda.

Até que tinha chegado Satara. Uma criada para a deusa Ártemis tinha sido tão formosa e cativante como nenhuma imortal. Tinha-o convocado em seus sonhos, e ali lhe tinha mostrado a bondade e as mais suaves emoções que jamais antes tinha experimentado. Faziam o amor como se estivessem

ardendo. Em cada fôlego, em cada toque, tinha-lhe dado prazer.

Quando estava com ele, sentia-se vivo...

Xypher amaldiçoou enquanto recordava à fêmea. Sensual e sedutora, tinha-o feito pagar um alto preço por querer ser algo mais do que era. Esse foi um engano que nunca cometeria de novo.

— Está bem?

Piscou ante a voz suave de Simone, que interrompeu seus pensamentos.

— Melhor que nunca.

— Maldição — disse Jesse, e se inclinou aproximando-se de Simone — Se isto for seu “melhor que alguma vez”, faz te perguntar como é seu “pior que alguma vez”, né?

Ela jogou a vista atrás sobre seu ombro. Xypher não sabia por que, mas havia algo completamente encantado em suas expressões e ações.

— Shii, Jesse, te leve bem. Recorda, pode te machucar.

— Sim, e quero saber agora mesmo a quem posso me queixar a respeito disto. É só que não me parece justo.

Xypher o olhou entrecerrando os olhos.

— De todos os modos, como conseguiu ser um fantasma? Deu a lata a muitas pessoas e cortaram sua garganta?

— Ha, ha — respondeu sarcasticamente — Não, foi por um carro destroçado durante uma noite realmente chuvosa falando com minha noiva do trabalho a casa. O último que ouvi foi a ela me indicando que me afastasse da luz. Então, quando a grande luz brilhante chegou, afastei-me, e a seguinte coisa que soube foi que estava apanhado aqui na terra.

Xypher pôs os olhos em branco.

— É a coisa mais patética que jamais ouvi.

Jesse bufou.

— De verdade? A coisa mais patética que ouvi jamais foi esta de metade demônio, metade deus que...

— Jesse! — espetou-lhe Simone — Outra vez, sinto-me obrigada a te recordar que pode te golpear e te machucar. Muito!

Isto conteve um pouco ao fantasma.

Xypher franziu o cenho quando olhou aos dois. Estavam

muito cômodos juntos..., como uma família. Ele nunca tinha estado próximo assim de alguém ou algo, e o fazia perguntar-se o que tinha acontecido para provocar aquele vínculo.

— Como terminou com a Simone?

Jesse riu.

— Olhe, aqui é onde você diria algo assim como “não é de sua maldita incumbência”. Mas, diferente de você, sou mais agradável.

Xypher entrecerrou os olhos.

Um instante mais tarde, Jesse tropeçou como se alguém o tivesse empurrado.

Recompôs e girou para fulminar com o olhar ao Xypher.

— Ouça Vader, guarda suas brincadeiras mentais do Jedi para você. Como dói!

— Sim, e a próxima vez te doerá muito mais. Agora, como terminou sendo o empregado fastidioso da Simone?

— Foi à noite em que mataram a minha mãe e meu irmão — disse Simone, sua voz traída por uma sutil nota de tristeza — Estava no hospital, esperando que chegasse meu pai, quando Jesse veio e me disse que não gritasse.

Xypher lamentou admiti-lo, mas o que tinha feito Jesse era uma coisa agradável.

— Como morreram? Acidente de carro?

Sacudiu a cabeça antes de abraçar a si mesma como se proporcionasse bem-estar ou amparo ante a má lembrança.

— Foi um roubo que saiu mal. Voltávamos de uma função escolar e Tony desejava muito uma dessas estúpidas chupetas de caramelo para prender na cinta. Minha mãe entrou em um pequeno supermercado para lhe comprar. Posto que tivesse sono e não me sentia bem, fiquei no carro enquanto eles entravam. Como não retornavam, elevei-me no assento traseiro para ver o que era que estava levando tanto tempo. Assim que o fiz, vi dois homens mirá-los debaixo do balcão. Estava tão assustada, que tudo o que pude fazer foi tampar os ouvidos e me arrastar atrás do assento dianteiro para me esconder. A polícia me encontrou ali uns minutos mais tarde quando vieram. Tiveram que tirar os assentos para chegar até mim.

Xypher se sentiu como a merda. Não havia nenhuma

outra descrição. Viu as lágrimas em seus olhos e o enfureceu que alguém lhe tivesse feito isto.

Quando seu olhar penetrante encontrou o de Simone, a agonia naqueles olhos cor de avelã o atravessou como uma adaga.

— Tony tinha só sete anos. Como pôde alguém abrir fogo contra uma criatura com sua mãe?

Xypher afastou o olhar, incapaz de agüentar a dor e o escrutínio que viu em seus olhos.

— Não sei.

— Você é parte demônio. Pode me dar uma explicação de tal maldade?

— Não. Tão depravado como fui, nunca tenho feito mal a um menino e nunca o faria.

Trocando as bolsas de mão, Xypher puxou-a para fazer um alto. Queria consolá-la, mas não estava seguro de como. O que faziam os humanos para consolar-se? Tocavam-se?

Elevou a mão para colocá-la em sua bochecha fria e suave.

— Sinto sua perda, Simone. — O que mais o surpreendeu foi que realmente queria dizê-lo. Realmente lhe importava. Simone viu a vacilação nos olhos de Xypher. A incerteza. Se não soubesse melhor, pensaria que tinha medo de tocá-la. Colocou a mão sobre a sua e lhe deu um ligeiro apertão.

— Obrigada!

Ele inclinou a cabeça antes de deixar cair à mão.

— Não te ofendi ao te tocar, verdade?

— Não.

Jesse fez um estranho ruído de engasgo.

— Sim, mas ambos me estão ofendendo com toda essa panaquice de melaço enjoativos. Peguem uma habitação. Não! Espera, não o façam. Habitações separadas. Vocês dois!

Simone sacudiu a cabeça.

— Jesse, pára!

Jesse a ignorou enquanto se adiantava correndo.

— Ah, olhe, estamos em casa. Que bom!

Xypher retrocedeu quando Simone tirou um jogo de chaves do bolso das calças. Ela parou diante de uma porta de

ação verde que se abriu a um beco estreito que conduzia a um pátio grande.

Ela abriu a porta e se afastou.

— Jesse, lhe mostre o caminho enquanto fecho.

Xypher seguiu ao fantasma pelo imaculado pátio que tinha um par de churrasqueiras de aço inoxidáveis e uma fonte negra.

— Meu apartamento está justo atrás — Passou entre eles e se dirigiu a uma porta marrom com o número 23.

Xypher a seguiu para uma pequena sala de estar. O edifício era velho, mas seu mobiliário era novo. Decorado em cor canela e marrom, o apartamento estava cuidado pulcramente sem nada não combinando.

Ela apontou à parte traseira da casa.

— Há dois dormitórios. Jesse? Dormirá no sofá?

Este soltou um exasperado chiado.

— me faça fazer isso e vou empilhar o mobiliário e reajustar o alarme de seu despertador.

— E localizarei a um exorcista.

Jesse lançou um olhar entrecerrado.

— Só funcionaria com um demônio — Enviou ao Xypher um afiado e penetrante olhar.

— Um médium, então. Irei à loja de Madame Selene no Square e me dará uma mão com um feitiço de desterro para ti.

— OH, você... — a acusou Jesse — Excelente! Resmungão pode dormir em meu quarto, mas melhor que não babe em meus travesseiros. Ou durma nu. A última coisa que preciso é ficar cego.

— Não babo!

Jesse pareceu agradado.

— Bom! E a parte do nu?

— Não é meu tipo, Jesse.

Jesse deu um alarido antes de pôr-se a correr para a parte de atrás da casa.

Simone revirou os olhos ante as palhaçadas de Jesse. Podia ser exasperante, mas francamente, não podia imaginar sua vida sem ele.

Ela tirou o casaco e o pendurou, logo esperou que Xypher



fizesse o mesmo.

Uma vez que estiveram em camisa e jeans, indicou-lhe a parte de atrás de seu apartamento com uma inclinação da cabeça.

— Me siga e te mostrarei o caminho. — conduziu-o para o fundo e através da cozinha até onde havia dois dormitórios — Estou à direita. Sua habitação temporária é a da esquerda.

Havia um banheiro entre eles.

Xypher fez uma pausa enquanto assumia o pequeno lugar que ela chamava casa. Era agradável e cômodo. Não muito elegante, mas de tamanho perfeito para uma mulher que vivia sozinha... Com um fantasma.

O fez entrar no quarto do Jesse que estava pintado de azul. Xypher gostou disso, mas havia pôster de grupos musicais e filmes dos 80 pegos nas paredes por toda parte. Lost Boys. Joan Jett. Ferris Bueller's Day Off. The Damned. Flash Dance. Wendy O. Williams. The Terminator. The Clash. Go-Gob's. Bananarama. Parecia uma estranha cápsula do tempo.

Três caixas de madeira desenhadas para álbuns de vinil estavam cheias de LP's e empilhadas contra a parede do fundo. Em cima, havia um velho equipamento de música Pioneer com um prato giratório. A cômoda tinha todo tipo de coisas, inclusive um Cubo de Rubik, multidão de jogo de dados, e cartuchos de Atari. Parecia o dormitório de um adolescente de 1987.

Xypher tomou um minuto para deixar que filtrasse em sua consciência. As maiorias das pessoas que tinham uma força fantasma em sua vida não se esforçavam muito em fazê-la sentir como em casa. Havia até um antiquado computador Apple no escritório perto das caixas, e um Atari conectado à TV.

— Ama ao Jesse. — esta era uma declaração óbvia dada à habitação em que estavam.

— Amo-o! — seus olhos brilharam com sinceridade e verdade — ficou e me buscou depois de que minha família se foi. Parecia-se com um irmão maior... — inclinou a cabeça e sorriu antes de prosseguir — Agora é o mais jovem. Mas não há nada que não fizesse por ele.

Quanto lamentava não ter aquela aula da lealdade de alguém. Seu problema era que não existia ninguém que quisesse

fazer algo por ele.

— Pode pôr sua roupa aqui. — abriu uma gaveta vazia da cômoda.

Xypher deixou as bolsas no chão.

— Sabe que isto poderia não funcionar.

— Mas como?

— Seu dormitório poderia estar muito afastado.

Podemos não ser capazes de nos separar.

Ela respirou bruscamente.

— Tinha me esquecido dessa cláusula já! Como saberemos?

Xypher se retirou.

— Começamos caminhando. No momento em que dê com um ponto onde ofegue, isso deveria nos dizer nossas limitações.

— OH, que alegria! Não posso esperar a ser um peixinho de aquário.

— Glub, glub, pequeno peixinho. Começa a caminhar.

Simone não se sentia segura enquanto se dirigia devagar para a porta. Passou pela entrada, para o corredor. Depois de uns passos, teve menos medo. Até o momento ia bem.

— Não parece... — sua voz falhou ao afogar-se. De repente, não podia falar ou mover-se. Tudo ao seu redor se tornando escuro. Aterrador.

De um nada, Xypher estava ali. Tomou-a nos braços, levou-a ao dormitório e a pôs na cama. Sua cara estava vermelha enquanto também ele lutava por respirar.

Levou vários minutos poderem voltar a respirar com normalidade outra vez. Xypher ficou ao seu lado, olhando-a com uma expressão que teria denominado de preocupada se a idéia de sua preocupação por ela não fosse absurda.

— Foi horripilante! — disse em voz baixa, uma vez que pôde falar outra vez — Como o fez se tampouco podia respirar?

— Pura determinação.

Colocou a mão na bochecha e suas costeletas lhe fizeram cócegas na palma. Como podia um demônio ter momentos de bondade e compaixão?

— Obrigada.

Inclinou a cabeça para ela.



— Agora sabemos o pouco espaço de que dispomos.

Era certo. Dispunham de talvez entre quatro e seis metros antes que a distância os matasse.

— O que faremos?

Xypher considerou suas opções... Nenhuma das quais era muito boa. Clareou a garganta antes de responder.

— Encontraremos algum modo de sair desta.

— E se não pudermos?

Então ela ia morrer quando matasse a Satara. E não haveria nenhum modo de evitá-lo.

CAPÍTULO 6

Simone saltou quando o telefone em seu bolso soou rompendo o incômodo silêncio entre eles. Tirando-o do bolso, respondeu para encontrar ao Julián ao outro lado da linha.

— Sinto te incomodar, Simone. Mas já que minha esposa

retornou, perguntávamo-nos se gostaria que lhe devolvêssemos o carro.

— Isso seria fabuloso. Está seguro de que não será muito aborrecimento?

— Absolutamente! Só me dê a direção e nós o levaremos ali.

— OH, espera, você não tem as chaves de meu carro.

Ele riu baixo.

— Confia em mim, não será um problema.

Como podia esquecer que estava falando com um semideus?

— Nesse caso, muitíssimo obrigada!

Aliviada de conseguir que lhe devolvessem seu veículo, Simone lhe deu a direção, depois desligou. Finalmente algo ia bem. Eram quase dez horas depois, mas, antes tarde que nunca.

Incorporou-se na cama.

— Suponho que temos que trazer o colchão da cama de Jesse e colocá-lo no chão para você.

Xypher retrocedeu para dar a ela espaço para mover-se ao redor do quarto.

— Por que o faria?

— Para que tenha um lugar cômodo onde dormir esta noite.

Seu cenho se fez mais profundo.

— Não necessito um colchão.

Falava a sério? Não havia maneira em que deixasse que um homem estranho dormisse em sua cama, especialmente não um que se visse tão bem como ele. Não confiava em nenhum dos dois para manter as mãos em si mesmos.

— Não pode dormir no chão. Faz frio.

Ele arqueou uma sobrancelha ante seu tom indignado.

— Estive dormindo sobre terra gelada durante setecentos anos. Pelo menos seus chãos estão limpos e não há nada correndo sobre eles que me mordam enquanto durmo.

Doeu-lhe o coração ante a descrição que deu. Por sua expressão, podia dizer que não brincava nem exagerava.

— O que fez para que o condenassem?

Ele afastou o olhar.

Simone se aproximou dele lentamente de modo que pudesse o olhar e lhe tocar o braço. Meio esperava que amaldiçoasse e a empurrasse.

Não o fez.

Xypher não podia respirar quando ficou olhando fixamente nesses curiosos olhos avelã que queimavam sua alma. Esse toque, combinado com esses olhos, debilitou-o.

Tudo o que queria fazer era puxá-la a seus braços e sentir seu suave consolo.

Se só fosse tão singelo. Mas, não era. Suas feridas não podiam ser aliviadas tão facilmente. Muitos séculos de abuso o tinham deixado vazio. Ele deixou escapar um profundo suspiro antes de responder sua pergunta.

— Permiti que alguém me utilizasse.

— Utilizasse como?

Como podia ele explicar sobre Satara a alguém que não tinha idéia de uma criatura tão maliciosa e fria? Havia vezes que sequer ele entendia a natureza de sua complicada reação.

— Ela me viciou em suas emoções e usou esse vício para me controlar. Pensei que a amava e que tinha de fazer algo para fazê-la feliz.

Simone inclinou a cabeça.

— Algo, huh? O que te pediu que fizesse?

Ele vacilou para contar-lhe tudo. Não havia necessidade que soubesse o monstro que tinha sido.

— Encarreguei-me de seus loucos inimigos por ela. Fiz que se voltassem uns contra outros e contra suas próprias famílias. Eles mataram violentamente a outras pessoas e então se suicidaram.

Piscou ante as lembranças que ainda o espreitavam. Homens que tinha forçado a brigar por nenhuma outra razão que a de fazer feliz a Satara.

— Me acredite, ganhei minha condenação. Nunca a esquivei. Os Destinos não o permitiriam. Mas, não deveria ter sofrido só no Tártaro. Pode que cometesse as mortes, mas Satara as encarregou.

Simone tentou entender a ele e o que tinha feito. Por que tinha sido condenado por isso. Mas não importava quanto o



tentasse, não podia reconciliar-se com alguém digno de ser castigado tão severamente.

— Você diz que os demônios são ferramentas de outros. Por que suporta a responsabilidade de ser feroz por natureza?

— Não sou só um demônio, Simone. Sou um deus. O que fiz foi imperdoável. Não peço nenhum tipo de salvação ou de compreensão.

Não, ele só pedia vingança,

— O que te faz tão implacável?

A intensidade desse olhar a chamuscou. Era vazio e frio e ao mesmo tempo tocava algo em seu interior.

— Tem as guelras de me fazer essa pergunta. Roga a qualquer deus no que crê para que sempre permaneça ignorante.

Ele se separou dela e caminhou para a janela.

Jesse vagou de retorno ao quarto, fazendo-a perguntar-se onde teria estado os últimos minutos. Por outra parte, ao Jesse não gostava dos visitantes na casa assim possivelmente tivesse saído a passear.

— Tem um pouco de sal?—perguntou de repente Xypher.

— Sal?

Que estranha saída de seu anterior tema recorrendo a tal original tópico. O que tinha que ver o sal com aquilo?

Ele comprovou a fechadura de sua janela antes de responder.

— Temos que pulverizá-lo ao redor das janelas e portas, ou qualquer coisa de fora.

— Por quê?

— O sal é uma substância pura. Incorruptível. Nenhum demônio de sangue puro pode cruzá-la.

Simone gostava como soava isso, mas tinha uma pergunta.

— Você pode verdade?

Ele assentiu e se voltou para a janela.

— Mas Kaiaphas não.

— Partindo o sal! — Jesse correu para a cozinha. Simone não demorou em segui-lo.

Xypher se levantou quando ela voltou com o saleiro.

— Isto vai necessitar uma alta concentração.

— É obvio, usa a que necessite — estendeu o sal. Em

pouco tempo tinham todo o apartamento preparado.

— Deus benza ao Morten's — disse ela, fechando a tampa e devolvendo o redondo contêiner a seu gabinete — Quem poderia imaginar que isto servia para outra coisa que não para cozinhar?

Bateram na porta.

Os olhos de Simone se abriram desmesuradamente quando uma punhalada de terror a atravessou.

— Que probabilidades têm que possa ser Kaiaphas?

— Muito poucas. Ele não chama.

— OH — sentindo-se um pouco ridícula por sua pergunta, foi à porta, só para que Xypher a detivesse colocando uma mão sobre a porta para que não pudesse abri-la.

— Cuidado com o sal quando abrir a porta. Se a empurrar, não nos fará nenhum bem.

Boa advertência.

— Obrigada — ela abriu cuidadosamente a porta para encontrar ali ao Julián.

— Olá — sorriu ele — Te deixei o carro em frente. Só queria que soubesse.

Devolveu o sorriso.

— Muito obrigado por isso... e por tudo. Realmente o aprecio.

— Não há problema — ele olhou além dela onde estava Xypher — Me alegra te ver de pé e perto. Levamos um susto por um momento quando desmaiou. Nada igual a uma batalha com um demônio ao pôr do sol para sentir-se vivo, verdade?

— Se você o diz — Xypher estendeu a mão ao Julián — Aprecio sua ajuda.

Julián lhe estreitou a mão.

— Não há de que... especialmente quando os meninos não estão ao redor. Boa noite.

— Boa noite — Simone fechou a porta de repente, então girou para olhar Xypher. Estava assombrada pelo que ele tinha feito. Estava fora do caráter do demônio que queria lhe cravar para assegurar-se que não haviam possuído seu corpo. Entretanto, não ia ser suicida.

— Realmente acaba de lhe dar obrigado?



— Sim. Sei que acha difícil de acreditar, mas sou capaz disso.

— Seriamente?

Ele pareceu desconcertado por seu comentário.

— Por que zomba de mim?

Ela se encolheu de ombros.

— É bastante zombador.

— Igual a uma cobra — disse Jesse maliciosamente enquanto fingia acariciar uma serpente invisível — aqui, reppie, reppie. Aqui, reppie, reppie. Ow! — levou a mão ao corpo e a abanou — Me mordeu! — Então começou a espumar pela boca e a sacudir-se antes de cair ao chão — Me matou.

Simone deu um passo para sua espasmódica forma.

— É tão estranho, Jesse.

Ele levantou a cabeça para olhar depois dela.

— Não sou o que brinca com a cobra, idiota. Essa é você. Mrs. Spicoli pedindo pizza na classe do Mr. Hand. Detém a loucura, irmã. Detém-na!

Xypher deu um passo para ele e Jesse se levantou rapidamente.

— Vou escutar uns álbuns de Duram-Duram. Vemo-nos depois — Jesse se desvaneceu.

Simone esfregou as sobrancelhas em um lento círculo antes de mover-se a massagear suas têmporas, tentando dissipar algo da dor de cabeça que tinha começado. Voltou para dormitório para depositar sua bolsa e chaves sobre a penteadeira.

— Pequeno dia! Perseguida por um demônio, ameaçada por licantropos, abundantes experiências próximas à morte, corpos mutilados... Enjôo só pensando o que possivelmente traga o amanhã.

Xypher lançou um olhar mal-humorado para a habitação de Jesse.

— Se tivermos sorte, um médium que ajude Jesse a encontrar essa luz e entrar nela.

Simone ofegou ante seu seco comentário.

— OH, meu Deus, Isso é uma brincadeira? — rindo, aproximou-se dele — Realmente tem feito uma verdadeira

piada?

Xypher estava completamente encantado pelo som de sua melódica risada quando ela caminhou frente a ele. Seus olhos brilhavam com calor e humor. Era tão vibrante e viva que queria alcançá-la e tocá-la.

Não. Queria beijá-la...

Esse conhecimento o atravessou. Era um Phobotory Skotos. Eles prosperavam causando temor em outros. Mas, estando ali, agora mesmo, olhando-a, queria lhe tirar a roupa e provar cada parte de seu corpo até que gozasse em seus braços gritando seu nome.

Ardia com uma necessidade tão forte e feroz, que realmente o assustava. Seu corpo duro como o aço, rogando por aproximá-la e provar esses tentadores lábios que brincavam, mas jamais se burlavam dele.

O calor do olhar de Xypher queimou Simone. Era eletrizante. Dilacerador. Era tão feroz e complexo. Tão aterrador, e, ao mesmo tempo queria lhe tocar. Era uma compulsão igual a olhar um animal selvagem enjaulado que sabia podia te destroçar com suas garras. Inclusive assim, isto continha tanta beleza que o único que podia sonhar era afundar sua mão nessa suave pele e senti-lo ronronar contra si.

Mas, esse não era o homem frente a ela. Não estava segura se alguma mulher podia o domar o suficiente para domesticar esse formoso corpo. Ele não parecia ter baixado suas defesas o suficiente para permitir uma intimidade com ele.

Simone podia contar com uma mão o número de homens com os quais esteve... e a todos eles tinha conhecido durante muito tempo antes de ficar com eles. Inclusive muito antes que lhes desse a bem-vinda a sua cama.

Nunca, nenhuma só vez tinha encontrado um homem que a esquentasse assim. Realmente queria atraí-lo a ela e lhe arrancar a roupa despindo-o antes de provar cada succulenta polegada dele.

O que estava mal com ela?

Ele era detestável e odioso. Aterrador e ameaçador. E o corpo mais sexy sobre duas pernas.

Seus olhos obscureceram quando inclinou a cabeça para a dela. Corre Simone, corre...

Não podia. Em troca, abriu a boca para receber um dos mais quentes beijos que tinha provado jamais. Ao princípio não a tocou. Só seus lábios se deslizaram sobre os dela, provando e acariciando.

Um feroz grunhido escapou dele antes que embalasse seu rosto nas mãos e aprofundasse na moça a um nível estático.

Xypher respirou sua essência, permitindo que se derramasse sobre ele. Quando suas línguas se moveram, ele provou sua humanidade, seu espírito. Mais que tudo, provou sua paixão. Isto o queimou, fazendo que doessem lugares que nem sequer sabia que pudessem doer a um homem. Mas a necessidade de dor que o surpreendeu era mais de uma em sua condenada alma.

Pela primeira vez em séculos, não se sentia como um demônio. Sentia-se como um homem.

Assim é como te conseguiu Satara...

Esse pensamento caiu sobre ele igual a um banho de gelo. Ofegando ante a verdade, afastou-se. A ira o envolveu fazendo-o sentir novamente estúpido. E por quê? Por um fugaz momento de prazer?

Idiota!

Um momento de bênção não compensava uma eternidade no inferno. E nem sequer Simone.

Ela era uma humana. Nada bom poderia sair estando com ela. Ele pertencia ao mundo imortal e ela vivia em um com suas regras e cortesia. Não havia maneira de que ela entendesse jamais quem e o que era ele.

Simone não podia respirar quando viu uma multidão de emoções passando sobre a face de Xypher. Confusão, remorso, tortura, mas, a única que a impactou era a amarga raiva.

— O que ocorre?

— Mantém afastada de mim — sua voz era um selvagem grunhido que reverberou através da habitação.

— Você me beijou, não o reverso.

Ele riu com ironia.

— Nunca disse que fosse estúpido. Obviamente. Se

tivesse cérebro, não teria caído nas mentiras que me condenaram — ele se voltou e começou a afastar-se.

Ele amaldiçoou quando alcançou a soleira.

— Nem sequer posso me afastar de você — Jogando a cabeça para trás, fulminou o teto com o olhar — Te odeio. Hades, bastardo — um músculo palpitou de fúria em sua mandíbula quando se voltou para ela — Preferiria que me golpeassem antes que estar retido aqui desta maneira.

Bom se isso não a cravava diretamente no centro. Como se atrevia!

— Não me dava conta que era tal chateio para você.

— Está em meu caminho, não é assim?

Ela fechou as mãos em punhos as levantando a seguir e estendendo seus dedos ante ele como se jogasse mal de olho.

— Desejaria que você tivesse sido o único que estivesse mudo. Não, devolve-o. Alegro-me de que não o esteja. Por que cada vez que começo a pensar em que é um bom tipo ou que goste de você, abre essa tua boca e me recorda que não o é, assim obrigada. Agora, se afaste! — Empurrou-o através da porta.

Xypher abriu a boca para falar, mas antes que pudesse, fechou-lhe a porta no nariz e passou o fecho. Então transladou sua cômoda à soleira, só para assegurar-se que não pudesse abrir a porta. Satisfeita, inclinou-se contra a cômoda e cruzou de braços. Uma ligeira chamada soou na porta.

— Simone?

— Vai. Longe! — ela acrescentou um silencioso “idiota” ao final dessa frase.

— Não posso. Morreremos se o faço.

— Então pode ficar aí no corredor até que me acalme — isso era imaturo, mas inclusive assim isto fazia que se sentisse melhor. Ele merecia.

É tão infantil.

Possivelmente, mas algumas vezes a imaturidade estava chamada a sê-lo. Esta era uma dessas vezes.

Xypher passou uma mão através do cabelo enquanto lutava pela urgência de usar seus poderes para desintegrar a porta. Podia sentir sua sensação de satisfação e isto o

incomodou inclusive mais.

Incapaz de deixá-la ter a última palavra manifestou-se justo em frente dela.

Ela o fulminou furiosa.

— Não, não o fará!

— Não pode me manter fora.

— É tão estúpido! — Ela levantou as mãos para forçá-lo a retroceder, mas, no instante em que o tocou algo dentro dele se destroçou.

Atraiu-a contra si e a beijou com cada confusa emoção que sentia diminuir dentro dele. Enjoado por isso, sujeitou-a contra a cômoda que tinha usado para mantê-lo fora. Fechando os olhos, sentiu cada polegada de seu corpo pressionado contra o dele. Seus peitos eram suaves contra seu peito. Sua respiração doce e dando a bem-vinda quando o osso de seu quadril se roçou com a parte dele que estava torcida e dura e rogando pela suave parte de seu corpo.

Simone não podia pensar corretamente com ele beijando a dessa maneira. Suas mãos se sentiam tão bem vagando por seu corpo, enquanto suas línguas dançavam. Ela não tinha sido protegida em tanto tempo... quase tinha esquecido a sensação de uns braços fortes a seu redor. A essência de um homem enquanto sua barba lhe arranhava a pele.

Isto era o paraíso.

E tudo o que ela queria fazer era tombar-se sobre ele e cavalgá-lo até que ambos estivessem rogando piedade.

— Me afaste Simone — lhe disse ao ouvido, sua voz rasgada.

— É isso o que quer?

— Não! — grunhiu ele — quero desesperadamente estar dentro de ti. Quero sua essência sobre minha pele quando provar cada parte de seu corpo até me embebedar dele.

Ela se estremeceu. Agora mesmo, isso era também tudo o que ela queria. Mas eles eram estranhos e ele era um demônio condenado.

Demônio, Simone... demônio.

Pondo suas mãos sobre seus ombros, ela o afastou.

— Não te entendo.

Xypher mordeu uma ácida réplica. Na verdade, ele não se entendia nem a si mesmo. Não mais do que entendia por que queria estar com ela com tanta vontade como tinha.

Morreria por mim? A voz da Satara o assediou do passado.

E assim o fez. Tinha dado sua vida por ela e ela riu enquanto ele morria.

Não se havia sentido atraído por uma mulher desde aquele dia. Até agora.

Embalou o rosto de Simone em suas mãos e inclinou seu queixo até que encontrasse seus olhos.

— Se amasse a alguém, faria que morresse por você?

A confusão obscureceu seu olhar.

— O que?

— Responde a pergunta. Sim ou não. Faria que alguém a quem amasse morresse por ti?

— Toda minha família se foi... ambas, em que nasci e a que me adotou. Vivo com o temor de perder a qualquer que tenho perto. Diabos não, Xypher! Nunca pediria a ninguém que morresse por mim.

A alegria que essas palavras trouxeram para ele era incrível.

— Morreria por alguém a quem amasse?

— É obvio. Você não o faria?

Xypher retrocedeu quando recordou o dia em que o tinham subjugado e matado. Faria outra vez?

Ele bufou ante a idéia.

— As pessoas não valem sua vida. Esse é um precioso presente, e em vez de apreciá-lo, zombam de ti por sacrificá-la. Deixa de ser ingênua!

Simone se sobressaltou quando se deu conta do que estava dizendo. Alguém que tinha amado o tinha traído. Não estranhava que quisesse vingança.

— Nem todo mundo esbanja o amor, Xypher. Meu pai não zombou de minha mãe quando ela morreu. Ele era de causar pena mais que ninguém que jamais tenha visto. Tanto que se matou cinco meses depois.

Ela dirigiu o olhar à foto sobre o escritório dela com sua

mãe, pai e irmão. Tinha sido tirado um mês antes de suas mortes. A felicidade em seus rostos a perseguia às vezes, e a confortava em outras.

Esta noite a confortava.

— Meu pai estava acostumado a dizer que a vida é o que você faz dela. Hoje, é o primeiro dia do resto de nossa vida. Não pode trocar o passado, mas o futuro não está escrito em pedra. Pode efetuar uma mudança ali. Segue para frente sem ódio ou amor. Segue adiante com propósito.

Ele se voltou para ela tão rápido que ela ofegou.

— O que disse?

Ela tentou recordar.

— Que hoje é...

— Isso não! A última parte.

Levou-lhe um segundo recordar.

— Segue para frente?

— Sim. Onde ouviu?

— Era algo que sempre dizia meu pai. Significa algo para você?

Ele baixou o olhar ao escrito sobre seu braço.

— É só um velho dito dos demônios Sumérios. É quase como um grito de batalha que usavam. Nunca antes conheci um humano que o usasse.

Ela tocou o intrincado gravado que não podia ler.

— Isso é o que está escrito aqui?

— Em parte.

— E o resto?

Ele afastou o braço longe dela.

— Isto é um aviso do que tive que passar. Um aviso para não fracassar até que tenha provado sangue.

— Xypher...

— Simone! — a voz de Jess encheu a habitação antes que entrasse correndo através da parede — Tem que ver isto! — ele agarrou o cordão das persianas e as abriu.

Simone tropeçou contra Xypher ante os gelados olhos vermelhos fixos nela.



CAPÍTULO 7

Xypher caminhou instantaneamente entre Simone e a janela onde Kaiaphas flutuava, olhando-os com ódio. Seu comprido cabelo negro se frisava ao redor de uma repulsiva cara coberta de pele fervida.

Gritando, Kaiaphas tentou lançar uma rajada através da janela, mas o sal desviou o golpe de vento de volta para ele. Esquivou-se, depois amaldiçoou.

Ele franziu os lábios ante Xypher.

— Não pensará realmente que um pouco tão simples os salvará de mim, verdade?

Xypher riu lenta e maliciosamente.

— Estou cego ou isto acaba de te chutar justamente o traseiro? Deve foder que algo como o sal te ataque. Suponho que isso acontece quando é em parte lesma.

Kaiaphas levantou as mãos como se tentasse atravessar outra vez a janela, mas se conteve.

— Não pode ficar aí dentro para sempre.

— Certo, mas posso ficar o suficiente para chatear seu melhor dia.

Kaiaphas vaiou. Seu olhar passou de Xypher a Simone, baixando aonde Xypher tinha sua protetora mão na cintura

dela.

— Fascinante... progrediu de aterrorizar a proteger humanos. Se realmente quer mantê-la a salvo, sai e tomarei sua vida e a deixarei viver.

— Isso funcionaria se nós não estivéssemos levando os braceletes que Satara nos enviou. Morro eu, ela morre. Separe-nos e possivelmente considere sua oferta.

Kaiaphas estalou.

— Não confia em mim?

Confiar...

Essa palavra o levou de volta a sua infância. Mal sendo mais que um menino que começa a andar, Xypher esteve tão faminto que teria feito algo por comida. O tempo tinha sido duro, arrasando a todos os cultivos. Xypher encontrou um pouco de pão esfriando-se sobre o parapeito de um edifício, mas não era o bastante alto para alcançá-lo. Tentou durante uma hora encontrar alguma coisa em que subir ou com o que baixar o pão. Mas isto continuava escapando a sua investigação.

Frustrado, tinha chorado e ido a casa, faminto. Kaiaphas tinha vindo a ele.

— O que acontece, irmão?

Estupidamente contou do pão.

— Me diga onde está e o compartilharei contigo.

— É meu pão!

Kaiaphas tinha estalado ante ele.

— Você se alimenta de comida de humanos. Não é melhor ter a metade do pão que nenhum? Confia em mim, irmão. Compartilharei.

Xypher concordou. Depois de revelar sua localização, viu como Kaiaphas agarrava o pão recém feito e o comia enquanto ele chorava. A pior parte foi que ao contrário dele, o bastardo não necessitava comida. Kaiaphas necessitava sangue. O tinha comido só por mesquinha e nada mais. Quando Xypher foi queixar-se a sua mãe, ela o esbofeteou com tanta força que lhe romper o lábio.

— Se não é o bastante demônio para consegui-lo por ti mesmo, não merece isso! — isso é o que sempre havia dito sua mãe. Tinha-o feito meditar sobre o veneno e o ódio.

Confiar era para tolos.

E ele nunca confiaria outra vez em Kaiaphas.

— Nem um pouco. Dê a chave, e uma vez que ela esteja livre, lutaremos.

— Não o farei.

Xypher deu-lhe crédito por não mentir sobre isso.

— Como pensava. Não tem intenção de cumprir nosso trato. Nunca trocará, irmão.

Kaiaphas carregou contra a janela. Sua cara iluminou todo o cristal.

— Vou desfrutar te matando.

Xypher caminhou lentamente para a janela agarrou o cordão.

— Dê lembranças à mamãe! — deixou cair às persianas.

Simone não sabia o que a surpreendia mais. O fato de ter um asqueroso demônio flutuando fora de sua janela ou que dito sujo demônio fosse o irmão do pedaço de queijo mais quente que tinha em frente dela.

— Não é realmente seu irmão, verdade?

— Não pode ver a semelhança?

— Desde que sua pele não está cozida e seus olhos não são normalmente sangrentos, não.

— Nem sequer os dele são. É tudo uma pantomima desenhada para assustar aos humanos. Ele é um fodido gralha.

— Você poderia fazer melhor?

Antes que pudesse piscar, dirigiu-se para o teto e se transformou de homem a uma sombra negra que enchia a metade de sua habitação. As presas estalaram saindo de sua boca quando seus olhos se voltaram de um doentio amarelo fluorescente. O fogo ondeava sobre cada parte dele.

Simone tropeçou.

— Sim — disse ele, sua voz demoníaca e terrível — posso fazê-lo muito melhor.

Em um flash voltou a ser de novo humano.

— Meu pai é Phobetor, o deus grego dos pesadelos. O pai do Kaiaphas era algum tipo de demônio come carne que Are usava para soltar sobre seus inimigos para fodê-los e rir deles. Meu irmão não tem atitude. Nem brilhantismo. É uma completa

gralha problemática que utiliza uma profunda voz de demônio e uns aterradores olhos vermelhos que fariam que todo mundo mijasse em suas calças de medo.

Sua divagação era curiosamente divertida.

— Sim, isso é algum tipo de rivalidade entre irmãos que existe entre os dois.

Xypher bufou.

— Nem sequer é rival para mim! — Um músculo palpitou em sua mandíbula. Golpeou o polegar contra a coxa como se contemplasse algo e não encontrasse a resposta adequada — Satara sabe que ele não é suficientemente poderoso para me matar. Por que o convocaria então para ir atrás de mim?

Isso lhe parecia óbvio.

— Para me matar desde que sou a fraca e matar assim aos dois.

— Não, há algo mais que isto. E, por que só enviou um demônio? Podia convocar mais. Por que não o fez? Algo não está bem — Voltou para a janela e abriu a persiana de repente.

Kaiaphas tinha ido.

— Necessito todos meus poderes — grunhiu Xypher, baixando a persiana outra vez.

— Se necessitar um oráculo...

— Não. Necessito algo mais poderoso que Julián.

Isso foi um pensamento extremamente aterrador para ela

— Dado o que vi hoje, não acredito que goste da maneira em que isso soa.

— Amanhã você gostará inclusive menos.

— Por quê?

— Por que amanhã convocaremos algo tão mau, que fará que a terra chore.

Kaiaphas cruzou a rua, observando a janela onde sabia que estava seu irmão.

Esperando.

Um gallu não podia romper a restrição de sal e um Daimon não poderia entrar no apartamento sem um convite. Malditos os deuses e suas estúpidas regras. Mas para isso, ele já tinha estado no interior, jogando com eles e apaziguando a

Satara.

Amaldiçoou ante o pensamento de ter que enfrentar a essa zorra com o fracasso. De todos seus amos, ela era a pior e isso era dizer muito dado às formas de vida rasteiras às que tinha servido durante toda sua vida.

Só por uma vez, não podia a pessoa que convocava um demônio ser amável? Era realmente pedir muito? Seus pensamentos voltaram para seu irmão.

— O que está planejando, Xypher?

Esse bastardo era tão inteligente que tinha que lhe dar crédito. Para não mencionar sua improvisada destreza. Mas, tendo Hades debilitado Xypher, não estava seguro que não lhe pudesse ferir depois...

Kaiaphas amaldiçoou quando a pulseira de escravo sobre seu antebraço esquentou até um doloroso nível. Era Satara o convocando.

Se tiver que escutar seu patético miado...

Lançou uma rajada a um carro na rua e sacudiu os cristais. O alarme começou a soar assim que lhe disparou outra vez. Esta cessou em um quebrado gorjeio.

Se isso fosse à cabeça da Satara!...

Mas, isso não poderia ocorrer enquanto ela seguisse em posse de sua alma. Uma alma que tinha trocado por...

Não queria pensar nisso. Fazia o pacto e estaria vinculado a ele por toda a eternidade.

Estaria?

Um lento sorriso curvou seus lábios enquanto considerava a alternativa. Era insidioso, mas possivelmente funcionasse e solucionaria todos seus problemas.

Amaldiçoou quando a pulseira levantou bolhas em sua pele. A covarde zorra podia esperar até que estivesse preparado para enfrentá-la. Fazendo isso a um lado, transformou-se em um humano e se dirigiu rua abaixo em busca de uma vítima.

Quando rodeou uma esquina, localizou a uma mulher passeando com seu cão. Perfeita. Justo o que necessitava...

O pequeno cãozinho marrom começou a ladrar tão logo captou sua essência desumana.

Kaiaphas se agachou sobre a calçada.

— Aqui, cãozinho, cãozinho — o cão continuou grunhindo e ladrando.

Ele riu antes de converter ao cão em uma bola em chamas. A mulher gritou e pôs-se a correr.

Não chegaria longe.

Kaiaphas correu atrás dela e a lançou ao ar. Suas largas asas negras batiam para elevar-se sobre as casas. A humana lutava e gritava, rogando piedade.

Como se ele a tivesse.

Sujeitando-a com força, passou roçando a paisagem abaixo dele até que encontrou o que necessitava. Um enorme e velho carvalho. Completamente isolado, via-se escuro na noite rodeado por névoa e elevando-se para o céu. Nos séculos anteriores, a humanidade tinha protegido essas árvores e as guardava bem das criaturas como ele.

Como amava a ignorância da atual geração.

Um carvalho era um portal que podia ser usado para convocar ao mais escuro dos espíritos. Kaiaphas sorriu quando recordou ao inglês Alton Towers quem tinha podado uma vez os ramos de sua árvore em um esforço por evitar que o mal pudesse ser conjurado.

Mas, o mal jamais poderia ser negado.

— Me ajudem! — gritou a mulher.

— OH, se cale! — estalou ele ante a soluçante humana. Só por sua covardia merecia morrer.

— Por favor, deixe ir!

— OH, farei, carinho. Deixarei ir justamente a um momento — ele descendeu para a árvore.

Quando pouse sobre ele, tomou um momento para contemplar a área. Não havia ninguém a seu redor. Nenhuma testemunha.

Bom.

Aterrissou a pouca distância. Sustentando seu sacrifício sob um braço, dirigiu-se para a árvore. A luz da lua cheia penetrava através dos nus ramos. Fazia tanto frio que podia ver o bafo de sua respiração no ar a seu redor. Inalou a rangente altura disto.



A mulher lutou contra ele quando levantou um braço para alcançar o ramo de uma árvore. Ele podia ouvir o carvalho gritando quando cortou a madeira. Alto. Forte.

Graças aos deuses que este estava são.

O ramo aterrissou a seus pés.

— Por favor...

— Te cale! — lançou à mulher com tanta força contra a árvore que morreu no impacto.

Um sacrifício humano não era necessário para o que precisava fazer, mas, sim o era o sangue humano, e como duvidava que a mulher lhe deixasse cortá-la sem mais choramingsos e rogos, isto era suficiente. Usando as garras de sua mão direita, abriu a garganta da humana e deixou que seu sangue caísse na árvore e chegasse às raízes.

Então, abriu suas próprias veias enquanto entoava as antigas palavras demoníacas que despertariam ao Primus Potis... o Primeiro Poder. Antes que houvesse luz no mundo, houve escuridão. Caos.

E esse poder dormia. Agora era tempo para que voltasse a despertar e o ajudasse.

— Convoco-te com voz e sangue. Com a lua no alto e a força da árvore sagrada. OH escuridão, vêem a mim. Assim diz a escuridão OH, chamá-o...

Quando ele cantarolou, o vento cobrou velocidade. Sussurrou ao redor dele quando as antigas forças se reuniram para despertar ao único que tinha chamado.

À Baraka...

A árvore começou a sacudir-se quando uma névoa negra se elevou da terra para rodeá-lo. Kaiaphas levantou o olhar para ver um par de olhos resplandecentes... Uma vibrante terra verde e a outra terra marrom escura se materializaram no centro da névoa. O ar girou com rapidez, elevando-se igual a um gêiser que começa a formar a sombra de um alto e magro homem sobre um grande membro.

O cabelo negro se elevou, enredando-se no vento antes de assentar-se sobre seus largos ombros. Foi seguido por uma onda branca que formou uma camiseta, depois umas calças negras e uma jaqueta de couro marrom. O último em formar-se

foi uma cara tão formosa como brutal.

Um magro cordão de ouro branco rodeava a garganta do homem e ali na base de seu pescoço descansava uma pedra tão verde como seus desumanos e brilhantes olhos.

Tão rapidamente como veio o vento se deteve. A névoa se evaporou. Agora tanto o homem como a árvore destacavam flamejante e branco contra o fundo da noite.

Esse feroz par de olhos vermelhos pareceu penetrar ao Kaiaphas. De repente, algo se fechou com força ao redor de seu pescoço e o apertou.

Afogando-se, Kaiaphas caiu de joelhos.

— Aqui agora — a voz era profunda e diabólica quando Jaden saltou da escuridão. Aterrissou sobre seus pés em frente de Kaiaphas antes que lhe desse uma patada no traseiro.

Incapaz de falar pela pressão que ainda envolvia sua garganta, Kaiaphas enfrentou à mesma cara do mal. Nem humano, nem demônio, nem deus Jaden tinha nascido do primeiro poder.

À Baraka. Esteve entre os Altos Poderes e o Reino Demoníaco.

Jaden inclinou a cabeça como se estudasse ao demônio tendido ante ele.

— Kaiaphas... — deixou que o nome rodasse de sua língua. Em um batimento de coração, soube tudo sobre o demônio. Seu passado e seu questionável futuro.

— Por que me despertaste?

— Necessito sua ajuda.

Jaden riu ante a desesperada súplica.

— Claro que necessita. Diga-me o que me dará por meus serviços.

— Três virgens sem batizar.

Ele bufou ante o demônio.

— O que é isto? A idade Média? Três?

— Não é suficiente?

Isso dependia das virgens... E suas habilidades. Nestes dias e época, as virgens podiam ser mais promíscuas que as putas do passado.

— Possivelmente — vaiou Jaden quando sentiu que seu

braço se queimava em resposta a pulseira que comprimia Kaiaphas — Atreveu a me chamar enquanto sua senhora te convoca?

— Eu... Eu...

Jaden o fulminou.

— Vá verme. Quando a lua se eleve uma vez terá minha resposta.

O demônio se desvaneceu instantaneamente. Jaden permaneceu ali na fria calma sob o casaco do carvalho, pondo seus ouvidos no tempo e espaço. Levantou a cabeça para cheirar o sangue que corrompia o ar ao seu redor.

Voltando-se, viu o corpo de uma mulher de vinte e tantos anos. Seus olhos sem vida estavam fixos no horror. Foi a ela e se ajoelhou.

— Dorme em paz, pequena — sussurrou, lhe fechando os olhos.

Esta era uma morte mais que desnecessária. Strike um contra o demônio.

Jaden se deteve quando captou algo no vento. A árvore lhe sussurrava, dizendo tudo o que precisava saber. Kaiaphas não era o único que sabia dele.

Havia outros...

Xypher permanecia sobre o frio chão de madeira quando ouviu o respirar de Simone. Adormeceu fazia uma hora, enquanto Jesse estava em sua habitação, pondo os discos muito altos. Não sabia como Simone podia dormir com todas as Alteradas Imagens que soavam uma e outra vez, mas ao contrário dele, ela parecia imune.

É obvio, ele acostumou-se a não dormir. No Tártaro, parte de seu castigo era que alguém o golpeasse cada vez que fechasse os olhos para descansar.

— Xypher...

Ele se esticou ante a sussurrante chamada. Era uma profunda voz de barítono misturada com um agudo acento demoníaco.

Era uma voz que não tinha ouvido em séculos.

— Jaden?

O Lorde Demônio apareceu ante a porta fechada em uma posição agachada.

— Sal? — Jaden riu. Ficou em pé, caminhando para a janela e lambeu o dedo. Seu sorriso se congelou quando levantou e levou o dedo indicador à boca, provou o sal que tinham posto ali.

— Sei que não estive tentando me deixar fora com isto.

— Igual a mim. Como é que está aqui?

Jaden não respondeu enquanto caminhava à cama onde Simone continuava dormindo sem dar-se conta de que um dos mais poderosos entes na existência estava suficientemente perto para tocá-la.

— É bastante bonita. É sua oferenda?

Teve que morder a fúria para não convidar Jaden a uma morte instantânea.

— Não.

— Essa foi uma rápida negativa. Por que me busca, demonspawn?

Como se já não soubesse. Mas, se havia uma coisa a respeito do Jaden, era que ele sempre queria que falasse de suas necessidades.

— Ia te convocar amanhã.

— À luz do dia sou fraco — estalou ele — Que trato deseja fazer esta vez?

— Preciso recuperar meus poderes e quero à humana.

Jaden arqueou uma sobrancelha. Voltou-se para Simone e acariciou a cara.

— Humana...

Os ciúmes estalaram em seu interior de tal maneira que conter-se era tudo o que podia fazer para não apartar ao Jaden dela. Mas, isso seria um engano fatal, especialmente, já que necessitava a cooperação de Jaden.

— Um Daimon nos vinculou e não posso fazer o que necessito enquanto estejamos unidos. Necessito sua ajuda. Tenho que ser livre e desbloquear meus poderes.

Jaden se voltou para ele.

— Minha ajuda tem um preço. Já sabe. Já me pagou isso uma vez.

Xypher queria amaldiçoar ante a lembrança.

— É isto digno disso? —perguntou Jaden.

— Estou seguro que sabe a resposta.

— Adverti-o sobre isso.

Verdadeiramente, tinha-o feito. Isso foi o que fechou com força a garganta de Xypher. Jaden lhe havia dito naquele momento que tais entendimentos estranha vez funcionavam. Se só tivesse-o escutado.

Jaden se aproximou dele.

— Conhece a lei, Xypher. Tem que me dar algo por meus serviços.

— Não tenho nada com o que pactuar.

— Então está esbanjando meu tempo — Jaden se desvaneceu.

— Espera! —chamou-o Xypher — Diga o que aceitaria.

Jaden se solidificou uma vez mais. Seu olhar foi à cama onde estava Simone.

O sangue de Xypher se voltou frio.

— Ela não.

— Quanto deseja sua vingança?

— Mais que tudo.

O olhar de Jaden era duro e implacável.

— Há uma mulher velha nesta cidade. Seu nome é Liza. É proprietária de uma loja de bonecas no Royal Street. Em seu pescoço, leva um amuleto verde. Traga-me isso e te liberarei desses braceletes.

— E sobre meus poderes?

— Serão completamente restaurados tão logo tenha meu amuleto.

Xypher não podia acreditar que tivesse pedido tão pouco por esse serviço.

— Isso é tudo?

— acredite, é o bastante.

O alívio o transpassou. Até que Xypher recordou algo.

— Uma última coisa.

Os olhos de Jaden brilharam igual às suas presas na escuridão.

— Pede muito, demonspawn — mas tão rapidamente como

veio seu temperamento se foi — Mas, me sinto generoso...

— Preciso encontrar um espírito. Sua vida acabou por um gallu e sua alma parcialmente roubada. Sabe onde posso encontrar sua alma e corpo?

— É obvio.

— Dirá onde?

— O preço?

Xypher se dirigiu à penteadeira onde Simone tinha uma taça de estilo medieval de estanho. Manifestou uma faca em sua mão antes de cortar-se e deixar que o sangue caísse na taça.

— Precisa te alimentar. Darei meu sangue — desde que era um demônio e um semideus, o sangue de Xypher era muito mais forte que qualquer outro que Jaden pudesse encontrar na rua.

Jaden lambeu os lábios quando seus olhos se obscureceram até enegrecer. Xypher tinha razão, a criatura estava faminta.

—Trato — a voz de Jaden estava empanada de necessidade. Xypher estendeu a taça.

Jaden tomou e esvaziou o conteúdo de um gole. Uma magra linha de sangue escorreu do canto de sua boca. Ele a limpou com um dedo antes de lambê-lo para limpá-la

— O sangue do maldito. Não há nada mais doce.

— E Glória?

Ele estalou seus dedos e seu fantasma apareceu instantaneamente a seu lado.

Ela franziu o cenho, confusa.

— Onde estou?

— A salvo, meu doce. A salvo.

— E seu corpo? — perguntou Xypher — Terá que liberá-lo do controle dos gallu.

— Ocupar-me-ei dele e o deixarei na grama. A menos que queira que empesteie a casa...

— Não, e não o deixe na grama para assustar aos vizinhos inocentes. Pode deixá-lo no beco onde morreu?

Jaden lhe estendeu a taça.

— Isso te custará um pouco mais.



Xypher apertou os dentes antes de concordar.

Sorrindo, Jaden inalou o aroma de seu sangue antes de beber outro gole.

—Urgh! — disse Glória, enrugando a cara — Isso é asqueroso.

Jaden lhe dedicou um frio sorriso.

— Também o são as salsichas e os caracóis, mas você come parte disso, não é verdade, humana?

Ela não respondeu.

Jaden deixou a taça vazia na mesinha de noite de Simone. Passou seu dedo ao redor do bordo, compilando o sangue restante. Lambeu-a da ponta de seu dedo antes de falar.

— Voltarei amanhã de noite. Tenha o amuleto para mim — olhou Simone — De outra maneira vai estar muito triste... e a mulher inclusive mais.

CAPÍTULO 8

Simone despertou com uma forte dor de cabeça. Afastou o travesseiro para encontrar a brilhante luz do sol penetrando através da janela de seu dormitório. Quando tinham sido abertas as persianas?

— Que horas são? — sussurrou, girando para observar seu despertador. Sete e vinte e cinco. Por que parecia muito mais tarde?

Bocejando, deteve-se para olhar Xypher que estava dormindo no chão. Ele se tinha negado rotundamente a dormir no colchão de Jesse, dizendo que estava muito acostumado à dureza para querer a comodidade de um colchão. Para não mencionar que tinha deixado claro que desde sua chegada à Nova Orleães, tinha dormido em becos com as costas contra a parede. Conseguir isso dele era um avanço. Ao menos ali podia esticar-se.

A manta que lhe tinha dado a noite anterior estava ainda dobrada sob o travesseiro. Não tinha tocado. Em vez disso, estava deitado sobre um lado com uma mão estendida sobre a cabeça e a outra curvada justamente sob seu queixo.

A barba de um dia polvilhava suas bochechas. Havia algo tão masculino e ainda tão de moço nele deitado ali dessa maneira... Mas, quando olhou seus lábios e recordou o abrasador beijo que tinha dado a noite anterior, isto afugentou qualquer pensamento de que fosse um moço.

— Simone!

Ela saltou quando Jesse entrou correndo na habitação. Uma brecha de temor passou através dela. Tinha encontrado o demônio uma maneira de entrar?

— O que ocorre?

Ele se deteve ao lado da cama e chutou o chão com o pé.

— Dirá a Glória que deixe de choramingar por minha música? Gosto de Culture Clube e Prince.

Simone franziu o cenho, confusa.

— Glória?

— Sim. Retornou ontem à noite.

— Como?

— Não sei, mas poderia falar com ela? Há uma razão pela que sou o único fantasma nesta casa. Não gosto de compartilhar.

— De acordo, lhe diga que venha aqui.

— Glória! — gritou tão alto que Xypher despertou de repente no chão.

Glória se manifestou em frente de Simone.

— Se ouvir uma vez mais “Carma Chamaleon”, juro que vou encontrar ao Boy George e fazer que coma os discos do Jesse. O que tem que ver vermelho, dourado e verde com tudo, de todos os modos?

Jesse estava ofendido.

— É uma canção brilhante! Vamos... “Cada dia é igual a sobreviver. Você é meu amante, não meu rival”. O que poderia ser mais significativo que isso?

Xypher grunhiu quando levantou a cabeça do chão para fulminar aos fantasmas com o olhar.

— Alguém quer me dizer, por favor, que não estamos tendo realmente um absurdo debate sobre a genialidade de “Carma Chamaleon” às sete da manhã.

Simone riu.

— Temo que sim, doçura.

Xypher fulminou com um olhar hostil aos fantasmas.

— Como é que conhece o Boy George? — perguntou Jesse.

— Estive no inferno, Jesse. O que crê que usavam para me torturar? Más canções de pop.

Glória dedicou ao Jesse um olhar satisfeito.



— Disse-lhe isso.

— É uma canção fantástica.

Xypher grunhiu profundamente.

— Sim, as primeiras novecentas vezes que a escuta. Depois te mete na cabeça até fazer que te volte louco... Agora sabe por que sou tão malditamente desagradável todo o tempo. Só por isso, estou do lado de Glória. Agora, se ambos não se tranquilizarem, juro pelo rio Estigia que vou alimentar aos Daimon com vocês logo que o sol se ponha.

Os fantasmas se desvaneceram instantaneamente.

— Obrigada! — disse Simone.

Sua resposta foi girar sobre suas costas e cobrir os olhos com um musculoso braço.

Simone se levantou e se ajoelhou no chão a seu lado. Levantando seu braço, esperou a que ele abrisse os olhos e lhe dedicasse um olhar inquisitivo.

— Sêrio obrigada! Como encontrou a Glória?

— Não estou seguro de que queira que responda a isso. Recorda a cavalo dado não se olhe os dentes.

— Por que o fez?

Ele se encolheu de ombros.

— Você estava preocupada com ela.

— Essa é a única razão?

— Você o que crê? Deus sabe que não a quero aqui incomodando ao Jesse e levantando meu traseiro da cama antes do amanhecer.

Ela sorriu ante seu mau humor.

— Não é uma pessoa madrugadora, verdade?

— Sou um Dream-Hunter/Demônio. Por minha natureza sou noturno. Essa grande bola amarela no céu me ofende até o mais fundo de meu ser.

Inclinando-se sobre ele, abraçou-o.

— Bom, pessoalmente prefiro as manhãs. Cada uma é um novo começo. Meu pai sempre disse que devia começar cada dia com um propósito.

— Meu pai sempre disse que alguém deveria lhe passar ao Apolo e Hélio por cima com seus carros... E lançar ao Phaeton baixo eles, além disso.

Ela riu.

— Seu pai não foi uma influência positiva para ti, verdade?

— Sendo o deus dos pesadelos, não era um morno e doce coelhinho. A menos que conte com o Coelhinho Feliz. Assombrosamente os dois têm muito em comum.

— Como é que conhece coelhinho Feliz?

— O que? Alguma vez passeou pelo Bairro Francês? Há camisetas do Coelhinho Feliz pendurando em quase cada loja. E tenho que dizer que desenvolvi uma afeição a esse fodido roedor.

— OH!

Ele tinha razão. O Coelhinho Feliz estava em todas as partes.

Seus olhos se obscureceram quando centrou o olhar no dela.

— Se não deixar de se esfregar contra mim neste momento, Simone, vou tomar como um convite aberto para ir do Skoti sobre ti.

— Ir do Skoti?

Deu a volta com ela, sujeitando-a contra o duro chão. Simone soltou um pequeno gemido ante o bem que se sentia tendo-o deitado em cima, e não havia maneira de negar esse pesado vulto que estava contra seu quadril.

Quando falou, sua voz era rasgada e rouca.

— É quando os Skoti se deslizam dentro dos humanos e têm tema com eles — acariciou com o nariz seu pescoço

— Pensei que você fosse um Skotos dos pesadelos.

Simone passou a mão sobre suas musculosas costas, deleitando-se com a sensação e com o peso dele.

Seria tão fácil de permitir que ele a despisse por completo... Podia imaginá-lo dentro dela. O pensamento a fez umedecer-se.

— Tenho que supor com isso que teve bons sonhos ontem à noite? — sussurrou ela.

Ele se separou dela de repente.

— Não sonhei nada...

— Nem sempre sonho.



— Não. Sou um Dream-Hunter, Simone. É o que fazemos. Sempre — Ele parecia aturdido — por que não sonhei nada?

— Possivelmente não dormiu o suficiente.

Xypher começou a responder até que ela se moveu e se roçou contra sua ereção. Todo pensamento racional o abandonou quando se centrou totalmente no fato de que ele estava tendido no chão sobre ela.

E não levava sutian...

OH, isso era uma tortura. Tinham passado tantos séculos desde que sentiu a uma mulher dessa maneira. Podia imaginar deslizando-se dentro de seu corpo. Vê-la jogar a cabeça para trás enquanto lambia seu pescoço. Morria de desejo...

Simone não pôde mover-se quando captou o quente olhar em seus olhos. Isso era o que era e ela sabia. Estava perdida. Como podia rechaçá-lo depois de tudo o que tinha feito para protegê-la?

— Simone!

Ela se sobressaltou ante o grito de chamada do Jesse. Ele apareceu na habitação, então gritou igual a uma menina.

— Sinto muito. Continuem.

Xypher deixou escapar um lento e diabólico grunhido quando baixou a cabeça e a sacudiu sobre ela.

— Não sei você, mas isso acaba de matar meu humor. A única coisa que me faria mais estrago seria ver o Jesse nu. Isso provavelmente me deixaria impotente para toda a eternidade.

Rindo, Simone rodou e saiu de debaixo dele, levantou-se e inclinou a cabeça quando viu sua taça sobre a mesinha de noite. Como tinha acontecido? Sempre estava na penteadeira.

Ela foi devolvê-la a seu lugar, então se congelou quando captou o que parecia ser sangue seco em seu interior.

— Que diabos...? — Olhou Xypher, quem afastou rapidamente o olhar.

— É teu?

Ele não respondeu.

Antes que pudesse insistir, soou seu telefone. Alcançou-o e viu que era Tate. Depois de abri-lo, respondeu.

— Encontramos o corpo de Glória.

Ela não podia acreditar.



— Onde?

— No beco onde morreu.

— Está brincando?

— Não. Isto é realmente estranho. A polícia chamou faz uns minutos para fazer-me saber.

Era fantástico, exceto por um pequeno detalhe que fazia que seu estômago se encolhesse.

— Está se... movendo?

— Não. É muito estranho, mas pensei que você gostaria de saber.

— Sim, obrigada. Sei que está aliviado — Simone desligou e se voltou para encarar Xypher — Encontraram outra vez o corpo de Glória.

— Isso é bom.

Havia algo extremamente cauteloso nele.

— Você sabe algo, não é assim?

Ela voltou o olhar para a taça e se perguntou por que alguém poria sangue em seu interior. Além dela, a única outra pessoa nessa casa que podia sangrar...

— O que fez depois que adormeci?

— Nada.

— Xypher! — estalou entre dentes — não me minta. Não sou estúpida. Conheço sangue quando o vejo. Por São Pedro, sou patologista. Sabe que posso levá-lo ao meu laboratório e tomar uma amostra de DNA.

Um aborrecido tique golpeou seu queixo.

— O que quer que te diga Simone? Que convoquei ao senhor dos demônios e fiz um trato com ele?

Sim, claro.

— Fala a sério?

— Sim, falo a sério — Seu tom e sua cara o confirmavam inclusive se ela não queria acreditá-lo — Tive que alimentá-lo com meu sangue para conseguir que Glória e seu corpo retornassem junto a você, esse é o preço que exigiu.

Simone estava atônita por suas palavras. Não, isto não podia ser. Verdade?

— Não está brincando.

— Por que a não ser por isso estaria o sangue em sua

taça?

Por que mais, certamente? Depois de tudo, que as pessoas se levantassem para encontrar sangue em uma taça perto de sua cama era algo cotidiano.

No Twilight Zone.

— Esta não pode ser minha vida... — e, contudo, por que estava tão surpresa? Um de seus melhores amigos era um fantasma e o outro trabalhava para um grupo de caçadores de vampiros imortais. Assim, por que seu pseudo-namorado não seria capaz de convocar a um senhor dos demônios e alimentá-lo com sangue?

— O que é o seguinte? Vai dizer-me que minha nova vizinha é um demônio, e que o cão que há ao final da rua é um licantropo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Agora sabe por que não queria te dizer o que tinha acontecido. Sabia que só te incomodaria.

— Sim, sim, o fez! Como se sentiria se alguém convidasse a um senhor dos demônios a entrar em sua habitação enquanto você dorme e se alimentasse de sangue em sua taça favorita? Acredito que você não estaria muito contente, verdade?

Ela jogou uma olhada a seu relógio. Mal passavam das oito.

— E agora preciso tomar banho e me preparar para ir trabalhar. Suponho que me seguirá, já que morreria se não o faz e, por favor, tenta não convocar mais senhores dos demônios em minha casa enquanto estou nua, certo? — Maldição, o absurdo de sua vida começava a não conhecer fronteiras.

A expressão de Xypher se tornou mal-humorada.

— Claro, mas sou o que morrerei se tiver que te seguir e te ouvir nua na ducha.

Simone não sabia por que, mas essas palavras expulsaram muito do aborrecimento que tinha. Provavelmente porque estava desfrutando com a idéia de torturá-lo.

Aplaudiu sua bochecha carinhosamente.

— Vamos, vamos, bebê, tudo irá bem.

Ele baixou o olhar aonde sua ereção fazia um impressionante vulto em suas calças.



— Não, em realidade, não. Diz unicamente porque você não é a que está dolorida. E pensava que tinha umas poucas semanas para postergar a tortura. Está trabalhando com o Hades, não é certo? Adiante. Admite-o.

Simone recolheu suas roupas, então se deteve quando algo que ele disse há um minuto gotejou em sua mente. Tive que o alimentar de meu sangue para trazer Glória e seu corpo de volta para você.

Por que o faria?

— Por que trouxe a Glória de volta?

Ele se voltou como se estivesse procurando algo.

— Xypher? — ela cortou a distância entre ambos — por quê?

Com expressão reservada, ele se encolheu de ombros.

— Você estava desgostada por ela. Não queria que se preocupasse ou culpasse a si mesma por sua perda.

Pela primeira vez, Simone entendeu a incessante necessidade de Xypher por descobrir que motivações tinha tido ela para ajudá-lo. Havia alguns atos de compaixão que eram tão altruístas que desafiavam à lógica. Para ele, o ato mais singelo era desconcertante.

Para ela, este ato era único.

— Por que se preocupou?

— Não sei.

Xypher apertou os dentes. Isso não era verdade. Sabia exatamente por que o tinha feito. Por uma vez ele tinha posto os sentimentos dela acima dos seus, mas admiti-lo... Isso era mais do que podia fazer agora mesmo.

Inclusive assim, tinha sacrificado uma parte de si mesmo para fazê-la feliz.

Ela ficou nas pontas dos pés para beijá-lo ligeiramente nos lábios.

— Agora entende que a bondade não tem que estar motivada por nada, exceto por um desejo de ajudar a outro e fazer que se sinta melhor.

Xypher piscou quando ela se retirou. Tinha razão. Nunca em sua vida tinha feito algo para ajudar a alguém só por fazê-lo. Inclusive com Satara, ele tinha obtido algo. Tinha-o enviado

a fazer seus recados, então o recompensou, e ele tinha feito o que lhe pedia simplesmente para obter dela algo em troca. Tudo isso foi feito por egoísmo.

Mas não isto.

Não tinha esperado da Simone nem sequer um agradecimento por salvar Glória. De fato, não tinha tentado lhe dizer que o tinha feito por ela. Por que tinha que fazê-lo?

— Xypher?

Levantou o olhar para vê-la parada na soleira.

— Preciso tomar banho. Tem que me seguir para que possa fazê-lo.

— Sinto muito — caminhou obedientemente pelo corredor.

Deu-lhe um sorriso que enfraqueceu seu coração antes de fechar a porta e o deixar de pé ao outro lado, enquanto se dedicava a suas coisas no interior. A escutava movendo-se ao redor e imaginou como seria nua com a água correndo por seu corpo...

Ele se moveu, tentando obter algum alívio de seu inchado pênis, mas não estava funcionando. Fechando seus olhos, imaginou a si mesmo na ducha com ela. Podia sentir o calor da água contra sua pele nua, ver o contorno de suas costas quando elevava o rosto para a ducha e lavava o cabelo. Ela fechou os olhos, inclinando a cabeça para assegurar-se de que seu cabelo estivesse completamente molhado. Deuses era tão formosa.

Precisando senti-la, inclinou seu peito contra suas costas e rodeou sua cintura com um braço.

— Xypher!

O chiado de indignação o arrancou de sua fantasia. Um instante depois, a porta se abriu de repente para descobrir Simone envolta em uma úmida toalha, fulminando-o furiosa com o olhar.

— O que pensa que está fazendo?

— Só fiquei aqui.

— Não, não o fez! Estava na ducha comigo.

— Não, eu estava...

Estava-o?



Mal conteve um sorriso antes de zangá-la mais. Sim! Seus poderes tinham funcionado. Mas, esse pensamento foi seguido por um incômodo sentimento.

Contudo, maldição, ele tinha estado realmente na ducha com ela, projetou-se.

Ela franziu o cenho ante ele.

— Você não está molhado.

— Porque estive aqui mesmo todo o tempo.

Ela entrecerrou os olhos com suspeita.

— Está seguro disso?

— Sim.

A dúvida dominava sua expressão.

— Não me está mentindo, verdade?

— Não intencionalmente.

— Xypher!

Ele balbuciou como se estivesse tentando encontrar alguma maneira de acalmá-la.

— Não sabia que podia fazê-lo. Quero dizer, sabia que podia fazê-lo antes, mas, não sabia que estava funcionando atualmente até que gritou. Pensei que só estava imaginando isso. E não me olhe assim... Perdoa-me?

Grunhiu antes de fechar a porta em seu nariz. Dois segundos depois, abriu outra vez a porta.

— Fique aí fora! Não se atreva a entrar aqui com esses maus truques mentais — Ela voltou a fechar a porta.

Xypher queria sussurrar que ele estava muito mais doído por sua ereção.

— Obtenho algum ponto extra por notar que tem um traseiro realmente encantador?

Ela uivou outra vez.

— Idiota! O que está fazendo?

Ele se voltou para encontrar ao Jesse detrás dele. Sua cara era uma expressão de completo horror.

— Estou aqui de pé.

Jesse deixou escapar um som de desgosto.

— Deixa te explicar algumas coisas. Quando zangar a uma mulher por espiá-la, não o arrume lhe dizendo que tem um bonito traseiro. Isso só conseguirá que o esbofeteiem.

Bom, quando se tratava de ser esbofeteado por algo, ele estava seguro de que Jesse era um perito. Possivelmente deveria escutar por uma vez.

— Então, o que faz?

— Simples, meu irmão. Estou a ponto de dividir as sagradas palavras que me deu meu pai. São as cinco respostas que lhe tirarão de qualquer problema com as mulheres.

Sim, claro. Isso tinha que ouvi-lo.

— E são?

Jesse elevou a mão e apontou com cada um de seus dedos.

— Não sei do que me está falando. Eu não o tenho feito. Pequena, não há nada no mundo para mim exceto você. Oops! E Jesus é o Senhor.

Ele entendia as primeiras quatro, mas a última o deixou realmente confuso.

— Jesus é o Senhor?

Jesse assentiu.

— Um pouco sacrílego eu sei, mas me acredite. Se uma mulher pensar que encontrou uma religião, isso pode te tirar de todo tipo de problemas. Para não mencionar que pode combinar as respostas. Algo assim como... Não sei do que me está falando, eu não o fiz, ou Jesus é o Senhor, bebê, você sabe que não há nada no mundo exceto você. Vê fácil!

A porta se abriu para mostrar Simone fulminando a ambos com o olhar, como se merecessem ser cortados em pedacinhos e enterrados na grama.

Querendo dissipar sua ira, Xypher decidiu tentar o conselho do Jesse.

— Oops, Jesus é o Senhor.

Jesse gemeu em voz alta.

— OH, é desesperador, e eu me estico daqui.

Simone franziu o cenho.

— De que demônio está falando? — Sacudindo a cabeça, resmungou uma condenação dirigida a todos os homens antes de dirigir-se a sua habitação.

Completamente desconcertado pelo fato de que suas palavras não tivessem funcionado, Xypher a seguiu.



- Por que está ainda zangada comigo?
- Manuseou-me na ducha.
- Isso não era um manuseio, me acredite. Se soubesse que estava ali, teria marcado a diferença.
- Ela girou então com fúria em seus olhos.
- Você... você... urgh!
- Eu não o fiz... — Não podia usar isso porque o tinha feito — Eu não sabia... — Não, estúpido, você sabe do que está falando. Dizendo que não o tem feito só a enfurecerá mais.
- Oops?
- Oops? Essa é sua resposta?
- Neném, não há ninguém mais importante para mim no mundo que você?
- Sim, claro. Não acredito nem por um minuto. O que pensa? Que caí de um caminhão de nabos?
- Honestamente? Tudo no que pensava é em quão formosa é. Em quanto desejo sentir sua pele contra a minha e em como jamais me senti antes atraído assim por uma mulher.
- Ela se deteve enquanto penteava o cabelo.
- Seriamente?
- Sim. A noite passada fiz um pacto com um demônio para te fazer feliz. Crê que faço isso tão à ligeira?
- Simone tragou quando observou a taça. E ele o tinha feito para evitar preocupá-la, tinha ajudado a ela e a Glória, e não tinha esperado pagamento ou retribuição por nada disso.
- Sangrou por mim! — Quantas mulheres podiam dizer isso a respeito dos homens em suas vidas? — Suponho que isso merece uma pequena reconsideração sobre minhas últimas palavras. Sinto se exagerei.
- Sorrindo, cavou seu rosto nas mãos antes de beijá-la. Ele se tornou para trás e lhe sorriu com malícia.
- Isso merece um pouco mais?
- Ela inclinou a cabeça.
- Segue jogando as cartas corretas e possivelmente. Mas não se iluda e não pule em meus sonhos. Se o fizer, possivelmente te castre ali.
- Chiando os dentes com uma frustração não saciada, Xypher se esfregou contra ela e inspirou seu cabelo lenta e

profundamente.

— Só recorda que me está matando lentamente.

— Há curas para isso.

— Sim, você nua sobre a cama.

Deu-lhe um amplo sorriso.

— Ou poderia tomar o assunto em suas próprias mãos.

Ele cavou a mão dela na sua e a apertou contra sua virilha.

— Prefiro que você tome nas tuas.

Simone tragou ante a enorme sensação dele contra sua palma. Ele tinha deixado o botão superior de seus jeans aberto e seu polegar roçou o escuro pêlo que corria baixando desde seu umbigo até desaparecer sob sua cintura. Seu fôlego descendeu até a face dela enquanto seus olhos rogavam misericórdia. Ele se esfregou muito ligeiramente contra sua mão e se estremeceu.

— Quando foi a última vez que estive com alguém? — perguntou ela.

— Faz séculos.

Seu coração palpitou ante o pensamento...

A solidão dessa simples declaração a atravessou. Séculos sem ser meio tocado. Séculos de abuso.

Baixou o olhar ao chão onde ele tinha passado a última noite. Ele não tinha perguntado nada e tinha esperado ser rechaçado a cada oportunidade. Ser maltratado e ferido. Este era um homem que sabia tão pouco de bondade que inclusive o simples feito de sua existência o desconcertava. Recordou a tortura que lhe tinha mostrado, e lhe rompeu o coração ao pensar nele sem obter jamais consolo.

Não queria ser outra pessoa que tomasse algo dele sem dar. Já era hora de que visse que havia pessoas que não o machucariam.

E, antes que pudesse deter-se, abriu o zíper de suas calças.

Xypher amaldiçoou de prazer quando ela o tomou em sua mão. Seus frios dedos se deslizaram da ponta de seu pênis, descendo todo o caminho até a base antes de cobri-lo. Com a cabeça dando voltas, inclinou-lhe a cabeça para provar com sua



boca.

Isso era o que ele necessitava mais que tudo. Nenhuma mulher o havia tocado tão meigamente. Suas amantes no passado sempre tinham exigido. Suas necessidades e prazer eram secundários para elas.

Mas Simone não pedia. Ela dava. Sempre.

Simone se queimou quando a atravessou o desejo, mas, isto não era por ela. Xypher a tinha protegido e queria agradecê-lo. Quanta felicidade ele estava dando por fazer esse ato tão sensível.

Baixou-lhe os jeans pelos quadris antes de afastar-se de seus lábios e ajoelhar-se frente a ele.

Xypher esperou que ela se movesse, assim quando o tomou em sua boca, aquilo foi tudo o que pôde fazer para não gritar. Os calafrios estalaram por todo seu corpo quando ela o lambeu pouco a pouco. Apertou os dentes ante a deliciosa tortura enquanto permanecia perfeitamente quieto para ela.

A língua o lambia e se movia enquanto sua mão acariciava seu saco. Nada o fez sentir melhor, jamais. Inclinou-se para frente para escorar um braço contra a cômoda de detrás de Simone e baixou o olhar até enquanto lhe dava prazer. Seus cachos marrons escuros saltavam com cada movimento de sua cabeça

Mas, o que mais o impactou foi o gozo em sua face... Simone gemeu ante tão bom era seu sabor. Ela podia sentir seus músculos esticando-se e apertando-se quando ele lutava consigo mesmo. Sua respiração saía em entrecortados ofegos enquanto lhe acariciava brandamente o cabelo com uma mão.

Ela podia sentir literalmente quanto significava isto para ele.

Quanta felicidade lhe estava dando de fazer esse ato tão singelo.

Então com um feroz grunhido gozou em sua boca. Xypher esteve temporalmente cego quando um inimaginável prazer o alagou. Teve que inclinar-se com ambas as mãos contra a cômoda para evitar cair.

Olhando para baixo, viu Simone olhar com um espionho de sorriso em seus lábios.



— Está bem?

— Não — balbuciou ele — Estou em êxtase. Passei voando o “bem” no momento em que me tocou.

Rindo, levantou-se frente a ele, forçando-o a afastar-se da cômoda.

Ele a agarrou em seus braços e apoiou a cabeça contra a curva de seu pescoço de modo que pudesse inalar a doçura de sua pele. Simone fechou os olhos quando passou os braços ao redor de seus largos ombros e o sustentou perto. Estava tão acalmado e apazível dessa maneira... Uma completa contradição com a besta que a tinha empurrado no carro e depois ameaçado sua vida.

Sentiu suas mãos nas coxas, levantando sua saia até a cintura. Sua língua brincou com sua pele enquanto mergulhava uma mão sob o elástico de suas calcinhas para separar brandamente as dobras de seu corpo. No momento em que seus dedos a roçaram, gemeu e tremeu.

Pegando-se a ele, jogou a cabeça para trás quando seus dedos a acariciaram e tomaram. Quando deslizou um dentro dela, tudo o que pôde fazer foi ficar nessa posição.

Era extremamente hábil com suas mãos. Honestamente, tinha passado ao menos um ano desde que tinha estado com um homem. Tinha esquecido quão boa era essa sensação.

— Goze para mim, Simone — sussurrou Xypher ao ouvido — Quero ver seu prazer.

Essas palavras a enviaram ao limite. Incapaz de conter-se mordeu o lábio e gritou. Ainda assim, ele continuou acariciando-a e jogando com ela até que teve espremido o último pingo de seu gozo. Com respiração entrecortada, não estava segura de como suas trementes pernas podiam sustentá-la.

— Obrigado — sussurrou ele ao ouvido.

— Não tem que me agradecer isso Xypher.

— Acredite, por isso, sim — Acariciou sua bochecha com os dedos — Ninguém teve jamais piedade de mim, por que você sim?

— Sei que vai achar isto difícil de acreditar, mas por alguma razão que não entendo realmente te gosto... a maior

parte do tempo.

Ele sacudiu a cabeça como se o mero pensamento fosse incompreensível.

— Bom... Você também quer ao Jesse. Obviamente seu gosto pelos homens deixa muito a desejar.

— Obviamente — sorriu ela, até que o relógio de parede deu à hora. Isto a fez voltar para a realidade — Agora se não se importar, tenho uma aula para ensinar em menos de uma hora e necessito que se arrume para vir comigo.

Ele riu com força.

— Senhora, agora mesmo poderia me pedir que me lançasse sob um ônibus para te fazer feliz e eu me obrigaria.

Ela se uniu a sua risada.

— Então é uma boa opção que não use meus recém descobertos poderes para o mal, huh?

— Para mim, é! — Beijou-a no nariz antes de vestir as calças e fechar o zíper. Deteve-se ante a porta para voltar a olhá-la com uma tenra expressão na cara que a queimou completamente — Segue-me?

Ela assentiu antes de ir com ele ao banheiro.

— Sabe — disse ele, indicando a banheira com o polegar — não sou tímido. Se quiser entrar, sinta-se livre.

Simone ainda podia lhe saborear nos lábios enquanto considerava seu convite. Não o faça. Tem que administrar uma classe. Mas, antes que pudesse deter-se, estava no banheiro com ele, observando como se despia.

Ela deixou escapar o ar lentamente ante a vista de toda essa musculosa e dourada pele. Sim fazia água na boca.

Disparou um diabólico sorriso antes de meter-se na banheira.

— Pode te unir a mim sempre que quiser.

E o faria, esse era o problema.

— Está bem, realmente preciso me dar pressa para não chegar tarde.

Separou-se da silhueta da cortina e escovou os dentes. Quando o fez, uma estranha sensação a atravessou. Outra vez se sentia como se alguém a estivesse observando. Enxaguando-a boca, deu a volta. Xypher estava ocupado tomando banho, e não havia ninguém mais na habitação.



— O que está me acontecendo?
— Simone? — perguntou Xypher.
Elevou a voz para responder.
— Nada. Só estava falando comigo mesma.
Ele saiu da ducha para comprová-lo.
— Está segura?
— Claro. É só... Não tem a sensação como se nos estivessem observando?
— Uma sensação como?
Encolheu-se de ombros.
— Não sei. É igual a se houvesse algo aí fora.
Ele fechou a água. Abriu a cortina e alcançou uma toalha.
Apesar da agradável estampa que apresentava, sua preocupação era tal que ela mal advertiu seu corpo molhado, e isso dizia quão arrepiante era à sensação. Ele envolveu a toalha ao redor de seus magros quadris.
— Quando começou?
— Faz um par de dias. É como se algo se estivesse arrastando sobre minha pele, e não sei o que é — deixou escapar um suspiro sonoro — Os demônios não podem sair à luz do dia, verdade?
— Os Daimon não podem, mas os demônios sim. Só que não são tão fortes durante o dia.
— OH, isso fede. E quanto a você? É mais débil?
— Não sou como um demônio. Algumas vezes é bom ser um deus híbrido.
Bom para ele, mas não para sua saúde.
— Bom, então. O que quer que seja só me está observando. Não faz outra coisa, assim ignoremos.
Xypher a observou quando ela voltou ao dormitório. Seguiu-a, mas ele não esqueceria tão rápido. Algo que sabia, e que não tinha mencionado, era que quando algo observava a alguém, estranha vez era bom.
De fato, estava esperando o momento perfeito para equilibrar-se.

CAPÍTULO 9

Depois de tê-la visto ensinar a seus estudantes, Xypher estava ainda mais impressionado com Simone do que esteve antes.

— É bom que não seja um demônio.

— Por quê?

Agarrou suas pastas e livros enquanto ela abandonava o laboratório e os levou de volta a seu escritório.

— Com seu conhecimento da anatomia humana, seria aterradora... e mortal.

Ela se burlou:

— Sou bastante inócua.

— Sim, não combina com o que vi. Parece-me recordar que lançou esse Daimon ao chão e o fez senti-lo. Por certo! Onde aprendeu a fazer isso?

— Aulas de defesa pessoal. Tate insistiu, e estive de acordo. Se for fazer meu trabalho, precisa ser capaz de te dirigir ao redor de criaturas dominantes.

Pôs os olhos em branco ante seu evidente ataque. O estranho era, que em realidade não lhe importava. Acostumava-se a suas brincadeiras, e de fato, desfrutava-as.

— Já sabe... Pensando bem, há um par de demônios aos que estaria encantado de ver como os dissecá-los.

— Se um deles é seu irmão, estou de acordo. É um ogro repugnante.

— Não tem nem idéia. Simplesmente agradeça por não ter se criado com ele ao redor, te golpeando. Bloodletting Mayhem deveria ter sido seu segundo nome.

— Vá, sinto muito.

Encolheu-se de ombros. Não havia realmente nada que dizer. Kaiaphas era um demônio. Causar dor à aqueles que estavam ao seu redor estava em sua natureza.

Abriu o escritório, conduziu-o dentro, depois agarrou os livros de suas mãos e os guardou em seu lugar.

— Ontem à noite me disse que hoje íamos convocar algo malvado. Não é que queira precipitar meu falecimento ou algo assim, mas, seguimos contando com isso?

— Não.

— Não? Por quê? O que passou?



— O grande malvado se mostrou ontem à noite em sua casa e o alimentei com meu sangue.

Deu-lhe um admoestador olhar.

— Realmente desejaria que deixasse de brincar sobre isto antes que não volte a dormir de novo.

Provavelmente ele também deveria, mas pela razão que não pôde resistir.

— Bom, o sangue não era a única coisa que queria. Também me pediu que lhe fizesse um favor.

Uma dúvida espantosa estava gravada em suas sobrancelhas quando ela girou para ele.

— Pediu?

Cruzou os braços sobre o peito.

— E quem é esse personagem que se assemelha ao Padrinho cuja duvidosa petição implica tal carga?

— É chamado por muitos epitáfios. À Baraka, o Cambista. Kalotar, o Convocador. Coração de demônio. Katadykari, o Condenado. Mas, segundo alguns seu verdadeiro nome é Jaden.

— E Jaden é um demônio?

Xypher respondeu com uma evasiva.

— Não é exatamente certo.

Inclinou a cabeça como se tratasse de solucionar um quebra-cabeça que nunca ninguém tinha solucionado com antecedência.

— Como é que não sabe o que é?

— Fácil. Jaden não é muito crédulo ou falador. Sabemos convocá-lo, e sabemos que tira poderes da fonte elementar do universo, mas ninguém sabe como o faz. Quem é se é que é alguém, se responder, de onde vem ou aonde se desvanece. É um enigma total.

— Estou confusa. Então, por que o convocaria alguém?

— Simples. Jaden pode e faria algo sem consciência, prejuízo ou vacilação. E quero dizer realmente algo. Se estiver disposto a pagar seu preço e carregar com as conseqüências do trato, pode te conceder qualquer sonho que tenha tido alguma vez, não importa quão impossível possa parecer.

Simone franziu o cenho.

— O que é? Satã?

Xypher sorriu diabolicamente.

— Não. Lúcifer faz entendimentos com humanos. Jaden troca com a fonte para os demonikyn.

— Demonikyn?

— Demônios, parentes e amigos. Os humanos e os outros podem chamá-lo, mas se não for um feto demoníaco, não responderá. Isto quer dizer que se necessita tanto sangue humano como de demônio para convocá-lo. De novo, ninguém sabe por que.

Parecia que tomava muito melhor do que tinha pensado.

— E bebe sangue?

Xypher assentiu com a cabeça.

— Então isso o converte em um vampiro?

— Sai à luz do dia. Mas, como um demônio, nesse momento é mais débil. Parece ter os poderes de um deus, mas sem adeptos. Como lhe chamaria?

— Não chamaria nada que não lhe fizesse delirantemente feliz.

Xypher sorriu.

— Vê, sabia que era uma mulher sábia.

Simone não estava tão segura disto. Este Jaden ainda lhe soava uma barbaridade como o diabo. A idéia de que esteve em sua casa e bebeu o sangue de Xypher a fez querer convidar a um sacerdote para que a desencardisse.

— E qual é esse favor que temos que lhe fazer?

— Ver uma mulher no Royal Street que trabalha em uma loja de bonecas.

Aquilo lhe caiu como um golpe no estômago.

— Quer dizer a Liza?

Xypher ficou pasmado.

— Conhece-a?

Simone assentiu com a cabeça.

— É amiga minha e do Tate á muito tempo. Conheci-a no passado quando era uma menina. Adoro sua loja. É realmente show.

— Podemos ir agora?

Comprovou seu relógio.

— Tenho uma aula pela tarde, assim deveríamos ter



tempo. Está seguro de que não vai lhe machucar?

— Sim. Jaden quer um colar que ela tem. Esse é o assunto. Uma vez que tenha o colar nos tirará nossos braceletes.

Simone soltou um som de desgosto.

— Não pode ir por aí roubando coisas, Xypher. Isso está mau.

— E não posso lhe dizer ao Jaden não, uma vez que o trato está estabelecido. Pela razão que seja, quer esse amuleto. Prometi, e Jaden não é uma criatura com a que não cumpre sua palavra. Confia em mim, nenhum de nós viveria o tempo suficiente para lamentá-lo. Por que pensa que não fui a ele desde o começo para nos tirar os braceletes? Jaden é sempre o último recurso.

Isto não trocava uma coisa, era amiga da Liza.

— Jure que Liza não sairá machucada.

— Tem minha palavra, Simone. Não lhe farei mal.

Houve um instante no que duvidou dele, mas rapidamente o esmagou. Xypher nunca tinha sido outra coisa que honesto com ela em todo momento. Confiaria nele nisto, mas se, se equivocava...

Jaden seria o menor de seus problemas.

Agarrou sua bolsa, e o conduziu de volta ao corredor.

Xypher tratou de não pensar no que poderia ser o amuleto para que Jaden fizesse esse trato para consegui-lo. Normalmente o demônio que queria o trato, fazia um oferecimento, e Jaden o aceitava ou rechaçava.

Para o Jaden escolher o pagamento...

Isto fez soar o alarme dentro dele, mas o ter seus poderes completamente restaurados e desprender-se desses braceletes lhe deu valor. Ao menos isso esperava. Por tudo o que sabia, o amuleto poderia desatar à Destruidora Atlante, ao Dimme, ou qualquer dos numerosos desastres.

Deveria ter pedido uma elucidação.

Sim, certo. Como se Jaden tivesse respondido. O ente não respondia a nada. Ninguém que valorizasse sua existência lhe perguntava.

Simone entrou em seu carro e esperou que Xypher se

unisse. Estava estranhamente tranqüilo, o que a preocupou.

— O que é que não me está contando?

— Que poderíamos estar pondo fim ao mundo por fazer isto.

— Isto é uma piada?

— Deus! Assim espero.

Não tinha claro se deveria animá-lo ou não, conduziu para a loja da Liza. Posto que a estrada estivesse fechada nesse momento do dia ao tráfego, estacionou no Toulouse, e andaram duas quadras pelo Royal até que chegaram à Boutique “Dream Dolls”. O mostruário estava cheio de reproduções de bonecas antigas de menina e Barbies feitas por encomenda desenhadas pela Liza.

A mãe adotiva de Simone a trouxe durante Natal do primeiro ano que a tinham adotado e lhe tinham comprado a boneca de porcelana que ainda conservava na penteadeira de sua casa. Inclusive agora, Simone recordou o aspecto que tinha Liza o primeiro dia em que se conheceram. Naquela época seu cabelo era moreno e seus olhos brilhavam com calor e bondade.

— Que menina tão formosa. Escolhe uma boneca, carinho, e faremos que seus olhos se pareçam com os teus.

Liza comeu suas bolachas e o chá enquanto ela cumpria com aquela promessa. Este foi um sentimento que sempre conseguiu reproduzir cada vez que Simone a visitava.

Sorrindo, empurrou e abriu a porta verde azulada e entrou na loja.

Havia uma moça de cabelo loiro que estava de pé, atrás do balcão de cristal que se encontrava cheio de roupa de boneca e peças.

— Olá, o que há? — saudou Simone — Liza está por aqui?

Antes que a mulher pudesse responder, Simone ouviu um grito feliz de trás da tenda.

— Simone, minha boneca de porcelana! Como está? — Liza saiu de detrás da cortina e se aproximou dela com um sorriso gigantesco.

Simone a abraçou fortemente.

— Faz muito da última vez que estive aqui.

— Como se não soubesse! — retirou-se. Olhou Xypher, e

o sorriso empalideceu em sua cara — Você é antinatural. — Sua voz foi apenas um sussurro quando disse aquelas palavras.

Xypher levantou as mãos.

— Não estou aqui para te machucar.

Os olhos de Liza se obscureceram com a suspeita enquanto retrocedia e girava para a moça atrás do balcão.

— Beth? Por que não toma um descanso para almoçar, ceuzinho?

Beth elevou a vista com o cenho franzido.

— É um pouco cedo. Está segura?

— Sim, por favor. Tenho que recolher a loja.

Beth deixou o suéter para bonecas que esteve dobrando.

— De acordo. Quer que traga um pouco na volta do Deli ?

— Um sanduíche de salada de frango. Assegure-se de pegar o dinheiro da caixa registradora.

Beth sorriu enquanto obedecia.

— Uma Liza especial partindo. Vejo-te em um tempinho.

Esperou até que a moça se foi antes de falar de novo. Pela primeira vez, havia uma tremenda hostilidade em seus olhos quando olhou Xypher.

— Fede a morte.

Simone ficou boquiaberta.

— Como sabe que ele está morto?

— É um oráculo, como Julián — explicou Xypher — Pode sentir a realidade que desafia a existência normal.

Liza assentiu com a cabeça.

— E não pode ter aquilo pelo que está aqui. Não te deixarei.

— Se souber o que necessito, então sabe por que o necessito. Também sabe que posso tomá-lo de ti, e não há nada que possa fazer para me deter.

Simone se colocou entre o Xypher e Liza.

— Salvo que posso e não deixarei que lhe faça mal.

Este não era o Xypher sensível com quem brincava. Este era o mesmo Xypher que a tinha empurrado dentro do carro.

— Nobre. Estúpido, mas nobre — O penetrante olhar letal foi por cima do ombro dela até a Liza — Se não o consigo, Simone será a que pagará o preço. Assim o disse Jaden.



Liza o fulminou com o olhar.

— Por que faria um trato com o diabo? — Apenas as palavras tinham abandonado seus lábios quando seus olhos se abriram de par em par pela compreensão.

— Exatamente.

Simone franziu o cenho.

— O que?

— Nada — disseram ao unísson.

Liza vacilou antes de tirar o amuleto verde de debaixo da camisa e elevá-lo sobre sua cabeça.

— Minha família o protegeu do mal durante nove gerações. Não posso acreditar que depois de todo este tempo seja a que o esteja entregando a um demônio. — Fechou seus dedos ao redor dele — Sabe o que isto faz?

Xypher sacudiu a cabeça negando.

— Põem-no sobre o coração de um deus e isto o paralisa, a ele... Ou a ela.

Xypher franziu o cenho ante suas palavras.

— Por que o quer Jaden?

— Obviamente tem um deus ao que quer imobilizar. A pergunta é a qual e por que.

Sim. Essa era a pergunta. Dependendo do deus, aquilo poderia fazer uma greta de enorme importância no universo.

— Afetará aos demônios?

— Não. O qual é uma maldita vergonha.

— Por quê? — perguntou Simone.

— Porque há quatro deles atualmente esperando-os fora de minha loja.



CAPÍTULO 10

Simone se voltou para olhar através das cristaleiras. Efetivamente, havia quatro homens fora, que pareciam preparados para lutar sobre a calçada, e olhavam para dentro. Embora para ser honesta, não lhe pareciam demônios. Eram altos, magros, e bastante bonitos. Vestiam jaquetas de couro e jeans, usavam óculos de sol para proteger seus olhos e não aparentavam mais de vinte e cinco ou trinta anos.

— Talvez sejam clientes.

Liza bufou.

— Para uma loja de bonecas? Sim, acabo de vê-los agora... Agarrarei a boneca bebê rosa com volantes.

Tocou o ombro a Simone.

— Não, carinho. Não são clientes. São demônios, e estão sendo repelidos pelo sal que utilizo para manter aos canalhas fora de minha loja.

Deixou sair um comprido suspiro antes de mover-se a seu balcão. Colocou os óculos, e logo tirou uma pequena arma que parecia uma mola de suspensão calibrada de mão.



— Sabe como utilizar isto? — Perguntou ao Xypher.

— Absolutamente.

— Bem. Devolva-me o amuleto para guardá-lo em um lugar seguro.

Obrigou-se sem dizer outra palavra.

Liza o colocou no pescoço.

— Agora, espera aqui um segundo. Há algo mais que pode utilizar.

Simone ficou perplexa. Sabia que Liza era uma Escudeira e um pouco estranha, mas estava vendo um lado completamente novo da diminuta mulher. Liza era intrépida. Um segundo depois, Liza voltou com um sabre de ouro.

— Este é fácil de usar. A ponta final entra em seu corpo.

— Obrigado — disse ele secamente — odiaria chegar a me confundir.

— Sim, faria doçura. Agora, vá chutar alguns traseiros de demônio.

Simone arqueou uma sobrancelha.

— Sabe, a delegacia de polícia está a só um par de blocos para baixo. Não é perigoso? O que acontece se vêm a briga?

Xypher bufou.

— Não viveriam o suficiente para chamá-los.

Simone se horrorizou por seu tom seco.

— Não pode matá-los, Xypher.

— Não terei que fazê-lo. Os demônios o farão por mim. Agora, se te aproximar um pouco à porta tenho uma briga que levar a cabo.

Simone o seguiu à entrada e conteve a respiração quando ele saiu à rua para enfrentá-los.

O demônio mais alto se adiantou. Seu cabelo castanho estava adornado com pontas que culminavam em tom loiro. Tinha um cavanhaque e olhos azuis cristalino. Vestia um par de jeans e uma jaqueta marrom de couro, parecia apenas outro tipo na rua para qualquer observador ocasional. Igual aos outros três. Como o alto, eram bonitos e vestiam do mesmo modo como qualquer que visse em público. Isto fez baixar um calafrio por sua espinha dorsal ao dar-se conta de que podiam existir sem fazer-se notar absolutamente. Quantas vezes teria se sentado

ao lado de um demônio sem sabê-lo?

Xypher varreu ao grupo com um olhar que deixou claro que ele não os considerava uma grande ameaça. Se somente ela pudesse estar tão segura.

— Kaiaphas — saudou, surpreendeu-a o fato de que o alto fosse seu irmão. Wow, sem a pele fervente, o demônio estava muito bem — Vejo que finalmente fez alguns amigos. Deve ter aprendido a utilizar por fim uma escova de dente. Sabe, é esse acima e abaixo, daqui para lá que confunde às pessoas... Ou aos demônios.

Um dos demônios abriu a boca e mostrou duas filas de dentes serrados.

Xypher curvou o lábio.

— Realmente, deveria consultar um dentista por isso. Ouvi que podem fazer maravilhas nestes dias.

— Matem — grunhiu Kaiaphas.

Xypher surpreendeu ao primeiro com um corte alto da espada. Cortou através do estômago. Mas, antes de poder retirar-se, outro dos demônios o derrubou contra o chão.

Simone assobiou quando viu Xypher cair sobre a calçada.

— Não posso olhar e não fazer nada.

— Não pode lutar contra um demônio, Simone — disse Liza — Não tem a menor idéia de quão fortes são. O melhor que podemos fazer como humanos é ficar fora disto e lhes permitir a eles lutar. Não te converta na debilidade de Xypher.

As palavras da Liza recordaram ao Acheron. Olhou abaixo para o pulso onde ainda levava o bracelete de couro.

— Realmente, penso que posso.

Antes que Liza pudesse detê-la, ela correu, tirou a folha e empurrou ao demônio longe de Xypher. No momento em que o tocou algo a atravessou como uma corrente elétrica. O demônio voou, literalmente. Golpeou o edifício tão duro que sacudiu a frouxa alvenaria.

— Santa merda — respirou assombrada do que tinha feito. Acheron tinha razão. Tinha poderes sobre-humanos.

— Simone!

Deu uma volta rápida ao ver Kaiaphas vindo rapidamente por ela. Agarrou-o pelo braço e o atirou ao chão. Infelizmente,

ele não permaneceu ali. Saltou sobre seus pés e lhe deu uma assombrosa patada nas costelas. Simone vaiou de dor.

Mordeu-lhe o braço, e logo a esbofeteou. Ela sentiu o sabor de seu sangue. De repente, Xypher estava ali. Agarrou a seu irmão e lhe pegou tão duro que a força do golpe levantou pelos pés ao Kaiaphas.

Simone se sentia muito estranha...

Sua visão diminuiu e tudo foi confuso. Outro demônio veio para ela, mas parecia que se movia em câmara lenta. Começou a golpeá-la. Ela o evitou, então deu uma dura cotovelada nas costas. Ele girou a seu redor e lhe afundou os dentes no braço. Ela gritou a causa da dilaceradora dor.

— Não! — gritou Xypher, apressando-se até seu lado. Realmente, não pôde ver nem entender nada depois disso. Tudo foi um borrão. Ouviu alguém gritar de dor e quão próximo soube era que estava de volta na loja de bonecas.

— OH, não — choramingava Liza — Não! Não! não! O que vamos fazer?

Xypher não podia respirar quando viu as marcas de mordidas na pele. A diferença de um Daimon, que não podia converter aos humanos em vampiros, o gallu sim podia. Dado que ele era demônio em parte, era imune à saliva infectada. Simone não o era.

Algo se estrelou na janela, rompendo-a.

— O que acontece, Xypher? Cansou-te de jogar conosco?

Levantou-se para atacar, mas Liza o segurou.

— Simone nos necessita. Deixa-os.

Isso era mais fácil dizê-lo que fazê-lo, mas ao fim, obedeceu. A morte do Kaiaphas podia esperar. Simone não podia. Sem mencionar que enquanto ela estivesse inconsciente, ele não poderia sair sem matar a ambos.

Passou uma mão zangada pelos cabelos enquanto pensava em alguma forma de salvá-la. Maldita seja se tivesse sido capaz de chegar até o Jaden com o amuleto, isto não teria sido um problema. Simone seria livre para viver sua vida, sem ele, e ele estaria livre para matar a Satara.

Agora ela podia acabar muito bem como um gallu zumbi, e tudo por sua culpa.



— O que podemos fazer?

Liza tirou um celular de seu bolso.

— Estou chamando Acheron. Se houver alguém que tenha uma solução...

— Possivelmente deva chamar o Jaden.

— Não! — Disse Liza, seus olhos denotavam fúria — Me nego a ter a essa criatura aqui. Ele é mais ameaça do que o é um gallu e não estou disposta a pagar seus preços.

Ela tinha razão.

Xypher assentiu.

— Chama o Atlante e chamarei o Jesse.

Em caso de que falhassem em salvá-la, Simone queria ao Jesse aqui, e Jesse queria estar com ela. A única razão pela que o fantasma não estava aqui era porque não gostava de assistir às aulas de Simone. Sendo um morto, não gostava de escutar sobre autópsias ou ver outros cadáveres.

Xypher tirou o telefone da Simone de seu bolso e chamou a sua casa. Tão logo a secretária eletrônica respondeu, falou com tanta calma como foi possível.

— Jesse, é Xypher. Acredito... — não suportava dizê-lo, mas não tinha escolha — Simone está ferida. Gravemente. Tem que vir à loja da Liza imediatamente.

O fantasma esteve ali antes que pudesse desligar. A cara do Jesse empalideceu quando a viu jazer no piso, retorcendo da dor.

— Que demônios aconteceu?

— Ataque de demônio.

Os olhos do Jesse ondularam quando correu para a garganta do Xypher.

Xypher o agarrou e o atirou ao chão.

— Não me pressione menino. Estou com o humor ideal para mutilar gravemente a alguém, e já que não posso alcançar a meu irmão, possivelmente demonstre ser um substituto digno.

— Não o faça — ofegou Simone, tocando a perna de Xypher—. Por favor, não o machuque.

Toda sua ira desapareceu. Quão último ele queria era machucá-la.

Os dois se inclinaram.

— Estou aqui, Sim — disse Jesse, com os olhos chorosos — estará bem. Ouve-me?

Ela o olhou fixamente com incredulidade

— Posso ver as auras a respeito das que fala Jesse. A tua é branca. É formosa... Como você.

Jesse sorveu.

— Recorda, mantém separada da luz. Se afaste, Sim. Se afaste da luz. Estarei te esperando aqui mesmo para escapar.

— Não está morrendo, Jesse — Xypher trouxe quando a dor o golpeou duramente. Morrer seria mais fácil. Mais agradável — Está se convertendo em um demônio.

— Que?!

— Ouviu-me.

Jesse grunhiu em uma voz que foi quase demoníaca.

— Faz algo!

— Não pensa que faria algo se pudesse? Não desejaria isto nem a meu pior... OH, o inferno, sim o faria, mas nunca o desejaria a Simone.

Simone tiritou no chão.

— Por que tenho tanto frio?

O sangue do demônio infectando-a, baixando o batimento do coração... Xypher lhe agarrou o braço com a mão e esfregou a pele, tratando de esquentá-la.

— Só respira lentamente. Não tome nenhum fôlego profundo.

Pelo menos esperava que fosse verdade. De repente, sentiu uma presença atrás dele. Era de um poder absoluto.

Acheron.

Xypher olhou sobre o ombro para vê-lo parado aí, observando-os.

— Espero que tenha algo que dizer e que queira ouvir.

Acheron bufou.

— Ironicamente ninguém jamais quer ouvir o que tenho a dizer sobre algo. Geralmente, discutem comigo até tal ponto de querer atravessá-los contra uma parede... Otimistamente, você não será tão denso.

— Não estou de humor, Acheron. Diga-me que fazer para salvá-la.

Acheron se adiantou para ajoelhar-se junto ao Jesse. Seus olhos de redemoinhos de prata resplandeciam na débil luz.

— Como se sente? — perguntou-lhe.

Os dentes da Simone tagarelavam sem cessar.

— Doente.

Ele levantou a vista para Liza que estava parada longe a um lado.

— Talvez queira conseguir um cubo ou algo em caso de que precise vomitar.

Ela foi procurar um.

— É tudo o que fará? — grunhiu Xypher.

Acheron se encolheu de ombros.

— Quer as boas notícias ou as más?

A ira o atravessou tão ferozmente que quis cortar a garganta do Atlante.

— Não jogue esse jogo comigo, Acheron. Diga o que preciso saber.

Não pareceu incomodar-se pela ameaça de Xypher.

— Agradável tom. Deveríamos tirar proveito e te pôr a gravar álbuns para o Halloween.

Xypher teve que conter-se para não atacar.

— Relaxe — disse Acheron calmamente — não está convertendo-se.

Estava louco? É obvio que se convertia. Estava pálida e trememente. A frente estava úmida pelo suor...

— Olha-a! Não está, exatamente, assando bolachas.

— Sim, mas tampouco é um humano que muda.

Um terror frio atravessou Xypher. Se ela não mudava, então o que lhe acontecia?

— O que significa isso?

Acheron jogou uma olhada ao Jesse.

— Alguma vez advertiu que ela não é como outras mulheres? Essas coisas estranhas sendo atraídas para ela?

Simone gemeu ligeiramente.

— Não sou estranho! — Jesse disse defensivamente — Mas, sim. Ela sempre soube as coisas. Viu coisas que não deveria. Acabamos pensando que era psíquica.

Acheron sacudiu a cabeça.



— Não. Sempre era muito mais que isso.

— Acheron — Xypher interrompeu—Diga o que acontece. Acheron respirou profundo antes de responder.

— É metade demônio, Xypher. Como você.

Xypher deixou cair a mandíbula ante suas palavras. Não era possível...

— E um inferno, que é! — Jesse disse, com sua voz rota — Não há nada demoníaco nela...

Acheron sujeitou o pulso e a levantou alto para que Xypher pudesse ver a mordida do demônio.

— Cheira seu sangue, e saberá a verdade. Não há engano nessa essência.

Não obstante, Xypher se negou a acreditá-lo.

— Como poderia ser um demônio e não saber?

— Seus pais a protegiam da verdade — Acheron lhe tirou o bracelete que lhe tinha dado — Isto não é mais que couro singelo. A razão pela que lhe dei foi fazê-la acreditar que seus poderes provinham de outra coisa e não de si mesma. A verdade é que é tão poderosa como qualquer demônio que tenha conhecido.

— Por que não nos disse isso ontem?

— Porque seu pai renunciou a sua vida para manter suas raízes ao resguardo de todos, inclusive dela. Para certificar-se de que fosse escondida de todas as pessoas e criaturas que a pudessem utilizar ou ameaçar. Quem sou eu para desfazer tal sacrifício?

— Xypher? — Simone respirou — Estou assustada.

Acheron tomou a outra mão.

— Não o esteja. Seus poderes estão sendo liberados. Isso é tudo o que acontece. Sei que dói, assusta e sacode. Mas não lute. Só respira profundamente, e deixa que o poder flua através de ti.

Isso só fez que Xypher se zangasse mais.

— É fácil para você dizê-lo. Não tem nem a menor idéia do que está atravessando.

Acheron riu amargamente.

— Sim, diferente de você, sei exatamente como se sente. Era humano quando meus poderes divinos foram

liberados. Acredite-me, não foi agradável e tampouco será isto.

Isso fez que esquecesse sua ira.

— O que posso fazer?

— Não a deixe sozinha. Necessitará a alguém que lhe ensine como utilizar seus sentidos de demônio. Você cresceu com seus poderes, mas sabe quão diferentes são da funcionalidade humana normal. É o melhor professor que ela poderia ter.

Xypher amaldiçoou ao pensar em ter a alguém dependendo dele. Ele não era confiável. Não sabia como funcionar assim. Espantou-lhe que possivelmente a corrompesse ou a danificasse por causa de sua própria ignorância. Necessitava a um professor melhor que ele. Tudo o que conhecia era a dor e a traição. Como utilizar seus poderes para machucar a outros. Simone não era assim. Ela era a bondade.

Como poderia um animal como ele lhe ensinar o que precisava saber? Mas, nunca o admitiria ante ninguém.

— Tenho minha própria ordem do dia aqui, Acheron. Não posso estar preso a ela.

— Tem três semanas para obtê-lo. Por uma vez, Xypher, pensa em alguém além de em você mesmo.

Curvou o lábio ante as palavras de Acheron. Pensava em outra pessoa, mas outra vez, nunca admitiria isso em voz alta.

— Me preocupar com alguém mais é o que conseguiu me amaldiçoar. É um engano que não quero repetir.

Esses olhos de prata queimaram com uma sabedoria antiga.

— Sabe que às vezes repetindo nossos enganos é como nos damos conta do que falhou a primeira vez. Sabendo isso, podemos arrumar o engano e seguir adiante.

Xypher zombou disso.

— Correto, e a definição da estupidez básica é seguir fazendo a mesma coisa uma e outra vez esperando um resultado diferente. Não sou estúpido.

— Não disse seguir fazendo-o — Acheron jogou uma olhada ao braço de Xypher onde seu voto foi marcado — Segue adiante com um propósito. Examina o que falhou e corrige esse engano.

Por que seguia voltando para uma só frase?

Segue com um propósito...

— Ajuda-a, Xypher. Neste momento ela te necessita mais do que você precisa matar a Satara — E com isso, desapareceu.

Xypher se sentou no chão com as palavras do Ash soando em sua cabeça. Havia verdade ali, mas a necessidade de vingança era tão forte...

Então recordou a maneira em que Simone o havia tocado mais cedo essa manhã quando se apiedou por sua dor. Não tinha pedido nada em troca.

Nada.

Xypher a recolheu em seus braços e a sujeitou perto.

— Estou aqui para você, Simone.

Simone mal podia entender essas palavras enquanto seu corpo continuava queimando-a. Sentia tudo ao redor amplificado. As cores, os aromas, os sons... Experimentou o mundo de uma forma completamente nova.

— Como vai? — A voz da Liza pareceu vir de muito longe.

Tipo O positivo. Esse era o tipo de sangue de Liza. Ela também tinha um leve murmúrio no coração.

E Jesse. . .

Soube suas debilidades, também. Podia cheirar, provar e uma diminuta parte dela quis explorar essas debilidades. Isso a espantou acima de tudo.

— O que significa ser um demônio, Xypher?

— Você não é um demônio.

Levantou o braço e olhou fixamente sua mão. Parecia-se com sua mão, mas sentia como se pudesse esmagar aço com ela. Podia?

— Sinto-me tão poderosa.

— É uma ilusão.

Era-o? Pareceu suficientemente verdadeiro. O pensamento apenas se completou antes que sentisse um puxão em seu estômago. Agarrou o cubo de Liza e esvaziou o conteúdo de seu estômago nele.

Quando terminou, já não se sentia forte. Sentia-se débil e sem valor.



— Quero ir para casa.

Xypher cabeceou. Deteve-se para olhar a Liza.

— Posso ficar outra vez com o amuleto? Ainda tenho que entregá-lo ao Jaden ou ele terá meu traseiro.

A relutância se mostrou em seus olhos quando o tirou uma vez mais.

— Espero que isto não seja um engano.

— Eu também — ele esteve de acordo.

Depois de pô-lo em seu bolso, Xypher aconchegou Simone contra seu peito, e o próximo que ela soube foi que estava em sua casa, em sua cama. Ele estava ainda ao seu lado.

— Deve descansar.

— Me sustentará? — Xypher quis amaldiçoar pela ternura que essas palavras despertavam dentro dele. Devia ignorá-la e a sua consciência.

Se somente pudesse.

Em vez disso, deitou-se ao lado dela na cama e a atraiu para si.

— Descansa.

Ela se acurrucou contra ele antes de fechar os olhos e fazer o que sugeria. Não tomou muito tempo cair em um sonho profundo e tranquilo.

Deitado assim com ela, quase se sentia humano. Quão ridículo era isso? Eles eram dois demônios agora deitando juntos. Olhou a foto de seus pais e se perguntou o que os teria unido para que tentassem viver uma vida humana normal.

No retrato, pareciam-se com qualquer outra família. Ninguém teria adivinhado jamais o segredo que esconderam.

Era um segredo que ainda podia custar à vida a sua filha.



CAPÍTULO 11

Ao anoitecer, Xypher andava pelo pequeno apartamento, perguntando-se se estava cometendo um engano ao ficar com Simone. Pelo que sabia sua presença aqui era uma ameaça ainda maior para ela do que seria um banho de chumbo.

Sentiu o ar acalmar um instante antes que Jaden aparecesse. Seus olhos ímpios eram uma sombra peculiarmente vibrante de verde e marrom.

— Tem-no! — Era uma constatação do fato, como se



pudesse sentir o amuleto.

Xypher o tirou do bolso e o sustentou na mão. Seu tamanho não era maior que o de um quarto de dólar, parecia uma peça de turquesa verde com uma delicada filigrana em prata a seu redor. Parecia tão inofensivo. Era difícil imaginar este objeto derrubando a um deus, mas por outro lado, o sal era uma substância completamente inócua que tinha o suficiente poder para rechaçar a um exército de demônios.

—Tenho-o.

Jaden estendeu a mão e esperou.

Xypher deixou cair o amuleto na palma.

Inspirando profundamente, Jaden fechou a mão e o sustentou com reverência. Quando abriu os olhos, era vermelho sangue.

— Obrigado.

O bracelete de ouro caiu aberto e golpeou o chão aos pés de Xypher.

— Como o fez?

Ele se mofou:

— Como se fosse te explicar a fonte de meus poderes a você, demônio. Simplesmente esteja agradecido de ter realizado sua parte do trato.

Xypher podia sentir seus poderes crescendo com cada palavra que Jaden dizia. Isto era o que necessitava. O que devia ter.

Jogando a cabeça para trás, Xypher riu. Pela primeira vez em séculos, sentia-se como o deus que era. E com aqueles poderes chegou à lucidez repentina.

— Conhecia a ascendência de Simone...

Jaden se encolheu de ombros.

— É obvio que a conhecia. Com quem pensa que negociou seu pai para protegê-la? Tomei sua alma em troca de ocultar seus poderes do resto do mundo.

Um tremor desceu por sua coluna vertebral.

—Traiu-o ao lhe dar a ocasião de ser convertida.

Uma pincelada de vermelho velou os olhos de Jaden quando o fulminou com o olhar.

— Não traí nada. Expôs-se ela mesma. Ao ser mordida

desfez o trato de seu pai. Em seu momento, informei-o sobre os inconvenientes de meu amparo. Ele nunca pensou que entraria em contato com outros demônios.

Pobre bastardo. Deveria ter sabido que sua filha encontraria o caminho.

Entretanto, não tivesse sido por causa de Xypher, seu segredo estaria seguro para sempre. Não tinha a ninguém a quem culpar pela situação atual dela, exceto a si mesmo, e se odiava por seu papel na conversão.

— O que ocorria sobre sua mãe? — perguntou ao Jaden
— Também era um demônio?

— Era humana.

Isto o desconcertou. Os humanos e os demônios estranhas vezes se relacionavam, exceto em situações de combate, que quase sempre causavam a morte do humano.

— Como é que terminaram juntos?

Jaden pôs o amuleto em seu bolso.

— A mãe de Simone foi um desafortunado engano. Palackas, o pai de Simone, era um demônio vinculado que tropeçou com ela uma noite enquanto levava a cabo um mandato para seu amo. Uma coisa conduziu à outra... Inseriu a parte A na ranhura B, e se apaixonou por ela, mas, tal como era de esperar, seu amo se negou a liberá-lo. Em lugar de ir para mim, correu atrás da liberdade para estar com ela. Seu amo chamou os sabujos para persegui-lo e trazê-lo de volta, ou matá-lo. Buscaram-no durante anos até que encontraram seu aroma aqui, em Nova Orleans, porque a mãe e o irmão da Simone retiveram o aroma do pai, encontraram-nos e os mataram em seu lugar por acidente.

— Por que viveu Simone?

— Diferente de seu irmão, que herdou toda a humanidade da mãe, tinha os genes de demônio do pai. O suficiente para que seu sangue possuísse uma própria e única essência, além da do pai. Os Skili não estavam autorizados a matar ninguém exceto ao pai, e por isso foi perdoada.

— Mas mataram a mãe e ao irmão.

Jaden soprou.

— Conheceu alguma vez a um Skili? Só porque pareçam



humanos não significa que tenham um cérebro. São cães. Tudo o que cheiram é o sangue e a genética. Acreditaram que os dois eram o pai. O amo do Palackas ficou satisfeito, posto que pensasse que suas mortes trariam Palackas outra vez para casa.

Mas não o fez. O pobre homem deve ter estado desorientado depois de suas mortes e aflito não só pela pena, mas também pela culpa. E o medo de que sua filha logo se unisse a sua esposa e filho. Os Skili eram uma força de rastreamento de elite que era enviada para destruir a qualquer demônio que violasse as leis. Parte humano, parte sabujo, não tinham vontade própria. Tudo o que fizeram foi rastrear e matar. Se Palackas não soube por que Simone escapou, teria estado aterrorizado de que os Skili a encontrassem a seguir.

— Sabia seu pai por que não a mataram?

— Não perguntou.

— Quer dizer que não o disse.

Jaden se encolheu de ombros despreocupadamente.

— Convocou-me para um trato. Quem sou eu para dissuadir a um demônio quando este oferece sua alma? — Lançou um olhar penetrante ao Xypher.

Xypher amaldiçoou ao recordar o trato que ele mesmo tinha feito com o senhor dos demônios.

— Meu pai se suicidou.

Xypher girou ante o som da voz acalmada de Simone. Estava de pé detrás dele, obstinada à porta, agarrando-a tão fortemente que podia ver como seus nódulos se voltavam brancos. Sua cara pálida o preocupou.

Jaden não teve nenhuma piedade para com ela.

— Matou-se para te proteger, menina, e apaziguar a seu amo. Inclusive se houvesse tornado com ele naquele momento, teria ordenado que o executassem. Esteve muito tempo afastado de suas obrigações. E, além disso, ainda tinha o assunto de sua preocupação por você. A última coisa que seu pai queria era que também fosse capturada e convertida em escrava. Assim, tomou seu destino em suas próprias mãos e usou sua força vital para selar nosso trato.

— Bastardo! — Simone correu para ele.

Xypher a atraiu a seu lado e a manteve aí.



— Não o faça, Simone.

— Ele deixou meu pai morrer!

Xypher podia sentir a angústia de seu pranto, mas não mudava nada.

— Não pode atacá-lo, Simone. Te matará.

Um canto da boca de Jaden se arqueou para cima.

— E desfrutarei de cada minuto de sua morte.

Ela arremeteu de novo.

— É um monstro.

— Posso sê-lo. Mas prefiro o termo... “intermediário”.

Grunhindo, lutou contra a sujeição de Xypher.

— Fora daqui!

Jaden a repreendeu:

— E pensar que sempre ouvi falar da maravilhosa hospitalidade do Sul. Adivinho que só é para os humanos — Seus olhos esvaídos voltaram para sua cor normal — Nosso trato está satisfeito, Xypher.

Jaden golpeou ligeiramente seu ombro duas vezes com o punho, fez uma breve, zombadora reverência e desapareceu.

Simone o encarou.

— Por que não me deixou lhe arrancar os olhos?

— Porque teria te arrancado a cabeça antes que conseguisse se aproximar.

Ela sacudiu a cabeça com incredulidade.

— É um deus. Como de poderoso pode ser em comparação?

— O suficientemente poderoso para nos matar a você e a mim com nada mais que um pensamento.

Simone se deteve quando se deu conta que não estava brincando.

— Não entendo.

— O universo tem uma ordem, Simone. Ao final do dia, todos nós respondemos ante alguém. Apesar de sermos deuses todo-poderosos, temos limitações. Uma criatura como Jaden pode nos matar e absorver nossos poderes.

— Então por que não o faz?

— Minha hipótese é que também tem limitações em relação ao que pode ou não fazer.



— Postas por quem?

— Essa é a questão, verdade? Não sei a resposta, e não conheço ninguém que saiba.

Ela enxaguou o canto do olho enquanto o deixava para olhar as fotografias de sua família que estavam sobre o suporte da chaminé.

— Crê que meu pai sabia e compreendia o que fazia quando convocou Jaden?

— Provavelmente. A maior parte dos demônios o fazem. Ainda quando nos educam conscientes do fato de que é nosso homem do saco, Jaden, pelo geral, explica os inconvenientes de um trato àqueles que o fazem. Pode não gostar dele, mas por regra geral, é justo e imparcial... Ainda que seja intolerante.

Simone girou o rosto para ele.

— Não te falou sobre o amuleto e o que fazia.

Tinha razão. Jaden lhe tinha oculto aquele conhecimento.

— Não, não o fez, o qual me diz que deve ser importante para ele em nível pessoal.

Simone mal ouviu aquelas palavras. Honestamente, não lhe importavam Jaden nem seus desejos ou penúrias. O que lhe importava era o fato de que sua família tinha morrido.

E ele tinha tomado parte nisso.

Sou um demônio...

Aquelas palavras seguiram rondando em sua cabeça. Como podia ter acontecido isto? Como podia não havê-lo sabido? Suspeitado algo...

— Há um fogo especial dentro de ti, anjo! — havia dito uma vez seu pai — Um dia entenderá.

Era isto o que tinha querido dizer?

Olhou Xypher, necessitando respostas que duvidava que tivesse alguma vez.

— Por que haveria se suicidado meu pai? Não teria sido um amparo melhor para mim enquanto estava vivo?

— Estou seguro que pensou no fato de que não tinha sido capaz de proteger a sua mãe ou irmão.

— Precisei de meu pai!

Xypher estremeceu. A dor em sua voz o atravessou. Antes nunca quis consolar alguém, mas, agora mesmo, teria

dado algo para aliviar a angústia que viu em seus olhos cor avelã.

Envolveu-a com seus braços e a abraçou estreitamente.

— Sei.

Ela meneou a cabeça contra seu peito.

— Sabe o ferida que estou de que Jesse viesse para mim e não minha família? Ao longo dos anos vi a centenas de fantasmas. Mas, nunca a minha mãe ou ao meu pai. Nunca ao meu irmão. É por que não me amaram o suficiente para ao menos dizer-me adeus?

Suas vísceras se estremeceram compadecendo-se por sua dor.

— É obvio que o fizeram, Simone. Como poderiam não fazê-lo? Seu pai morreu para te proteger. Isso é autêntico amor verdadeiro.

— Então por que jamais vieram até mim?

— Não sei. Não. Talvez não pudessem.

— Porque não se preocuparam.

— Estou seguro de que não é assim.

Simone queria acreditá-lo, mas era difícil. E em todos estes anos, nunca compartilhou seus sentimentos com ninguém. Sempre os mantinha reprimidos onde queimavam sua alma. Fechando os olhos com força, obrigou-se a parar estes pensamentos. Eram contraproducentes.

O fato estava feito.

Certamente Xypher tinha razão e teriam voltado com ela se fossem capazes. Mas, ainda ficava essa parte em seu interior que duvidava. Aquela parte dela que sentia como se ninguém a tivesse amado jamais.

Ao menos Xypher estava aqui.

Seus braceletes já não estavam. Poderia partir em qualquer momento se quisesse, mas, até agora não tinha feito.

Seu estômago se removeu pelos nervos e a aflição. Retirou-se, assustada pela sensação.

— Ainda me sinto doente. Quanto vai durar?

— Até que se acostume a seus poderes. Imagino.

Não gostou como soou isso. Queria algo concreto ao que poder jogar mão. Algo tangível.



— Posso ouvir o batimento de seu coração. Jesse está em seu quarto com Glória, lhe ensinando como jogar Atari. Meu vizinho da direita está brigando por telefone com sua esposa, e minha vizinha mais recente, a mulher da esquerda, tem fome. Como sei tudo isto?

— São seus poderes. Será capaz de sentir a outras pessoas de uma forma que nunca imaginou.

— Ouvirei seus pensamentos?

Sorriu afetuosamente.

— Só se pensarem em voz alta. Mas será capaz de sentir as emoções que as pessoas lutam por esconder. Isto te dirá mais sobre as pessoas que qualquer outra coisa.

— Mitigará alguma vez a enorme dor de cabeça?

— Com o tempo.

Assentindo com a cabeça, baixou o olhar e lhe tocou o pulso onde acostumava estar o bracelete.

— Agora está livre de mim.

— Sei.

— Então por que está aqui ainda?

Xypher vacilou. Era algo que se perguntava. Mas, não podia abandoná-la. Era vulnerável e estava sozinha, e tendo estado ele mesmo assim, não se sentia com o valor suficiente para abandoná-la.

— Necessita ajuda.

— Posso me arrumar sozinha. Sempre o faço.

— Não tenho nenhuma dúvida de que pode. Mas, me ajudou quando necessitei. Devolvo-te o favor.

Simone apoiou a cabeça contra seu ombro, realmente agradecida pelo apoio.

— Obrigada, Xypher.

— Não há problema.

Esfregou seu braço enquanto a totalidade dos acontecimentos do dia se desenvolviam em sua mente.

— Posto que agora seja um demônio, Jaden está por cima de mim?

— Não. Sempre que possuir sua alma e não faça uma troca com ele, ninguém tem poder sobre você.

Afastou-se para olhá-lo.



— E se alguém toma minha alma?

— Ninguém pode tomar sua alma sem seu consentimento.

As almas não funcionam desse modo.

Alegrou-se por saber. Ser um demônio era o bastante horripilante, a idéia de perder a alma era ainda mais aterradora. Deus tinha tanto que aprender. Era como se nascesse de novo. Havia tanto sobre si mesma que não entendia.

Queria aprender a profundidade de seus poderes e que papel jogava Jaden no universo.

— Tenho uma pergunta... Se Jaden é tão poderoso, não poderia fazer um trato com ele para matar Satara?

Xypher afastou seu cabelo do rosto.

— Jaden não funciona dessa maneira. Não tomará parte ativa em nada. Somente proporciona os meios para que cada um de nós realize nossos desejos. Se necessitar mais poder, encontra-o. Se buscar um amuleto ou um artefato, então o chama. Como ele mesmo diria, é um meio para um fim, não um cão mulherengo.

— Então, por que não o faz abrir um dos portais para ela?

— Negou-se quando pedi.

— Negou-se? Por quê?

— Posto que Kalosis esteja controlado pela deusa Apollymi, suponho que seus poderes não funcionariam ali. Mas, não sei. Poderia ser algo tão simples quanto não ter gostado do que trocaria. Jaden pode ser muito caprichoso às vezes.

— Não me parece justo.

— Diga-me isso — Olhou ao redor — Agora, não sei você, mas estou faminto.

Ela sorriu.

— Esfomeada — de repente esse sorriso se desvaneceu — Não beberei sangue agora, verdade?

— Espero que não. Senão teremos que aprender a sangrar ao Jesse.

Jaden cintilou atrás da árvore onde tinha sido convocado inicialmente. Como pensava Kaiaphas o esperava.

— Saudações, meu senhor — disse o demônio, inclinando-se de modo respeitoso.



Jaden o elogiaria por saber quando arrastar-se. Mas, o elogio não salvaria seu traseiro.

— Hoje atacou ao seu irmão em campo aberto.

— Minha ama exigiu.

Jaden lançou sua mão e imobilizou ao bastardo desprezível contra a árvore.

— E por fazê-lo assim, desfez um trato que tinha feito. Sabe no que me converte?

— Não, meu senhor.

— Em um mentiroso. E essa é uma coisa que nunca fui! — Jaden queria sangue pelo que tinha passado hoje. Palackas tinha dado sua vida em vão e isto tinha levado Jaden a um nível de saco cheio com o qual não gostava de atuar.

Mas, aquele não era o lugar para exigir satisfação sobre a morte do demônio. Frustrado, liberou Kaiaphas e deixou que se retorcesse no chão.

— Não quero às suas virgens. Pode guardar isso. Seu sangue havia mantido o Dimme em seu interior. Estava seguro.

— O que então, meu senhor? Diga-me seu preço e lhe entregarei isso.

— Há um Dimme nesta cidade. Traga-me seu coração.

— Isso é tudo?

— Confia em mim, é o bastante.

Kaiaphas piscou quando Jaden desapareceu de sua vista...

Um Dimme. Era mais fácil dizer que fazer. Primeiro, eram brutais e os rumores é que eram invencíveis. Não estava seguro se tinha inclusive os poderes para olhar a um.

Lambendo os lábios, recordou sua luta do dia anterior. A mulher...

Seu sangue tinha mantido ao Dimme em seu interior. Estava seguro.

Possivelmente se entregava seu coração ao Jaden, seria suficiente. Depois de tudo, não era um Dimme tão bom como outro?

Estalando os dedos, voltou para o Kalosis para preparar uma incursão em seu próximo ataque. Simone era médica forense...

Sorrindo, pensou na maneira de tirá-la definitivamente



de sua casa.

CAPÍTULO 12

Simone estava ainda tratando de orientar-se enquanto voltava para seu dormitório, mas era difícil. Tudo parecia tão amplificado agora. Cada ruído perfurava seu ouvido. As luzes eram incrivelmente brilhantes, e podia ouvir o batimento do coração de Xypher competindo com o seu. Era tudo muito desconcertante.

Xypher estava a seu lado, e a estava sujeitando.



Necessitava seu forte braço para sustentar-se. Mas o aroma de sua pele era obsessivo. Também a fazia sentir fome de seu sabor, de uma maneira que jamais quis a um homem antes. Era quase como se fosse outra parte dela. Uma que era mais valente, mais sedutora...

Mais fome.

— Simone!

Elevou o olhar enquanto Jesse vinha correndo à habitação através da parede.

— Está levantada! Está levantada! — Correu para ela como um exuberante cachorrinho.

No passado, quando costumava fazer isso, corria através dela. Hoje, golpeou contra ela tão forte que Simone tropeçou.

— O que...?

Xypher jogou um olhar entre metade divertido, metade diabólica.

— Pontos extras para seus novos poderes. Agora pode lhe dar uma bofetada quando a puser nervosa.

— Posso tocar ao Jesse? — respirou as palavras, tratando de entendê-las completamente.

Girando, encontrou com o olhar surpreso de Jesse. Em todos esses dias, nunca tinham sido capazes de tocar-se. A mão tremia, levantou-a para colocar os dedos contra seu frio pescoço.

Era sólido.

Jesse era real para ela. Podia tocá-lo...

Lágrimas alagaram os olhos de Jesse enquanto pousava sua mão sobre a dela. Soluçando enquanto as emoções a afligiam, Simone empurrou aos seus braços e o sustentou perto.

— Posso te tocar!

Xypher cruzou os braços sobre o peito enquanto a emoção perfurava seu coração como uma faca. Não tinha razões para estar ciumento de um menino fantasma punk e do modo em que o tocava...

Queria arrancar a cabeça do Jesse.

— Desejaria poder te tocar assim quando era pequena — suspirou Jesse — Todas as vezes que chorava tudo o que podia fazer era olhar e tratar de te animar fazendo caretas.



— Sei Jesse. Sei.

Xypher odiava admitir, mas era a maneira que tocavam um ao outro, e se deu conta de que o ciúme que sentia não era porque outro homem estivesse sustentando a Simone. Era o amor entre eles dois, de um pelo outro. Eram uma família.

Através das duras e amadurecidas. Não importa o que, esses dois estiveram juntos e o fariam durante toda a eternidade. Nunca haveria traição. Nenhuma traição. Só queriam amar-se e ajudar-se mutuamente.

Ninguém nunca o tinha amado assim. E eles não o fariam.

Nenhuma só vez foi tocado por uma mão amante. De repente, sentiu-se como um intruso. Pior, não se sentia merecedor de ser testemunha de algo tão antigo. Dolorido por dentro, girou e se encaminhou à cozinha.

Simone sentiu o ar movendo-se. Olhou além de Jesse para ver Xypher saindo da habitação. Havia uma aura de tal tristeza ao seu redor que a fez sentir-se doída por ele. Separou-se de Jesse.

— Algo está mal?

— Não estou segura — afastou-se de sua mão e seguiu Xypher para ver o que tinha passado.

— Xypher?

Ele se deteve no balcão para olhá-la. Seus arrumados traços eram estóicos, mas ela podia sentir a confusão interior.

— Está tudo bem?

Assentiu.

— Estupendo. Não queria olhar se babando um ao outro. Arruinaria meu apetite.

Se ela acreditasse nisso. Agora entendia o que ele quis dizer mais cedo sobre seus poderes. Tal incongruência entre o que sentia e via era extremamente desconcertante. Aproximou-se dele.

— Por que está ferido por dentro?

— Não estou ferido, a não ser faminto. Deveria aprender a notar a diferença — apontou o frigorífico sobre seu ombro com o polegar — Não é hora de comer?

Sacudiu a cabeça enquanto se dava conta que estava trocando de tema. Algo o tinha feito sentir-se incômodo, e em



vez de tratar com isso, queria comida.

Bem, podia arrumar-se com isso. Mas não era tola.

— Deixei um pouco de salada de atum. Podemos fazer sanduíches.

— Serve-me.

Simone tirou o pão.

— Por que não pega o recipiente do frigorífico para mim?
É o pote claro com a tampa branca.

Jesse se uniu enquanto ela cortava as fatias de pão.

— Sabia que Glória estudava psicologia?

Simone sorriu.

— Não, Como poderia saber?

— Certo, estive fora fazendo coisas com Xypher, se voltando demônio e tudo. Atualmente Glorifica, é uma pessoa realmente estupenda, uma vez que deixa de zombar de minha música.

Simone estava perplexa por sua súbita mudança de caráter para Glória.

— Zombo de sua música também, Jesse.

— Sim, mas também dança comigo — adotou uma pose do Michael Jackson — Just beat it, beat it, beat it — sem pensar, golpeou-a.

— Jesse! — disse brincalhonamente — estou tentando fazer a comida.

— Está bem, mas depois, vêm despertar antes de ir e “walk like an Egyptian_”.

Simone gemeu e sorriu ao mesmo tempo.

Jesse soprou um beijo.

— Agora, vou ver minha mulher — partiu lentamente à parte dos fundos da casa.

Simone riu dele, especialmente desde que Glória se converteu agora em sua mulher.

— Jesse — disse alegremente — Não é maior o bastante para um encontro, menino!

— Sou maior que você. E ao menos não vou ligar-me com um assalta catacumbas que é mais antiquado que eu vários séculos — sua imaterial voz fez ecos na cozinha.

— Mas recorda que agora posso esbofetear sua cabeça...



— Ponto para você, agora sai e me deixe sozinha. Estamos comparando ectoplasmas.

Não queria atacar a alguém com uma peça de gado de trinta pés. Sacudindo a cabeça, voltou a preparar sanduíches.

Xypher lhe deu a salada de atum.

— Como é?

— O que?

— Ter alguém que te conhece tão bem. Alguém com quem pode brincar e compartilhar brincadeiras. Vi às pessoas fazê-lo em sonhos, mas nunca antes tão perto. Há uma calidez dentro de você cada vez que Jesse está ao redor. Inclusive quando te incomoda, agrada-te em outro nível.

Simone se deteve para olhá-lo. Pobre Xypher, não ter nem idéia do que a amizade significava.

— É bom. Há muito que dizer sobre ter gente a seu redor que não estão tratando de te arruinar. Gente que sabe como rir e que não estão ciumentos. Infelizmente, essas relações são difíceis de encontrar.

— Às vezes são impossíveis.

Ela assentiu.

— As pessoas são complicadas. As emoções são complicadas. Explique-me como pode amar e odiar a alguém ao mesmo tempo.

— Odi et Amo.

Ela franziu o cenho.

— O que?

— É um velho poema latino escrito pelo Catulo. “Amor e ódio”. Fala sobre essas coisas. Escreveu-o para uma mulher a quem adorava e desprezava.

— Sim, vê? Isso justamente está mau, verdade? Amaria ou odiaria, mas não os dois ao mesmo tempo?

— Mas você e Jesse não se odeiam.

— Não, nunca faremos. E estou agradecida por isso. Não é fácil viver com alguém dia sim e dia não sem querer estrangulá-lo. Mas, Jesse nunca me incomoda realmente. Cortou os sanduíches e os colocou em pratos.

Xypher olhava a forma em que suas mãos se moviam enquanto trabalhava. Havia tanta graça nela. Tanta beleza. Ele

sempre tinha sido torpe. Mas ela não.

Enquanto ela alcançava um pacote de batatas fritas, o telefone soou. Deu-lhe uma olhada antes de responder.

— Olá, Tate. O que acontece? — entregou as batatas ao Xypher — Bem, estaremos ali — encerrou a chamada.

— Outro assassinato? — realmente não queria perguntar já que tinha ouvido a discussão pelo telefone.

Ela assentiu.

— Quanta gente matará uma Dimme?

— Honestamente? Foi remarcadamente circunspeta.

Simone estava horrorizada.

— Como pode dizer isso? Este é o terceiro corpo.

Xypher se encolheu de ombros.

— Foram criados para serem assassinos indiscriminados. O fato de que não haja corpos empilhando-se por toda parte é um milagre.

— Está seguro de que é uma Dimme, então?

— O menino que morreu... apostaria minha vida nisso. Glória... possivelmente, possivelmente não.

Simone considerou isso. Se a Dimme não tinha matado a Glória, então quem o fez? Não, tinha que ser o mesmo assassino. Não queria nem sequer considerar o fato que podia haver mais deles aí fora.

— Precisamos chegar até a última vítima. Pega os sanduíches e os comeremos no carro.

Fez e rapidamente pegaram os casacos e saíram da casa.

Simone amaldiçoou enquanto se dava conta de que não tinha carro...

Tinham deixado no Toulouse quando foram à loja de Liza.

Estava voltando-se para Xypher quando captou algo estranho no vento. Era um ligeiro aroma de almíscar... Não era familiar. Levantando a cabeça, inalou profundamente tratando de identificá-lo, logo se envergonhou do que tinha feito.

— Não sou parte cão agora, verdade?

Xypher riu.

— Não, mas suas glândulas olfativas, como todo o resto, são mais sensíveis. Pode cheirar um espectro mais longe que antes. Por essa razão, quererá evitar Bourbon Street.

— Obrigado. Por um minuto, tive medo de que me fosse a voltar algum tipo de lunática cheiradora de virilhas.

Ele aspirou bruscamente.

— Sabe, é a ereção mais rápida que jamais tive.

Simone fez uma pausa enquanto se dava conta de que agora podia sentir o doloroso peso de sua virilha.

— Sim — disse sua voz uma oitava mais profunda — É normal, também.

— Não estou segura de que goste desta minha renovação.

— Confia em mim, neném. Gostará do sexo demoníaco muito mais que o humano. Posso te mostrar coisas que farão que sua cabeça gire como a de Linda Blair.

Jogou-lhe um olhar indignado.

— Essa não é a forma de meter-se em minhas calcinhas, Xypher. Urgh! Más imagens.

Antes que Xypher pudesse responder, o aroma se intensificou. Simone girou para ver um homem alto e loiro próximo aos vinte vindo para eles. Algo em seus traços recordou ao Dev do Santuário.

— Licantropo.

A palavra saiu como um baixo grunhido.

Xypher assentiu.

— Os demônios têm uma antipatia antinatural uns aos outros. Pode ser superada, mas não é fácil. Os Were-Hunter são um ramo de seus primos Daimon, que é o motivo de sentir essa rajada de adrenalina que te faz querer o atacar. É seu instinto te proporcionando um estímulo extra em caso de ter que lutar.

O homem se deteve enquanto os olhava. Inclinou a cabeça como se pudesse os sentir da mesma maneira que podiam sentir a ele.

— Peltier? — chamou Xypher.

Foi para eles lentamente, medindo-os com cada passo.

— Kyle. Sou o mais jovem.

Xypher estreitou seu olhar sobre ele.

— O que está fazendo aqui?

— Estava visitando um amigo.

Xypher não estava seguro sobre isso. Mas claro, a

suspeita era seu segundo nome.

— É um Katagaria em forma humana durante as horas de luz... como é que... — parou enquanto entendia.

Os Katagaria eram animais que podiam tomar forma humana. Durante a luz do dia, especialmente enquanto eram tão jovens como este Were, estavam relegados a sua forma animal até que o sol se punha.

Kyle Peltier era mais do que parecia.

— Foi agradável te encontrar, Kyle — disse Xypher secamente — Dá lembranças ao Carson.

— Farei. — disse Kyle antes de dirigir-se pela rua até onde uma moto Ninja esperava. Montou e arrancou sem olhar atrás.

— O que não está me contando? — perguntou Simone.

— Não estou seguro. É uma sensação estranha... — mas, não podia situá-la. Sinceramente, sentia-se como um Dimme, mas não tinha sentido. Se o Dimme era algo como seus primos Gallu, ela estaria procurando em lugares escuros durante as horas diurnas. Não aqui fora em casas abertas e definitivamente não estaria perto de um Katagaria. Logo que a Dimme tivesse captado o aroma, teria saído correndo.

Sacudiu a cabeça para esclarecer-se. Tinha que estar imaginando coisas.

Empurrando esses pensamentos fora, voltou-se para Simone.

— OK! Tenho todos meus poderes intactos. Não sei aonde vamos, mas você sim, correto?

— Sim.

Bem. Mostraria como transportar-se através do cosmos com seus poderes. Com um pouco de sorte, não acabariam no Alaska.

— Pensa no lugar aonde vamos. Imagina-o perfeitamente em sua mente.

Ela o fez.

Xypher a envolveu em seus braços e fechou os olhos. Uns instantes depois estavam nas sombras de um beco. Ouvia a polícia falando entre eles, viu o fotógrafo e Tate movendo-se ao redor de um corpo coberto.

Jogou uma olhada ao redor para assegurar-se de que não seriam vistos antes de solidificar-se.

Um lento sorriso se estendeu pelo rosto de Simone.

— Pude fazer sozinha?

— Poderá fazer. Mas levará um montão de prática. E seja cuidadosa ao fazer. Às vezes, suas roupas ficam atrás.

Seu rosto empalideceu.

— Isso seria incrivelmente mau.

— Para você, sim. Para mim? Põe-me arrepiado — Varreu-a com um olhar quente que acendeu seu sangue. Mas não o deixaria saber.

Sorrindo amplamente, malvadamente, deu-lhe um sanduíche, logo se dirigiram para Tate quem os olhava de onde estava o corpo.

Tate franziu o cenho ante sua comida.

— Comer na cena de um crime?

Fazendo uma careta ante os salpicos de sangue nas paredes ao redor e ao sangue na rua, Simone devolveu o sanduíche ao Xypher.

— Não vou comer.

Tate a olhou, boquiaberto.

— Uau, finalmente é sensível. Jamais soube se essa parte estava em você.

Simone estava surpresa também. Sempre esteve orgulhosa de não adoecer nas cenas de crimes. Mas, o aroma do sangue seco era fétido para seu nariz. A cor era uma sombra mais profunda do normal. Era quase como se pudesse saborear o sangue, que a enjoava extremamente.

Ao Xypher por outra parte não afetava absolutamente.

— Assim, o que temos? — perguntou ela, respirando profundamente assim não perderia a dignidade.

Tate deixou sair um comprido e cansado fôlego.

— Bem, sua cabeça está perdida, assim, não acredito que tenhamos que nos preocupar se por acaso se levanta e anda outra vez. Isto não é Sleepy Hollow.

Xypher franziu o cenho.

— Sleepy Hollow?

Simone sacudiu a cabeça.

— Uma famosa história sobre um cavaleiro sem cabeça que caçava vítimas.

— Isso é doente.

Simone arqueou uma sobrancelha.

— Isso diz um demônio que come na cena de um crime?

— Tenho fome. Deveria estar agradecida de que coma o sanduíche e não carne ou o sangue de alguém. Posso fazê-lo, você sabe.

— Sim — disse Tate devagar — vamos tentar evitar voltar loucos mais servidores públicos.

Simone tratou de concentrar-se.

— Quais são os dados?

— Não estamos seguros. Parece como uma luta de algum tipo de disputa e obviamente nosso menino perdeu.

Xypher se moveu ao redor da cena enquanto falavam. Simone olhava a forma que Xypher estudava os padrões de sangue como se pudesse imaginar exatamente a maneira em que a luta se desenvolveu. Quando se aproximou do corpo, um dos oficiais o afugentou.

Ela se aproximou lentamente.

— No que está pensando?

— Quero ver o corpo.

Ela foi e o descobriu, logo, estremeceu enquanto o aroma a golpeava com toda a força. Maldição, nunca ia acostumar-se a estes novos sentidos.

Xypher assentiu antes de acabar o sanduíche.

— É o que pensava.

Estava tão despreocupado. O menos que podia fazer era compartilhar o que sabia.

— O que é?

— Uma morte troféu.

Simone trocou um olhar perplexo com Tate. Não gostava do som disso.

— O que quer dizer com “morte troféu”?

— O corpo é uma mensagem de um demônio de um clã para outro. “Não nos fodam”.

Tate sacudiu a cabeça negando.

— Né, né, né, do que está falando?



Xypher apontou o corpo com o polegar.

— Melhor lhe faça você à autópsia, Tate, porque não era humano e um humano vai alucinar quando abrirem seu corpo e encontrem que seus órgãos internos não estão onde e como se supõe. É um Caronte... — Voltou a jogar um olhar ao corpo — Ou era um Caronte.

Tate levantou as mãos com frustração.

— Que inferno é um Caronte?

— Um Demônio — disse Xypher como se estivesse falando com um imbecil

— Está seguro? — perguntou Tate.

— Sim. Os Gallu não morrem assim. Quando um demônio gallu morre, desintegra-se como um Daimon. Os Daimon se desintegram como um Daimon. Quando humanos são assassinados pelos gallu se convertem em zumbis. —Apontou para trás ao corpo sob a lona — E os Carontes morrem como os humanos. Seus corpos permanecem intactos para o enterro.

Tate franziu o cenho.

— Mas, como sabe que é um Caronte e não um humano?

— Sua pele é azul.

Desta vez Tate zombou em voz alta.

— Os humanos se voltam azuis quando morrem.

— Sua pele não se volta de mármore quando se volta azul.

Isso desinflou um pouco ao Tate.

— Assumi que era um corpo pintado.

— Não, é uma pintura genética com a que nasceu e percorre toda sua capa epidérmica. O senhor Caronte obviamente se perdeu no lugar equivocado — Indicou às paredes ao seu redor onde o sangue tinha salpicado tão alto como vinte pés do chão — Lhe dou crédito, lutou bem. Posso cheirar seu sangue e de seus atacantes.

— Plural? — perguntou Tate.

Xypher assentiu.

—Três deles. Diria que fizeram uma emboscada e lhe deixaram para que fosse encontrado e o resto de seu clã visse o corpo e tivesse medo. Ou dependendo de que raça do Caronte, seu clã atacasse e começasse uma guerra geral entre eles.

Tate exalou um comprido suspiro antes de olhar Simone.

— Homem, é como ter a um desses rastreadores dos velhos filmes do oeste da década de trinta. Que mais sabe Tonto?

— Bem, me deixe te contar o que não sabia.

— E é?

— Que havia Carontes soltos no mundo humano. Assim voltando para a morte troféu... Por quê? Quem o gallu queria que visse isto?

Um estremecimento desceu pela espinha dorsal de Simone.

— Possivelmente é uma mensagem para nós.

— Não. Estariam nos aterrorizando. Isto... — fez um gesto outra vez à grande quantidade de sangue — é sobre territórios — voltou a olhar ao Tate— Seus meninos têm a um clã Caronte vivendo aqui e agora tem a um de gallu. E se não se faz algo, Nova Orleães estará apanhada em um fogo cruzado.

— E somente temos três — disse Tate amargamente — Me faz querer ir a casa, me arrastar até a cama com minha mulher, e só esperar, verdade?

— Não realmente — disse Xypher — Me faz desejar ter estado aqui para lutar com eles. Gostaria de irromper no esconderijo dos gallu.

Simone ignorou isso.

— Assim estamos procurando um faminto Dimme e a um clã de Carontes.

— Sim!

Embora não gostasse do conceito disso, Simone assentiu.

— Alguma idéia de por onde os Carontes poderiam passar o tempo?

— Assim de repente, diria alguns lugares não muito longe. Tate inclinou a cabeça.

— Por que diria isso?

— Bem, se for enviar uma mensagem a alguém, não deixa a mensagem em um lugar onde não o verão. Põe em algum lugar óbvio — Olhou ao redor, aos edifícios que os rodeavam — O qual quer dizer que os Carontes estão perto daqui.

Outro estremecimento desceu pela coluna de Simone.



— Quão perigosos são estes Carontes?

Xypher se encolheu de ombros.

— Depende de quão sociáveis se tornaram e quão zangados estejam. Obviamente, estiveram ocultando-se aqui sob seus narizes sem que ninguém soubesse.

Tate se burlou.

— Bem, isto é Nova Orleães. Um montão de merda excêntrica para por aqui.

Um oficial se aproximou.

— Procuramos por toda parte a cabeça do pobre menino. Acreditam que quem quer que lhe tenha matado deve tê-la levado. Pensa em vodu, Doc?

— Estou pensando em tudo, Sam. Terminei com o corpo. Envolvam logo que seus meninos tenham o que necessitem e acabarei no laboratório.

— OK.

Tate caminhou para eles.

— Obrigado pela ajuda. Farei tanta papelada como o normal. Se a vocês meninos ocorrer algo mais, façam-me saber.

Simone girou para Xypher, quem estava passeando. O vento agitava seu cabelo, atraindo-o para os olhos. O demônio dentro dela estava agora mais atraído por ele que a mulher que tinha sido. Havia um novo lado sensual nela que não tinha estado ali antes.

Permitia entendê-lo muito melhor. Os poderes dentro dela tinham fome, mas não sabia do que. Era como uma dor física.

Como se houvesse sentido seus pensamentos, ele girou em sua direção. A intensidade de seu olhar a chamuscou.

E foi então que cheirou o mesmo que ele... Antes que pudesse se mover Xypher estava ali, movendo-se mais rápido que qualquer um pudesse ver.

— Seus olhos estão vermelhos — sussurrou, ficando entre ela e os oficiais que ainda investigavam a cena.

Esfriou ante suas palavras.

— O que?

— Seus olhos mudaram. Precisa reconhecer quando passa para que possa evitá-lo.



— Quão maus parecem?

Olhou para baixo, para ela. Em vez de azul, sua íris era branca, debruado em vermelho.

— Parecem como estes.

Ela se encolheu.

— O que posso fazer?

Os olhos do Xypher voltaram a ser azuis.

— Atua como se tivesse algo em um olho, e te afastarei dos humanos.

Inclinando a cabeça, fechou os olhos e se esfregou o direito.

— Não gosto disto, Xypher.

— Sei. Mas acostumará às evidências físicas e logo terá mais controle sobre sua parte demônio.

Ela fez uma careta de dor.

— Não quero ser um demônio.

— Tampouco eu, mas não podemos evitar quem ou o que foram nossos pais, verdade?

Suas palavras foram duras e a picaram.

— Meu pai amava a minha mãe — disse defensivamente.

Ele se burlou dela.

— Viu a que se parece um gallu em sua forma demônio. Faz que pergunte que tipo de mulher poderia sentir-se atraída por isso.

Simone ainda queria defender seus pais. Tinha-os amado completamente.

— Conheceram-se em um bar quando minha mãe estava na universidade.

Ele franziu o cenho.

— O que?

— É o que minha mãe me contou uma vez. Trabalhava como garçonzete quando meu pai entrou e começaram a falar.

Xypher se deteve enquanto recordava o que Jaden tinha contado sobre seus pais.

— Devia estar ali vigiando a sua vítima. Era uma casualidade que não matasse sua mãe enquanto esteve ali.

— Minha mãe disse que foi amor à primeira vista. Logo que o viu, soube que era diferente dos outros homens... Faz me

perguntar se sabia exatamente quão diferente era. Crê que contou a ela que era parte demônio?

— Não sei Simone. Acreditaria, mas isso era um inferno de segredo. Posso ver facilmente porque não o contaria.

Também ela. Por exemplo, como contaria a alguém alguma vez o que era? Quem, além de Tate e Xypher, acreditaria?

Ele se deteve na calçada.

— Me olhe.

— Estão melhores meus olhos?

Assentiu.

— Mantém o controle de suas emoções, e ajudará.

Ela tragou. Ele fez que soasse muito mais fácil do que era. Pelo amor de Deus, se ocorria durante as aulas? Nunca acreditariam que eram efeitos especiais instantâneos.

— Estou assustada por isso, Xypher. Se alguém averiguar que sou um demônio, perderei tudo.

Ele pôs as mãos em seus braços e os esfregou confortavelmente.

— Estará bem. Prometo isso. Mas, pode imaginar o medo que seu pai deve teve quando decidiu estar com sua mãe? Teve que abandonar tudo e todos aos que conhecia. Escapar dos grilhões como fez... O amor deve ter sido forte.

— O que quer dizer?

— Seu pai era um demônio vinculado, Simone, com um mestre ao que servia. Quando isto ocorre, seu mestre te possui completamente até que cumpra qualquer contrato que tenha sobre você. Se escapar a essa vinculação antes de cumprir o contrato, é uma sentença de morte. Seu pai sabia disso e ainda assim fugiu.

— Para estar com minha mãe.

Xypher assentiu. Não podia imaginar o que o pai tinha pensado ou de que tipo de contrato tinha fugido. Era... Fez uma pausa, enquanto um aroma enchia seu nariz. Inalou profundamente antes que seus olhos cintilassem a vermelho.

— O que é Xypher?

— Caronte.



CAPÍTULO 13

Simone e Xypher se voltaram para ver três homens, extremamente altos e fornidos, que estavam parados na rua atrás deles. O primeiro era magro, seu cabelo negro azeviche



era curto atrás e comprido na frente, caía sobre seus olhos. Os outros dois tinham o cabelo de cor mogno e a constituição física de levantadores de pesos. Mas, pela cítrica essência de sua pele e o estranho brilho de seus olhos, podiam ter passado por humanos.

O de cabelo escuro se aproximou.

— Misafy... — Vaiou perigosamente enquanto os percorria com um olhar hostil — O que os traz por aqui?

Simone se aproximou de Xypher.

— Insultaram-nos?

— Depende se for chamada ‘mestiça’ te resulta ofensivo ou não — Seu olhar se encontrou com o do Caronte — Vi o que os gallu fizeram a um dos teus. Estava te procurando para averiguar o por que.

O Caronte se aproximou deles com um andar letal.

— Xadrez — advertiu o que se encontrava à direita — Não conhecemos nada sobre eles ou sobre seus poderes.

Xedrix o ignorou e seguiu aproximando-se de Simone. Inclinando-se, aspirou profundamente o ar entre seus cabelos.

Xypher o insistiu a desistir.

Os olhos de Xedrix cintilaram perigosamente enquanto se negava a retroceder.

— Katika? — Perguntou ao Xypher.

— Sim.

Xedrix se ajoelhou ante ela.

Completamente desconcertada pelo que acabava de ocorrer, Simone olhou Xypher procurando uma explicação.

— Katika? E isso o que é?

O demônio ficou de pé.

— Você é sua proprietária.

Ela elevou as sobrancelhas para expressar surpresa. Ela era a proprietária do Xypher? Em que tipo de universo paralelo seria isso possível?

— Sou?

Xypher lhe advertiu com o olhar que não dissesse uma palavra mais, antes de voltar a fixar sua atenção em Xedrix.

— Pieryol akati. Viemos em missão de paz. Nenhum de nós tem uma aliança com os gallu.

Xedrix se mofou.

— Não? Empesteiam aos nossos piores inimigos. Gregos e gallu. E esperam que creia que não têm intenções de nos danificar?

O demônio que se encontrava à direita de Simone deu um passo à frente.

— Meu irmão jaz morto. Opino que matem os machos como vingança.

Xedrix lhe dedicou um olhar cheio de ódio tão malévolo, que o demônio que tinha falado a sentiu sobre seus ombros.

— Conhece as leis de sua gente. Ele pertence a uma, que não se declarou nossa inimizada.

— Não servirei a uma humana gallu misafy!

Xedrix estendeu sua mão e o demônio flutuou pelo ar para aterrissar em seu punho.

— Esqueceu de algo, Tyris. A fêmea deve falar em missão de paz, nós a escutaremos. Podemos ser brutais, mas não somos selvagens.

Voltou seu olhar para Xypher antes de liberar Tyris.

— Um só movimento hostil e Katika ou não, os mataremos.

Xypher enlaçou suas mãos e as levantou em alto para que o Caronte pudesse ver.

— Não haverá guerra enquanto minha Katika não seja ameaçada.

— Então temos um acordo — Xedrix se moveu a um lado e estendeu o braço para lhes abrir passagem — Pieryol akati.

Simone franziu o cenho.

— O que significa isso?

— A paz é nosso caminho, minha senhora — Xedrix a seguiu de perto — Sigam ao Tyris.

Guiou-os para um edifício localizado à esquerda, onde se abria uma porta no lado oposto a um contêiner.

Simone piscou ante a densa escuridão que os envolveu ao entrar no que parecia a parte dos fundos de um clube. Tudo estava pintado de negro, inclusive o chão. Arrumadas cortinas negras separavam a área em que se encontravam de uma plataforma que pendurava um letreiro com as palavras CLUBE

VAMPYRE.

Ela ainda não perdia sua cota de ironia.

— Bonito nome.

Os olhos de Xedrix cintilaram vermelhos na escuridão.

— Posso não ser humano senhora. Mas, isso não significa que não perceba o sarcasmo quando o ouço.

— Sinto muito.

Enquanto Xedrix os guiava através das cortinas, Simone deixou escapar um grito sufocado. Havia ao menos uma dúzia mais de Carontes, e ao contrário que Xedrix e seus dois companheiros, estes pareciam demônios. Tinham chifres nas cabeças e suas peles se combinavam em infinitas cores, usualmente duas por criatura. Estavam marcados de tal maneira, que resultavam verdadeiramente atrativos. Seus olhos variavam do amarelo ao branco, ao vermelho e ao negro. Igual seus cabelos, cujas cores foram do negro ao marrom ou ao mogno. Grandes asas de brilhantes cores se sobressaíam de suas costas, proporcionando uma estranha aparência angelical que contrastava com suas presas e seus físicos aperfeiçoados para a batalha.

Simone deu um passo atrás e topou com Xypher, que parecia encontrar a cena totalmente plausível.

— Talvez deva deixar minhas chaves fora.

— Tranquila — disse Xypher, envolvendo os braços ao redor de sua cintura para evitar que saísse correndo — Você não é quem corre perigo.

— Como sabe?

Indicou o grupo com um movimento do queixo.

— Por natureza, os Carontes são uma raça extremamente matriarcal. Os machos estão sempre ao serviço das fêmeas, que é a razão pela que falei que você é minha proprietária. Essa é a forma em que entendem o mundo. E, felizmente para nós, os machos não revistam serem tão beligerantes como as fêmeas.

— Sério?

Ele assentiu.

— Já que não há fêmeas presente, assumo que estamos relativamente a salvo. Ao contrário que as fêmeas Caronte, os machos só atacam se lhes ordena ou ameaça — O canto de um

lado de sua boca se elevou — Vigia as palavras, não os ameace. Sou bom, mas neste momento, eles me superam em número.

— Descuida. Não tenho intenções de ferir seu orgulho dentro de sua guarida.

Xypher a liberou.

— Onde está sua Katika? — Perguntou ao Xedrix.

Este cruzou os braços sobre o peito.

— Não temos.

— Morreu?

Ele negou com a cabeça.

— Somos Dikomai.

— Guerreiros machos — Xypher sussurrou as palavras ao ouvido de Simone, para que pudesse entendê-lo.

— Alguns anos atrás nossa Katika foi atacada. Havia um grego — cuspiu as palavras como se fossem a coisa mais desagradável que pudesse imaginar — um deus, que procurou liberá-la de seu cativeiro. Ela nos enviou a proteger a seu filho e lutar contra quantos gregos pretendiam danificá-lo. Nós viemos e brigamos. Muitos sucumbiram e antes que os poucos sobreviventes pudéssemos retornar a casa, o portal se fechou, nos encerrando neste reino.

Tyris franziu a boca.

— E agora estamos sendo atacados pelos gallu. Que todos eles ardam e pereçam entre as cinzas do escamoso traseiro de um dragão.

— Vale! — disse Simone em voz baixa, mas terei que lhes dar crédito, essa era uma boa maldição para lhe dedicar a alguém que você não gostasse. As imagens diziam tudo.

— Por que os gallu estão atacando? — perguntou Xypher.

Os machos se negaram a responder.

Xypher negou com a cabeça, para que advertissem que não estavam se negando a compartilhá-lo somente com ele. Perfeito. Tão somente, perfeito.

— Me deixem tentar outra vez. O que é o que eles querem que vocês tenham?

Os machos se aproximaram para formar ombro a ombro com os braços cruzados uma consolidada parede de acérrimo machismo.

Simone sacudiu a cabeça ante o que via.

— É minha imaginação ou, alguém mais sente que se envenena com tanta testosterona?

Xypher fez uma careta.

— O que?

Ela estendeu a mão.

— Olha-os. Preparados para lutar até a morte antes que responder a uma simples pergunta... sabe? Ocorre-me que há uma única coisa que faria que os homens atuassem assim, especialmente homens provenientes de uma sociedade altamente matriarcal, dispostos a entregar suas vidas sem sequer dialogar.

— E isso seria?

— Uma mulher.

Xypher paralisou ao advertir que ela estava certa. Era unicamente pelo que eles estariam dispostos a morrer protegendo.

Mas de quem se tratava?

— Onde está a fêmea? — perguntou Xypher.

Xedrix deu um passo adiante e os olhou com ódio.

— Vão!

— Está bem, Xedrix — A voz era suave e tranqüila, e emoldurada com a cadência mais musical que era possível.

— Não os temo.

Os demônios machos se apartaram ao tempo que uma pequena figura emergia em meio deles.

Quando finalmente ficou à vista, Simone ofegou ante a frágil beleza. Vestia jeans e um comprido suéter verde, era a mesma mulher que se mudou a um apartamento próximo ao dela, umas poucas semanas atrás.

Media apenas um metro e meio de altura, assemelhava-se a uma das bonecas de porcelana que fabricava Liza. Sua pele e seus lábios eram tão pálidos que pareciam luminescentes. Comprido e platinado cabelo flutuava ao redor de seu pequeno, mas ainda voluptuoso corpo. A única cor que tinha era de seus olhos chapeados, que brilhavam entre uma grossa franja de pestanas cor negro azeviche.

Não havia forma de que luzisse mais inofensiva ou



formosa.

Mas, os recentes poderes demoníacos de Simone perceberam as letais habilidades da pequena mulher.

Esta era a Dimme dos gallu.

— Meu nome é Kerryrna.

Xypher se interpôs entre Simone e a Dimme.

— Os gallu e os Carontes são inimigos acérrimos. Como é que eles a protegem?

Kerryrna estendeu a mão para Xedrix que se ajoelhou junto a ela, deu-lhe um apertão para logo sustentá-la contra seu coração.

A calidez se estendeu através de Simone ao compreender que eles estavam apaixonados.

Mas, isso não mudava o fato de que Kerryrna tinha assassinado Glória, e a outros.

— Não fui eu.

Simone piscou ante as suaves palavras de Kerryrna.

— O que?

— Não assassinei Glória. Só matei a dois homens desde que fui liberada, e te asseguro que ambos mereciam o que lhes aconteceu. Ainda você, teria decidido acabar com suas vidas.

Xypher sacudiu a cabeça com incredulidade.

— Estou realmente confuso. Estava presente quando escapou de sua guarida em Nevada.

Kerryrna assentiu.

— Recordo de você, ao deus Sim e a sua mulher Katra. O outro deus, Zakar, perseguiu-me durante intermináveis dias, até que fui capaz de escapar dele e me esconder. É uma besta persistente. E foi difícil. Não sabia nada deste mundo, de sua gente ou línguas.

Xypher podia entendê-la. Algumas coisas ainda lhe eram desconhecidas, apesar de contar com seus poderes divinos e de ter vindo antes a ajudar Katra e Sim.

— Por que veio aqui, a Nova Orleães?

Ela indicou Simone com o queixo.

— Somos primas. Seu pai era meu irmão. Está em minha natureza necessitar a minha família junto a mim, mas quando a conheci, dava-me conta de que ela não estava preparada para

aceitar-se a si mesma, ou a mim. Seus poderes tinham sido limitados. Sua essência, oculta. Acreditava-se humana e pensei que era melhor deixá-la com essa ilusão.

— Sabe? — disse Simone rodeando Xypher — para ser uma assassina indiscriminada é notavelmente lúcida e considerada.

Kerryrna sorriu.

— Por causa do medo, minhas irmãs e eu fomos encerradas tão rápido que ninguém se preocupou em aprender nada sobre nós. Apesar de que nascemos dos gallu, nós não somos gallu. A deusa Ishtar nos deu o dom da compaixão e da compreensão. Acredito que soubesse o que nos aconteceria e quis assegurar-se que não destruiríamos o mundo, do modo em que nosso criador pretendia. Ainda assim, ao ser todas liberadas não sei o que teria que acontecer. Duas de minhas irmãs não são tão bondosas ou solidárias. Elas desejam sangue sobre todas as coisas.

Xedrix ficou de pé e enlaçou um braço protetor sobre seus ombros. Ela elevou a mão para acariciar seu antebraço afetuosamente. Ele a sustentava por trás, enquanto olhava para eles com receio.

— Os gallu querem levá-la para usá-la. Não o permitirei.

Kerryrna se recostou contra ele.

— Eles assassinam para me fazer sair.

Simone suspirou.

— Sabe, quanto mais sei sobre os gallu, menos gosto e mais odeio compartilhar um laço genético com eles.

Kerryrna assentiu compreensivamente.

— Os machos são difíceis de tolerar, por momentos. Ao contrário dos Carontes, são dominantes e cruéis. Para eles, as mulheres são animais de cria ou alimento.

Simone lançou um revelador olhar para Xypher sobre seu ombro.

Ele não parecia nada arrependido.

— Não posso evitar me assemelhar a eles. Todos somos vítimas de nossa herança. Mas, ao menos escuto de vez em quando.

Era verdade. Ele fazia, e isso o convertia em quase



passável. Sorriu.

— Bem, o que posso dizer? Depois de tudo, é um deus.

O único sinal de diversão que ela pôde perceber foi uma sutil distensão ao redor de seus olhos. Não que o culpasse. Quando estava rodeado por uma classe guerreira de demônios, provavelmente era bom não mostrar nenhum tipo de humor.

O que a recordou da importância do assunto.

— De acordo, ainda temos aos gallu soltos assassinando gente..., e demônios. Como os detemos?

Xedrix esfregou seu rosto contra o cabelo de Kerryana.

— Tentamos encontrar a maneira, mas, ainda não nos ocorreu nada. Enquanto tenhamos Kerryana, eles nem sequer discutirão uma trégua.

— Não voltarei com eles. Todos os gallu são desagradáveis — Ela olhou Xypher e se ruborizou belamente — Sem querer ofender.

— Está bem. Estou habituado aos insultos — Xypher jogou uma olhada a Simone. Ela balbuciou.

— Não te insulto... Muito.

Xypher não respondeu. Em vez disso, entrecerrou seus olhos para Xedrix.

— Sabe acaba de me ocorrer algo... É capaz de abrir um portal para o Kalosis?

Xedrix negou com a cabeça.

— Tentamos. Por algum motivo, não podemos fazê-lo.

Xypher estalou a língua.

— Está mentindo Xedrix, posso cheirá-lo.

— Recusamo-nos a voltar — disse Tyris com fúria, enquanto dava um passo à frente — Fomos escravos ali. Xedrix era o mascote da Destruidora. Tratava-o como a um parvo. Não estarei a sua mercê nem um só dia mais. Foi uma bênção escapar quando o fizemos. Preferimos morrer aqui como agentes livres que retornar ao que estávamos acostumados a ser.

Simone olhou Xypher com o cenho franzido.

— A Destruidora?

— Uma antiga deusa Atlante chamada Apollymi, cujo marido a capturou no Kalosis onze mil anos atrás.

Simone se perguntou que teria feito a deusa para merecer tal sentença.

— Que bom! E você quer ir visitá-la, ah?

— Não, não quero. O que quero é matar Satara.

Ante a menção do nome de Satara, mais da metade dos demônios fizeram ruídos de desgosto.

— Mata a essa cadela!

— A dê de comer à Destruidora!

— Degolem ambas!

Simone estava impressionada por tanto veneno. Parecia que tanto Satara como a Destruidora poderiam beneficiar-se com um seminário sobre como fazer amigos e influenciar às pessoas, ou neste caso, demônios.

— Uau, esse Kalosis, poderia rivalizar com a Disneylândia. Indique-me para a próxima excursão.

— Faria, mas, dadas às circunstâncias, uma viagem para lá parece mais difícil de conseguir uma entrada de sobra para um show da Hannah Montana.

Simone riu.

— Muito bom, um exemplo da atualidade.

— Pode agradecer ao Jesse. Está totalmente apaixonado pela Hannah — Xypher cruzou olhares com Xedrix — O que tenho que fazer para convencer a um de vocês que abra o portal?

— Não há nada que possa fazer.

Xypher olhou Kerryana, e Simone soube exatamente o que estava pensando.

Xedrix a empurrou atrás dele e se esticou.

— Não se altere — disse Xypher — Não pensava nisso. Jamais ameaçaria a sua mulher. Só estava meditando em quão equivocado estava sobre ela.

Simone arqueou uma sobrancelha.

— A sério pensava isso?

Seu rosto denotou uma grande ofensa.

— Não, você também?

— Sinto muito. Tem razão, conheço-te melhor que isso. Mas em minha defesa direi que a forma em que a olhou foi... Horripilante.

Xypher lhe fez uma careta e voltou sua atenção para o Caronte.

— Sei que deve haver uma maneira que possamos nos ajudar mutuamente. Pensa. Preciso entrar no Kalosis.

Xypher intensificou seu gesto anterior, apertando suas mãos juntas às elevou.

— Pieryol akati.

Xedrix inclinou sua cabeça antes de repetir as palavras.

Xypher a empurrou para a porta, mas antes que se afastassem Kerryrna os deteve.

— Somos família — disse brandamente a Simone. Tirou um colar com uma pequena pedra vermelha de seu pescoço e o depositou em sua palma

— Se me necessitar agarra o cristal com sua mão e me chame. Chegarei imediatamente.

— Obrigada.

Kerryrna a abraçou fortemente.

— Há força em seu interior, Simone. Nosso sangue é o mais forte entre os gallu. Nunca esqueça.

— Recordarei.

Kerryrna lhe deu tapinhas na mão.

— Trabalharei no Xedrix para ti — disse amigavelmente ao Xypher — Se a vingança for o que realmente quer, encontrarei a forma para que a consiga.

Com isso, ela os abandonou e retornou junto ao Xedrix.

Simone se voltou para Xypher.

— Nem sequer é hora do jantar e foi um dia interessante. Estou um pouco assustada ao pensar no que nos proporcionam as horas vindouras. O que pensa você?

— Qualquer minuto em que não esteja sendo açoitado por um látego, é um grandioso em minha opinião — O estômago lhe deu voltas ante a secura de seu tom e ante a lembrança do mundo que ele tinha deixado atrás. Se Xedrix pensava que o seu era mau, deveria provar o de Xypher — Realmente tem que pensar nisso?

— Se pensasse que há uma forma de evitá-lo, me acredite, faria. Mas já fui sentenciado. E não pode fugir de um deus.



— E se eu falasse com Hades?

Ele riu.

— Hades não te escutará. Tudo o que podemos fazer é tomar o tempo que tenho e tratar de expelir ao gallu para que esteja a salvo quando partir.

Quando me tiver partido...

Essas palavras a feriram e provocaram uma onda de dor que a fez perder o fôlego. Como pôde converter-se em algo tão importante para ela em tão pouco tempo?

E, ainda assim, não podia negar o que sentia. Não queria que fosse. Nunca.

Não pense nisso.

Ela encontraria a forma de resolver isto. Uma forma de acabar com tudo sem que custasse a liberdade ao Xypher. Tinha que fazê-lo.

A única alternativa possível lhe era totalmente inaceitável.

CAPÍTULO 14

Simone cancelou sua aula vespertina. Entre seus poderes, que ainda a faziam sentir doente, todo o caos que gerou o ataque dos demônios, e a inesperada perda de controle sobre seu corpo, acreditou que seria o mais seguro para seus alunos. O último que precisavam era ver como os olhos de sua professora se voltava vermelho brilhante. Ou pior ainda, que algum acabasse devorado por um gallu. A direção certamente estaria em desacordo

E também o pobre estudante.

Enquanto isso estava aprendendo certas coisas sobre si mesma e sobre seus novos poderes. Xypher trocou de lugar os móveis da sala de estar para poder lhe ensinar movimentos específicos para combater aos gallu e pô-los a chorar. Seu favorito até o momento era asqueroso, mas altamente efetivo.

A cuspida ácida.

Passou a mão pela nuca enquanto olhava a taça metálica que acabava de destruir.

— Sinto-me como um extraterrestre de um filme interestelar.

Xypher a olhou sedutoramente antes de apertar-se contra ela e lhe dizer baixinho no ouvido:

— Sorte para mim, você tem muito melhor aspecto.

Sorriu por completo e seu corpo inteiro se esquentou

pelo contato.

—Uuh! — disse Jesse, deslizando-se dentro da habitação.

— Alguém moveu os móveis. Fabuloso!

Antes que Simone pudesse falar, começou a soar “Deveria ir ou deveria ficar” de Clash.

— Jesse...

Este começou a dançar como um frango.

— OH, venha, Sim. São os Clash. Deve dançar.

Agarrou sua mão e a fez girar.

Rindo, ela sacudiu a cabeça e se uniu ao famoso baile do Pescoço do Frango que costumavam realizar, geralmente, quando se encontravam sozinhos.

Glória emitiu um chiado de satisfação antes de unir-se a eles

Xypher ficou atrás, observando aos três com o cenho franzido. Nunca em toda sua existência tinha observado algo tão estranho. Passaram de dançar em fila como frangos, a dançar como robôs, para terminar com algo que parecia twist. Pareciam ter algum tipo de problema espinhal. E, logo começaram a dançar o “DOU-SI-DO”. A canção não durou muito mais e logo soou “Os meninos não choram, eu quero ser um cowboy”.

Jesse apontou Xypher com um dedo, logo com ambos e simulou que lhe disparava enquanto entoava a canção.

Xypher esfregou a bochecha.

— Tornaram-se loucos.

Simone riu.

— Venha, Ted — lhe disse, usando o nome do cowboy na canção — Dança conosco.

— Jamais, em toda minha larga existência, dancei.

— E, eu tampouco tinha sido capaz de ouvir os batimentos do coração de outra pessoa a um metro de distância, até o dia de hoje — Agarrou-o pelos braços e o arrastou para o grupo — Dança comigo, Xypher. Ninguém rirá de você aqui. Confia em mim, se não rimos com a falta de graça do Jesse, jamais burlaremos de você.

Sentiu-se totalmente ridículo durante os primeiros dez



segundos. Mas, mover-se ao unísono com a Simone, enquanto seus olhos cintilavam, fez esquecer o fato de que provavelmente parecia um idiota.

A música continuou com “Mais vale que seja bom comigo”, de Tina Turner.

— O baile do macaco! — gritou Jesse.

Xypher intercambiou um olhar perplexo com Glória, que se encontrava tão perdida como ele.

Simone se posicionou ao seu lado e mostrou como levantar uma mão cada vez, seguindo o ritmo da música.

— Agora, a mover a cauda como um macaco... É o baile do macaco.

Xypher riu, e pela primeira vez em sua vida, não foi uma risada amarga ou zombadora. Era uma risada real, honesta, que surgia do mais fundo das vísceras e que o comoveu no mais profundo de seu ser. Santos deuses estava se divertindo. Verdadeiramente, estava se divertindo.

Nunca, mas nunca, fazia tal coisa.

Então, assim é como se sentia a verdadeira diversão. Com razão as pessoas a buscavam. A diversão era incrível. Os minutos e as canções passaram voando enquanto desfrutavam de estar juntos, atuando como estúpidos totais. Simone girou sobre si mesma, rindo, até cair no sofá.

— OH, estou envelhecendo. Não posso seguir o ritmo.

Jesse e Glória continuaram dançando enquanto Xypher se sentava junto a ela.

— Encontra-se bem?

Ela riu.

— Acalorada e suarenta. E você?

— Igual. Faz isto muito freqüentemente?

Sorriu enquanto observava como Jesse e Glória dançavam.

— Ao menos uma vez à semana. Mas, nem sempre movemos os móveis.

Xypher lhe retirou uma mecha de cabelo do rosto, mas, assim que a tocou, deu-se conta de que tinha cometido um engano. Uma onda de calor abrasou sua virilha.

Grunhindo pela ferocidade do repentino desejo, inclinou-

se para ela e capturou seus lábios.

Simone gemeu brandamente ao sentir o sabor de Xypher. Seu coração se acelerou enquanto afundava as mãos em seu grosso cabelo negro e deixava que as mechas enredassem entre os dedos. A incipiente barba arranhava sua pele, fazendo-a arder de necessidade. Fechando os olhos, se imaginou na cama com ele... nua.

No momento em que esse pensamento apareceu em sua mente, esteve na cama com ele, completamente nua.

— OH, Meu Deus — disse ela baixinho, retirando-se e sentindo que uma onda de enjôo a assaltava.

Com um brilho maligno nos olhos, Xypher riu.

— Acredito que gosto do fato de que ainda não controle seus poderes. Sempre que não nos materialize nus em algum lugar público, por mim está bem.

Agarrando fortemente o lençol contra seu corpo nu, ela chiou indignada.

— Não posso acreditar que fizesse isto.

— Não se envergonhe.

Aproximou e então mordiscou a comissura da boca.

Simone titubeou. Uma parte dela queria fugir precipitadamente da cama, mas a outra parte estava absolutamente desejosa de estar aí. Já tinham passado por tantas coisas. Mais que isso, havia meio tocado seu coração e sua vida de forma que nenhum outro homem tinha feito jamais.

Sorrindo, depositou uma mão sobre a áspera bochecha. Seus olhos azuis eram cativantes. Neles viu a necessidade e o calor de sua paixão. Mas, não a estava pressionando. Aguardava, para assegurar-se de que estivesse bem.

Este feito acabou com a pouca resistência que ficava. Rodou até seus braços e o beijou.

Xypher tremeu de alívio ante estas ações. Ela tinha se aproximado dele.

Incapaz de suportar beijou-a ferozmente enquanto rodava sobre as costas para acomodá-la sobre seu torso. Vaiou ante o bem que sentia aqueles peitos contra seu peito nu. E, ante a sensação das pernas nuas deslizando-se entre as dele.

— Né, Sim, o que... — As palavras se converteram em um

alarido de horror que parecia mais o de uma menina pequena que o de um moço adolescente. Jesse correu através da parede para escapar.

— A próxima vez, chama — gritou Xypher.

Jesse respondeu algo, mas foi silenciado pelo estéreo.

Simone não deixou que a interrupção a desconcertasse. Veria Jesse mais tarde. Nesse momento, só queria estar com Xypher. Tinha algo que a cativava.

Uma vez mais, ele rodou sobre ela, pressionando-a contra a cama.

— É tão formosa — grunhiu mordiscando seus lábios antes de enterrar o rosto contra seu pescoço. Deixou um rastro de ardentes beijos do pescoço até os seios.

Simone arqueou as costas e o aproximou com força, ao tempo que deslizava uma mão pelas costas e notava como seus músculos se flexionavam. Sentia-se completamente excitada pela sensação desses lábios sobre sua pele. Pela cálida e masculina essência de seu corpo.

Ele olhou por cima de seus seios para deslizar mais abaixo, para o ventre, e logo mais abaixo ainda.

Xypher tomou tempo em prová-la, enquanto enterrava em seu interior a mão direita e provava delicadamente as dobras de seu corpo. Ela ofegou e se sacudiu em resposta. Sorrindo, ele riscou um círculo, desfrutando de tão úmida estava já. Seu próprio corpo ardia ante o pensamento de tomá-la. Mas, não queria que acabasse tão rápido.

Queria saboreá-la.

Com este único pensamento em mente, separou-lhe as pernas antes de retirar a mão e deslizar a língua por seu centro.

Simone emitiu um gemido de gozo e enterrou a mão no cabelo de Xypher. Sua língua fazia magia. Não sabia o porquê, mas era muito mais que sexo. Havia algo mais no fato de estar aí com ele...

Necessitava-o. Era como se tocasse muito mais que seu corpo. Tocava seu coração. Sua alma. E queria que ele sentisse o mesmo.

Xypher a acariciou com o nariz, deixando que a essência

de seu corpo o marcasse. Apertando os dentes, recostou a cabeça sobre seu ventre e desfrutou da sensação das mãos em seu cabelo. Era tão delicada com ele. Tão doce. Jamais teria pensado em tocar a outra mulher desta forma. Permitir que o tocasse.

Isto era muito melhor que qualquer sonho que teve. Aqui, por um momento, poderia fingir que pertencia a alguém. Que importava a alguém. Era uma estupidez, sabia. Eram desconhecidos. Jesse era sua família, não ele. Partiria em umas poucas semanas e ela seguiria adiante com sua vida enquanto retornava ao inferno.

Mas, aqui, por um momento, estava com ela.

— Sentirá minha falta? — logo que essas palavras abandonaram seus lábios, desejou não as haver pronunciado.

— É obvio que o farei, Xypher. Não quero que parta.

Essas palavras se gravaram em seu coração. Dizia-as a sério? Queria acreditá-la. Mas Satara lhe tinha feito juramentos similares.

Até havia dito que o amava.

Como pode jogar com ele dessa maneira? Em troca, Simone não parecia o tipo de mulher que mentiria sobre seus sentimentos. Ria sedutoramente. Vivia sua vida honestamente.

Tocá-la era como tocar o sol. Quente, brilhante. Reparador.

Elevou-se sobre ela para poder olhá-la aos olhos. Poderia olhá-los para sempre. Deslizando-se sobre seu corpo, tomou o rosto entre as mãos e beijou a ponta do nariz antes de inundar-se em seu interior.

Um gemido escapou de seus lábios pelo bem que se sentia. Mordendo o lábio, afundou-se profundamente nela, enquanto olhava fixamente aqueles olhos tão repletos de bondade para ele.

E, nesse momento, descobriu uma devastadora verdade. Tinha vendido sua alma pela causa equivocada. Deveria havê-la vendido pelo amor de Simone. Para ser parte de seu mundo para sempre...

Era tão injusto encontrá-la agora que não tinha mais escolha que partir. O pensamento lhe provocou um calafrio.

Pressionou a bochecha contra a dela, e escutou seus curtos e ofegantes suspiros enquanto acelerava os movimentos.

Simone embalou Xypher entre os braços e deixou que a força de seu corpo a transportasse ao topo do prazer absoluto. Quem teria imaginado que um demônio pudesse ser tão tenro? Mas ele era. Abraçava-a como se fosse indescritivelmente apreciada. Como se temesse que se rompesse.

A única parte de seu corpo que corria perigo era seu coração. Tinha perdido todas as pessoas que tinham significado algo em sua vida.

Só Jesse tinha sido uma constante. E agora perderia ao Xypher. Não estava bem.

Gemeu quando ele se afundou tão profundo em seu corpo que lhe tocou a alma. Elevou os quadris, permitindo ir ainda mais dentro, até que se sentiu cair.

Emitindo um grito, gozou em um deslumbrante estalo de liberação.

Ele riu triunfalmente antes de mover-se mais rápido contra ela. Quando gozou, grunhiu como um animal selvagem que tivesse sido domado temporalmente.

Simone se agarrou a ele na escuridão e o escutou respirar entrecortadamente junto a seu ouvido.

— Não te deixarei ir brigar, Xypher. Hades não poderá te recuperar. Não o permitirei.

Xypher fez uma careta de dor ante as palavras que lhe tocaram o coração. O fato de que as pronunciasse significava um mundo para ele. Mas, sabia por experiência própria que não convinha confiar nas palavras sussurradas nos braços de um amante. A maioria das vezes eram palavras vazias.

Além disso, as palavras eram fáceis. Os fatos eram o difícil. As pessoas saíam à rua com boas intenções, mas assim que o caminho ficava perigoso ou difícil, se davam por vencidos. Não havia razões para acreditar que Simone seria diferente do resto.

Não valia a pena lutar por ele. Tudo o que podia lhe oferecer era um futuro truncado.

Mas, era agradável fingir que podia ter fé em sua convicção. Que lutaria por ele e não o entregaria a seus

inimigos...

— Xypher?

Moveu-se para um lado e a atraiu para seus braços.

— Sim?

— Amava a Satara?

— Isso acreditava, mas me dava conta muito tarde de que não entendo o amor. É uma emoção humana.

— Meu pai o sentiu.

— Foi uma exceção, igual a sua mãe.

Ela levantou a vista até ele.

— Você não crê no amor?

— Acredito que existe. Somente não acredito que exista para mim.

Suspirou antes de voltar para aconchegar-se sobre ele.

— O que aconteceu para que odeie Satara do modo em que o faz?

Ele ficou em silêncio, com uma mão entre seus cabelos, enquanto uma dor irrefreável o atravessava. Jamais tinha contado a alguém o que tinha acontecido, mas enquanto jazia ali com Simone, a verdade saiu a ferver antes que pudesse deter-se.

— Fiz um trato com Jaden para aceitar seu castigo.

— O que?

Deixou escapar um comprido suspiro.

— Ensinei Satara como caminhar nos sonhos das pessoas. Permiti-lhe usar meus poderes e manipulá-los.

— Por que fez algo assim?

— Pela mesma razão que você dança com o Jesse. Os sonhos era o único lugar em que tinha emoções. Quando Satara se unia a mim aí, sentia-me um homem. E pensei que a queria. Nesse momento, estava disposto a fazer o que fosse para fazê-la feliz.

— Mas não a amava?

Afundou a mão entre os cabelos e os esparramou sobre seu peito. Saboreou a fresca e sensação de cócegas que lhe produziam.

— Não. E ela tampouco me amava, embora dissesse que sim. Usou-me e a meus poderes para poder atacar às pessoas e



as torturar enquanto dormiam indefesos.

O coração de Simone deu um tombo ante o que descrevia.

— O que?

— Essa é a maldição dos Skoti. Se visitarmos muito a uma pessoa, podemos desgastá-los e assassiná-los, ou fazê-los perder a razão. Satara usava meus poderes para poder assassinar aqueles que não gostava.

Xypher respirou entrecortadamente ao recordar o fatídico dia. Satara se vestira de vermelho. Seu loiro cabelo florescia ao redor dela, fazendo-a parecer um anjo enquanto corria para jogar-se em seus braços.

— Xypher, me ajude, por favor... — Seus olhos brilhavam pelas lágrimas.

Nunca a tinha visto chorar.

— O que vai mal?

— Zeus e Hades vão matar-me. Não pode permitir.

— Te matar? Por qual motivo?

— Pelos sonhos que me ensinou. Eles... eles dizem que fiz algo mal, mas as pessoas que assassinei o mereciam. Você me acredita, não é assim?

— É obvio.

Sorriu e então esteve perdido.

— Por favor, não me deixe morrer, Xypher. Amo-te. Sempre te amarei.

Deuses, que parvo tinha sido ao acreditar.

Simone tragou saliva e o nó em seu estômago se acentuou. Sabia o que tinha feito depois.

— Invocou ao Jaden.

Ele assentiu.

— Entregaria minha alma em troca de que fizesse os outros deuses acreditarem que era eu quem tinha torturado aos humanos. Satara prometeu que quando morresse, viria ao Tártaro e me alimentaria com sementes do jardim da Destruidora.

Simone franziu o cenho ao tratar de compreendê-lo.

— Para que queria comer sementes?

— Me teriam aniquilado por completo. Cada faceta de

meu ser teria sido despojada de sua existência.

Simone emitia um ofego ante o horror do que descrevia.

— Por que queria algo assim?

Tomou a mão e a esfregou sobre as cicatrizes que danificavam seu torso.

— Não queria sangrar eternamente por algo que não tinha feito. Estava disposto a morrer por ela e queria me assegurar de não sofrer eternamente.

Simone fez uma careta pela dor que sentiu por ele.

— Não cumpriu com sua parte do trato.

— Não. Em vez de fazê-lo, veio e riu de mim por minha estupidez — Seus olhos se voltaram vermelhos — Inclusive por um tempo, ajudou-os a me torturar. Olhava-a fixamente, desejando uma parte de sua carne com tanta vontade, que quase podia saboreá-la.

Simone cobriu a boca com a mão ao sentir bÍlis na garganta.

— Como pôde fazer algo assim?

— É uma cadela desalmada e agora entende por que não posso voltar para inferno e não levá-la comigo. Não sou o único homem ao que há fodido, mas, pelos deuses do Olimpo, quero ser o último.

Sim, agora entendia, mas o entendimento não trocava o fato de que não queria que acabasse ferido. Ou pior ainda, morto.

— Jamais o trairia assim.

O olhar dele se suavizou, mas no profundo de seus olhos viu um espiono de dúvida que a feriu.

Como poderia ganhar a confiança de um homem que tinha sido tão profundamente traído?

Simone recostou a cabeça contra a pior das cicatrizes de seu torso e lhe pôs uma mão entre as suas. De algum jeito ganharia sua confiança. Já não estava sozinho nesta luta.

— Satara merece pagar pelo que fez.

Como podia alguém, depois de ter recebido tanto, voltar-se contra a pessoa que lhe tinha dado tudo? Era cruel e ainda mais que cruel.

— Acredite, fará. Embora tenha que descer ao inferno e

arrastá-la pelo cangote.

Simone sacudiu a cabeça.

— Aí está o pequeno raio de sol que conheço tão bem.
Sempre preparado para animar às pessoas.

— Certo, poderia ser pior.

— Pior, como?

— Honestamente, não sei. Mas, é o que dizem os humanos, portanto, pensei que seria apropriado.

Simone riu até que viu a escritura sobre o braço.

— O que é isto?

Cobriu a mão com a sua.

— É um aviso que escrevi sobre o motivo pelo qual devo ter o sangue de Satara. Pelo qual não posso abandonar minha busca. Sem importar as tentações.

Simone agarrou com sua mão as palavras. Que triste que as tivesse marcado aí. Perguntava-se se haveria alguma maneira de apagá-las e as substituir por algo mais agradável.

Stryker se deteve ao avistar a sua irmã escrevendo no escritório.

— O que está fazendo?

Ela deu um salto, logo cobriu a folha com um livro.

— Escrevo uma carta.

— Para quem?

— É pessoal — ficou de pé e se aproximou tranqüilamente — Tenho boas notícias para você. Os gallu encontraram a Dimme.

Stryker arqueou uma de suas sobrancelhas com interesse.

— Sêrio?

Ela assentiu.

— Uma Dimme poderia acabar com a Destruidora, não é assim?

Essa era a teoria.

— Necessitamo-la.

— Não... — disse Satara com um sorriso maligno — você a necessita. Mas há um pequeno inconveniente.

— E qual é?

— Recorda quando Dionísio quase abre o portal para o



Kalosis e Apollymi enviou seu Caronte para detê-lo?

É obvio que o recordava. Apollymi esteve lívida esse dia.

— Foram enviados para evitar que Acheron morresse, mas sim, recordo. O que tem isso?

— Nem todos os Carontes sucumbiram. Parece que um grande número sobreviveu e agora protegem a nossa Dimme.

Stryker se engasgou.

— Os Carontes estão custodiando a uma Dimme? É que se aproxima o fim do mundo e me passou a ler o memorando? Como demônios ocorreu?

— Não estou segura. Mas, se alguém... — o olhou inquisitivamente — me emprestasse alguns de seus Daimon Spathi, poderia ser capaz de agarrar a Dimme. Depois podemos usá-la para acabar com meu assunto sobre o Xypher e seu problema com a Destruidora. O que opina?

Soava como uma boa idéia, mas também uma bastante arriscada. Apesar de que seus Spathi estavam muito bem treinados e eram assassinos sobressalentes, também o eram os Caronte. Quão último queria era diminuir seu exército. Entretanto, se pudesse assassinar Apollymi e reclamar seus poderes como próprios valeria a pena perder algumas dúzias de soldados.

— Muito bem, irmã. Terá os soldados que queira. Somente recorda que se houverem problemas, toda a culpa cairá sobre sua cabeça. Não sei nada deste plano.

— Não se preocupe Stryker. Não tenho intenção de falhar. E para amanhã, nossos problemas estarão resolvidos.

CAPÍTULO 15

Xypher despertou com a sensação mais estranha de sua existência. Uma mulher aconchegada contra ele. Ficou em silêncio, deitado de flanco, tão somente sentindo-a contra sua coluna. O braço esquerdo dela estava acomodado sobre sua cintura, e a coxa acomodada entre as dele. A bochecha repousava sobre seu ombro e seu fôlego fazia cócegas na pele.

Fechou os olhos, saboreando cada matiz de seu corpo contra o seu. Era assim como se sentia ser humano? Acaso os homens tomavam isto à ligeira?

Como podiam? Ter a alguém que confiasse o suficiente em você para repousar inconsciente ao seu lado enquanto você fazia o mesmo, e ambos despertavam ilesos...

Isto era o paraíso.

Não, Simone o era.

Por que não tinha nascido humano? Tivesse nascido nesta época para poder assim estar com ela. O fato de não ser possível era ainda mais cruel que a tortura que tinha suportado no Tártaro. Queria internar-se nela e ficar ali para sempre.

Mas, não estava destinado a acontecer e por muito que sonhasse não trocaria o fato de que uma vez que este adiamento terminasse, ele estaria de retorno no inferno, onde as lembranças dela o torturariam para sempre.

Como faria para suportar?

Com seu coração feito em migalhas, girou lentamente para não machucá-la. Ela se queixou em sonhos, até que se moveu e lhe pegou com o cotovelo no nariz.

— Ouch! — Ele esfregou a ponta do nariz e pestanejou para conter lágrimas involuntárias — vou te fazer pagar por isso — sussurrou contra sua pele.

Retirando o cobertor olhou seu corpo nu. Suas curvas exuberantes e cheias, seus mamilos ligeiramente enrugados, seus lábios acesos e inflamados, e suas pernas ligeiramente afastadas. O suficiente para que ele pudesse ver que ainda estava úmida. Era a perspectiva mais incitante que ele tinha

contemplado em sua vida.

O cenho voltou para o rosto dela antes que agarrasse o lençol para cobrir-se e se voltasse para esconder-se nele.

Xypher riu. Ela era realmente resmungona pela manhã. Todo esse palavrório de começar o dia com um propósito. Mas, bem o começava com uma careta. Divertido, inclinou-se para morder a parte inferior de seu peito.

A Simone despertaram as pequenas lambidas causando que seu estômago se contraísse e seu corpo se derretesse. Abrindo os olhos, viu Xypher observando-a com tanta intensidade que lhe tirou o fôlego.

— O que está fazendo?

— Estou te lambendo — disse antes de introduzir um mamilo profundamente em sua boca — não há maneira de estar tão perto de você sem a tocar. Além disso, está em dívida comigo, por minha recente contusão.

Ela esfregou os olhos.

— Recente contusão?

— Meu nariz. Golpeou-me enquanto dormia.

— Não o fiz.

— Está errada. Em realidade, golpeou-me o nariz com o cotovelo.

Afastou o cabelo dos olhos e lhe tocou o nariz, que golpeou acidentalmente.

— OH, por Deus. Acredito que terei que te beijar a ferida e te compensar.

Seu olhar foi malvado e cálido enquanto subia sobre seu corpo.

— Tenho outra ferida que precisa de seus beijos.

Ela olhou entre seus corpos para ver sua ereção.

— Mmm, parece uma ferida bastante grande, não crê?

Xypher a beijou, seu coração desbocado pela forma em que ela o provocava com malícia. Realmente adorava a novidade da ação.

As pessoas o temiam. Ele os enfurecia. Ninguém jamais tinha rido ou jogado com ele.

E, nesse momento foi quando chegou à conclusão mais impactante de todas.

Amava-a.

Muito profundamente, em um lugar que nunca antes tinha notado, ele sentia esse amor arder. Queimava-o e doía, e faria algo no universo e talvez mais, para mantê-la a salvo. Esse conhecimento o agradou.

E o aterrorizou no mais profundo de sua alma.

Não! A negação o percorreu como um bramido. Não queria amar a ninguém. O amor era para os tolos descerebrados.

Jogando uma olhada a seu braço leu as palavras que tinha gravado aí...

É uma arma usada para manipular e arruinar a quem é o suficientemente estúpido para albergá-la. Não seja estúpido.

O amor destrói.

Tinha entregado seu amor a Satara e ela o tinha arrojado na cara e o tinha atacado por sua estupidez. Mas, Satara jamais o tinha tratado desta maneira. Não houve risadas. Nem beijos carinhosos. Nada de rubores matutinos e carícias que o enternecessem até o mais profundo de seu coração.

E apesar do horror de seu recente descobrimento sobre Simone, estava o conhecimento de que em realidade, ele nunca amou Satara. Tinha desejado tanto conhecer o amor que havia retorcido o conceito para adequá-lo a uma relação em que não tinha capacidade.

Esta vez o amor o tinha surpreendido e o esmurrou na cabeça da forma mais inesperada. Essas emoções tomaram por surpresa, não foram conjuradas por alguma carência que ele tivesse.

Quando conheceu Simone, e a empurrou dentro de seu carro, ela não era mais que um boneco.

Agora, ela era seu mundo.

E não havia nada que não fosse capaz de fazer por ela. Como demônios se passou isso? Sim, não havia forma de negá-lo. O insignificante impostor, que não tinha sido querido por ninguém, tinha entregado seu coração a uma humana misafy...

Simone gemeu ao sentir uma mudança no toque de

Xypher. Era tenro e doce. Quase reticente.

E, ao mesmo tempo dominante. Suas mãos vagavam por seu corpo, lhe dando prazer e fazendo-a suspirar.

Levantando sua mão, beijou os nódulos cobertos de cicatrizes. Logo, tomou a ponta de seu dedo indicador em sua boca para sugá-lo brandamente.

Xypher rodou com ela, colocando-a sobre ele. Sorrindo, Simone montou a cavalo sobre sua cintura e o olhou com uma expressão de ternura.

Ele nunca tinha visto nada tão formoso ou acolhedor.

— Me ame, Simone.

— O que?

— Me faça o amor.

Simone assentiu. A necessidade aflorava nos olhos dele. Algo lhe dizia que para ele representava mais que só um ato físico. Tentando demonstrar que ela jamais o machucaria, beijou-o brandamente nos lábios enquanto se deslizava sobre ele.

Xypher jogou sua cabeça para trás, enquanto ela se movia lentamente contra seus quadris. Era uma tortura deliciosa. Lenta e constante. Tão feroz que tudo o que ele podia fazer era estremecer-se.

Estava indefeso ante sua mulher e seus cândidos encantos.

A luz iluminou seu corpo, fazendo-a resplandecer. Ela se inclinou sobre ele, permitindo que as pontas de seu cabelo roçassem o abdômen e o peito dele, enquanto o montava brandamente.

Mordendo o lábio, elevou seus quadris, penetrando mais profundo nela. Precisando senti-la tanto como fosse possível.

Simone sorriu ante a beleza de Xypher. Percorreu seu musculoso peito com as mãos, cavando e acariciando a avermelhada carne. Não se imaginava voltar para uma vida em que não pudesse ver seu rosto todos os dias. Isso a mataria.

Em um abrir e fechar de olhos, ela se acostumou a que ele fosse uma presença constante em sua vida.

Não queria que partisse nunca.

Normalmente, estar rodeada todo o tempo punha-a de

mau humor. Ainda com o Tate. Mas, Xypher era como Jesse. Embora pudesse ser fastidioso, era encantador e não lhe importava no absoluto.

Seus olhos a queimavam, ele tomou sua mão entre as suas e a levou a boca para morder o flanco. Deus, esses lábios eram formosos. Inclinando-se para frente, ela passou a língua sobre a barba de seu queixo. Era tão áspero e masculino. Ela adorava a sensação de picar na pele.

Xypher a envolveu em seus braços e elevou os quadris, para acompanhar suas investidas.

A calidez de seu corpo e o tato de sua pele contra a dela, era mais do que ela podia suportar. Ela gozou, olhando-o aos olhos, em um momento de abrasadora paz.

Xypher emitiu uma risada gutural ao sentir seu clímax e observar o prazer refletido em suas feições. Adorava a forma em que ela se sentia entre seus braços, a forma em que suas sobranceiras se juntavam um instante antes que ela gozasse. E o som de seus ronrons de satisfação enquanto os espasmos contraíam seu corpo contra ele.

Enterrando o rosto em seu ombro, ele ofegou ao sentir chegar sua própria liberação. Oprimindo seu corpo contra ela, sustentou-a muito perto enquanto gozava dentro dela.

Ela se derrubou sobre ele. Ele a manteve aí, riscando as linhas de suas costas enquanto o fôlego dela caía sobre seu peito.

— Que perfeita forma de começar o dia.

Beijou-a no alto da cabeça.

— Sim, foi.

Simone suspirou satisfeita, estirando-se como uma gatinha recém-nascida junto a ele.

— Agora não quero me levantar. Quero ficar aqui em seus braços pelo resto do dia... Acredita que Jesse poderia repartir minhas aulas?

Ele riu entre dentes.

— Acredito que vê-lo tentar poderia ser realmente entretido.

— Bom, pediria a você que o fizesse, mas isso tiraria o propósito a minha idéia de ficar aqui... Pergunto-me se poderia

me aposentar precocemente e viver nas ruas? O que diz a respeito?

— Viver nas ruas, não acredito que funcione. Não teríamos suficiente privacidade para o que quero fazer contigo.

Ela sorriu.

— Muito bom ponto.

Seu relógio despertador começou a soar.

Xypher grunhiu ante o ruído ensurdecedor.

— Arranca essa coisa da parede — Arremeteu contra o aparelho, mas ela o desviou rapidamente.

— Não se atreva. Adoro esse relógio despertador.

Ele soprou.

— Apega às coisas mais impensadas.

Logo depois de rodar para afastar-se dele, Simone desligou o alarme e sorriu ante a certa afirmação. Realmente se apegava às coisas mais estranhas, e Xypher era definitivamente o mais estranho de todos seus apegos.

Ele bocejou ao tempo que ela retornava à cama.

— Está segura de que quer ir trabalhar hoje? Ontem não progredimos muito no treinamento para dissimular seus poderes.

— Bom, terei que me relacionar com gente normal eventualmente. Crê que hoje seja ainda pior que ontem?

Afastou o cabelo dos ombros.

— Aprendeu a advertir os sinais de seu corpo antes da mudança?

— Sinto uma estranha queimação atrás de meus olhos antes que fiquem estranhos.

— Então, não acredito que tenha problemas. Quando sentir isso, saberá que deve se afastar da vista do público o antes possível. Se te acontecer em meio de uma aula, diga que tem um vírus estomacal e que tem que correr ao serviço.

Ela enrugou o nariz ante a idéia.

— Isso é asqueroso.

— Certo, então usa óculos escuros e diga que tem uma infecção ocular.

Mordiscou sua incipiente barba.

— Sabe? Essa idéia não está tão mal.



— É obvio que os óculos não serão de muita utilidade quando brotarem chifres na cabeça e asas nas costas, mas...

Ela emitiu um chiado.

— Isso não me passará!

Ele sorriu malignamente.

— Não. Mas a cara que pôs valeu à pena.

Rindo, ela o empurrou de volta à cama.

— Está decidido, vou te espancar até que o lamente.

Xypher se congelou ao mesmo que se preparava para a agressão.

Mas, em vez de lhe causar dor, lhe fez cócegas. Levou vários segundos dar-se conta de suas intenções. Quando compreendeu, ela fazia uma careta.

— Não tem cócegas. Certo, isso fede! — Ela se afastou e cruzou os braços sobre o peito, ocultando os seios que ele adorava atormentar.

— Sinto muito — disse tentando animá-la — Se te fizer feliz, fingirei que as tenho.

— Não, está bem. Suponho que não se pode ter tudo. — ela se deteve no bordo da cama — Mas, você se aproxima o bastante.

— Aproximo-me de que?

— A ser perfeito. Só que você é melhor que isso, Xypher. Você é extraordinário.

Xypher ficou imóvel enquanto ela o abandonava para ir tomar banho. Não podia respirar, enquanto essas palavras se afundavam em sua consciência. Ela acredita que sou extraordinário...

Ninguém, jamais! Tinha pensado tal coisa sobre ele. Dor no traseiro. Grosseiro. Violento.

Mas, extraordinário...

Essa revelação o sacudiu como um golpe nas vísceras.

Ao tempo que se levantava, Jesse apareceu à porta com um olhar de consternação no rosto.

— Quais são suas intenções?

— Me levantar da cama para tomar banho e me vestir.

Os olhos do Jesse se estreitaram.

— Isso não. Refiro a minha garota. Ambos estiveram

encerrados aqui dentro como dois coelhos brincalhões durante toda a noite, e antes que lhe rompa o coração, quero saber se têm intenções de fazer as coisas bem com ela. Ou acaso preciso recrutar alguns demônios para te chutar o traseiro?

Gostaria de ver o Jesse tentá-lo, de fato pagaria para vê-lo. Mas, apesar de que o ofendesse que o fantasma pensasse assim, não esperava menos de Jesse, já que só pretendia proteger a Simone.

— Nunca a machucaria, Jesse. Nem a você. Mas não posso ficar aqui e você sabe. Assim, não me faça sentir pior do que já me sinto, a respeito de abandoná-la.

Jesse franziu o cenho.

— É um tio bastante decente sob toda essa fanfarronice, não é assim?

— Não. Ainda sou o mesmo bastardo zangado que venderia o coração de sua própria mãe para fazer pagar Satara. Nada trocou.

— Exceto que você a ama.

Ele teve que conter a surpresa dentro dele antes de trair-se a si mesmo. Não lhe interessava facultar esse conhecimento nem ao Jesse nem a ninguém mais.

— Não sei do que está falando.

Jesse soprou.

— Sim sabe! Posso senti-lo e você sabe que posso.

E, ele odiava isso. Mas, não havia nada que fazer a respeito. Portanto, estreitou seu olhar para Jesse.

— Não se atreva a dizer a Simone.

— Não se preocupe. Não me corresponde. Mas, se fosse você, diria antes que seja muito tarde.

Isso era muito mais fácil dizer do que fazer.

— O que saberá você a respeito?

— Sou um fantasma, Xypher. Pensei que tinha todo o tempo do mundo, para dizer às pessoas o que sentia por elas, e para me construir um futuro. Mas, em um segundo, o condutor de um caminhão de cimento baixou a vista para trocar sua estação de rádio, ziguezagueou para meu carro, e em um abrir e fechar de olhos perdi tudo.

Ele afastou o olhar, mas ainda assim Xypher viu a dor

refletida em seus olhos.

— A última lembrança que tenho é de minha noiva me abraçando enquanto a chuva caía sobre nós, mesclando-se com meu sangue que se derramava sobre ela. Dizia-me que me amava e me suplicava que não morresse. Não queria ir.

Sua voz se quebrou por causa das emoções que tentava esconder, mas Xypher as sentiu e as viu de qualquer modo.

— Há tantas coisas que queria lhe dizer, mas os escombros me tinham esmagado a traquéia, e, não podia emitir uma só palavra. Tentei com todas minhas forças ficar com ela, mas não estava destinado a acontecer... Sequer pude levantar meu braço para tocá-la uma última vez.

Seu olhar se encontrou com o de Xypher.

— Por isso, sim, tenho um melhor entendimento de sua situação do que tem você. Estive aí, vivi-o, e ainda me carcome por dentro o fato de nunca ter dito a Julie quanto a amava. Teria levado somente três segundos. Três segundos, que rogo a Deus, poder recuperar. Pensa. — Jesse se desvaneceu da habitação.

Xypher se sentou em silêncio ao dar-se conta de que ainda que fosse um menino, Jesse era muito mais sensato do que ele teria acreditado. O problema era que as coisas não eram tão simples. De que serviria dizer a Simone que a amava a se não podia ficar? Somente a machucaria mais e isso era o último que queria.

Não. O melhor era guardar esse amor para si mesmo. Encerrá-lo dentro dele, onde só machucaria a uma pessoa, a ele. Preferia desse modo.

Obrigando-se a sair da cama, foi à ducha unir-se a ela.

— Não voltou a sonhar ontem à noite, verdade?

Xypher parou de barbear-se para olhar Simone no espelho.

— Como se deu conta?

— Estive pensando enquanto tomava banho, não estou segura porque, mas me cruzou esse pensamento. Sonhava quando estava no Tártaro?

— Não. Hades me tirou essa habilidade para que não pudesse usá-la como uma via de escape de minha tortura.



— Crê que seja a razão que não sonhou aqui?

Ele enxaguou a navalha no lavabo.

— Jaden restituiu todos os meus poderes. Deveria ser capaz de sonhar sem inconvenientes.

Ela parou a seu lado.

— Tentou sonhar?

Como poderia lhe explicar que ele estava vivendo o melhor sonho possível, estando aí com ela?

— Em realidade não.

— Talvez seja isso. Possivelmente somente precisa tentá-lo.

Como desejava que fosse tão fácil. Havia mais razões para que ele não estivesse sonhando, mas não queria pensar nisso agora.

No único que queria enfocar era nela. Beijou sua mão e retomou a tarefa de barbear-se.

Apesar de não estarem mais unidos pelas algemas, Xypher passou o resto do dia com Simone. Disse a si mesmo que iria atrás de Satara no dia seguinte. Somente queria um dia mais junto à mulher que o fazia rir.

Uma mulher que pensava que ele era extraordinário... Jesse e Glória se uniram a eles depois da aula, enquanto percorriam a pé o Distrito Francês e jantavam no Restaurante Alpine.

— Sempre viveu aqui? — perguntou, enquanto caminhavam entre as lojas da Royal Street, de retorno a seu apartamento.

Ela sorriu.

— Assim é. Exceto pelo tempo que passei no lar para órfãos, logo depois que meus pais morreram.

— Não menciona muito seus pais adotivos.

Ela enlaçou seu braço com o dele enquanto caminhavam.

— Carole e Dave. Eram pessoas maravilhosas. Queriam filhos próprios, mas, Carole não tinha sido capaz de conceber. A princípio, queriam adotar um bebê, mas, finalmente se renderam e decidiram acolher meninos maiores. Era a menor dos quatro que adotaram.

— Então tem irmãos?



— Na realidade não. Meus irmãos adotivos já tinham partido da casa quando cheguei. Trocamos cartões natalinos, mas, para ser honesta, somos virtualmente desconhecidos. O único que tínhamos em comum era os Ou'Learys. E a eles sim sinto saudades de montão. Cada vez que me punha triste, Carole me levava ao Fifi Mahoney's onde me fazia provar perucas e punha-se a me maquiar. Ela podia iluminar uma habitação inteira com seu sorriso.

— Você também.

Ela se deteve para olhá-lo.

— Você acredita?

— Absolutamente.

Simone se comoveu totalmente com seu elogio. Seguiram caminhando, com seus braços entrelaçados, brincando e jogando até que chegaram a seu apartamento.

— Então, o que aconteceu com seus pais adotivos?

Ela inspirou profundamente pela tristeza que lhe provocou a pergunta.

— Morreram em um acidente de carro durante meu primeiro ano de faculdade.

— Sinto muito.

— Está bem. Passou faz muito tempo, mas me deixou cicatrizes profundas. Não podia afastar a idéia de que estava condenada a perder a todas as pessoas que amasse. — Ela sacudiu a cabeça — Houve um tempo, em que levantava na metade da noite para me assegurar de que Jesse ainda estava comigo.

Xypher respirou fundo. E agora, ele também ia abandoná-la...

Não, jamais poderia lhe dizer que a amava. Seria cruel.

Simone abriu a porta de seu apartamento, e se deteve ao ver que alguém se desabava ao final do pequeno corredor. Apressando-se para a pessoa, surpreendeu-se ao encontrar-se com Kyle Peltier. Tinha uma terrível ferida em seu estômago. O sangue saía a fervuras.

Tremendo, estendeu a mão para Xypher e o agarrou pela camisa.

— Os gallus estão atacando a Kerry na em seu



apartamento. Ajuda-a. Por favor!

Xypher se endireitou de um salto.

— Leva-o ao Santuário.

Simone tragou saliva.

— E você?

— Tenho que me unir a uma briga. Jesse vá com Simone e se assegure de que nada lhe acontece. Se me necessitar, me busca imediatamente.

CAPÍTULO 16

Xypher foi correndo para o apartamento de Kerryana. De fora era idêntico ao de Simone, exceto este tinha um pequeno espelho que balançava na campainha, um espelho que estava desenhado para manter afastado aos gallu.

Se somente sortisse efeito.

Correu à porta e provou a maçaneta.

Esta girou.

Abrindo a porta, preparado para a batalha, surpreendeu-se de encontrar o lugar completamente vazio. Entrou lentamente na casa, esperando uma emboscada. Com nada exceto silêncio murmurando em seus ouvidos, foi de habitação em habitação procurando a Dimme.

— Ou seu corpo.

Não tinha pulso de coração no lugar. Mas, ali onde olhava via os restos da batalha. O mobiliário estava destroçado, as cantoneiras estavam sobre o chão. Era óbvio que Kerry e Kyle tinham apresentado uma tremenda luta.

Mas, a questão era, por que teria ido ela ali sem Xedrix?

— Maldição! — ofegou ele. Devia tê-la levado com eles quando partiram.

Xypher se apressou em retornar para encontrar Simone esforçando-se para colocar um inconsciente Kyle no carro. Ele agarrou ao cachorrinho e o levantou em seus braços antes de desvanecê-los ao Santuário.

Carson ficou em pé franzindo profundamente o cenho quando viu o sangue no corpo de Kyle.

— O que aconteceu?

— Foi atacado — Xypher conduziu Kyle à habitação onde Carson o tinha deitado a ele quando esteve ferido.

— Obrigado por trazê-lo aqui.

— De nada. Agora se me desculpa, tenho algumas más notícias que dar.

Xypher se voltou para Simone.

— Que más notícias? — perguntou ela.

— Acredito que agarraram Kerry.

Seu rosto empalideceu, Simone titubeou pelo choque.

— Os galos? Por quê?

— Para usá-la, estou seguro.

— Xedrix sabe?

Xypher voltou a olhar para o sangue no corpo de Kyle.

— Tenho uma ligeira hipótese de que não sabe. Acredito que Kyle devia estar dando uma olhada a seu negócio. Temos que ir a seu bar e contar ao Xedrix que o aconteceu.

Ela não podia estar mais de acordo.

— De acordo. Vamos com essa coisa de desvanecer-se...

sem náuseas esta vez. Esperemos.

— Um segundo — ele olhou ao Jesse — Você também. Glória agarre a ele assim não separaremos.

O próximo que soube Simone era que estavam no clube, o qual estava abarrotado com estudantes de instituto e locais. Todos eles permaneciam atrás do armazém onde Xedrix os trouxe originalmente.

Uma banda estava tocando alta e escura música. Xypher agarrou sua mão e a conduziu para a pista de dança. Na multidão, era impossível distinguir os Carontes dos humanos. A única maneira que podia notar a diferença era por seu sentido de demônio advertindo-a sobre eles sempre que se moviam perto de algum.

— Onde esta Xedrix? — Perguntou Xypher a um alto e moreno demônio que estava servindo bebidas.

— Está no bar.

Xypher abriu caminho para a área que estava marcada com tubos de néon e signos pintados a mão sobre o espelho com o logotipo do clube, os dentes de um vampiro com três gotas de sangue caindo de seus lábios.

Xedrix se sentava em um dos tamboretos, observando o público e bebendo absinto. Esticou-se no momento em que os viu aproximar-se.

— O que acontece?

Simone decidiu que ela tinha o dever de ser o arauto, como Xypher tinha advertido anteriormente, desde que ela era fêmea Xedrix estava menos disposto a machucá-la.

— É Kerryana. Encontramos ao Kyle Peltier ferido. Disse que os gallu a pegaram.

O copo na mão de Xedrix estalou enquanto seus olhos brilhavam em um terrível vermelho.

— O que quer dizer com a agarraram? — Agarrou a um dos demônios que estava passando e o lançou sobre o balcão.

Os humanos ao seu redor agarraram rapidamente suas bebidas e se afastaram.

— Onde está Kerryana? — exigiu Xedrix.

O Caronte empalideceu.

— A última vez que a vi disse que não se sentia bem.

Dirigiu-se escada acima ao escritório para deitar-se. Disse que não te dissesse isso. Não queria que se preocupasse. Comentou que voltaria antes que sentisse sua falta.

A fumaça saiu das janelas nasais de Xedrix em uma aterradora amostra de fúria.

— Por que a deixou sozinha?

— Estava doente assim subiu com o urso. Só fiz o que sua Katika me disse que fizesse.

Xypher franziu o cenho.

— Como pode estar doente?

Xedrix se voltou para ele com um feroz grunhido.

— Ela não está doente. Está grávida de meu simi.

Simone ofegou. Isso era mau.

Xedrix afastou de repente o tamborete, mas, antes que pudesse fazer algo, Xypher o agarrou pelo braço.

— Me leve contigo ao Kalosis.

Xedrix bufou ante ele.

— Está louco? Tem alguma idéia do que faria Stryker se te mostrasse ali?

— Não me importa.

Xedrix inclinou a cabeça a modo a perguntar.

— Sua vingança significa tanto para você?

Xypher capturou o olhar de Simone antes de responder.

— Minha vingança já não significa nada para mim. Envie-me ali e te trarei Kerryana.

Xedrix deu um passo atrás.

— O que está dizendo?

Xypher fez uma pausa enquanto pensava cuidadosamente em quanto queria dizer a eles. Não era só por trazer para a Kerryana de volta, era sobre o amparo de Simone. Ela significava mais para ele do que tinha significado qualquer outra coisa.

Inclusive sua vingança.

— Entendo por que não ficaria com Kerryana no Kalosis. Protege a Simone e tirarei Kerryana dali para você. Juro-o.

O demônio curvou seus lábios.

— Stryker nunca permitirá isso. Te matará no instante em que se mostre. Os galus querem utilizá-la, não a entregarão sem brigar.

— Stryker é meio humano e meio deus. Seus poderes não podem comparar-se com meus.

O sorriso zombador de Xedrix se estendeu.

— Você é meio deus Grego... Tem alguma idéia do que te faria Apollymi no minuto em que essa essência cruzasse seu nariz? Não poderá dar um passo antes que ela te empale. Sou o único quem tem uma oportunidade ali. Pelos deuses, que vou aproveitá-la.

Jesse amaldiçoou.

Simone se voltou para olhar e apontou por cima do ombro de Xedrix. Ali nas sombras, contra a parede, estava Kerryana e se via horrível.

Eles se apressaram ao seu lado.

Xedrix a atraiu aos seus braços e a sustentou perto.

— Está bem, minha arita?

Kerryana ofegou como se estivesse lutando com uma forte onda de náuseas. Ela se pegou ao Xedrix enquanto as lágrimas transbordavam em seus olhos.

— Eles me deram Aperia.

A cara de Xedrix empalideceu.

— O que é isso?— perguntou Simone.

Xypher amaldiçoou.

— É um veneno que atua lentamente e que é mortal para os demônios.

— Tenho doze horas — disse Kerryana, com a voz rouca — Se mato ao Xypher e à Destruidora, Satara me dará o antídoto. Xedrix olhou Xypher.

— Está morto filho da puta.

— Não! — estalou Kerryana, cobrindo sua cara e fazendo que olhasse para ela — Não podemos fazer isso.

Um furioso músculo se esticou no pescoço de Xedrix.

— Não vou deixá-la morrer. Não importa a quem tem que matar para te salvar. Farei.

Simone pigarreou chamando a atenção.

— Não podemos conseguir o antídoto?

Kerryana negou com a cabeça.

— Satara o tem e ela está custodiada por um cento dos Spathi Daimon e demônios gallu. Não há esperança. Ela quer ao

Xypher morto. Sua vida é a única coisa que dará em troca do antídoto.

Simone se negava a acreditar isso.

— Tem que haver outra maneira.

Xypher se voltou para ela quando recordou alguém que não só estava conectada com Apollymi e Satara, a não ser alguém que também lhe devia um favor.

— Tenho uma idéia. Dê-me seu telefone.

Simone o fez.

Ele o abriu e discou para Acheron quem respondeu ao primeiro toque.

— Necessito um favor.

Acheron riu.

— Seriamente?

— Mas, não de você. Preciso falar com Katra.

— Por quê? — Não passava despercebido o gelo no tom de Acheron. Não é que Xypher o culpasse. Katra era a filha de Acheron e estava seguro que o atlante faria algo por protegê-la. Mas, agora mesmo, tinham problemas muito mais urgentes.

— Necessito alguém que possa entrar no Kalosis, chutar o traseiro de Satara, e salvar a vida de uma inocente... Dimme.

— Onde está?

— Clube Vampiro no Ware House District. Conhece o lugar?

— Não, mas estarei ali em breve.

Desligou e olhou Xedrix.

— Tenho ao calvário vindo para cá. Confia em mim.

Deslizando Kerryyna a um lado, Xedrix alcançou a parede e baixou a alavanca de um alarme de incêndios. Esta soou em um tom ensurdecedor que abafou inclusive a música.

Cada humano no clube correu para as portas, enquanto os demônios se reuniam ao redor de Xedrix.

— Fechamos por esta noite — anunciou Xedrix a sua equipe — Tyris, chama o departamento de incêndios e lhes diga que um bêbado atirou da alavanca por engano.

Enquanto esperavam pelo Acheron, Xedrix levou Kerryyna ao balcão e a sentou em um tamborete.

— O que está planejando? — perguntou Simone ao

Xypher — E, não me diga que nada. Apreendi a te conhecer melhor que isso.

Ele olhou a Kerryana antes de responder.

— Estou cansado de ver sair ferida gente inocente. Vou acabar com isto de uma vez por todas.

— E se não puder?

— Farei.

Simone sentiu uma fissura no ar um instante antes que Acheron aparecesse com uma extremamente alta, incrivelmente formosa mulher loira que estava obviamente grávida. Devia ser a misteriosa Katra.

Os Carontes vaiaram tão logo os viram então caíram de joelhos.

Acheron olhou ao redor com uma sobrancelha totalmente arqueada.

— Isto é completamente inesperado — franziu o cenho ante o Xypher — De onde vieram os Carontes?

Xedrix levantou lentamente para ficar ante Acheron, mas se assegurou de manter seus olhos baixos.

— Nos perdoe akri, por nossa falta de vigilância. Não peço piedade para mim a não ser para meus homens, conserva suas vidas. Eles só me seguiram e fizeram o que lhes falei. Sou o único que deveria ser assassinado, não eles.

Katra ofegou ante a visão dos demônios.

— Assim que isto é o que aconteceu a todos vocês. Estou maravilhada. Encantada de ver todos outra vez, meninos! Alegro-me que tenham sobrevivido! Não tenho idéia de por que estão em um clube, mas ainda assim me alegro de que estejam todos aqui — Olhou ao Acheron e indicou Xedrix com um gesto de seu queixo — Xedrix é de particular interesse para você.

— Como assim?

— Bom, um, ele é o favorito de todos os demônios de sua mãe, e dois, é o irmão mais velho de seu Simi.

Acheron franziu o cenho ante sua revelação.

— De verdade?

Katra assentiu.

Xedrix parecia um pouco mais confuso que Acheron.

— Simi?

— Xiamara — disse Katra rapidamente.

Xedrix ficou com a boca aberta.

— Minha irmã vive?

Katra sorriu carinhosamente ao demônio e assentiu.

— E está completamente mimada.

Os olhos de Xedrix se suavizaram.

— Bendito seja, akri, por sua amabilidade e piedade.

Estive de causar pena durante séculos pelo destino de minha irmã Simi.

— Economize isso — disse Acheron em um tom impassível

— Xirena também vive conosco.

Kerryrna pôs sua mão na de Xedrix.

O demônio parecia encantado pelas notícias.

— Então posso morrer feliz, akri, sabendo que elas estão vivas. Obrigado!

Acheron revirou os olhos em branco.

— Não vou te matar, Xedrix. Simi me torturaria durante séculos se seque considerasse. Por certo, como fizeram tios para acabar de todos os lugares que há em um Bar de Nova Orleães?

Kerryrna sorriu, então fez uma careta como se uma onda de dor a golpeasse.

— O urso, Kyle Peltier, encontrou-os depois que escaparam do Kalosis. Estavam tentando comer um turista, mas Kyle os deteve antes que o matassem e lhes explicou que se queriam viver aqui e não morrer teria que seguir as regras e fazer um lar. Ele tomou seu próprio dinheiro e o investiu no bar e mostrou ao Xedrix como levá-lo. Os dois são sócios agora.

Katra entrecerrou os olhos sobre Kerryrna.

— Recordo de você de Las Vegas. Você é a Dimme que escapou.

— E eu de você, deusa. Lembro bem que tentou me matar.

— Ela não é diabólica, Kat — disse rapidamente Xypher, ficando entre elas — esteve ocultando-se tentando encaixar também no mundo.

Simone se adiantou.

— E ela é a única a que Satara envenenou. O único

antídoto para isto está no Kalosis com Satara. Como uma futura mãe, assim como você mesma, pode ver por que não podemos deixá-la morrer.

Xypher assentiu.

— Esperava que você pudesse nos ajudar.

Acheron encontrou o olhar de Katra.

— Sabe que não posso ir ali sem que o mundo se acabe.

Terá que fazê-lo você mesma.

Katra sorriu.

— Sei. Estará bem voltar — Aplaudiu carinhosamente Xedrix no braço — Não se preocupe Xed. Kalosis é o único lugar onde Satara e Stryker não podem me tocar. Você sabe o que lhes faria minha avó se tentassem.

Xedrix assentiu.

Quando começou a desvanecer-se, Xypher a deteve.

— Espera Kat. Quero ir contigo.

Katra franziu o cenho ante ele.

— Está seguro?

Xypher assentiu, então olhou Simone.

—Tenho que fazê-lo.

— Sei — disse Simone lentamente — Só quero te dizer algo antes que vá.

— O que?

— Te amo.

Xypher não podia respirar quando essas palavras o impactaram igual a uma rajada psíquica. Ele embalou sua bochecha em sua mão.

— Isso não é possível.

— Acredite, é, e será melhor que volte aqui ou vou estar realmente zangada contigo.

Ele pressionou sua bochecha com as dela e inalou seu precioso perfume.

— Não tema — sussurrou ao ouvido — Voltarei para te incomodar.

— Melhor que o faça.

Xypher fez a coisa mais difícil que tinha feito em sua vida. Separou-se de Simone e se uniu a Katra.

— Vamos.

Katra se esticou e lhe tocou o braço antes de abrir o portal ao Kalosis.

Xypher observou a formosa face de Simone até que se dissolveu na escuridão.

Em um batimento do coração, piscou quando se materializaram no que parecia ser um enorme hall de algum tipo. Havia Daimons reunidos ao redor como se esperassem por algo.

Ou alguém.

Kat girou para sua esquerda e foi ali que ele viu um enorme trono. E sentado nele Stryker com Satara de pé ao lado.

— Não está morto — disse Satara quando viu Xypher — Que pena.

Katra riu ante o comentário de Satara.

— Não morrerá prima. Dê-me o antídoto.

— OH, não posso fazer isso — disse Satara sorrindo bobamente.

— Sim — disse Kat, zombando dela — pode.

— Não, temo que não — Satara fez uma preciosa careta — Tive um acidente. Foi-se.

Kat arqueou uma fina sobrancelha.

— Perdeu a cabeça? Sabe o que te fará Xedrix uma vez lhe diga que já não o tem?

— Xedrix? O demônio? Está morto.

— Não, não está — Kat cruzou seus braços sobre o peito. Este jogo se agravava já que ela podia dizer que Satara estava mentindo. Sabia perfeitamente que Xedrix estava vivo — Ele é o pai do bebê de Kerryana. Não poderia ter conseguido um pior inimigo. Ao contrário de Xypher, ele pode entrar aqui a cada vez que queira e terá o respaldo da Destruidora quando te arrancar o coração. Suponho que será melhor que vá dizer lhe que afie suas garras.

Kat começou a desvanecer-se.

— OH, espera, Quer dizer este antídoto? — Satara tirou um pequeno frasco de entre seus peitos — Esqueci que o tinha.

— OH, estou segura.

Satara estendeu o tubo a um Daimon que se adiantou

para dá-lo a Kat. O tubo era um cristal claro com um brilhante líquido vermelho em seu interior.

Kat assegurou ao Xypher que esse era o soro com um assentimento da cabeça.

Agradecido de que Kerryna ficaria bem, Xypher se moveu para ficar em frente do trono de Stryker.

— Enquanto estou aqui, quero um trato.

Satara piscou ante as palavras de Xypher como se tivesse ouvido mal.

— O que?

— Já me ouviu. Vim para terminar com nosso passado. E quero que saia completamente de minha vida. Não mais demônios, não mais venenos. Não mais estupidez. Você me deixa em paz e deixarei em paz a você.

Satara parecia espantada.

— Seriamente?

Stryker se inclinou para falar com ela.

— Eu aceitaria esse trato, Satara. Duvido que encontre algo melhor.

Os olhos de Satara se entrecerraram com perspicácia.

— Por que é tão importante para você?

Ele conhecia uma resposta melhor para essa pergunta que a verdade. Isso só feriria Simone.

— Isso não é importante e tampouco seu assunto. Só tenho duas semanas mais na terra e as quero desfrutar.

— Isso é tudo?

— É tudo.

Satara riu ironicamente.

— E realmente espera que creia que você me deixará ir com vida enquanto você volta para inferno? Em paz. Sem dano, sem falta?

— Sim.

Ela desceu do estrado para aproximar-se dele de maneira zombadora.

— Pensa que nasci ontem? Conheço-te melhor que isso. Você não tem intenção de ver esse encontro.

Xypher negou com a cabeça.

— Você não sabe tudo sobre mim. Nunca o soube. Quero

paz e quero deixar sozinha a Simone.

Ela tamborilou seus dedos contra a parte superior de seus braços antes de falar em um tom baixo, letal.

— Então, suicide-se,

Isso fez que Xypher voltasse a piscar em incredulidade pelo que tinha ouvido.

— O que?

— Já me ouviu, Xypher. Se quiser paz e enterrar a tocha, então faz. Suicide-se.

— Satara! — Acautelou-a Katra com aborrecimento.

— Nada de Satara, Kat. Sei como jogar este jogo, e, mais ainda como ganhá-lo — ela voltou sua atenção de novo para Xypher — Assim, o que decide?

Xypher ficou ali em silêncio considerando sua oferta.

— Como sei que não está mentindo?

— Juro sobre o rio Stigia que se você se suicida, nunca me aproximarei outra vez de Simone. Ela estará completamente a salvo de mim ou de qualquer dos demônios ou Daimon aqui no Kalosis. Inclusive lhe enviarei um cartão de aniversário cada ano, além disso.

Xypher olhou Kat, cuja cara estava cinza.

“Não”, ordenava-lhe sua voz interior. Mas, quando considerou isto mais profundamente, tinha sentido. Ele ia morrer de toda forma. Que diferença faria realmente duas semanas? Nenhuma outra que lhe dar mais lembranças de Simone para torturá-lo.

Mais tempo para amá-la.

Mais tempo para que ele amasse a ela.

Não, seria mais fácil para ambos que terminasse com tudo isso agora. Tirar a tirinha e deixar que a ferida começasse a curar.

Com o coração quebrado, assentiu.

— Ao que parece, então.

Kat ofegou.

— Não pode fazer isto, Xypher.

— Sim, posso. É a única maneira de garantir a segurança de Simone.

Satara se deteve ao lado de um Daimon e extraiu uma

espada curta de seu peito. Seu caminhar sedutor enquanto se aproximava dele. Ela posicionou a espada ante seu coração.

—Temos um trato?

Ele assentiu.

Satara o apunhalou diretamente atravessando seu coração.

— Sinto muito. Não queria que trocasse de idéia a respeito de morrer.

Xypher titubeou, ofegando quando a dor o atravessou.

Ele se afundou no chão.

Kat se ajoelhou a seu lado.

— Xypher?

— Não diga a Simone o que fiz. Deixa-a ir, em paz... por favor. Diga-lhe que foi rápido.

Kat o sustentava perto dela, mas, o seu não era o rosto que ele queria. Ele queria ver Simone por uma última vez. Mas fazendo isto, estava protegendo-a e isso era tudo o que importava.

Baixou o olhar a seu braço onde estava escrito seu voto de vingança. As palavras se dissolveram enquanto se esforçava por respirar.

Terminou...

Kat observou como a luz abandonou os olhos de Xypher e ele expirou seu último fôlego.

Satara sorria.

Kat franziu o lábio ante a presunção na face de Satara.

— Puta egoísta.

— OH, te cale, Kat. Tem o que buscava, agora vai.

Kat se levantou em toda sua altura, esgotando Satara.

— Um dia, alguém vai te dar exatamente o que merece. Não posso esperar a vê-lo.

E com isso, retornou ao clube.

Negando-se a olhar Simone, Kat estendeu o antídoto a Kerryna quem lhe sorriu em agradecimento antes de beber.

— Onde está Xypher?

Essa pergunta de Simone a atravessou. Não quero fazer isto...

Mas, não tinha escolha. Voltando-se, sentiu-se doente. O

rosto de Simone se via tão esperançado, era óbvio que esperava que Xypher aparecesse em algum momento.

Tragando o nó na garganta, estendeu-se para ela e tomou as mãos de Simone nas suas.

— Não o conseguiu, doçura. Caiu na batalha.

CAPÍTULO 17

Simone cambaleou para trás. Não. Não podia ser.

— Isso não é divertido, Katra. Não gosto destes jogos.

— Desejaria estar jogando, mas não estou.

Simone viu o olhar de culpa e horror mesclados no rosto daqueles ao seu redor e isto a devolveu a quando era uma menina.

“A pobre viu tudo. Sua mãe e seu irmão morreram ante seus olhos. Isto a perseguirá para sempre.”

Essa era a mesma expressão que tinham todos agora, ficavam olhando como se fosse estranha. E, profundamente em seu interior todos agradeciam que acontecesse a ela e não a eles. Não diriam, eram muito educados para isso, mas ela sabia a verdade.

Jesse lhe estendeu a mão.

— Simone, está bem?

Como podia estar bem? Xypher estava morto.

Ela sentiu esse ardor em seus olhos que assinalava que estavam voltando-se vermelhos. Queria o sangue dos que o tinham matado.

— Me diga o que aconteceu — exigiu ela, sua voz era um demoníaco grunhido.

— Prometi que não o faria. Ele queria que vivesse em paz

e que seguisse com sua vida.

Seguir com sua vida... Estava cansada de recolher as peças e seguir adiante.

— Obteve sua vingança contra Satara?

Katra afastou o olhar timidamente e de repente Simone teve total clareza.

— Assim, então é isso! Escolheu vingar-se e morrer a retornar comigo. Ao menos morreu feliz. Obteve o que queria.

Kat teve que morder a língua para evitar lhe dizer a verdade. Mas, agora entendia por que Xypher lhe tinha pedido que não o fizesse. Se Simone soubesse que ele tinha dado sua vida para salvar a dela, isso a mataria.

Igual mataria a Katra perder seu marido. Que ele se sacrificasse por ela só a machucaria mais e nunca teria paz pela culpa e a raiva.

Simone olhou para Xedrix que permanecia ao lado de Kerrya, sustentando sua mão.

Ela nunca tocaria Xypher outra vez. Deixando escapar uma esfarrapada respiração, voltou-se para Glória e Jesse.

— Quero ir para casa.

Acheron deu um passo adiante.

— Eu te levarei.

— Obrigada.

Estendeu-lhe a mão e ela tomou. Imediatamente ao fazê-lo, todos estavam de volta em sua casa. Não, não todos. Faltava Xypher.

— Há algo que possa fazer? — Perguntou Ash.

Ela negou com a cabeça.

— Provavelmente deveria comprovar Kyle e ver como o está indo.

— Já o fizemos. Está bem. Recuperará em breve e não deve ficar dano algum além de um par de cicatrizes.

— Isso é bom. Suponho que isso descreve a todos, hum? Obrigada por me trazer para casa, Acheron.

— De nada. Tem meu número em seu telefone. Se necessitar para algo, chama.

— Aprecio-o.

Então ele se foi.



Jesse e Glória ficaram a um lado, observando-a com expressão preocupada.

— Estou bem, meninos. Por que não vão e põem alguns discos ou algo?

Jesse tragou.

— Está me assustando, Simone.

Ela assustava a si mesma. Estava tão ferida interiormente que sequer podia chorar. Era como se tivesse sido estripada e não ficasse nada exceto um buraco vazio onde estava seu coração e sua alma.

Querendo estar sozinha, tirou o casaco e o atirou ao chão de caminho a sua habitação.

A cama ainda estava desfeita de seus anteriores jogos.

Pôs esse pensamento de lado. Se não significava nada mais para ele que isso, certamente não significava nada para ela. Com a raiva fervendo a fogo lento, arrancou o travesseiro para fazer a cama.

E foi então quando a essência de Xypher a golpeou com força. Abraçou o travesseiro contra seu peito e inalou a cálida essência masculina.

Isso sacudiu seu intumescimento. A pena e a angústia se elevaram até que quis gritar de dor.

Em vez disso, afundou-se de joelhos quando as implacáveis lágrimas a assaltaram.

Xypher se tinha ido.

— Maldito seja, bastardo, maldito seja!

Mas, o problema era que ela não queria o amaldiçoar. O pensamento dele no Tártaro sendo torturado... Isso era mais do que podia suportar.

Xypher permanecia no centro de uma cela que conhecia inclusive melhor que o dorso de sua mão. Com o passar dos séculos, tinha contado cada grão de areia. Tinha-o saturado tudo com seu sangue.

Agora estava de volta.

As cadeias saíam do teto e se enroscavam ao redor de seus pulsos. Por uma vez não tinha lutado quando o levantaram do chão. Seus braços ardiavam pelo peso de seu corpo.

Mas, a dor não era nada comparada ao único que doía em

seu peito.

Simone.

Estou protegendo-a. Repetia essas palavras uma e outra vez e só elas lhe davam consolo. Sofreria uma tortura eterna antes que ferir ela.

Valia-o.

A porta de sua cela se abriu.

Xypher conteve a si mesmo quando viu o deus do Inframundo. Alto e escuro Hades estava vestido de negro. Ele inclinou a cabeça para estudá-lo.

— Não acreditei que durasse um mês aí fora. Parece que tinha razão.

— Não estou de humor para falar, Hades. Só começa a tortura.

— Interessante. Meus prisioneiros me rogando que os fira. E pensar, que agora mesmo, você poderia estar nos braços de Simone e não deitado aqui como um pedaço de carne.

— Deixa-a fora disto.

— Isso, infelizmente, não posso fazer.

O temor agarrou o coração de Xypher.

— O que quer dizer?

— Sabe Xypher, realmente te odeio. Verdadeiramente. Devo dizer que te torturar foi um de meus grandes prazeres. E agora, como sempre, acaba fodendo-me.

— Estou aqui pendurado, esperando que me golpeie. Diga! Como diabo poderia foder a você?

— Porque tenho que te deixar ir, bastardo.

A incredulidade passou através dele.

— O que?

— O trato que fiz com Kat... Recorda? Te permiti ser humano durante um mês e se nesse tempo encontrava sua humanidade, seria livre. Sacrificou-se generosamente por outro. E isso, sequer te levou um mês. Maldito seja.

Xypher ainda não podia acreditar o que estava ouvindo.

As cadeias se desprenderam tão rápido que caiu ao chão.

— Sai daqui, Skotos. Já não posso te reter.

Simone estava ainda derrubada no centro do chão quando soou seu telefone.



Olhou o número e viu que era Tate.

Deixando escapar um esfarrapado suspiro, clareou a garganta e respondeu.

— Há outro demônio assassino.

— Está seguro?

— Absolutamente. Já conhece o procedimento... estamos na esquina com o Rampart e Esplanade.

— Estarei ali — desligou e secou os olhos antes de ir à habitação do Jesse. Encontrou a ele e Glória derrubando-se sobre sua cama. Apartaram-se tão logo a viram.

— Um, nós só estávamos...

— Está bem, Jesse. Vou encontrar com Tate e não queria que se preocupasse. Voltarei logo.

— Está segura disso? Não necessita um pouco de tempo?

— A vida contínua, certo? — essa era a única lição que tinha aprendido — Não é como se tivesse que planejar um funeral ou algo. Além disso, posso fazê-lo como uma distração.

Fechou a porta e se dirigiu para seu carro.

Poderia usar seus poderes de demônio.

Sim, poderia, mas agora mesmo não queria pensar nessa parte dela. Queria sua vida de volta da maneira que tinha sido antes que Xypher a trocasse. Mais que tudo, queria se libertar da dor que rasgava seu coração.

Não levou muito tempo chegar à cena do crime. As luzes da polícia brilhavam na escuridão.

Saiu e se dirigiu para Tate, que estava sozinho, ante um corpo coberto.

— Alguma vez toma um dia livre?

— Não quando o assassino é assim de estranho — ele olhou além de seu ombro — Onde está...?

— Foi-se. Deixemos assim, certo?

Mas, por sua expressão ela podia dizer que as notícias o surpreenderam, porém ele não queria pressionar.

— Jane Dou. As mesmas feridas que Glória e nosso tio no Market que estalou em chamas em uma combustão espontânea por causa do gás. Quer dar uma olhada de perto?

— Tanto quanto uma chave de fenda na concha de meu olho. Claro, me deixe dar uma olhada.



— Oooh, bem-vinda, Sra. Snark. Senti saudades.

Simone não respondeu quando descobriu o corpo e jogou um olhar a pobre mulher. Tate tinha razão, e quando se agachou um inequívoco risco de aroma a golpeou.

Kaiaphas.

O corpo da mulher fedia ao demônio.

Ela fechou os olhos quando começaram a trocar e forçou a si mesma a acalmar-se. Assim, o irmão de Xypher tinha sido todo o tempo o assassino que estavam procurando.

Certamente Xypher também o tinha cheirado. Por que não havia dito?

Ficou lentamente em pé.

— Necessito que o corpo tenha combustão instantaneamente outra vez, Tate.

— Claro... necessito algo melhor que isso.

Simone levantou o olhar passando deles. Havia uma casa com um beiral que estava solto.

Isso funcionaria.

Afastou Tate com o braço um instante antes de usar seus poderes para tirá-lo rapidamente.

Isto caiu sobre o corpo, decapitando-o.

— Problema resolvido.

Tate ofegou ante ela e levantou sua mão.

— Não quero saber como fez. Meu relatório já é bastante complicado.

Simone começou a responder, mas a sensação de ser observada retornou a ela. Esta se arrastava sobre sua pele com uma maliciosa intenção.

Esta vez, por causa de seus poderes, podia fixá-lo.

— Estará bem, Tate.

Ela retrocedeu quando o fotógrafo veio correndo a tirar mais fotos. Enquanto Tate se encarregava dele e dos oficiais de polícia, ela deslizou na escuridão para a fonte de seu desconforto.

— Kaiaphas — chamou ela — Sei que está aí fora.

Ele apareceu diretamente detrás dela, cheirando seu cabelo.

— Cheira igual ao gado e demônio. Tem idéia de quão

provocador é isso?

— Fantástico. Tenho feromônios de demônio. Justo o que sempre quis.

Kaiaphas riu.

— Xypher não te disse nada a respeito de sua família, verdade?

— Não.

— Seu pai, Palackas, foi um dos mais brutais assassinos que jamais conheci. Antes que fosse escravizado, o conheciam por arrasar povos inteiros, assassinar homens, meninos e qualquer um que ficasse em seu caminho.

— Está mentindo!

— Não, não o faço. Por que pensa que seu mestre estava tão decidido a lhe trazer de volta? Ele era muito perigoso para ser inclusive liberado.

Estava mentindo e ela sabia.

— Meu pai não foi assim. Era um bom homem.

Kaiaphas a agarrou pela cabeça e sussurrou algo que ela não podia entender.

Em sua mente, viu seu pai jovem. Não, não um humano. Era um demônio. Seus olhos eram vermelhos como o fogo, seus dentes trincados e afiados, quando irrompia através de uma antiga aldeia assassinando tudo o que via.

Como podia ser isso?

— Sabia que Palackas tinha desovado. Só que não estava seguro de que essa fosse você. Cheira igual a sua mãe... mas não havia essência do Palackas em você.

— Como sabe ao que cheirava minha mãe?

— Eu estava ali, Simone. Não o recorda?

Ela ofegou quando retornou a essa noite. Estava outra vez no assento de atrás, olhando pela janela.

Havia dois homens...

Não, eram três. Ele se tinha inclinado e tinha arrebatado o colar de sua mãe do pescoço. Então havia se tornado como se a sentisse. Congelada, não podia mover-se. Tudo o que podia fazer era rogar que o encosto de cabeças do carro bloqueasse sua visão.

Então as sirenes da polícia tinham alagado o ar.



O homem na loja se foi.
Não, eles tinham desvanecido onde estavam...
Uma autêntica raiva a atravessou.

— Bastardo!

Ele riu.

— Faz que pareça uma morte humana, havia dito meu mestre. Se Palackas quer viver como um, pode morrer como um. E assim o fiz. Assassinei a sua família sabendo que ele não viveria sem eles. Um poderoso demônio derrotado por um simples disparo à cabeça... mas você já sabe, não é assim? Você encontrou seu corpo.

Chiando de raiva, Simone se voltou para ele e lhe disparou uma rajada de energia que lhe tinha ensinado Xypher.

Kaiaphas esquivou e riu.

— Não pensará realmente que um truque tão friável funcionaria comigo? — A esbofeteou com força—. Sabe por que sua mãe alguma vez veio te ver depois de sua morte? Comi sua alma, assim como comi a de seu irmão. E agora, vou comer a sua.

— Prova isto — ela o cabeceou nos lábios, partindo-os.

Ele titubeou. Deixando que o poder que tinha herdado de seu pai a conduzisse, lhe deu uma patada de tesoura, golpeando então o bastante forte nos intestinos para levantá-lo de seus pés.

A pele de Kaiaphas começou a ferver quando lhe saíram essas serradas presas. Ele esquivou seu próximo murro e a golpeou no flanco.

Levantando-a pelo pescoço, lançou-a contra o chão. Saindo de um nada, ele manifestou uma espada.

Simone procurou uma arma, um ramo... algo.

Não havia nada a seu redor.

— Prova com isto.

Ela se sobressaltou ao ouvir a profunda voz em seu ouvido e encontrar ali um homem que tinha um vívido olho verde e outro marrom. Era magnífico e lhe estendia uma pequena espada.

Sem perguntar nada, alcançou a espada. No momento em que ela tocou o punho, um débil brilho de poder atravessou todo seu corpo.

Ouviu vozes sussurrando em vários idiomas.

— Essa Simone era a voz de seu pai.

— Papai?

— Fecha seus olhos, pequena, e nós lhe guiaremos.

Confiando implicitamente em seu pai, fez o que lhe disse, e no momento em que ficou às cegas, viu tudo com clareza.

Inclusive o vento era visível para o demônio em seu interior.

Kaiaphas avançou e ela o parou. Quanto mais forte lançava rajadas contra sua espada, mais fácil resultava pará-lo e lutar com ele. Quanto mais o desviava, mais furioso ficava Kaiaphas.

— Vai me rogar por piedade, igual a sua mãe.

Ela chiou os dentes até que ouviu a voz de seu pai outra vez ao ouvido.

— A ira é sua inimiga. Avança sem ira, mas com um propósito.

E, no momento em que o fez, sua folha cantou a verdade. Esta desviou o golpe do Kaiaphas e se enterrou profundamente no coração do demônio.

— Isso é por minha mãe — disse ela, seus olhos cheios de lágrimas — E por meu irmão pequeno cujo futuro ceifou. Arde no inferno, filho da puta.

Ela arrancou a espada de seu peito, girando-a enquanto o fazia.

Um instante depois, ele ardeu em chamas. Seus gritos encheram a escuridão.

De repente, havia alguém aplaudindo detrás dela.

Simone se voltou para ver o homem que lhe tinha dado a espada.

— Quem é?

— Não faça perguntas que já sabe as respostas.

— É Jaden.

Inclinou a cabeça ante ela em um gesto zombador.

Ela baixou o olhar à espada que era diferente a qualquer que tivesse visto antes. A manga negra tinha matizes vermelhos. Rosas negras e trepadeiras desciam pela folha curvando-se ligeiramente.



— Por que me entregou isto?

— Prometi paz a seu pai. Disse-lhe que nenhum demônio machucaria ao último de seus filhos. Como te disse Xypher, não posso matar eu mesmo para cumprir um pacto. Só posso prover um meio.

Estendeu a espada, mas ele se negou a pegá-la.

— Isso pertence a sua linha de sangue, demonikyn. Guarda-a bem. A espada de um demônio é o melhor amparo contra outros de seu tipo. Com isto, pode matar a qualquer demônio que venha por você ou por um dos teus.

— Obrigada.

Ele riu.

— Não me agradeça isso. Não faço nada pelo que não tenha combinado.

Ele começou a desvanecer-se.

— Jaden, espera!

Solidificou-se diante dela.

Simone tentou falar, mas as palavras não lhe saíam. Queria falar a respeito de Xypher e ainda assim não podia.

— Ele se entregou por você — disse Jaden em tom estóico.

— O que?

— Isso é o que queria saber, não? Xypher permitiu que Satara o matasse em troca de dar sua palavra de que te deixaria em paz. Entregou sua vingança para te manter a salvo.

— Não, ele tomou sua vingança.

Jaden pousou uma mão sobre seu ombro, e em sua mente, ela viu Xypher no Kalosis. Ouviu as palavras pronunciadas com clareza e viu quando ele morria nos braços de Kat.

— Não! — gritou ela, incapaz de suportá-lo — Tem que ajudá-lo.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Você faz entendimentos. Xypher disse que tinha o poder para fazer algo. Algo.

— O que está sugerindo?

— Se liberar o Xypher do Tártaro, pode ficar com minha alma.

— Entende o trato que está fazendo? Uma vez que tome

sua alma, será propriedade de qualquer um que lhe dê essa alma. Será um demônio vinculado, sujeito aos caprichos de seu mestre. Não de seu próprio destino, nem de seu futuro. Nada.

— Não me importa. Xypher morreu por mim. Não posso deixar que o castiguem por isso.

— Ele morreu para te manter a salvo.

— Estarei a salvo enquanto esteja vinculada. Ele terá o que queria. Por favor, Jaden. Não posso viver sabendo que está sendo torturado.

— Muito bem — lhe estendeu uma adaga — Abre uma veia, irmã.

Xypher se materializou no dormitório de Simone, esperando encontrá-la ali.

Estava vazio.

Fechando os olhos, sentiu presenças no apartamento. Simone não estava, mas sim Jesse e Glória na habitação de Jesse.

Sem pensar, materializou-se ali para encontrar aos dois fantasmas completamente nus na cama.

— OH, deuses, estou cego — se apressou em lhes dar as costas.

— Não chama?— disse Jesse, até que se deu conta de que Xypher estava de volta — OH, meu deus, está morto.

— Não tão morto como está você, menino-fantasma. Onde está Simone?

— Saiu a atender uma chamada.

— Onde?

— Não disse. Chama o Tate e pergunte. Seu número está na geladeira.

Xypher os deixou para ir à cozinha onde rapidamente localizou o cartão do Tate. Agarrando o telefone fixo, discou o número.

Respondeu ao segundo toque.

— Tate? Sou Xypher. Onde está Simone?

— Disse que te tinha ido.

— Sim, mas estou de volta e estou tentando encontrá-la.

— Bom, ela esteve aqui faz um segundo. Vi-a cruzando a

rua assim deveria...

Usando seus poderes para rastrear a localização do Tate, Xypher se manifestou em frente dele antes que pudesse dizer outra palavra.

Tate olhou ao redor.

— Maldição, tem sorte de que ninguém o visse. Incógnito, menino, in-cóg-ni-to.

— Não tenho tempo para isso, preciso encontrar a Simone.

— Hey, Doc Pode vir aqui um segundo?

— Ajudarei a procurá-la em um segundo — disse ao Xypher antes de ir para o oficial.

Xypher grunhiu antes de sentir essa abertura no ar.

Jaden.

Um mau pressentimento passou através dele quando se centrou nisso e o foi buscar.

Ele deu a volta à esquina e congelou. Não! A simples palavra jogou raízes em sua mente quando viu Simone no chão.

Apavorado, correu para ela e a agarrou em seus braços. Mas, ao momento de tocá-la, soube.

Estava morta.

Atravessou ao Jaden com o olhar.

— O que fez?

— Não tenho feito nada. O fez ela.

— Não te atreva a jogar a esse estúpido jogo comigo, Jaden. Que trato têm feito?

— Ela queria te tirar do Tártaro.

— Fodido bastardo. Eu já estava fora do Tártaro.

— Sei.

— Sabia e ainda assim fez o pacto?

Ele se encolheu de ombros.

— Queria saber quão longe chegaria ela.

Uma furiosa impotência se estendeu através dele. Incapaz de pensar deixou Simone no chão e carregou contra Jaden.

Jaden o agarrou e lhe devolveu o golpe, sujeitando-o ao flanco de uma casa.

— Melhor pensar isso duas vezes antes de vir por mim,

demônio — a fúria do inferno ardia profundamente nesses olhos de duas cores. As presas de Jaden reluziram quando falou em cortantes e diretas palavras — Se Simone tivesse permanecido com vida, você a veria morrer de anciã, enquanto você continuaria vivendo eternamente em sua atual forma. É isso o que queria?

Xypher piscou com incredulidade.

— O que?

Jaden lhe deu as costas, então o liberou. Tirou um pequeno tubo de uma substância branca do interior do bolso de sua jaqueta.

— Ela é livre de sua vida humana a partir de agora. Não envelhecerá e não morrerá.

— Mas está vinculada.

Jaden inclinou a cabeça.

— Sim, está — ele ficou olhando a alma dela durante todo um minuto antes de estender ao Xypher.

— Qual é o preço?

— Vocês dois me deverão um favor. Um dia, virei a cobrá-lo — fechou a mão do Xypher sobre o tubo, então se desvaneceu.

Xypher não podia respirar enquanto ficava olhando a alma dela em sua mão. Não podia acreditar que Jaden fizesse isso por eles.

Por quê?

Isso ia contra tudo o que ele sabia sobre o demônio do pacto.

A cavalo dado não se olham os dentes. Sabia que Jaden o sabia, não havia nada no mundo ou em qualquer outro que ele não teria feito para liberar Simone.

Seu coração pulsava de alegria, levou o frasco ao corpo dela e liberou sua alma.

Ela abriu os olhos e o ficou olhando.

— Xypher?

— Seu pior pesadelo retornou.

Jaden tomou um momento para voltar a olhar ao Xypher e Simone os quais se sustentavam o um ao outro com tudo o que

tinham.

Ele recordou uma época em que tinha feito o mesmo.

— Façam o que façam, não traiam o um ao outro.

A banda sobre seu pescoço se esquentou e o perfurou. Dando um coice, deixou-os e retornou ao seu mestre. Os ventos abrasadores lhe cortavam o corpo quando parou, esperando.

— O que tem feito?

— Meu trabalho.

Uma rajada invisível lhe rasgou a bochecha até o osso. Jaden amaldiçoou ante a dor da ferida.

— Mas sem valor. Deixou ir à filha do Palackas?

— Cumpri um pacto que foi feito de boa fé.

Outra rajada o cortou tão profundamente através do torso que o forçou a ficar de joelhos.

— Sua compaixão me desgosta.

— Sim, bem, você tampouco me emociona exatamente — Jaden se deu conta que deveria haver guardado sua opinião para si mesmo quando foi arrojado contra a parede.

— Um dia, cão, aprenderá a obediência.

Jaden tragou quando suas roupas lhe foram arrancadas. Sabia que castigo estava por chegar e ia doer lhe como o inferno.

Sim, Xypher e Simone lhe deviam mais do que podiam sequer sonhar.

Xypher suspirou quando se derrubou contra Simone quem estava ainda ronronando de satisfação.

— Gosto do sexo demoníaco — disse ela, rodando para sujeitá-lo à cama.

— Disse que o faria.

Ela riu, então o beijou sem pensar.

— Obrigada, Xypher.

— Por quê?

— Por tentar me proteger.

— Não fui a que comercializou com minha alma para me tirar do inferno.

— Não, mas deu sua vida para me manter a salvo. Acredito que isso nos põe ao mesmo nível.



Ele embalou sua cara nas mãos.

— Amo-te, Simone. E juro com cada parte de mim que jamais duvidará disso.

Ela agarrou sua mão direita na dela e beijou os nódulos.

— Não se preocupe, não o farei.

Simone sorriu antes de deitar-se de barriga para baixo sobre ele e mantê-lo perto. Fechando os olhos, deu-se conta de que Xypher lhe tinha dado muito mais que seu amor. Tinha-lhe dado uma família e lhe ensinou coisas sobre ela mesma que nunca tinha conhecido.

Pela primeira vez em sua vida, tinha um verdadeiro futuro para o que olhar.

E uma família que estaria com ela sem importar o que.

UMA NOVELA DOS DARK-HUNTER

ACHERON

Chegará ao verão do 2008-02-07

Da mão do St. Martin Press

23 Junho, 9527 DC

Acheron se sentava sobre o corrimão de seu balcão totalmente bêbado, enquanto observava o elaborado vestuário dos inúmeros convidados que chegavam para a festa de aniversário abaixo no palácio. Suas costas estavam esmagadas contra o edifício, enquanto suas pernas se estendiam ante ele em uma precária balança. Não estava seguro de quanto se embebedou até este ponto.

Infelizmente, não era o suficiente para matá-lo. Mas, se tinha sorte, possivelmente ainda cairia de seu posto às rochas, uns cem pés abaixo e morreria ali horrorosamente.

Isso foderia definitivamente a festa de aniversário de

seu irmão gêmeo. Pela primeira vez em semanas, riu ante o pensamento de Styxx caindo fulminado em frente dos nobres e dignatários congregados.

Isso lhes faria um favor.

— Também é meu aniversário — gritou ele, sabendo que não podiam ouvi-lo. Inclusive se pudessem não lhes importaria.

Nem sequer Artemisa podia incomodar-se em celebrá-lo com ele. Por quê?

Por que ela temia que alguém os visse juntos...

Os deuses o proibiram.

Acheron voltou a cabeça e se encolheu quando a dor o atravessou. Odiava o fato de que ela sozinha pudesse lhe provocar tanta angústia. Assim, que se protegeu cuidadosamente a si mesmo da crueldade daqueles a seu redor. Mas Artemisa, rasgava-o a um nível que ninguém havia tocado jamais.

E, igual a todo mundo, não lhe importava quanto o machucava.

Então, outra vez deveria estar agradecido. Ao menos este ano não estava celebrando o aniversário de seu nascimento na prisão... Ou espancado.

Sempre sozinho. Inclusive quando estava em uma multidão, rodeado por gente, estava sozinho.

Verdadeiramente, estava cansado disto. Ninguém o queria. A única razão pela que sua chamada família se preocupava se vivia ou morria era por que se ele morria, seu amado Styxx morreria também.

— Tive o bastante.

Inclusive embora só tivesse vinte e um anos, estava tão cansado como um ancião. Tinha vivido além de seus anos e não queria mais dor. Não mais solidão.

Era hora de acabar com isto.

As vozes que ouvia em sua cabeça gritavam agora com mais força. Elas o chamavam para casa...

Acheron ficou de pé sobre o corrimão. Os ventos se elevavam abaixo, por cima dele, movendo seu cabelo quando baixou o olhar para o escuro mar. Atirou sua taça e observou como esta caía, desvanecendo-se de sua vista.



Um passo.

Não haveria dor.

Tudo terminaria.

— É o momento — Sussurrou ele.

Não havia ninguém ali para detê-lo esta vez. Nenhuma Ryssa que atirasse dele para trás. Nenhum pai para sujeitá-lo e impedi-lo.

Nenhum Esteja para chamar por um médico.

Liberdade.

Fechando os olhos, deixou ir e avançou.

Medo e alívio giraram através dele. Em um momento, sua tão longamente procurada paz.

De repente, algo duro golpeou seu estômago. Acheron ofegou ante a dor. Abriu os olhos por reflexo.

Em vez de cair, agora estava se elevando, afastando do mar. O som das ondas rompendo contra as rochas foi substituído pelo forte bater de asas gigantes. Voltou-se para ver um demônio o sustentando.

— Deixe ir! — Gritou tentando libertar-se.

Ela não o fez. Não até que o devolveu ao balcão onde tinha estado.

Acheron cambaleou para trás quando ela se encarapitou no corrimão e o observou de perto. Tinha o cabelo negro e comprido, caía-lhe sobre a pele marmórea de branco e vermelho. Seus olhos se iluminavam na escuridão, branco resplandecente, rodeados de um vívido vermelho. Igual ao seu cabelo, suas asas e chifres eram negros.

— O que está fazendo? — Perguntou ele, sua voz carregada de veneno.

— Akri deveria ser mais cuidadoso — sussurrou ela amavelmente — Se Xiamara tivesse chegado um momento depois, estaria morto.

— Quero morrer!

Ela inclinou a cabeça em um gesto que recordava a um pássaro.

— Mas por que, akri? — Olhou sobre seu ombro para as pessoas que ainda estavam chegando — Quantos devem celebrar seu aniversário humano.



— Eles não vêm por mim.

Xiamara franziu o cenho ante ele.

— Mas, você é o príncipe. Herdeiro.

Ele riu com amargura.

— Sou o herdeiro de merda e o príncipe de um nada.

— Não. Você é Apostos, filho de Apollymi. Reverenciado por todos.

— Sou Acheron, filho de ninguém. Reverenciado dentro dos limites de um dormitório.

Ela se moveu lentamente descendo para ele. Suas asas se renderam sobre seu corpo.

— Você não recorda seu nascimento. Entendo. Fui enviada aqui por sua mãe com um presente para você.

Ele estava tentando seguir suas palavras, mas, sua mente estava muito nublada pela bebida. O demônio estava louco. Ela devia tê-lo confundido com alguém mais.

— Minha mãe está morta.

— A rainha humana, sim. Mas, sua verdadeira mãe, a deusa Apollymi, está viva e te deseja todo seu amor. Sou sua mais fiel servente, Xiamara, e estou aqui para proteger a ti como protegi a ela.

Acheron negou com a cabeça. Estava bêbado. Alucinando. Possivelmente já tivesse morrido.

— Mantém afastada de mim.

O demônio não o fez. Antes que ele pudesse escapar, ela colocou um pequeno círculo sobre seu coração.

Acheron deixou escapar um grito quando a dor o atravessou. Nunca em sua vida havia sentido nada igual a isso e dadas às torturas pelas que tinha passado, era dizer muito. Isto era igual a um venenoso fogo em suas veias, correndo através dele.

Do centro de seu peito onde estava o círculo, sua pele trocou de dourada a azul...

E quando a dor e a cor se desdobraram através dele, imagens e vozes gritaram, perfurando seus ouvidos. Essências assaltando seu nariz. Inclusive suas roupas queimavam contra sua pele. Caiu ao chão e se encolheu em uma bola enquanto cada sentido que ele tinha era assaltado.



—Você é o deus Apostos. Arauto e filho de Apollymi a Destruidora. Você será o destino do universo. Será o destino final de todos...

Acheron continuou sacudindo a cabeça em negação. Não. Isto não podia ser.

— Não sou nada. Eu não sou nada.

O demônio levantou a cabeça.

— Por que não está feliz? Agora é um deus.

A fúria o atravessou com força quando agarrou a demônio. Não entendia seus poderes ou nada do que lhe estivesse acontecendo, mas todos os anos de sua vida, todas as degradações e horrores o atravessaram. Deixou que aqueles viajassem de sua mente a dela.

O demônio gritou enquanto afastava a cabeça de repente.

— Não! Não se supunha que acontecesse isso, akri. Não isso...

Ele a agarrou e obrigou seu olhar a encontrar-se com o dele.

— Foi suficientemente mal quando pensavam que era o filho humano de um deus. Pode imaginar o que me farão agora? Tire-me estes poderes.

— Não posso. São seu direito de nascimento.

Acheron voltou a cair, golpeando sua cabeça contra o chão de pedra.

—Não! — gritou ele — Não! Não quero isto. Só quero que me deixem sozinho.

Xiamara tentou abraçá-lo.

Acheron a empurrou.

— Não quero nada de você. Já me fez bastante dano.

— Akri...

— Sai de minha vista!

Seus olhos brilharam com vacilação.

— Seus desejos são meus — o círculo que ela mantinha contra ele apareceu como um pendente em seu pescoço — Se você me necessitar, akri, me chame e virei.

Acheron pressionou a palma contra seu crânio que lhe doía e pulsava com novas vozes e sensações. Sentia-se como se



Perseguidor de Sonhos – “Dream Chaser”
Dark Hunters 21 – Sherrilyn Kenyon

estivesse se voltando louco, e possivelmente o estivesse.



Projeto Revisoras Traduções

Grupo no Yahoo:

<http://br.groups.yahoo.com/group/P-R-T>

Comunidade no Orkut:

<http://www.orkut.com.br/community.aspx?cmm=80221161&nt=7>

Blog:

<http://www.projettorevisorastraducoes.blogspot.com/>



Projeto Revisoras Traduções Espanhol & Inglês